

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO**

RENAN WILLAM KLEINKAUF

**O “FAZER HISTORIOGRÁFICO” DE ARTHUR RABUSKE, S. J.:
Traduções, Escritas e Documentos em sua Trajetória Acadêmica**

São Leopoldo

2020

RENAN WILLAM KLEINKAUF

O “FAZER HISTORIOGRÁFICO” DE ARTHUR RABUSKE, S. J.:

Traduções, Escritas e Documentos em sua Trajetória Acadêmica

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de Concentração: Sociedades Indígenas, Cultura e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues

São Leopoldo

2020

K64f

Kleinkauf, Renan Willam.

O “fazer historiográfico” de Arthur Rabuske S.J. : traduções, escritas e documentos em sua trajetória acadêmica / por Renan Willam Kleinkauf. – 2020.

210 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2020.

“Orientador: Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues”.

1. Rabuske, Arthur. 2. Trajetória. 3. Jesuíta. 4. Historiografia.

I. Título.

CDU: 929RABUSKE,ARTHUR

RENAN WILLAM KLEINKAUF

O “FAZER HISTORIOGRÁFICO” DE ARTHUR RABUSKE, S. J.:
Traduções, Escritas e Documentos em sua Trajetória Acadêmica

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 22 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – UNISINOS

Dr. Paulo Staut Moreira – UNISINOS

Dr. Marcos Antônio Witt – UNISINOS

Dra. Alba Cristina Couto dos Santos Salatino – IFRS



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Cidadão Brasileiro de etnia germânica, Jesuíta, Sacerdote, Professor, Escritor, Pesquisador, Tradutor editor de textos alheios de valor e Historiógrafo. (RABUSKE, S. J., [2000?]).

AGRADECIMENTOS

Agradecer, ato de demonstrar ou manifestar gratidão, reconhecimento. Ao longo deste tempo, que permeou a escrita desta dissertação, foram diversos os momentos que exigiram auxílio e apoio dos mais diferentes vínculos sociais aos quais estamos inseridos. E cabe neste momento, reconhecê-los, agradecer por suas sugestões, discussões, apontamentos, correções e pelo simples ato de escutar.

Agradeço a quem sempre me incentivou a concluir e seguir adiante na vida acadêmica. “geh lerner!”, foi à expressão que escutei por várias vezes, durante o período em que cursei a graduação. Mesmo que sua locutora não esteja mais presente no cotidiano do meu dia a dia, essa expressão me acompanha diariamente, mantendo viva a lembrança de quem sempre prezou pela educação dos seus, quando somente sabia grafar seu nome e outras poucas palavras e letras em língua portuguesa. Mas que dominava de forma invejável o vernáculo alemão de nossos antepassados. Deixo o meu agradecimento, de forma humilde a aqueles que fizeram e fazem parte desta trajetória.

Ao Prof. Dr. Luís Fernando Medeiros Rodrigues, meu orientador, que de forma firme apoiou e orientou esta escrita. Que mesmo nos momentos mais soturnos incentivou a continuidade da mesma. Suas indicações e apontamentos foram de grande valia, além do crescimento intelectual adquirido sobre a temática jesuítica no Rio Grande do Sul. Sou grato pelo apoio e por acreditar em minha capacidade para desenvolver uma escrita de cunho historiográfico.

Ao Memorial Jesuíta, primeiramente, por salvaguardar em seu acervo uma riquíssima fonte de material sobre os membros da Companhia de Jesus. Aos seus funcionários, pelo atendimento, auxílio, e disposição ao pesquisador que busca por seu acervo.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, em especial, aos professores com quem tive a oportunidade de aprender de forma mais profunda a análise interpretativa do meio historiográfico. E também, às secretárias deste Programa, sempre atenciosas e solícitas nos momentos de dificuldade com as questões burocráticas. A todos, Obrigado.

Ao Pe. Ignácio Schmitz S.J., por suas informações e material acerca do Pe. Rabuske. Em nossos diálogos, mesmos que poucos, me possibilitou vislumbrar a sua convivência com o Pe. Rabuske. Estendendo este agradecimento ao Instituto Anchietano de Pesquisas, seu corpo de funcionários, sempre dispostos a auxiliar na busca por algum material, bibliografia acerca da pesquisa.

A Banca de Qualificação, formada pelos professores Paulo Staut Moreira e Marcos Antônio Witt, que com suas importantes contribuições e sugestões auxiliaram no amadurecimento deste trabalho, deixo meu sincero Muito Obrigado.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e auxiliaram ao longo deste período de formação. As palavras de incentivo acrescidas do amor materno/paterno sempre serão um exemplo a ser seguido por mim.

Aos colegas, Mariana Mariano de Oliveira Oda e Fábio Tovo, com quem compartilhei alegrias e angústias deste percurso de escrita e conclusão das disciplinas do curso de mestrado. As conversas, os trabalhos e as trocas de conhecimentos foram de grande valia para o amadurecimento do diálogo acadêmico.

Aos meus amigos, colegas e familiares, ambos são de muita importância para mim. As diversas conversas de descontração e teoria foram essenciais ao longo deste processo.

Às minhas Colegas e Amigas, Mariana Schossler e Aline Cristina dos Santos, agradeço pela correção e formatação desta escrita. Também por sua paciência, compreensão e sugestões. Admiro em ambas o profissionalismo e prontidão no auxílio aos colegas, exemplo que levo para minha vida.

Assim como a História é um processo, a Historiografia também é um processo de construção do conhecimento histórico. (Helga Piccolo, 1995).

RESUMO

A presente dissertação tem como foco de estudo a trajetória acadêmica do Pe. Arthur Rabuske, S. J.. Durante o tempo em que atuou no mundo acadêmico, Rabuske S. J. produziu livros e artigos de própria autoria e traduziu diversos textos de outros historiadores e cronistas jesuítas. A sua vasta produção textual nos permite lançar um olhar atento aos seus trabalhos, especialmente à sua dedicação à historiografia jesuítica. Através da pesquisa empírica e da vasta produção de livros e textos deste jesuíta, se faz possível compreender parte da história da imigração e da Companhia de Jesus no Estado do Rio Grande do Sul. Enquanto historiador-pesquisador, o seu “fazer historiográfico” nos permite analisar a atuação dos padres e irmãos da Companhia de Jesus de cultura germânica atuantes, primeiro na Vice-Província Germânica no Brasil, depois na Província do Brasil Meridional. Enfocando-o como um pesquisador e historiador, torna-se possível traçar a sua trajetória de vida, com ênfase no viés acadêmico. Busca-se analisá-lo enquanto pesquisador e membro da Companhia de Jesus, ressaltando a sua importante contribuição para o mundo acadêmico e para a historiografia sul-riograndense e jesuítica.

Palavras-chave: Trajetória. Pe. Arthur Rabuske. Jesuíta. Historiografia.

ABSTRACT

The present dissertation with a focus on studying the academic trajectory of Priest Arthur Rabuske, S. J.. During his time in the academic world, Rabuske, S. J. produced books and articles of his own authorship and translated several texts by other Jesuit historians and chroniclers. His vast textual production allows us to take a close look at his works, especially his dedication to Jesuit historiography. Through empirical research and the vast production of books and texts by this Jesuit, it is possible to understand part of the history of immigration and the Society of Jesus in the State of Rio Grande do Sul. As a historian-researcher, his “doing historiography” allows us to analyze the performance of the priests and brothers of the Companhia de Jesus of Germanic culture, first in the German Vice-Province in Brazil, then in the Province of Southern Brazil. Focusing him as a researcher and historian, it becomes possible to trace his life trajectory, with an emphasis on academic bias. We seek to analyze him as a researcher and member of the Companhia de Jesus, highlighting his important contribution to the academic world and to the Rio Grande do Sul and Jesuit historiography.

Key-words: Trajectory. Priest Arthur Rabuske, Jesuit. Historiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Amostra de página corrigida à caneta pelo Pe. Rabuske, S. J.	16
Figura 2 - Primeira página do <i>CURRICULUM VITAE</i> do Pe. Rabuske, S. J., em sua versão digitalizada.....	37
Figura 3 - Vista parcial da Vila de Santa Cruz no início do século XX.....	48
Figura 4 - Vista do Colégio Santo Inácio (no canto superior Direito) e parcial da linha férrea (ao centro do canto esquerdo).....	55
Figura 5 - Vista do Colégio Santo Inácio em 1978, com todos seus prédios concluídos.....	58
Figura 6 - Seminário de Pareci Novo em 1901, Município de Montenegro	61
Figura 7 - Colégio São José em Pareci Novo no ano de 1955.....	63
Figura 8 - Vista parcial do Colégio Máximo Cristo Rei em São Leopoldo	64
Figura 9 - Alunos do 2º ano de Filosofia do Colégio Máximo Cristo Rei, em 1949	64
Figura 10 - Convite para a missa na qual ocorreu a ordenação sacerdotal do Pe. Rabuske, S. J.	67
Figura 11 - Navio que trouxe o Pe. Rabuske, S. J. de volta ao Brasil em 1959	68
Figura 12 - Carta de Maria E. B. Brand solicitando informações sobre o <i>CURRICULUM</i> do Pe. Rabuske, S. J.....	72
Figura 13 - Capa da <i>Revista Pesquisas e Estudos Leopoldenses</i>	79
Figura 14 - 1º sede do Colégio Anchieta na Rua Duque de Caxias em Porto Alegre.....	87
Figura 15 - Cartão junto à correspondência do Pfarrer Richard Schneider para o Pe. Rabuske, S. J.	89
Figura 16 - Foto de sessão do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros - Pe. Rabuske, S. J. aparece na ponta direita	90
Figura 17 - Carteirinha do CIPEL	91
Figura 18 - Grupo de cipelistas a caminho de Cruz Alta em junho de 1972 - da esquerda para a direita, Pe. Arthur Rabuske, S. J., Olyntho Sanmartin, Hélio Morro Mariante e Lothar F. Hessel	93
Figura 19 - Necrológio de Kolping escrito pelo Pe. Rabuske, S. J.	95
Figura 20 - Notícia sobre o Instituto Histórico de São Leopoldo na <i>Revista Rua Grande</i>	107
Figura 21 - Recorte de jornal sobre participação do Pe. Rabuske, S. J. no IHGP.....	115
Figura 22 - Fragmento do documento <i>Minha experiência na pesquisa histórica ou historiográfica</i>	148
Figura 23 - Correspondência sobre IX Encontro de Micro-História.....	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revistas/Periódicos e locais de publicações.....	160
Quadro 2 - Publicações em Jornais.....	161
Quadro 3 - Publicações em anais de eventos.....	162
Quadro 4 - Editoras	162
Quadro 5 - Publicações em Informativos	164

LISTA DE SIGLAS

ASAV	Associação Antônio Vieira
ABEG	Associação Brasileira de Estudos Germanísticos
APESC	Associação de Professores do Ensino Superior do Ceará
ANPES	Associação Nacional dos Professores do Ensino Superior
CEBAS	Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social
CIPEL	Círculo de Pesquisas Literárias
CBG	Colégio Brasileiro de Genealogia
CERPES	Correio do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Rio Grande do Sul
CUC	Consórcio Universitário Católico
FAFI	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FUPF	Fundação Universidade de Passo Fundo
IAP	Instituto Anchieta de Pesquisas
IHGSC	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
IHGPR	Instituto Histórico e Geográfico do Paraná
IHGRGS	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
IHU	Instituto Humanitas Unisinos
MEC	Ministério da Educação e Ciência
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SOBEPARE	Sociedade Cultural e Beneficente Padre Réus
SPU	Sociedade Pró-Universitário de Passo Fundo
UPF	Universidade de Passo Fundo
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VFRGS	Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Um Jesuíta, um Pesquisador, um Acervo a Consultar.....	14
1.2 Desenvolvendo um Método: Trajetória - como Tratar um Percurso de Vida.....	23
2 DO MEIO CIVIL AO RELIGIOSO: DA FORMAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS PAROQUIAIS À EDUCAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR JESUÍTICA	36
2.1 Iniciando uma Trajetória.....	36
2.2 “Cidadão Brasileiro de Etnia Germânica”: um Sentimento de Germanidade?.....	43
2.3 De uma Formação Básica Bilíngue ao Curso Superior em Letras	54
3 DAS ATIVIDADES INSTUCIONAIS A PESQUISADOR EM TEMPO INTEGRAL.....	70
3.1 Um Documento Intitulado “CURRICULUM VITAE”	71
3.2 Chefe do Departamento de Letras, Vice-diretor e Conselheiro Técnico Administrativo da FAFI: das Ações Burocráticas às Primeiras Publicações (1959-1968).....	76
3.3 Pesquisador e Editor de Textos Alheios: os Primeiros Anos Dedicados à Pesquisa em Tempo Integral (1969 -1973)	87
4 PESQUISADOR EM TEMPO INTEGRAL: DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS) AS ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES (1974-2005).....	99
4.1 O Retorno a São Leopoldo e às Atividades de Pesquisador de “História Regional” (1974-1979)	99
4.2 Uma Diversidade de Textos e Sócio Efetivo ou Correspondente: as Várias Entidades Científicas e seu Reconhecimento entre os Anos 1980-1989	114
4.3 Um “‘Prisioneiro’ da Residência Conceição”: o Reconhecimento pelos 30 Anos de Pesquisa, Doutor Honoris Causa.....	122
5 O “FAZER HISTORIOGRÁFICO” E AS REDES SOCIAIS NA CONSECUSÃO DA PESQUISA HISTÓRICA DO PE. RABUSKE, S. J.....	133
5.1 Alguns Apontamentos sobre o “Fazer Historiográfico”	134
5.2 Pe. Rabuske, S. J. e seu Método Interpretativo, o “Fazer Historiográfico”	138
5.3 Contatos e Publicações, a Formação das “Redes Sociais” na Coleta de Dados e Divulgação dos Textos	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165

REFERÊNCIAS	172
APÊNDICE A - QUADRO DE CORRESPONDÊNCIAS DO PE. RABUSKE, S. J.....	182
APÊNDICE B - QUADRO DE CONTATOS DO PE. RABUSKE, S. J.....	194
ANEXO A - LISTA BIBLIOGRÁFICA DE OBRAS JUNTO À BIBLIOTECA DO IHGEP	196
ANEXO B - LISTA BIBLIOGRÁFICA DE OBRAS JUNTO À BIBLIOTECA DO IHGRS	200
ANEXO C - CARTA DO PE. LÁSZLÓ POLGAR, S. J. AO PE. RABUSKE, S. J.....	204
ANEXO D - CARTA DE HANS GRÜNEVAL, S. J. AO PE. RABUSKE, S. J.....	205
ANEXO E - CARTA DO PE. CLÓVIS DUARTE PASSOS C.M. AO PE. RABUSKE, S. J.....	206
ANEXO F - CARTA DE ROGÉRIO MOSIMANN AO PE. RABUSKE, S. J.....	207
ANEXO G - CARTA DE OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO AO PE. RABUSKE, S. J.....	208
ANEXO H - CARTA DO BISPO AUGUSTO PETRÓ, S. J. AO PE. RABUSKE, S. J.....	209

1 INTRODUÇÃO

1.1 Um Jesuíta, um Pesquisador, um Acervo a Consultar

Arthur José Rabuske, S. J. foi um jesuíta que se empenhou na difusão do conhecimento acadêmico através de escritos e pesquisas. Seu gosto pela literatura o fez mergulhar no campo da pesquisa histórica. Ao longo de sua vida, este jesuíta dedicou-se à pesquisa de âmbito regional e à escrita de diversas obras que versam sobre a história da Companhia de Jesus e as reduções jesuíticas no Sul do Brasil.

Natural de Santa Cruz do Sul, o Pe. Rabuske, S. J. nasceu em 28 de novembro de 1924. Aos dezenove (19) anos, ingressou na Companhia de Jesus, dando início à sua vida religiosa e acadêmica, cuja primeira publicação deu-se em 1953 na Revista *Estudos*¹, de Porto Alegre (RS), e intitulou-se *Juventude Inaciana*². Em 1959, já jesuíta professo, coordenou o curso de Letras e Literatura Alemã junto à Faculdade de Direito, Ciências e Letras Cristo Rei. Dez anos mais tarde, com a inauguração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em 31 de julho de 1969, o Pe. Rabuske, S. J. foi incorporado ao corpo docente da instituição, sob a titulação de pesquisador em tempo integral.

Ainda hoje, as memórias, mesmo que recentes, de quem foi o Pe. Rabuske, S. J. podem ser encontradas entre amigos e colegas, que conviveram com ele. Utilizamos a expressão “memórias recentes” pelo fato deste jesuíta ter falecido em 20 de março 2010, aos 86 anos de idade, o que permite que tenhamos contato com pessoas que tiveram a oportunidade de conhecê-lo e de partilhar de seu trabalho. Pode-se encontrar, ainda, parte de suas memórias preservadas junto ao Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J., no Memorial Jesuíta, localizado no sexto andar da Biblioteca da Unisinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Ali conservam-se 72 caixas com registros da vida acadêmica e pessoal deste jesuíta.

¹ A Revista intitulada “*Estudos*” tem por seu nome completo *Revista Estudos da Associação dos Professores Católicos do Rio Grande do Sul*. De acordo com Helga I. L. Piccolo (1975, p. 962), “teve seu 1.º número lançado em 1940. A princípio bimestral, tornou-se trimestral a partir de 1944. Sem solução de continuidade, a Revista está no seu 35.º ano de existência, tendo a pouco saído o fascículo n.º 135 correspondente a Janeiro/março de 1975.” A revista possuía neste período um caráter filosófico, publicando por vezes outros artigos de História que se vinculassem as mesmas orientações.

² Artigo publicado no caderno out-dez. de 1953, nas páginas 75-82, em atribuição ao ensejo do 4º Centenário da vinda de Anchieta para o Brasil. Posteriormente, em 1981, o mesmo artigo foi publicado pela revista *Estudos Leopoldenses* em uma edição comemorativa da Beatificação do Pe. José de Anchieta (22 de julho de 1980), sendo seu texto corrigido e aumentado. Sua edição saiu sob o título de *A juventude universitária quinhentista e José de Anchieta*, páginas 46-58, em *Varietades Anchiitanos*.

Durante meu contato com o Memorial Jesuíta, e a realização do estágio³, apresentaram-me a possibilidade de trabalhar no Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J., que, naquele momento, estava em processo de organização. O acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J. está localizado no sexto andar (6A) da Biblioteca Unisinos. É composto por 72 caixas que contêm uma diversidade de textos, documentos, cartas, materiais de pesquisa e recortes de jornais. Junto a estas caixas, ainda, está a biblioteca pessoal, composta por uma diversidade de livros em português e alemão, revistas e anais de eventos.

Entre as atividades que deveriam ser realizadas, estava o processo de limpeza dos documentos e a retirada de grampos e presilhas de metal que comprometessem a integridade física do material. Foi a partir desta atividade de estágio que tive a oportunidade de conhecer o acervo do Pe. Rabuske, S. J. observar a sua organização e disposição nas prateleiras, ao mesmo tempo em que pude, de forma superficial, avaliar o conteúdo do material que se encontrava nas caixas que o guardavam. No entanto, a curiosidade em entender quem foi este indivíduo, pois seu acervo encontra-se preservado em um memorial, deu início ao que, mais tarde, se tornaria um projeto de pesquisa para o processo seletivo de mestrado realizado na mesma Universidade, em dezembro de 2016.

A riqueza de material passível de consulta possibilitou, aos poucos, o conhecimento do acervo, que, também, em função do estágio, permitiu conhecê-lo mais profundamente. Nas palavras de Carlos Bacellar⁴ (2011, p. 43), em capítulo de livro intitulado *Uso e mau uso dos arquivos*, “cabe ao historiador investigar e localizar onde estão preservados, sob a guarda de quem, e buscar contatos para tentar ter acesso a esses acervos tão preciosos”. Longe de tê-lo encontrado, mas sim de ter sido apresentado a ele, o acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J., constituiu-se em um objeto de pesquisa, possibilitando explorar seus documentos e afins para trazer à luz um pouco mais sobre sua contribuição para a historiografia sul-brasileira.

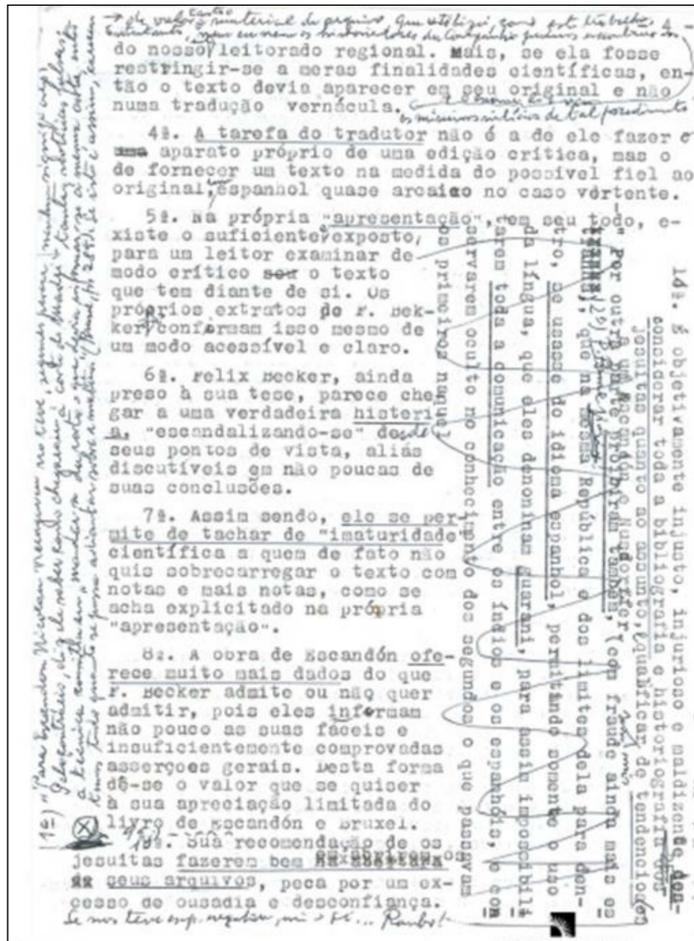
Em meio a estes documentos podemos observar seus costumes, como o hábito de datilografar, que manteve até o fim de sua vida, em plena era digital, a maneira como corrigia os textos para publicação, as marcações, as indicações de materiais para pesquisa, observações e, principalmente, a maneira como preenchia as folhas de anotações em torno de suas bordas, ocupando todo e qualquer espaço em branco que uma página pudesse oferecer

³ Durante o período em que fui estudante do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), cursei, no oitavo semestre, a disciplina de Patrimônio Cultural, que tem o intuito de possibilitar ao aluno o contato e a experiência junto ao ambiente de pesquisa e de espaços de preservação, que se constituem como patrimônio cultural. Para que ocorra este entrosamento entre aluno e acervo, quer seja ele um museu, arquivo, memoriais etc., se faz necessária a realização de estágio com 72 horas práticas, de acordo com a Matriz Curricular 5 (cinco) do Curso de Licenciatura em História.

⁴ Utilizo o nome dos autores e autoras por extenso, quando citados pela primeira vez, para dar visibilidade de gênero.

para ser rabiscado pela tinta da caneta. Um hábito, que manteve até os últimos escritos revisados antes de enviar ao prelo, ou ainda, naqueles que se encontram inéditos em seu acervo. Em alguns, correções de grafia ou pontuação, em outros, revisões de frases ou parágrafos, de forma a reestruturar seu texto. Em vista, correções comuns, as quais fazemos automaticamente ao revisar um escrito na tela do computador, nos dias atuais. Porém, que no futuro, não permitirá analisar a construção ou raciocínio inicial de uma escrita, uma vez que se busca arquivar o texto final, com suas respectivas correções. Afinal, os pequenos detalhes, neste caso, as correções, nos permitem analisar em parte, o trabalho na elaboração e criação de seus escritos, que resultaram em um número significativo de publicações para o meio acadêmico.

Figura 1 - Amostra de página corrigida à caneta pelo Pe. Rabuske, S. J.



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

No entanto, ao trabalharmos com este tipo de fonte, um arquivo, devemos tomar alguns cuidados em seu manuseio. De acordo com Gisele M. Venancio, (2005, p. 69) “[...] qualquer arquivo é classificado, fundamentalmente, a partir da origem de seus documentos, ou seja, pelo processo de acumulação”. Sob este olhar, da origem dos documentos, pode-se classificar o acervo do Pe. Rabuske, S. J. como privado, pois, como nos coloca a autora,

Entre os arquivos privados, pode-se identificar ainda um tipo específico: os arquivos privados pessoais, que definem, principalmente, pelo fato de todos os documentos do acervo possuírem como marca identitária uma relação direta com o nome próprio do titular do arquivo. Num arquivo pessoal, é o nome do titular que cria a identidade fundamental do acervo constituído. E é a partir dele que se organiza a série de documentos acumulados. (VENANCIO, 2015, p. 18).

Neste caso, a marca identitária do acervo leva o nome do próprio Pe. Rabuske, S. J. acompanhado ao final das letras S. J., que se constituem como outra marca de identidade e remetem ao meio no qual ele esteve inserido como membro de uma Ordem religiosa, a Companhia de Jesus. Assim, este acervo de documentos pode assumir uma dupla visão. A primeira, por conter originais, rascunhos, artigos e materiais de pesquisa que lhe conferem um caráter voltado a um pesquisador e intelectual que, durante sua vida, desenvolveu pesquisas em prol da divulgação do conhecimento histórico e acadêmico.

Um segundo olhar vincula-se ao fato de ter sido um religioso, de uma Ordem atuante na região e que tem o interesse em salvaguardar a memória de seus integrantes e de suas produções através do Memorial Jesuíta. De acordo com Isabel C. Arendt (2016, p. 304), este acervo se constitui como de vital importância para o estudo da temática de “religiosidade em migrações históricas e contemporâneas”. Enfatiza que o acervo possui fontes, que em muitos casos, o pesquisador somente teria acesso em bibliotecas ou arquivos europeus. “Os acervos aí reunidos têm sua base a própria história e atuação dos jesuítas no sul do Brasil. Trata-se de um acervo localizado em um espaço universitário, portanto de acesso público, porém pouco conhecido pelos pesquisadores.”

Sob este viés, o Memorial Jesuíta tem o intuito de reunir a memória e a história da atuação dos jesuítas na América Latina. O seu trabalho é desenvolvido em prol da guarda, preservação, organização e difusão de suas coleções relacionadas à história dos jesuítas na região sul do Brasil. Desde 2001, a Biblioteca da Unisinos, através do Memorial Jesuíta, tem em sua posse um acervo de obras editadas nos séculos XV e XX. Localizadas no sexto pavimento, lado A da Biblioteca, as Coleções Especiais são compostas por fundos e arquivos históricos. Entre seus 200 mil livros, 1.200 títulos de periódicos e milhares de documentos históricos encontram-se acervos como, arquivos pessoais de jesuítas com produções

científicas. Entre estes se pode citar: Theodor Amstad, Max von Lassberg, Johannes Rick, Balduino Rambo, Werner von und zur Mühlen, Pe. Milton Valente e Pe. Arthur Rabuske, S. J..

Este segundo olhar está voltado, também, para os escritos redigidos pelo Pe. Rabuske, S. J. que versam sobre a história de comunidades, localidades e membros da Companhia de Jesus, que atuaram nas áreas de imigração alemã ou para o passado desta Ordem, durante o período colonial, ao desenvolver pesquisas sobre os membros atuantes nas antigas províncias no sul da América Latina.

A riqueza de seu acervo nos permite explorar diversos vieses da história gaúcha, no que tange à Companhia de Jesus e às áreas de colonização alemã. Ao observarmos este acervo como fonte profícua para desenvolvimento de escritas, faz-se necessário o uso de ferramentas metodológicas que auxiliem na compreensão de sua formação enquanto material de consulta. Por estas razões devemos interrogar um arquivo pessoal e procurar compreender a classificação dos documentos arquivados.

Na ótica de Pierre Bourdieu e Roger Chartier (1996, p. 234), “[...] é necessário que se faça uma crítica do estatuto social dos documentos, interrogando-se sobre seus usos e destinos”, pois um arquivo possui uma lógica de organização, que pode ter sido imposta tanto pelo proprietário do mesmo, quanto pelo indivíduo responsável por sua posterior sistematização, como um arquivista ou bibliotecário. Assim, ao arquivar, aquele que manipula o acervo acaba impondo uma determinada ordenação, reorganizando, classificando, em grande medida de acordo com critérios alheios àqueles do acervo original, o que pode descaracterizar a leitura que se faria sobre o mesmo. A escolha de determinados documentos, registros, anotações etc., em detrimento de outros, pode determinar o sentido que o indivíduo, proprietário do acervo, buscava dar ao seu arquivo, pois “o arquivo pessoal é sempre organizado para enunciar e criar um pensamento, uma reflexão, uma história”. (VENANCIO, 2016, p. 19).

Como exemplo dessa organização, podemos observar o hábito de ordenar e organizar documentos pessoais, certidões, folhas de pagamento, contas (água, energia elétrica, telefone, cartão de crédito) ou, até mesmo, livros e materiais adquiridos ao longo do tempo. A maneira como um indivíduo realiza estes procedimentos pode dizer algo sobre quem o fez, pois esta organização é um reflexo do comportamento pessoal, que pode, posteriormente, fornecer possibilidades de leitura para aqueles que manusearem o que lhe pertenceu.

Pensando sobre este viés, Angela de Castro Gomes (1998, p. 125) indica que o arquivo privado,

Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma ‘verdadeira’: aí ele se mostraria ‘de fato’, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. A documentação dos arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes, [...] Homens que têm a sua história de vida, as suas virtudes e defeitos e que os revelam exatamente nesse tipo de material.

Refletindo sobre esta perspectiva apontada por Gomes (1998)⁵, a escolha metodológica de observar como o indivíduo buscava organizar a sua vida, seja ela pública ou privada, pode revelar informações acerca do objeto de pesquisa, antes não perceptíveis em uma leitura superficial. O contato com este universo dos arquivos possibilita ao pesquisador observar pequenos indícios, como hábitos e costumes que o indivíduo adquiriu ao longo da vida.

Um exemplo é o uso contínuo de folhas de descarte, ou seja, folhas que foram utilizadas para impressão e rapidamente descartadas, deixando o seu verso em branco, das quais o jesuíta fazia uso para anotações manuscritas ou datilografadas. É importante mencionar que, durante o processo de manuseio do arquivo, chamou-nos a atenção o fato de que estas folhas não correspondiam a temas de pesquisas desenvolvidas pelo Pe. Rabuske, S. J. já que se constituíam em impressões de terceiros que foram descartadas. Estes pequenos indícios, presentes junto ao acervo, podem revelar outra percepção sobre o mesmo. É natural, ao pesquisador que consulta um arquivo pessoal, ter em mente a imagem de que os arquivos são compostos unicamente de documentos devidamente organizados, de folhas brancas ou amareladas repletas de dados. Mas, raramente considera-se a possibilidade de encontrar folhas reutilizadas.

A partir das informações levantadas a respeito das anotações e reutilização de folhas de papel, pode-se inferir uma série de perguntas com relação aos hábitos do Pe. Rabuske, S. J.. Teria ele uma consciência daquilo que atualmente consideramos como “ecologicamente correto” ao reutilizar folhas descartadas, ou estaria procurando considerar o voto de pobreza que professou quando de sua ordenação como religioso? Seria este costume um resquício da

⁵ Angela de Castro Gomes em seu artigo, *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*, alerta que os fundos documentais estão longe de exprimir a “verdade” sobre seus produtores. Estes indivíduos, que produzem acervos documentais pessoais, estão atrelados às escolhas que lhe são ofertadas ao longo de sua trajetória de vida, sejam elas moldadas pelo vínculo familiar ou social ao qual ele está atrelado. Conforme a autora há um processo de desnaturalização “do próprio processo de produção, acumulação, guarda e disponibilização de documentos, seja ele fruto do trabalho de instituições ou de indivíduos”. (GOMES, 1998, p. 10). Este processo se daria devido à “percepção de um campo ainda pouco explorado no que respeita à reflexão crítica sobre os arquivos, entendidos como artefatos dotados de historicidade, nos quais incidem interferências configuradoras e uma série de atributos igualmente conformadores de sentidos”. (GOMES, 1998, p. 13).

dificuldade enfrentada na infância no que se refere à educação e aquisição de materiais escolares? Ou, ainda, seria este um hábito corriqueiro entre os membros da Companhia de Jesus no período no qual ingressou na Ordem? Estas são perguntas que dificilmente poderão ser respondidas. Entretanto, o conteúdo das suas anotações, a iniciativa de anotar para não esquecer as informações, o método utilizado para a correção dos textos escritos etc., são hábitos que podem trazer diversos indícios para o historiador e se constituem naqueles elementos apontados por Gomes (1998), pois permitem vislumbrar parte da intimidade do objeto de pesquisa.

Considerando os aspectos anteriormente citados, podemos dizer que o acervo do Pe. Rabuske, S. J., nos dias de hoje, encontra-se parcialmente preservado de acordo com a forma como o próprio o havia deixado, pois, no seu traslado da Residência Conceição⁶, onde o jesuíta habitava, para o Memorial na Biblioteca da Unisinos, o acervo passou por um processo de triagem, que procurou manter a forma como estava organizado nas prateleiras do gabinete de seu falecido proprietário. Neste processo, os documentos foram acomodados em caixas, devidamente numeradas, que foram acondicionadas nas prateleiras do Memorial seguindo a mesma disposição utilizada na Residência Conceição. No entanto, neste processo, informações se perderam em relação à forma como o próprio Pe. Rabuske, S. J. o havia organizado. É provável que muitos dos documentos que hoje se encontram em caixas separadas, anteriormente poderiam estar juntos e possibilitariam, em parte, uma leitura diferente da qual foi realizada.

Voltando-se para um olhar de cunho historiográfico, deve-se considerar que, de acordo com Paulo Pezat (2006, p. 259-260), “no âmbito da historiografia produzida no Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX [...] foi desenvolvida essencialmente por historiadores não-profissionais, notadamente por literatos, jornalistas, advogados, militares e clérigos”. As escritas destes indivíduos considerados “historiadores não-profissionais” vêm carregadas por suas paixões, geralmente oriundas da sua simpatia com o tema, o que torna a sua escrita ou análise completamente isolada de uma imparcialidade.

Ao pensarmos no Pe. Rabuske, S. J. pode-se enquadrá-lo neste grupo que Pezat (2006) denominou de “historiadores não-profissionais”. Apesar de praticar uma escrita de cunho historiográfico, este jesuíta não tinha formação acadêmica no Curso de História. Sua formação estava voltada para as Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas, e ocorreu entre os anos de 1951 e 1953 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

⁶ A Residência Conceição consiste em dois prédios que têm como função a moradia dos membros da Companhia de Jesus que atuam na região e junto à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

PUCRS. O domínio das Letras foi um facilitador para transitar entre a documentação em espanhol do período colonial e a documentação em alemão das colônias de imigração no Rio Grande do Sul, temas (reduções jesuíticas, imigração alemã e jesuítas) com os quais trabalhou assiduamente durante o período em que atuou junto ao meio acadêmico.

Sob este olhar, o de “historiador não-profissional”, é possível voltar-se para o Pe. Rabuske, S. J. e pensá-lo a partir das matrizes interpretativas da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul⁷. Estas “matrizes” estão ligadas à forma como foi produzida a historiografia que versa sobre o tema da imigração. Assim, podemos identificar quatro “matrizes” interpretativas: uma ligada ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), outra aos padres jesuítas alemães, uma terceira ligada aos luteranos e a última vinculada aos historiadores (profissionais, com formação em história), que buscam novas referências teórico-metodológicas, ao mesmo tempo que, também, lançam um olhar mais crítico sobre as fontes.

Nesta perspectiva, o Pe. Rabuske, S. J. pode ser considerado como pertencente ao segundo modelo interpretativo, pois os padres jesuítas que atuavam junto à região de colonização alemã valorizavam trabalhos de cunho local e regional, o que, em parte, vai ao encontro do que este jesuíta produziu. Obras como *Bibliografia Jesuítica Sul-Brasileira desde 1842-1967* (1972), *O centenário da Expulsão dos Jesuítas Alemães* (1972), *O Rio Grande do Sul e suas colônias Alemãs* (MULHALL, 1974), *Pe. Antônio Sepp S. J., o Artista barroco* (1976), *São Sebastião do Cai – Fase jesuítica da paróquia* (1985), *O pioneirismo do*

⁷ Conforme Martin N. Dreher em *Igreja e germanidade, Populações rio-grandenses e modelos de igreja, 500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*, e análise dos contextos em que as obras foram publicadas, estas “matrizes” interpretativas se pode apontar a primeira, que está ligado ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que buscava qualificar o imigrante alemão através de uma escrita de cunho memorialístico e laudatório, como por exemplo: *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul* de Afonso Aurélio Porto, publicado em 1934. Outra maneira para observar estes métodos de escrita estaria ligada aos padres jesuítas alemães, que tinham como interesse enaltecer a importância da religião e a preservação dos costumes. Destacam-se entre estas produções dos padres jesuítas, trabalhos de genealogia, histórias locais e de famílias de destaque. Um exemplo seria a obra intitulada *Os Muckers*, do Padre Ambrósio Schupp, S. J. de 1912. Uma terceira forma estaria ligada aos luteranos, que buscavam, através da escrita, aumentar a autoestima de suas comunidades, fazendo uso da historiografia positivista alemã. Os trabalhos deste modelo de interpretação permitiram lançar um novo olhar sobre temas que não haviam sido abordados anteriormente por uma historiografia clássica. Entre as obras produzidas neste modelo de escrita podemos citar o trabalho de Carlos H. Oberacker Jr., *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*, publicada em 1968. Ambas as formas até aqui abordadas têm em comum textos de caráter laudatório ou de exaltação da cultura alemã, suas narrativas parciais não questionavam e nem tencionavam os temas abordados sobre a imigração alemã, o que as torna passíveis de críticas, pois suas temáticas apontam para o relativismo e a omissão de questões consideradas polêmicas. Nos últimos vinte anos, vem ocorrendo, por parte dos historiadores desta temática, uma nova forma de interpretação ou escrita sobre a imigração alemã. Este novo viés busca observar o processo migratório, a inserção social, política, cultural, religiosa e econômica dos imigrantes e seus descendentes. Os usos de novas perspectivas temáticas e referencial teórico metodológico permitem um olhar mais crítico, como uso diversificado de fontes e a abordagem de temas considerados polêmicos. Um dos trabalhos desenvolvidos por este viés é *A organização social dos imigrantes*, de Marcos Justo Tramontini, lançada em 2000 pela Editora Unisinos.

Dicionário Analógico de Pe. Carlos Spitzer S. J. (1990), *Nosso padre João Evangelista Rick S. J.: personalidade e cientista* (2001), *A Igreja Católica e a colonização teuto-brasileira: o caso do Rio Grande do Sul* (2003), *Os “Bruder” jesuítas no sul do Brasil* (1974), *A secular Matriz Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, RS* (1978) são alguns trabalhos que ilustram este modelo interpretativo.

As obras citadas vêm carregadas de uma parcialidade ou tratam os fatos de modo laudatório, e consistem nas formas utilizadas por estes historiadores “não-profissionais” para interpretar os acontecimentos, sejam eles locais, regionais ou de âmbito nacional, formas estas utilizadas pelos integrantes destas “matrizes” interpretativas, para realizar a escrita de uma história. Nas palavras de Helga I. L. Piccolo (1995, p. 45-46), “assim como a História é um processo, a Historiografia também é um processo de construção do conhecimento histórico”. Por este viés, pode-se pensar nestas “matrizes” interpretativas, inclusive aquela na qual inserimos o Pe. Rabuske, S. J. como meios de contribuição para a escrita de uma história regional.

Ainda de acordo com a mesma autora, “A Historiografia pressupõe uma análise crítica do processo de construção do conhecimento histórico, isto é, ela analisa como evoluiu o estudo da história, como evoluiu o ‘fazer História’”. (PICCOLO, 1995, p. 46). Nesta mesma perspectiva é possível observar o “fazer historiográfico” do Pe. Rabuske, S. J.. A sua produção bibliográfica, neste sentido, permite apontar que este jesuíta fez das páginas em branco, ou reutilizadas, um meio de registro e, assim, é possível perceber a maneira como este “fazer historiográfico” é apropriado por ele no momento da produção de seus textos. Como Piccolo (1995) menciona, o processo de construção do conhecimento e o estudo da história passam por transformações ao longo do tempo. Da mesma forma, a escrita do Pe. Rabuske, S. J. foi se alterando, o que permite observar sua maneira de “fazer história”.

Ainda são bem-vindos, hoje, trabalhos que abordem e teorizem a historiografia da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Pois, encontramos alguns esboços como o de René Gertz⁸, em sua página virtual, que busca produzir uma bibliografia sobre a imigração alemã no Estado do Rio Grande do Sul, e que posteriormente, auxiliará no desenvolvimento de pesquisas em torno de uma historiografia sobre o tema. Nesta mesma perspectiva da literatura que versa sobre a história da imigração alemã, pode-se vislumbrar a produção acadêmica do

⁸ O Prof. Dr. René Gertz, desenvolve um projeto de pesquisa no qual propõe reunir, em uma página virtual, a produção bibliográfica produzida em torno do tema da imigração alemã na região Sul do Brasil. Podem ser encontradas em seu *site* três listas elencando as produções bibliográficas até o momento levantadas. Estas informações podem ser encontradas na página: <http://renegertz.com/publicacoes/textos/17-textos/96-bibliografia-imigracao-colonizacao-alema-rs>.

Pe. Rabuske, S. J.. O grande número de escritos por ele deixado, tendo-se notícia de sua primeira publicação em 1953, e a última em 2005, permite observar o que Helga Piccolo (1995) nos aponta como o “fazer história”, ao mesmo tempo em que colabora na construção de uma historiografia, mesmo que pautada em obras sobre a Companhia de Jesus nos períodos colonial e contemporâneo, e que abrangem temas ligados à imigração alemã. Dos oitenta e seis (86) anos de vida de Pe. Rabuske, S. J. cinquenta e dois (52) foram dedicados à produção de diversos escritos. Sem dúvida, ao longo destes anos, foi se constituindo, através do processo de escrita, um modo de “fazer história”. Pautado neste “modo”, pretende-se observar como este jesuíta constituiu o seu fazer historiográfico.

1.2 Desenvolvendo um Método: Trajetória - como Tratar um Percurso de Vida

Ao redigir esta Dissertação, surgiram muitas interrogações sobre as formas pelas quais poderíamos interpretar a vida do Pe. Rabuske, S. J.. Eis que se levantou a dúvida: dever-se-ia abordar a vida deste indivíduo a partir de uma biografia ou do conceito de trajetória? Seria uma biografia o conceito mais adequado para interpretar uma História de Vida? Vivemos um momento de efervescência deste modelo de escrita. No entanto, mesmo com os novos aparatos de cunho científico, como a análise de contexto histórico, este modelo ainda se constitui como uma forma minuciosa de se tratar o percurso de uma vida. Do qual o pesquisador se debruça sobre uma gama documental de cunho pessoal, do seu objeto de estudo, a fim de compreendê-lo em suas continuidades e discontinuidades.

Nesta conjuntura, na busca por um aparato metodológico para o desenvolvimento desta escrita, optou-se por trabalhar com a conceituação do termo “trajetória” que, ao mesmo tempo, está ligado ao âmbito biográfico. Partindo da compreensão do contexto histórico em que viveu o Pe. Rabuske, S. J. busca-se observar a sua atuação junto aos espaços e lugares onde se desenrolou o seu percurso de vida. Desta forma, interpretam-se os acontecimentos ocorridos e suas eventuais consequências na vida do pesquisado, buscando compreender os desdobramentos que ocorriam na sociedade em que este vivia.

Dentre os objetivos, encontra-se a reconstituição da trajetória de vida do Pe. Rabuske, S. J. junto ao meio acadêmico. Para que se possa compreender o percurso por ele trilhado, desde a sua formação primária e jesuítica ao seu ingresso na pesquisa acadêmica, buscou-se, como base, a conceituação do termo “trajetória”. Ao lançar um olhar sobre os teóricos deste conceito, observa-se o Pe. Rabuske, S. J. em seu contexto, ao mesmo tempo em que se avalia a sua atuação e contribuição para o campo historiográfico.

Outro viés proposto visa a diversidade da produção bibliográfica produzida por este jesuíta, em especial as produções de cunho religioso⁹, com ênfase na antiga Vice-Província Germânica do Brasil e, posteriormente, na do Brasil Meridional. Ao lançar um olhar sobre sua bibliografia, é possível observar o seu “fazer historiográfico”. Afinal, as maneiras pelas quais os pesquisadores desenvolvem suas pesquisas, e depois as publicam para o conhecimento de outros, constituem-se como formas interpretativas da História. Assim, cada historiador desenvolve para si um “fazer historiográfico” e, através das produções deste jesuíta ao longo de sua vida, se torna possível perceber o seu modo de “fazer história”.

Ao realizar o levantamento do material produzido pelo Pe. Rabuske, S. J. entre livros e textos publicados, procurou-se observar o âmbito de sua circulação. Com base neste levantamento, pode-se perceber a repercussão e os meios por ele utilizados para a divulgação de seus trabalhos. Conhecendo suas publicações, torna-se possível avaliá-lo enquanto pesquisador e, posteriormente, a sua importância no meio acadêmico. Ao identificar e observar a sua produção intelectual percebe-se seu modo interpretativo da temática da história da Companhia de Jesus no sul do Brasil, permitindo compreender o que chamamos de “fazer historiográfico”.

No entanto, ao trabalharmos com o conceito de “trajetória”, podemos nos interrogar o que entendemos por este termo. Em uma busca por seu significado, se perceberá que sua aplicação e entendimento estão bem mais ligados a outros campos do conhecimento do que ao historiográfico. Em uma rápida consulta ao *Dicionário Online de Língua Portuguesa* (2020) encontraremos a palavra trajetória definida como: “[...] a distância (espaço) que precisa ser percorrida para chegar a outro lugar; percurso ou trajeto.” No caso da História enquanto disciplina acadêmica, fazemos valer o sentido figurado da palavra trajetória, encontrado no mesmo dicionário; interpretamos a mesma como “[...] sucessão dos acontecimentos que fizeram parte da existência de algo ou alguém; carreira.”

A partir deste entendimento, fazemos o seu uso constantemente para interpretarmos e escrevermos a vida ou o percurso percorrido por nossos homens e mulheres, os quais tomamos por nossos objetos de pesquisa. Aplicamos o entendimento de trajetória como um meio de compreender o caminho percorrido e os obstáculos enfrentados por nossos

⁹ Em relação as produções intelectuais do Pe. Rabuske, S. J. que versam sob outros temas, que não se vinculam ao âmbito historiográfico, salienta-se que optasse por dar notícia neste escrito. Parte-se da compreensão que é necessário arrolar os títulos de sua autoria a fim de trazer ao conhecimento do leitor. Observa-se que o intuito deste escrito tem como foco as produções que versam sob a temática historiográfica, com ênfase em temas vinculados à presença dos jesuítas no sul do Brasil. Assim, escritos que aludem sobre temas filosóficos, teológicos e outros, se encontraram citados junto ao texto ou em notas de rodapé.

pesquisados ao longo de suas vidas. Fazemos o uso desta interpretação (trajetória) para entendermos a sucessão dos acontecimentos, as suas relevâncias e seus desdobramentos.

“Em se tratando de trajetória/trajetórias, o estudo contemplaria aspectos, recortes, determinados temas da vida do investigado”. (WITT, 2016, p. 289). Nesta perspectiva, buscamos compreender a figura do Pe. Rabuske, S. J. no que se relaciona ao seu percurso de vida enquanto jesuíta, pesquisador e historiador. Ao contemplarmos estes aspectos de sua vida, é possível que nos aproximemos do contexto no qual este jesuíta estava inserido, possibilitando, a partir da investigação dos temas ligados à vida do objeto de estudo, observar os meandros que estão imbricados nos meios de pesquisa, no campo historiográfico e religioso. Em outras palavras, perceber o modo como estes segmentos da sociedade estão observando a si mesmos, a partir das concepções que formam ou moldam uma maneira de pensar. Esta pode estar ligada a uma forma de defesa, crítica ou enaltecimento de fatos ou acontecimentos de interesse do investigado. Como um exemplo, pode-se citar a temática da imigração, que, no caso do Pe. Rabuske, S. J. está ligada aos jesuítas alemães que imigraram para o Brasil e deram início aos trabalhos apostólicos junto às comunidades católicas da Colônia de São Leopoldo.

Assim, utilizando-se desta ferramenta metodológica, o conceito de “trajetória”, é possível “contar, mostrar e explicar tudo o que podemos sobre um personagem enquanto indivíduo” (BORGES, 2005), de maneira a compreender o contexto por ele vivido e as implicações que este pode ter gerado em sua vida. Afinal, é o contexto que molda um indivíduo, suas aspirações estão pautadas em um pensamento coerente de um período ou em um momento de conflito entre as ideias correntes, e estas possibilitaram ao indivíduo optar por se manter em uma mesma perspectiva, na qual um grupo/sociedade está fundamentada, ou quebrar seus paradigmas em defesa de um novo modo de pensar e agir.

Retomando as questões em torno da conceituação de “trajetória”, buscamos observar as discussões sobre o tema para delinear a sua aplicação em relação ao objeto de pesquisa. De acordo com Pierre Bourdieu (2006), a “ilusão biográfica” tem sido uma barreira para os historiadores que se aventuram neste gênero de escrita, pois ao se apaixonarem por seus objetos de estudo, acabam distorcendo os fatos e produzindo uma obra diferente do objetivo inicial. Com base em suas discussões no texto *A ilusão biográfica* (2006), não se pode tratar a biografia como um relato coerente dos fatos. Ao fazer isso, o historiador acaba por reduzir a vida do indivíduo a uma ilusão retórica. Para Bourdieu (2006), a vida de qualquer pessoa é descontínua e fragmentada, o que a torna diferente do processo biográfico que tende a organizá-la de modo contínuo. Por esta razão, o gênero biográfico estaria incorreto em sua

metodologia de trabalho. Nesta mesma perspectiva, observamos a vida individual do Pe. Rabuske, S. J. a partir de suas continuidades e descontinuidades.

Observando a “superfície social”¹⁰ na qual o indivíduo está inserido, pode-se perceber a sua pluralidade de tempo e espaço, pois a reconstrução do contexto em que ele se insere se torna fundamental para a compreensão das posições ocupadas pelo indivíduo ao longo de sua vida. Lembrando que o indivíduo é o resultado expresso pela sociedade de um período, as concepções e ideias que a moldam sempre estarão presentes na vida dos sujeitos que a compõem. Da mesma forma, os fatos e acontecimentos que ocorreram ao longo do tempo em uma sociedade acabam por delinear as posições ocupadas pelos indivíduos que a integram.

Partindo desta mesma concepção, Paulo Renato Guérios (2011, p. 13, grifo do autor) diz que “uma questão chave acerca dos estudos que empregam *histórias de vida* diz respeito às conexões estabelecidas, nestes trabalhos, entre uma trajetória individual e o meio social em que ela se desenrola”. Mais uma vez, olhamos para o Pe. Rabuske, S. J. e buscamos observá-lo em seu meio social, partindo do contexto em que vivia em Santa Cruz do Sul durante a sua juventude. Posteriormente, a sua formação como jesuíta aos auspícios da Companhia de Jesus esteve pautada em uma realidade diferente da sociedade santa-cruzensense. Assim, podemos observar as mudanças de contexto e, mesmo que os fatos e acontecimentos históricos se apliquem à sociedade em geral, temos a alteração no que seria a “trajetória de vida” do Pe. Rabuske, S. J. antes pautada em um contexto civil, mas que, após sua entrada na Companhia de Jesus, passa a um contexto diferente, voltado para o cunho religioso. Esta mudança acarreta em um diferencial junto ao meio social em que ele está inserido, pois agora, ao invés de um cidadão comum, o Pe. Rabuske, S. J. passa para o meio religioso, o que lhe dá uma posição diferenciada dos demais integrantes da mesma sociedade.

Sob este mesmo viés do contexto onde o indivíduo está inserido, e abarcando a conceituação do termo “trajetória”, Lilia Moritz Schwarcz (2013, p. 57), que tem trabalhado com o gênero, ressalta que:

[...] o conceito de ‘trajetória’ implica objetivar as relações entre os agentes, sem deixar de lado suas forças em campo. Dessa maneira, e de forma diferente das biografias mais consagradas, a trajetória procuraria descrever posições simultaneamente ocupadas em sucessivos campos de força: tanto individuais como ‘em relação’ a demais grupos sociais em concorrência.

¹⁰ Para Bourdieu (2006), “superfície social” é o conjunto das posições simultaneamente ocupadas em um dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que agia como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitiam intervir como agente eficiente em diversos campos.

Nesta mesma perspectiva, observamos o Pe. Rabuske, S. J. através do delineamento das suas redes de relações, vinculadas ao campo acadêmico, percebendo as suas posições junto a este meio. Este exercício nos permite deslocar a imagem do P. Rabuske, S. J. do foco biográfico, uma vez que não o observamos somente a partir das suas continuidades, mas, também, das suas diferentes posições junto ao campo de atuação e suas descontinuidades. Sob este foco, é possível tomá-lo como parte integrante de uma história, seja ela local ou regional. Assim, damos ao indivíduo e seu contexto uma narrativa, ao mesmo tempo em que buscamos reconstruir parte de um passado adormecido e aspectos que possam ser relevantes no futuro para a compreensão dos fatos e acontecimentos que regem a escrita de uma história de cunho formal.

Partindo deste pressuposto, Giovanni Levi (1992, p. 135) aponta que,

Toda ação social é vista como resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais. A questão é, portanto, como definir as margens – por mais estreitas que possam ser – da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam.

Roger Chartier (1994) ressalta que a história sempre foi uma narrativa e, nesse sentido, verifica-se a preferência dada a estas formas interpretativas que predominam em determinados momentos. Este é o caso das análises do campo da historiografia, que valorizam as estruturas socioeconômicas e a longa duração, partindo de uma consciência social externa ao indivíduo. No entanto, em nosso exercício de narrativa, buscamos observar as ações de um indivíduo e os reflexos junto ao meio social em que estas se desdobram, pautadas em uma narrativa do indivíduo, enquanto sujeito histórico. Partindo desta concepção, Chartier (1994, p. 98) aponta que:

O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades: as parentelas, as famílias e os indivíduos. [...] o olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações investidas, das condutas forçadas para as ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso a informação.

Entre os elementos até aqui apontados, mais uma vez apontamos para a “superfície social” trabalhada por Pierre Bourdieu (2006), pois, de acordo com o sociólogo, ela é a conexão entre o indivíduo e o meio social. Ao fazer uso das estratégias apontadas por Chartier (1994), o sujeito possibilita ao historiador observar os meandros por ele utilizados para

alcançar os seus objetivos. Assim, ao buscarmos a trajetória de um indivíduo, devemos observar as suas relações com o meio social, que, de acordo com Bourdieu formam esta “superfície” na qual ele está inserido. Ainda de acordo com o autor,

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Ao optar por uma trajetória de vida, é necessário observar os desdobramentos ocorridos junto ao meio social em que esta se desenrola. Ao iniciar este processo de observação, por exemplo, em relação ao meio educacional no qual o Pe. Rabuske, S. J. está inserido, encontra-se o momento de padronização da educação, junto às escolas, imposta pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. Outro elemento passível de observação neste período é o surgimento da primeira universidade brasileira, o que nos demonstra que o campo acadêmico perpassa os anos iniciais de sua formação, que futuramente produzirá os primeiros intelectuais nacionais com curso superior e de pós-graduação. Estes são pontos fundamentais para a compreensão deste campo, e que devem ser construídos, como nos aponta Bourdieu (2006), para o entendimento dos desdobramentos e tomadas de posição que os objetos de estudo possam tomar.

Partindo dos apontamentos até agora elencados no que tange a uma trajetória, se busca analisar o percurso de vida do Pe. Rabuske, S. J. enquanto membro da Companhia de Jesus e sua atuação junto ao meio acadêmico. Ao observar o contexto social por ele vivido e suas posições junto a este, será possível analisá-lo como jesuíta, pesquisador e historiador e, sucessivamente, avaliar a sua produção bibliográfica e suas contribuições para a escrita de uma história da imigração alemã jesuítica e da Companhia de Jesus no Sul do Brasil.

Outro ponto fundamental para a consecução da escrita de uma trajetória, e que está vinculado a questões de contexto e “superfície social”, são os elementos que dizem respeito à identificação do indivíduo, neste caso do Pe. Rabuske, S. J. com a sociedade de Santa Cruz do Sul e a Companhia de Jesus. Sob estes aspectos, a “identidade cultural” apresenta-se como um elemento determinante nos critérios de identificação de um indivíduo.

As questões vinculadas à denominação de um indivíduo enquanto identificação com um grupo social ou etnia podem ser determinantes na compreensão do mesmo e do contexto no qual ele está inserido. No caso do Pe. Rabuske, S. J. pode-se observar que, durante a sua

infância, esteve inserido em uma sociedade que procurava preservar os hábitos e a cultura germânica. Posteriormente, após sua entrada na Companhia de Jesus, ainda se manteve ligado a este ambiente cultural durante o período de formação jesuítica e, depois, junto à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pois, entre suas autodenominações, o Pe. Rabuske, S. J. dizia-se “cidadão brasileiro de etnia germânica”.

Ao abordar as questões pertinentes à definição de identidade, tem-se presente o entendimento de que esta pode ser interpretada como um processo de metamorfose, pois estaria em uma constante transformação. O sentimento de pertencimento está vinculado ao cruzamento entre a história de vida do indivíduo e o seu contexto social. Assim, os traços marcantes de sua infância e adolescência contribuem para a formação de um sentimento de pertencimento, criando o vínculo de identificação. No entanto, este pertencimento, que pode estar ligado a qualquer elemento cultural, como, por exemplo, uma língua, pode sofrer constantes mudanças, seja pela alteração de vocábulos (dialetos) ou na forma gramatical que é escrita. Porém, o vínculo de identificação está, em si, na língua, e mesmo que esta mude ao longo do tempo, a sua base continua sendo o elo do sentimento de pertencimento. Sob este aspecto, Manuel Castells (1999, p. 22), “entende [...] por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. No exemplo acima, a língua se constitui como a fonte para o sentimento de pertencimento ou identificação com uma cultura ou etnia. Nesta mesma perspectiva, a Língua Alemã se constitui como um elo de identificação para o Pe. Rabuske, S. J.. Desde sua infância, ele esteve integrado à cultura germânica e, posteriormente, manteve este mesmo vínculo ao ingressar na Companhia de Jesus. Neste período, era comum que a grande maioria dos jesuítas atuantes no Rio Grande do Sul, principalmente nas zonas de imigração alemã, dominasse a língua, tanto no dialeto, quanto no gramatical (oficial).

Observando estas primeiras considerações sobre as questões pertinentes à formação de uma identidade, Pêrsio Santos de Oliveira (2004, p. 139) aponta que “a identidade cultural seria uma espécie de ‘sentimento de pertencimento’”. Assim, é possível observar o Pe. Rabuske, S. J. enquanto membro de uma sociedade de cultura germânica, lembrando que o seu local de origem, Santa Cruz do Sul, se localiza em solo brasileiro. No entanto, Joice Oliveira Pacheco (2007, p. 3), em seus estudos comenta que

[...] a identidade cultural não é ‘natural’ nem inerente ao indivíduo, ela é preexistente a ele, e como a própria cultura se transforma, a identidade cultural do sujeito não é estática e permanente, mas é fluida, móvel e principalmente, não é uma imposição inocente, nem uma apropriação, de todo, inconsciente. A identidade cultural é por sua vez construída, manipulada e política.

Sob esta forma de pensamento, e englobando as posições acima no que consiste à “identidade” ou “identidade cultural”, procura-se perceber se ao longo de sua trajetória de vida o Pe. Rabuske, S. J. optou por manter estes hábitos e costumes herdados junto ao meio familiar. Isto pode ser observado a partir da sua identificação com a cultura germânica, ao longo da vida, onde buscou reafirmar a mesma através da sua formação em Letras Latinas e Anglo-germânicas, trabalhos de traduções e escritas sobre membros da Companhia de Jesus, imigrantes e descendentes. Neste mesmo segmento, Stuart Hall (2006) aponta o conceito de “identidades culturais” como aspectos de nossas identidades e sugere “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Voltando-se às considerações de Hall (2006), o Pe. Rabuske, S. J. estaria diretamente ligado ao que determina, para ele, o “pertencimento” a culturas étnicas, linguísticas e religiosas, pois, no que se refere ao sentimento de pertencimento, observa-se o empenho do jesuíta no que consiste em suas pesquisas na temática jesuítica alemã.

Para além das considerações até aqui levantadas sobre o tema da identidade cultural, apontamos que Hall (2006) trabalha com três diferentes concepções acerca da identidade. A primeira é denominada como a identidade do sujeito do Iluminismo, expressando uma visão individualista, caracterizada pela centralização, unificação, razão e consciência. A segunda concepção pode ser definida como a identidade do sujeito sociológico, constituída a partir das relações com outras pessoas. Já a terceira, é denominada identidade do sujeito pós-moderno, já que este não tem uma identidade fixa, mas que é formada e transformada continuamente.

Sobre a segunda definição de Hall (2006), identidade do sujeito sociológico, de acordo com o pensamento de Ederson de Faria e Vera L. Trevisan de Souza (2011, p. 37), se pode compreender que,

[...] considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, que se transformou na concepção clássica de sujeito na sociologia, o sujeito se constituiu na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos internos e externos. Ainda permanece o núcleo interior, mas este é constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui. Assim o sujeito é, a um só tempo, individual e social; é parte e é todo.

Atendo-se a estas colocações, pode-se analisar os pontos que interagem junto ao meio social no qual esteve inserido o Pe. Rabuske, S. J.. Pensando-o enquanto sujeito, observa-se o seu diálogo junto ao universo familiar em um primeiro momento e, depois, junto da Companhia de Jesus. No entanto, ambos estão inseridos em um ambiente de cultura germânica, no qual a questão identitária estava sempre presente. Porém, se observado junto à

sociedade, e a partir da sua definição de “brasileiro de etnia germânica”, temos a identidade do sujeito sociológico. Sociológico pelo fato de estar em contato com um universo social diferente, neste caso o acadêmico, cuja diversidade de identificações culturais é distinta e aqueles que desenvolvem estudos sobre o processo de imigração ou de suas colônias não têm, necessariamente, nenhum vínculo com a cultura germânica, mas que dialogam sobre os mesmos temas.

Porém, nesta relação entre o sujeito e o universo social pode-se observar a atuação do Pe. Rabuske, S. J. enquanto pesquisador em relação ao meio acadêmico, o que se constitui como um universo social com o qual ele interage para obter visibilidade e reconhecimento de seu trabalho enquanto historiador e pesquisador. No entanto, o vínculo de identificação sociológica, está ligado a um universo social que tem como foco a cultura germânica, o que se pode interpretar como o mundo interior e exterior apontado por Faria e Souza (2011): interior enquanto indivíduo e membro da Companhia de Jesus; exterior por estar atuando junto ao meio acadêmico.

Tomando conhecimento dos vínculos de identificação ou identidade cultural do Pe. Rabuske, S. J. é possível compreender as suas posições e relações com os demais membros da sociedade, sejam eles acadêmicos ou não, pois os vínculos que moldam o indivíduo estão diretamente ligados à forma como ele se autodenomina. Neste caso, “cidadão brasileiro” reconhecendo sua pátria-mãe; “de etnia germânica” reafirmando seus vínculos culturais. E, sob este enfoque, busca-se perceber a produção bibliográfica deste jesuíta e seus vínculos com a sua denominação ou identidade, seja como brasileiro, jesuíta ou descendente de alemães.

No entanto, para compreendermos a dinâmica de uma vida, ou trajetória, como aqui propomos, precisa-se entender o funcionamento das relações do indivíduo com o seu meio social. Partindo da concepção do termo “redes sociais”, busca-se traçar, assim como uma teia de aranha, os pontos que a ligam e formam um todo, pois, ao longo de uma vida, as pessoas criam vínculos com outras. Geralmente ao nascermos, somos inseridos em uma “rede de parentesco”, na qual nossos familiares se tornam nossos contatos em um primeiro momento; passados alguns anos de nossas vidas, expandimos nossas relações, aumentando a “rede” para amigos e conhecidos; posteriormente, ao ingressar em um emprego, mais uma vez expandimos a “rede”, e assim sucessivamente, toda vez que conhecemos alguém ao longo da vida. Porém, qual seria a relevância desta discussão? A partir do mapeamento destas “redes sociais” que formamos ao longo do tempo, é possível observar os pontos que convergem em relações passíveis de mudanças ou influência. No caso do Pe. Rabuske, S. J. buscamos observar as “redes sociais” que ele formou ao longo de sua vida, com foco naquelas que estão

relacionadas à produção de textos e desenvolvimento de pesquisas. Tendo participado de diversos eventos científicos, este jesuíta travou contato com muitos pesquisadores que manteve ao longo do tempo. O mesmo acontece nos Institutos dos quais fez parte. Estas relações possibilitaram a ele divulgar suas pesquisas, ao mesmo tempo em que, também, lhe geraram possibilidades de publicações.

Entre os teóricos que abordam as questões pertinentes a este conceito, podemos destacar Sonia Acioli (2007) e Paulo H. Martins (2004). Ambos concordam que trabalhar com estas questões implica em observar várias concepções de ideias do senso comum. Entre estas concepções, apontam para as definições do termo como malhas ou teias, que formam um tecido comum. Estas estariam interligadas por pontos que se intersectam e formam uma imagem semelhante à de fios cruzados, criando a concepção de uma teia ou malha. Assim, estas redes, para ambos, apresentam um ponto central, ou uma fonte, da qual se pode observar a regularidade de relações com outros sujeitos que formam este conjunto. Em outras palavras, a rede social formada por um sujeito tem como base os seus contatos, dos quais ele pode ser a fonte principal e, a partir da regularidade com os outros sujeitos integrantes, se pode definir o âmbito social da rede.

Para os sociólogos, “redes seria o conjunto de relações sociais entre um conjunto de atores e também entre os próprios atores”. (ACIOLI, 2007, p. 9). Nesta perspectiva, os atores que se reúnem, por meio das relações sociais, podem obter limites variáveis em sua rede de contato. Partindo deste ponto inicial, podemos observá-lo sob outras reinterpretações, ou seja, podemos interpretar as redes sociais do Pe. Rabuske, S. J. por mais de um viés. Ao observarmos as suas redes de contato, no que tange à pesquisa acadêmica e à publicação de seus trabalhos, temos uma rede social voltada para “indivíduos” que frequentam universidades ou Institutos. Estes, por sua vez, estão conectados a um mundo pautado na crítica aos modelos interpretativos da história e na busca de novos aportes teórico-metodológicos no desenvolvimento de suas pesquisas. Assim, é possível voltar-se para o Pe. Rabuske, S. J. e observar a sua produção acadêmica junto deste meio, o que, por sua vez, constitui-se em uma rede social. No entanto, esta é uma parte da rede de contatos do Pe. Rabuske, S. J. e, como citado anteriormente, estava voltada para um público que se pode aqui chamar de “leigo”¹¹.

Porém, a rede de contatos deste jesuíta também se estende ao meio religioso e, mais uma vez, veremos o uso de seus contatos para o desenvolvimento de pesquisas e publicações,

¹¹ Entendo como “leigos” os indivíduos que não estão inseridos ao meio religioso, no caso, que não pertencem a nenhuma ordem religiosa.

que, no entanto, estavam voltadas para um público religioso. Esta rede social é formada por um grupo que podemos denominar de “religioso”¹². A partir destes contatos, pode-se perceber a maneira como este jesuíta usou de sua posição religiosa para ter acesso a documentações e, consecutivamente, desenvolver suas pesquisas e publicá-las. Como um exemplo, podemos citar a correspondência de 28 de agosto de 1987 de Charles E. O’Neill, S. J.¹³, vinda de Roma. No documento, é solicitado ao Pe. Rabuske, S. J. auxílio na elaboração de dois verbetes para o *Dicionário Histórico da Companhia de Jesus* (2001). Além destes dois verbetes, o Pe. Rabuske, S. J. já vinha contribuindo na elaboração de outros verbetes para o mesmo dicionário desde 1980. Com base nesta correspondência, pode-se perceber, em parte, o âmbito alcançado pelas publicações do Pe. Rabuske, S. J. correspondente às questões relacionadas à Companhia de Jesus, pois o auxílio para o dicionário elaborado por O’Neill tinha como público alvo os acadêmicos que pesquisam temas ligado à Companhia de Jesus, mas também o público em geral, interessado na História da Companhia, sendo impresso em co-edição pela Universidade de Comillas e pelo Instituto Storico de la Companhia de Gesù (IHSI, Roma), com larga difusão.

Assim, sob esta perspectiva, podem-se perceber as ligações do sujeito com o mundo social no qual ele está inserido, e que, ao mesmo tempo, interage com ele. No olhar da “Antropologia Social a noção de redes sociais busca apoiar a análise e a descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias”. (ACIOLI, 2007, p. 9). Percebem-se, sob este viés, as relações estabelecidas entre o sujeito e o meio social, afastando-se de uma visão individualista para observá-lo junto dos demais membros do grupo ou grupos que ele está inserido.

No entanto, na obra de Norberto Elias, *A sociedade dos Indivíduos* (1994), o autor propõe que os conceitos de dependência, interdependência, redes de função, contexto social e estrutura estão articulados em um processo mais amplo. Este processo estaria ligado às questões pertinentes ao indivíduo e à sociedade na qual ele está inserido, pois seria a rede social o elo que liga os membros de uma sociedade, e este implica nas relações de dependência e interdependência citadas pelo autor entre seus conceitos chave para a compreensão do funcionamento da sociedade e dos indivíduos que a compõem. Sob o ponto de vista do autor, podemos observar o processo interativo de um grupo social através de suas articulações, mesmo que complexas. Afinal, cada um se torna parte essencial do processo em

¹² Por “religiosos” entendo os indivíduos ligados a ordens religiosas, tanto masculinas como femininas, e ao clero secular que mantiveram contato com o Pe. Rabuske, S. J. ao longo de sua vida.

¹³ A carta citada pode ser encontrada junto ao Memorial Jesuíta, no Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J., na caixa 64 (1987). Seu texto original se encontra em língua inglesa.

um grupo, o que os torna contatos diretos em uma rede capaz de se articular entre as mais diferentes camadas de uma sociedade.

Para ter uma visão mais detalhada deste tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou menos de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos de maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. (ELIAS, 1994, p. 35).

Observando estas considerações de Elias (1994), e em concordância com Acioli (2007) e Martins (2004), as “redes sociais” constituem-se em um elo fundamental que une o indivíduo ao meio social no qual ele está inserido, pois, através de seus “contatos” e suas relações com os demais membros da rede, é possível observar as conjecturas que se moldam sobre determinado membro. Em um paralelo com a citação anterior, o Pe. Rabuske, S. J. pode ser interpretado como um dos fios que se une à rede para formar o tecido. Desta forma, inserindo-o em um grupo, é possível compreender as relações que os unem e estão ligadas às pesquisas e publicações do jesuíta.

Tendo em concordância a metodologia empregada no processo de pesquisa busca-se, através deste trabalho, tratar a trajetória de vida do Pe. Arthur Rabuske, S. J. junto ao meio acadêmico. Ao perpassar a história de vida deste jesuíta e o contexto no qual ele está inserido, permite-se averiguar a sua produção bibliográfica e suas contribuições para a escrita de uma historiografia da imigração jesuítica e história da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul.

Partindo do processo de organização e compreensão do contexto social vivido pelo Pe. Rabuske, S. J. junto à sociedade de Santa Cruz do Sul, o segundo capítulo desta Dissertação busca compreender este espaço e as políticas educacionais do período que serviram de base para a educação deste jesuíta. Em sequência, perpassa-se seu ingresso na Companhia de Jesus e sua formação como jesuíta. O intuito deste capítulo é apresentar o meio social em que se jesuíta viveu durante seus primeiros anos, como também dar uma noção da sua formação escolar e, posteriormente, jesuítica, apresentando-o como um membro integrante de uma sociedade de seu tempo.

O terceiro capítulo dá continuidade à sua trajetória de vida, abordando o período posterior à sua formação como jesuíta, que está vinculado ao seu ingresso em instituições de cunho acadêmico como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei. Momento, em que se inicia sua atuação junto ao meio historiográfico e de publicações nos mais diversos meios. Já o quarto capítulo, encerra com sua trajetória junto a este, ao versar sobre sua entrada

na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), como pesquisador em tempo integral. Posteriormente, ao completar 30 anos de pesquisa e receber o título de Doutor Honóris Causa, o Pe. Rabuske, S. J. afasta-se gradativamente do meio acadêmico, encerrando com suas últimas publicações no ano de 2005 e seu posterior falecimento no decênio de 2010.

O quinto e último capítulo desta dissertação tem como intuito explorar o “fazer historiográfico” e a formação das redes de contatos adquiridas pelo Pe. Rabuske, S. J. ao longo de sua atuação no universo acadêmico. Com base nos elementos trabalhados na escrita deste capítulo, pretende-se apontar a maneira como o Pe. Rabuske, S. J. percebia a História e redigia a escrita de uma historiografia jesuítica. Em concomitância, busca-se mapear as redes de contatos do Pe. Rabuske, S. J.. Com o auxílio desta “rede” será possível perceber os meandros utilizados por ele para adquirir materiais de pesquisa, e ao mesmo tempo, constatar o âmbito de seus trabalhos e publicações, pois a sua correspondência com amigos, familiares, religiosos e acadêmicos traz ao conhecimento os assuntos tratados, mesmo tendo-se somente a correspondência passiva.

2 DO MEIO CIVIL AO RELIGIOSO: DA FORMAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS PAROQUIAIS À EDUCAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR JESUÍTICA

2.1 Iniciando uma Trajetória

“Cidadão brasileiro de etnia germânica, jesuíta, sacerdote, professor, escritor, pesquisador, tradutor editor de textos alheios de valor e historiógrafo” (RABUSKE, S. J., [2003?], p. 1)¹: com estas palavras se definiu Arthur Rabuske, S. J. em um documento intitulado *CURRICULUM VITAE*, de autoria própria, no qual esboçou, ainda que de forma introdutória, a sua história de vida. Tal documento, mesmo que inacabado, nos permite compreender, em parte, quem foi este jesuíta e, também, analisar a sua trajetória em relação às questões ligadas à difusão do conhecimento científico em torno dos estudos missionários e da imigração jesuítica alemã no Rio Grande do Sul.

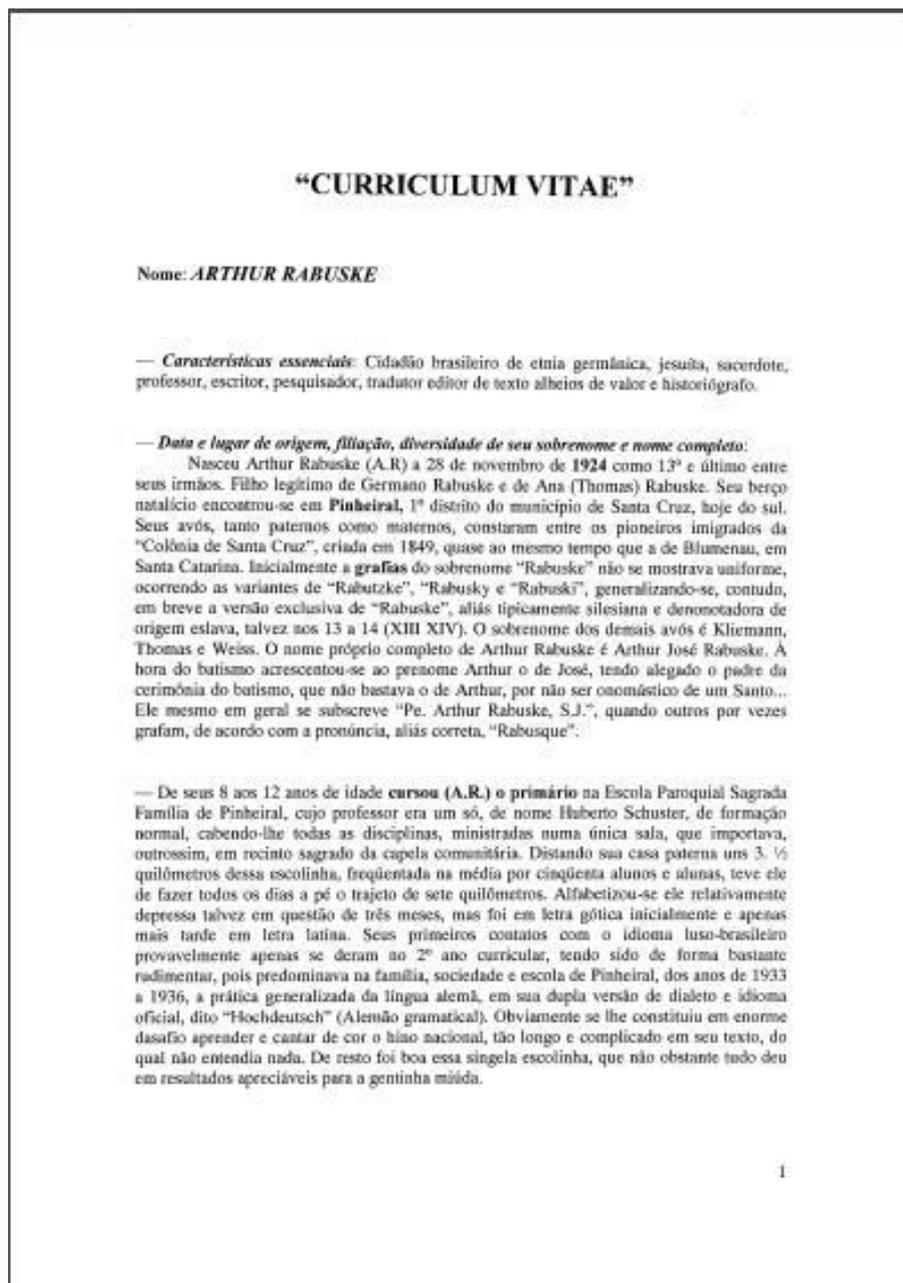
O documento citado, *CURRICULUM VITAE* é uma produção escrita do Pe. Arthur Rabuske, S. J. composta por 52 páginas. Neste escrito, para escrever sobre sua vida, ele fez uso de fontes bibliográficas, além de suas próprias memórias. Pode-se interpretar este documento como um esboço de uma autobiografia, que vinha sendo desenvolvida por ele em seus últimos anos de vida. Atualmente, este documento pode ser encontrado junto ao acervo “Pe. Arthur Rabuske, S. J.” no Memorial Jesuíta, localizado no sexto andar da Biblioteca da Unisinos, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O material que corresponde a este escrito está localizado na caixa 57 deste acervo.

Envolto por uma pasta de papel neutro na caixa acima citada, o pesquisador encontra este documento devidamente impresso. Suas folhas brancas e intactas de qualquer espécie de correção indicam que após sua impressão, este documento encontrava-se devidamente guardado. É visível, que o mesmo ainda carece de revisão ortográfica e ajuste no texto. Porém, as informações contidas no mesmo são de relevância para a consecução desta escrita. Partindo da análise dos dados contidos, é possível, em parte, vislumbrar o universo que cercava este jesuíta. As informações referentes a sua família e educação básica, contidas em pequenos parágrafos, permitem cercar o contexto vivido pelo Pe. Rabuske, S. J. em sua infância. Assim, como dados referentes a sua formação secundária, religiosa, acadêmica e instituições da quais participou como sócio. Em suas páginas, em torno de 22, encontram-se estes dados, acompanhados de seus relatos de viagem ao continente europeu, e a outros

¹ Este documento foi sendo construído desde a década de 70, e, por volta dos anos 2000, o Pe. Rabuske, S. J., retoma a sua escrita como intuito de atualizar sua biografia, e, como não foi publicado, não há uma data exata para ele.

estados do Brasil, como também suas saudosas lembranças de colegas, amigos e professores, os quais já se encontravam falecidos naquele momento. As respectivas páginas restantes versam sobre suas publicações, fornecendo informações referentes a seus trabalhos, sejam em eventos, revistas, jornais ou livros.

Figura 2 - Primeira página do *CURRICULUM VITAE* do Pe. Rabuske, S. J., em sua versão digitalizada



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([2000?]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

O padre Arthur José Rabuske, S. J. nasceu em 28 de novembro de 1924 na localidade de Pinheiral, então 1º Distrito de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Seus pais se chamavam Germano Rabuske, e Ana Rabuske, e era o décimo terceiro filho do casal. Em princípio, sabe-se que seus pais provinham do meio rural². Quanto a seu pai, Germano Rabuske, se apurou, a partir da consulta ao site de genealogia *My Ancestors and Relatives*³, que seus pais, Johann Karl Ernest Rabuske e Anna Maria Johanna Bremm, provinham da região da Silésia, atual Polônia, e imigraram mais tarde para o Brasil. Quanto a dados referentes à sua mãe, tem-se notícias do nome Anna Rabuske, de sobrenome Thomas enquanto solteira. No entanto, a partir deste levantamento de dados, acredita-se que seu nome correto seja Suzana Anna Thomas. Até o presente momento, não encontramos nenhum documento emitido por órgãos do governo que legitimassem essa informação. Quanto a seus irmãos, foram levantados os seguintes nomes, João Adão, Leopoldo, Alvino, Aloísio, Emílio, Nicolau, Bruno, Guilherme, Hilda, Verônica, Joana e Rosa, sobre os quais não obtemos informações.

Nascido em uma família de descendentes de alemães, desde os seus primeiros dias de vida esteve familiarizado com os hábitos e costumes da cultura germânica⁴. Junto de seus

² Conforme Andrius E. Noronha, em sua obra *Beneméritos empresários: história social de uma elite de origem imigrante do sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905- 1966)* (2012), os anos de 1848 até 1918 compreendem no período em que a então Colônia passa ao status de Vila, momento em que ocorre a consolidação da agricultura familiar e a formação do comércio. Levando em consideração que os pais do Pe. Rabuske, S. J. nasceram, Germano em 1865 e Anna em 1882, ambos estão perpassando pelo que o autor trata como sendo o “segundo período”, momento em que se firma na região a produtividade agrícola, abrangendo o período de 1860 a 1881. Posteriormente, no que nomeia como “terceiro período”, de 1882-1817, é que ocorre a acumulação e o desenvolvimento comercial.” “[...] há um predomínio de atividades voltadas para o comércio e o artesanato. [...] essas duas atividades passam à condição de “linha de frente” da economia na emergente colônia e estruturam o fortalecimento do processo de mercantilização das atividades voltadas para a agricultura familiar.” (NORONHA, 2012, p. 54). De acordo com Lilia Montali na obra *Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista: produção de fumo em Santa Cruz do Sul* (1979, p. 33), “entre 1859 e 1881 verificou-se um salto no volume da produção do fumo, que passa, de 14 toneladas em 1859, para 97 toneladas em 1862, e para 1.552 toneladas em 1881. O fumo, além de ser o principal produto para a exportação, tinha 95% de sua safra exportada para outras localidades durante o período de 1862 a 1881”.

³ Na tradução “Meus Antepassados e Parentes”, que pode ser consultado pelo seguinte endereço: <https://familytrees.genopro.com/Francisco%20Fr%C3%B6hlich/default.htm?page=Rabuske-Lucilda-I6398.htm>.

⁴ Sobre o tema “cultura germânica”, entende-se que corresponde à concepção alemã de cultura, “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade”. (CUCHE, 2002, p. 8). Sobre este aspecto, levamos em consideração que a língua alemã consiste em uma característica intelectual pois, após o processo de unificação dos Principados alemães, buscou-se padronizar a língua sob uma forma gramatical, demonstrando a intelectualidade que se procura formar no Império Alemão. De acordo com Cucho (2002, p. 27), “a ‘nação alemã’, enfraquecida pelas divisões políticas, esfacelada em múltiplos principados, procura afirmar a sua existência glorificando a sua cultura”, e uma das formas encontradas foi através da língua, que se tornou um dos elementos unificadores. Ao mesmo tempo, nas colônias de imigração no Brasil, buscava-se a manutenção e a preservação da língua alemã, seja por iniciativa dos colonos, protestantes e católicos, que ministravam, em suas comunidades, aulas, cultos e missas em alemão, ou por campanhas do governo alemão, que visavam à manutenção do sentimento de germanidade junto aos imigrados através de associações ou ligas.

documentos no Memorial Jesuíta, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), podem-se encontrar anotações pertinentes a seus antepassados. De acordo com os registros ali contidos, seus familiares de sobrenome Rabuske, Kliemann, Thomas e Weiss estão entre os primeiros imigrantes que vieram para as colônias de imigração no Rio Grande do Sul. Demonstrava um interesse pelo estudo da genealogia⁵, já que entre os descendentes de imigrantes alemães era comum, e quase de praxe, saber, na época, “de cor e salteado” o significado, o local de origem e o nome dos antepassados.

Inicialmente a grafias do sobrenome ‘Rabuske’ não se mostrava uniforme, ocorrendo as variantes de ‘Rabutzke’, ‘Rabusky’ e ‘Rabuski’, generalizando-se, contudo, em breve a versão exclusiva de ‘Rabuske’, aliás tipicamente silesiana e denotada [sic!] de origem eslava, talvez nos 13 a 14 (XIII XIV). [...] Ele mesmo em geral se subscreve ‘Pe. Arthur Rabuske, S. J.’, quando outros por vezes grafam, de acordo com a pronúncia, aliás correta, ‘Rabusque’. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 1).

Entre a frase inicial desta escrita e o segundo parágrafo, no qual é apresentado o Pe. Rabuske, S. J. com relação à data de nascimento e filiação, aponta-se um elemento passível de ser discutido: a questão em torno do “ser alemão” ou “ser descendente de alemães”. Sobre este aspecto, gostaria de observar a figura do Pe. Rabuske, S. J. enquanto descendente de alemães. Assim, poder-se-ia olhar para ele em um primeiro momento como um descendente de alemães versado em duas línguas, a primeira materna, o alemão, e a segunda o português⁶, que pode ter contribuído para o seu gosto pelas letras e, posteriormente, sua entrada na Companhia de Jesus, que lhe ofereceu o arcabouço para a formação em Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas.

Observando esta primeira frase, que abre esta escrita, juntamente com seu conteúdo, pode-se vislumbrar um universo de diferentes leituras sobre a sua pessoa, neste caso, o Pe. Rabuske, S. J.. A seleção de cada palavra que forma a frase traz consigo um significado e valor diferenciado. Na obra *Análise de Conteúdo* (2011), de Laurence Bardin (2011), é possível perceber que o uso de determinadas palavras pode expressar ideias e conceitos formados por um indivíduo ou um grupo. Assim, de acordo com a autora, “tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (BARDIN, 2011. p. 39),

⁵ Durante o tempo em que o Pe. Arthur Rabuske, S. J. atuou no meio acadêmico, também participou do Colégio Brasileiro de Genealogia, com sede no Rio de Janeiro. Para além de pesquisas de cunho familiar sobre seus antepassados, Rabuske, S. J. também usava esta ferramenta para suas pesquisas de âmbito religioso. Assim, buscava através do modelo genealógico fazer o levantamento dos padres e irmãos jesuítas que atuaram nas paróquias por ele pesquisadas.

⁶ De acordo com o Pe. Arthur Rabuske, S. J. ([2000?], p. 1): “Alfabetizou-se ele relativamente depressa, talvez em questão de três meses, mas foi em letra gótica inicialmente e apenas mais tarde em letra latina”.

pois a análise de conteúdo tem como intuito fornecer informações suplementares a um leitor mais atento.

A intenção aqui não é analisar a frase inicial em si, mas, com base nos processos de decodificação da análise de conteúdo, valer-se de algumas de suas técnicas⁷. Em outras palavras, observar a disposição das palavras utilizadas pelo Pe. Rabuske, S. J. quando descreveu suas características essenciais⁸. Assim, com o auxílio da análise de conteúdo “[...] procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental” (BARDIN, 2011, p. 96) na construção da frase. Desta forma, se propõe, neste primeiro momento, olhar para o Pe. Rabuske, S. J. como um cidadão brasileiro de etnia germânica, jesuíta e sacerdote.

Propomos, assim, abordar a trajetória de vida do Pe. Rabuske, S. J. utilizando-se desta frase inicial como norteadora, a partir da qual, usando de suas próprias definições, pretende-se observar a sua atuação junto ao meio acadêmico e social no qual estava inserido. Valendo-se destas três primeiras denominações por ele citadas, cidadão brasileiro de etnia germânica, jesuíta e sacerdote, busca-se observar a sua trajetória de vida desde o meio social onde viveu durante dezenove anos, a sociedade de Santa Cruz do Sul, o seu ingresso na Companhia de Jesus e a formação como religioso jesuíta.

Com base na conceituação de trajetória formulada por Pierre Bourdieu (2006, p. 292), busca-se observar “[...] a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos” para compreender a sua atuação junto aos locais onde estivera presente. Sob este viés, olha-se para o Pe. Rabuske, S. J. como um integrante da sociedade de Santa Cruz do Sul, buscando observar o caminho traçado por ele até o seu ingresso na Companhia de Jesus e, posteriormente, a sua formação como jesuíta, pois:

⁷ Entre as técnicas apresentadas por Laurence Bardin, encontramos a de “análise de avaliação”. Esta teria como finalidade medir as atitudes do locutor quanto aos objetos sobre os quais ele fala, pois a concepção da linguagem em que este tipo de análise se fundamenta chama-se “representacional”, ou seja, se considera que a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza. Assim, adaptamos este modelo de análise para o documento escrito pelo Pe. Rabuske, S. J., no qual o vemos como o locutor que busca refletir, através das palavras que utiliza na composição da frase observada, uma representatividade da sua própria pessoa. De acordo com a autora, “uma atitude é uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir na forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), na presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos, coisas etc.) de maneira determinada”. (BARDIN, 2011, p. 203). Ou, em outras palavras, “[...] temos opiniões sobre as coisas, os seres, os fenômenos, e manifestámo-las por juízo de valor”. (BARDIN, 2011, p. 203). Pode-se, desta forma, olhar para a frase escrita pelo Pe. Rabuske, S. J. como “[...] um conjunto de tomada de posições, de qualificações, de descrições e de designações de avaliação” (BARDIN, 2011, p. 203), feitas por ele mesmo sobre si próprio.

⁸ De acordo com o documento *CURRICULUM VITAE*, a citação inicial aparece sob o título de “características essenciais”, como uma forma descritiva, elencando como o próprio Pe. Rabuske, S. J. se denominava.

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. (BOURDIEU, 2006, p. 183, grifos do autor).

A partir destas palavras de Pierre Bourdieu (2006), gostaríamos de olhar para a vida do Pe. Rabuske, S. J. e pressupor que suas escolhas o tenham levado a seguir o caminho religioso. Geralmente, em famílias grandes, como no caso dele, de treze irmãos, era comum que um ou dois optassem por seguir a vida religiosa. Isso se deve ao fato de que, na sua grande maioria, as famílias não tinham condições financeiras de manter muitos filhos. Assim, desde a infância, alguns já eram preparados pelo núcleo familiar para ingressar no universo religioso, o que também dava à família um status perante a comunidade que frequentavam, pois um de seus filhos estava a serviço de Deus e de seu povo. E, se pensarmos como Bourdieu (2006), para quem “[...] uma vida é inseparavelmente um conjunto de acontecimentos”, a partir desta análise podemos pressupor que o contato do Pe. Rabuske, S. J. na sua infância com a Ordem dos Jesuítas em Santa Cruz do Sul⁹ foi um possível fator para o seu ingresso na Companhia de Jesus. Assim, podemos considerar que este acontecimento, o contato com a Ordem, tenha se dado por meio da celebração das missas, educação escolar dos colégios ou de trabalhos pastorais, e pode ter contribuído para a decisão do Pe. Arthur Rabuske, S. J. em seguir na vida religiosa.

Neste momento, buscamos olhar para um “conjunto de acontecimentos” que estaria ligado à entrada do Pe. Rabuske, S. J. na Companhia de Jesus. No entanto, existem outros acontecimentos que irão nortear o desenvolvimento desta escrita e, portanto, gostaríamos de deixar claro que damos ênfase aos acontecimentos relativos ao período anterior à entrada na Companhia de Jesus e o período de formação como jesuíta. Assim, buscamos reconstruir em parte a trajetória de vida do Pe. Rabuske, S. J. dentro deste período, que podemos determinar entre os anos de 1932 a 1959¹⁰, conscientes de que,

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185).

⁹ A Companhia de Jesus já desenvolvia seus trabalhos apostólicos em Santa Cruz do Sul desde 1868, tendo sob sua responsabilidade a organização e fundação de paróquias e colégios.

¹⁰ O período determinado abarca dos oito anos de vida do Pe. Rabuske, S. J., que contemplaria o momento em que ingressou no processo de alfabetização na Escola Paroquial Sagrada Família de Pinheiral, até seus 35 anos, quando tornou-se um jesuíta professor.

Assim, amparado pela conceituação de trajetória de Bourdieu (2006), onde se busca elencar de forma cronológica alguns acontecimentos da vida do Pe. Rabuske, S. J. também pretende-se observar questões pertinentes às suas escolhas. Entre estas questões, gostaríamos de perceber os laços presentes em sua vida que estão ligados à sua criação e convivência com um núcleo de descendentes de alemães no qual esteve inserido, primeiro junto de seus pais e da sociedade de Santa Cruz do Sul e, depois, como membro da Companhia de Jesus, que, também durante este período, tinha em seu corpo um grande número de alemães ou descendentes.

Um exemplo desse grande número de alemães ou descendentes presentes na Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul, pode ser encontrado na obra *Os “Bruder” jesuítas no sul do Brasil*, escrito pelo próprio Pe. Rabuske, S. J. em 1974. Este pequeno livro é composto por 53 páginas, que tem como objetivo trazer à luz alguns esboços biográficos de padres e irmãos jesuítas que atuaram no Colégio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo¹¹ em seus primeiros anos de funcionamento. Em um trecho da obra, encontra-se o relato de um dos alunos da instituição, João Neves da Fontoura¹², no qual afirma que “[...] muitas vezes, na hora do recreio, vi um Bruder¹³ e um professor em longas palestras, entrecortadas de grandes expansões de riso. Eram, não raro, filhos da mesma região da Alemanha ou da Áustria”. (RABUSKE, S. J., 1974, p. 93).

Com relação à sociedade de Santa Cruz do Sul e os vínculos familiares do P. Arthur Rabuske, S. J., apontamos mais uma vez o ambiente no qual ele está inserido. Refiro-me ao fato deste município ter em sua fundação a participação de imigrantes alemães, ao mesmo

¹¹ Em meados de 1869 foi concedida a licença para que a Companhia de Jesus erguesse às margens do Rio dos Sinos um colégio. Sua finalidade era formar professores para as escolas paroquiais católicas na região de imigração alemã. Outro motivo para a fundação deste colégio foi o interesse em formar jovens filhos de colonos para a vida religiosa, dando a eles a instrução para a continuidade dos estudos junto ao Seminário Episcopal em Porto Alegre. Assim, ao mesmo tempo em que se formavam professores para atuar na alfabetização dos filhos dos colonos alemães, também se provia a formação de um clero regional, a fim de atender a demanda das comunidades locais e as em formação nas áreas do interior.

¹² João Neves da Fontoura era natural de Cachoeira do Sul e formado em advocacia. Também atou como diplomata, jornalista e escritor. Ao longo de sua vida foi deputado federal e Ministro das Relações Exteriores durante o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e Getúlio Vargas (1951-1954). Ainda entre os anos de 1943-45 foi embaixador do Brasil em Portugal. Era membro da Academia Brasileira de Letras e correspondente da Academia da Ciência de Lisboa. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Columbia e a Ordem do Congresso Nacional.

¹³ O termo “*Bruder*” vem do alemão e significa “irmão”. Este termo era utilizado no Brasil para representar uma classe especial de religiosos jesuítas, no caso os que eram leigos ou não-clérigos. Porém, este termo, “*Bruder*”, estava atrelado às paróquias do interior das colônias de imigração alemã, tendo-se já notícias de seu uso por volta de 1850. No entanto, o uso contínuo do termo nas regiões do interior, acarretou na migração do mesmo para as vilas e cidades, tendo sido já identificado nestes locais por volta de 1869. Este movimento de migração, do interior para a cidade, acabou gerando uma alteração na fonética do termo “*Bruder*”, que passou a ser falado “*bruda*”. Isso ocorre em função da mistura entre as línguas portuguesa e alemã. Em pouco tempo, este termo deixou de ser utilizado exclusivamente para denominar os religiosos jesuítas, e passou a englobar também os Irmãos Maristas e Lassalistas.

tempo em que a própria família de origem do Pe. Rabuske, S. J. estar, também, inserida neste meio cultural, no caso, a cultura germânica.

Assim, com o olhar voltado para estes três pontos (Santa Cruz do Sul, família e Jesuítas alemães ou descendentes), que estão ligados diretamente ou indiretamente à cultura germânica, e a denominação do próprio Pe. Arthur Rabuske, S. J. como “cidadão brasileiro de etnia germânica”, investigaremos este viés como um modo de identificação, ou, em outras palavras, como uma forma de identidade. Sob esta forma de pensar, como um modo de identificação, nas próximas páginas, optou-se por abordar alguns elementos pertinentes a este sentimento de pertencimento, que podem apontar para a compreensão de alguns aspectos da figura do Pe. Rabuske, S. J., ao mesmo tempo em que se procura reconstruir alguns de seus passos, de forma que se possa apreender de maneira clara os elementos imbricados na formação deste sentimento de pertencimento.

2.2 “Cidadão Brasileiro de Etnia Germânica”: um Sentimento de Germanidade?

A seleção do termo “cidadão brasileiro de etnia germânica” nos expressa um olhar diferente: primeiro pelo fato do reconhecimento como brasileiro; segundo, pela identificação com a etnia germânica, pois a “[...] identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. (DUBAR, 1997, p. 104). Pensando esta definição do sociólogo francês juntamente com a definição do Pe. Rabuske, S. J., é possível compreender que o termo “identidade” é flexível e mutável. De acordo com Ciampa (1987), a identidade pode ser entendida como uma metamorfose, que constantemente está em transformação. Sob sua ótica, o resultado desta transformação estaria entre a história da pessoa e seu contexto histórico e social. Assim, se faz necessário observar todos os meandros que levam a formar uma identidade, pois, no caso que aqui pretendemos observar, as influências culturais estarão expressas constantemente pelo meio social em que viveu o Pe. Rabuske, S. J., seja junto do meio familiar, religioso, acadêmico ou de sociabilidade. Afinal, se pode entender que “[...] a essência da identidade constrói-se em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas as outras e considerando-se esses vínculos estáveis”. (FARIA; SOUZA, 2011, p. 36).

Sob esta perspectiva das duas formas de identificação, se pode pensar no Padre Rabuske, S. J. como um brasileiro por direito de solo. A Constituição de 1891 da República dos Estados Unidos do Brasil, vigente no momento de seu nascimento, previa que todo aquele que nascesse em território nacional teria direito adquirido à cidadania brasileira. De acordo

com o Título IV, Dos Cidadãos Brasileiros, Seção I, Da Qualidade do Cidadão Brasileiro, “Art. 69 - São cidadãos brasileiros: [...] os nascidos no Brasil, ainda que de pai estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação”. (BRASIL, 1891). Posteriormente, as demais Constituições¹⁴ e a Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil reafirmaram este mesmo direito. De acordo com o Capítulo III, da nacionalidade, Artigo 12, “São brasileiros: (ECR no 3/94, EC no 23/99 e EC no 54/2007). [...] os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço de seu país” (BRASIL, 1988, p. 20). Sobre este olhar, sendo o Pe. Rabuske, S. J. natural de Santa Cruz do Sul, município do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, era filho legítimo desta terra.

A partir do direito garantido constitucionalmente pelas leis, justificamos o uso do termo “cidadão brasileiro”. No entanto, esta seria a forma assegurada legalmente pela Constituição. Assim, é possível cogitar o sentimento de pertencimento ao Brasil pelo fato de ter nascido nesta terra. Além disso, pode-se também pressupor que esteja ligada ao que Pacheco (2007) denomina de identidade construída, manipulada e política. Porém, antes de qualquer conclusão precipitada, ainda se faz necessária a análise do contexto vivido pelo mesmo, para que, posteriormente, se possa conjecturar no que tange o uso do termo. No entanto, gostaríamos de dissertar sobre a terminologia “de etnia germânica” empregada pelo Pe. Rabuske, S. J., junto à de “cidadão brasileiro”, em sua descrição das características essenciais.

A identificação com a “etnia germânica” pode acontecer por dois motivos. Mesmo que ambos tenham o mesmo sentido, a diferença está no peso que eles trazem consigo. Elencamos dois motivos por uma razão simples: o primeiro está ligado ao sentimento de pertencimento, e o segundo ao estado legalizado e tutelado pela legislação de reconhecimento de dupla nacionalidade do Governo Alemão. Como mencionado, a diferença está no seu peso, pois a primeira sugere um vínculo construído pelo contato direto com uma cultura, neste caso a alemã, e a segunda, além de reconhecer a construção do mesmo, prevê a sua forma legitimada através dos documentos que dão a outorga de cidadão e, conseqüentemente, pertencimento a essa cultura. Assim, ambas as formas se constituem como meios de identificação com hábitos e costumes que podem não corresponder a uma determinada localidade, transformando-as em identidades que podem estar ligadas a outras culturas, mesmo que estas estejam a uma distância considerável. No entanto, no caso do Pe. Rabuske, S. J., podemos observá-lo pela

¹⁴ Após a Constituição de 1891, o Brasil teve por mais cinco vezes a alteração de suas leis. Estas ocorreram nos anos de 1934, 1937, 1946, 1967 e 1988. Todas mantiveram em seu texto a mesma definição de nacionalidade, reforçando o direito de solo.

primeira forma, a de identificação, pois não foram encontrados documentos até o momento que tenham dado algum indício de requerimento de dupla nacionalidade por parte dele.

Diferentemente da Constituição Brasileira, que prevê o direito de solo, as leis alemãs garantem a cidadania a partir do direito de sangue. De acordo com Dagmar E. E. Meyer (2003, p. 196, grifos do autor),

Na tradição brasileira, a cidadania é pensada basicamente como uma questão ligada ao território, o que no jargão jurídico é denominado *jus soli*, isto é, todo aquele que nasce em solo brasileiro. Inversamente, na tradição alemã domina o *jus sanguinis*, o que significa que se considera “alemão” todo aquele que possui “sangue alemão”, independente do solo em que tenha nascido. Neste caso admite-se que uma pessoa pode, juridicamente, ser cidadão de um outro estado que não a Alemanha, mas continuar pertencendo à abstração ‘povo alemão’.

Como expressa Lauri Emílio Wirth (2016, p. 141), em sua obra intitulada *Protestantismo e colonização alemã no sul do Brasil: memória de conflitos*, “[...] o conceito de cidadania alemã é fundamental, na medida em que a pertinência ao povo alemão pressupõe um vínculo sanguíneo e não meramente territorial. Alemão é, pois, quem possui sangue alemão, independentemente de seu lugar de nascimento”.

As razões para o reconhecimento da cidadania alemã pelo laço sanguíneo e a manutenção da germanidade¹⁵ junto aos imigrados estaria vinculada a questões de cunho político e econômico. De acordo com Wirth (2016, p. 141)¹⁶, em 1910, no Congresso Colonial realizado em Berlim, o Pastor Max Dedekind (1910, p. 1016) apontou que “Cada família alemã no exterior é um elo valioso do nosso povo”. Sob a ótica de que cada uma destas famílias, que se mantivesse ligada à sua pátria mãe, seja na condição de imigrante ou descendente estaria auxiliando no desenvolvimento econômico e na manutenção dos vínculos culturais.

Voltando-se para estas informações, no que se refere às questões da cidadania alemã para emigrados e descendentes, pode-se perceber a flexibilidade para a sua obtenção, pois era

¹⁵ De acordo com Cristina S. Wolff e Maria B. R. Flores (1994, p. 217-218), a ideia de germanidade como “[...] características de um imaginário étnico foi divulgada nas colônias alemãs do sul do Brasil pela imprensa de língua alemã, desde 1852”, foi intensificada nos periódicos da “Aldeutsche Verband” (Liga Pan-Germanica) de 1893 a 1918, e posteriormente, na propaganda nacional-socialista durante a década de 1930. Assim, livros e jornais escritos em língua alemã, “[...] exaltavam o valor do povo alemão e a sua superioridade em relação ao caboclo (brasileiro) circulavam nas áreas coloniais”. (WOLFF; FLORES, 1994, p. 217-218).

¹⁶ Para Wirth (2016, p. 140), as questões do reconhecimento da cidadania alemã pelo laço sanguíneo “Tratava-se também de uma estratégia para superar a crise econômica e social que sacudia a Alemanha na segunda metade do século XIX, o que pressupunha, acima de tudo, o fortalecimento do país na disputa expansionista das nações europeias. Nessa conjuntura, a emigração passaria a cumprir uma dupla função, qual seja, a de esvaziar os movimentos sociais que, ano a ano se tornavam mais numerosos e influentes e a de auxiliar na conquista de novos mercados para a economia alemã, o que pressupunha o vínculo cultural permanente dos emigrados com sua ‘pátria mãe’”.

permitido que qualquer um que tivesse sangue alemão em suas veias reivindicasse para si a cidadania alemã. Este era um pensamento recorrente nas zonas de imigração, pois possibilitava a manutenção dos vínculos com a “pátria mãe” para os imigrados. Porém, este mesmo pensamento de vínculo com a Alemanha acabou sendo transmitido para os seus descendentes que, passadas as primeiras gerações em solo brasileiro, perpetuava esta ideia de pertencimento ao povo alemão.

Nesta perspectiva, encontramos alguns autores, como Giralda Seyferth, que aponta que nas colônias de imigração criou-se um sentimento de pertencimento, que pode ser chamado de “germanidade”. Este “[...] inclui tudo o que pode ser entendido como étnico por referência à idéia de origem comum, ancestralidade e herança cultural”. (SEYFERTH, 1982, p. 3). Junto a esta forma de pensamento e às leis de reconhecimento da cidadania alemã pelo direito de sangue, desenvolveu-se nas colônias de imigração o que Irmgart Grützmann (1999, p. 67), chamou de “[...] uma grande família, uma comunidade baseada na descendência e ligada essencialmente por laços culturais e raciais”. No entanto, para que se possa compreender os laços que ligam este sentimento de pertencimento ao indivíduo, é necessário retroceder à mentalidade que foi trazida pelos primeiros imigrantes. De acordo com Seyferth (1992, p. 45, grifos do autor), os imigrados tinham em sua índole a *Volkstum*, que expressa a sua etnia e não diz respeito ao seu local de nascimento:

Deutschum é a *Volkstum* alemã, a essência da Alemanha, representando o mundo teutônico. *Deutschum* engloba a língua, a cultura, o Geist (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo que está relacionado com ela, mas como nação e não como Estado. Representando a solidariedade cultural e racial do povo alemão. Na tradição popular alemã do século XIX, os dois termos representavam a cultura popular germânica que fez com que os alemães tivessem uma consciência de uma grande fraternidade alemã a exemplo dos primitivos germanos; *Volkstum* e *Deutschum* portanto, trazem consigo a idéia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país.

Sob estas conceituações de germanidade, trabalhadas por Seyferth (1982) e Grützmann (1992), buscamos observar na figura do Pe. Rabuske, S. J. elementos que possam nos guiar na compreensão da sua definição como “cidadão brasileiro de etnia germânica”. Anteriormente, versou-se sobre a questão do reconhecimento como brasileiro e, também, sobre o direito que o Pe. Rabuske, S. J. tinha em denominar-se “alemão”, caso fosse de seu interesse a dupla nacionalidade. Em ambos os casos, ele estaria amparado pelas leis dos dois países. No entanto, mais adiante abordaremos alguns pontos que consideramos importantes para a compreensão do sentimento de germanidade, elementos que auxiliam no entendimento

dos motivos que o levaram a definir-se como de “etnia germânica”. Propõe-se, neste âmbito da germanidade, analisar as questões pertinentes à imigração ocorrida em Santa Cruz do Sul e a educação que se fazia presente junto aos meios públicos e privados, neste caso, as escolas paroquiais.

Nesta conjuntura do processo migratório e da fundação das colônias de imigração no Brasil, com ênfase nas alemãs, se desenvolveu o que chamamos de germanidade. Os alemães imigrantes procuravam cultivar em seus descendentes alguns dos hábitos e costumes da “pátria mãe” ao longo das primeiras gerações e, também, posteriormente, às futuras que, aqui no Brasil, ainda mantêm alguns dos vínculos culturais de seus antepassados, de modo que se “[...] constrói identidades que são colocadas de modo ambíguo entre passado e futuro”. (HALL, 2006, p. 56).

De certa forma, estas ambiguidades entre passado e futuro citadas por Hall (2006) apresentam-se como um elo para a compreensão das marcas que podemos reconhecer como vínculos de identidade. No caso do Pe. Rabuske, S. J., a sua cidade natal comemorou, no ano de 2018, a 34ª edição da Oktoberfest de Santa Cruz do Sul, festa que enaltece as tradições germânicas desde 1984 e que, mais uma vez, reforça seus laços com a imigração ocorrida em 1824 para o Brasil. Estes elementos, que pressupõem um vínculo, são a base para a formação de um sentimento de pertencimento, que discutiremos mais adiante com o intuito de perceber a sua influência junto à identificação com uma cultura.

O sentimento de pertencimento, neste caso à cultura germânica¹⁷, está diretamente vinculado à imigração alemã que ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul. O processo de ocupação do território riograndense, por parte de imigrantes vindo da Europa, em especial os de cultura germânica, levou à fundação da Colônia de Santa Cruz¹⁸ em 1847, junto ao município de Rio Pardo. E, segundo a pesquisa de Jorge Luiz da Cunha (1988, p. 102):

Assim, em dezembro de 1849 chegaram os primeiros colonos alemães para a nova colônia de Santa Cruz, ao todo, doze pessoas que ocuparam os primeiros lotes demarcados pelo engenheiro Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral a partir do começo de novembro do mesmo ano em terras devoluta, já sobre o primeiro degrau da serra, naquela que se chamaria Picada Santa Cruz ou ‘Alt Picade’ (Picada Velha).

¹⁷ O uso do termo “cultura germânica” foi empregado neste parágrafo devido às questões pertinentes ao processo de emigração que ocorria na Confederação Germânica. Como o processo de unificação dos Principados ocorreu somente em 1871, formando o Império Alemão, e o instituindo enquanto nação, optou-se pelo uso deste termo para referenciar as práticas culturais dos imigrantes, neste caso vinculadas à prática da língua falada e escrita.

¹⁸ A Colônia de Santa Cruz foi fundada em 1847 e pertencia ao Município de Rio Pardo que, naquele ano, através da Câmara Municipal, elevou a localidade à colônia para prover a comunicação com a região serrana da Província e, também, atrair o comércio à localidade.

Passados 29 anos de sua fundação, esta localidade atingiu em 28 de setembro de 1878 a sua emancipação. Neste período, o novo município já era considerado um dos principais núcleos da colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 3 - Vista parcial da Vila de Santa Cruz no início do século XX



Fonte: Cedoc – UNISC (apud NORONHA, 2012).

Ambrósio Schupp S. J. (1974, p. 86, tradução nossa)¹⁹ aponta que “a colônia se desenvolveu muito rápido. Um ano depois (1850) ela contava 62 colonos então foi firmemente em frente. Em 1859 contava 2409; já em 1863 – 3367, 1870 – 5809, 1872 – 7310 e 1889 – 18.000 habitantes”. Estas informações têm relevância, pois devemos considerar que, no momento do nascimento do Pe. Rabuske, S. J. (1924), o Município de Santa Cruz do Sul já com 77 anos, vivia diariamente sob os traços da imigração alemã, sendo comum que os imigrados ou descendentes carregassem consigo o sentimento de germanidade. Um exemplo disso é a prática do uso de duas línguas, português e alemão, esta última utilizada nas suas duas vertentes denominadas Hunsrückisch²⁰ (dialeto) e “Hochdeutsch”²¹ (gramatical), o que favorece a manutenção de um sentimento de pertencimento, neste caso a germanidade ou a

¹⁹ “Die Kolonie entwickelte sich sehr schnell. Ein Jahr spaeter (1850) zaehlte sie bereist 62 Ansiedler dann ging es stetig voran. Im Jahre 1859 zaehlte man 2409; 1863 schon 3367, 1870 – 5809, 1872 – 7310 und 1889 – 18.000 Bewohner.”

²⁰ O Hunsrückisch é um dialeto alemão falado na região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha. No Brasil, este dialeto ainda é utilizado nos dias de hoje em algumas regiões que receberam imigrantes alemães, como os Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo.

²¹ O Hochdeutsch, na tradução “alemão gramatical” surgiu após o processo de unificação (1871) dos Principados que formavam a Confederação Germânica. Tinha como intuito padronizar a língua falada e escrita destes territórios, que antes se encontravam sobre uma grande diversidade de dialetos.

cultura germânica. Neste sentido, apontamos para o Pe. Rabuske, S. J. que se identificava com os hábitos e costumes desta localidade.

De acordo com o próprio Pe. Rabuske, S. J., durante a elaboração e escrita de seu documento *CURRICULUM VITAE*, as práticas da comunidade santa-cruzense em fazer o uso de duas línguas se tornava um problema. Primeiro, pelo fato de as famílias de descendentes de imigrantes alemães manterem em seu convívio diário a prática e a manutenção da língua alemã, no caso o Hunsrückisch ou Hochdeustch. E, em segundo lugar, o uso da língua portuguesa, que era feito de forma constante junto aos órgãos e repartições públicas como, por exemplo, hospitais, delegacias, prefeitura e, principalmente, nas escolas públicas. O Pe. Rabuske, S. J., no que se refere às questões pertinentes ao uso da língua alemã e portuguesa na localidade de Santa Cruz do Sul durante o período em que frequentou a escola primária, nos relata que:

Seus primeiros contatos com o idioma luso-brasileiro provavelmente apenas se deram no 2º ano curricular, tendo sido de forma bastante rudimentar, pois predominava na família, sociedade e escola de Pinheiral, dos anos de 1933 a 1936, a prática generalizada da língua alemã, em dupla versão de dialeto e idioma oficial, dito ‘Hochdeutsch’ (Alemão gramatical). Obviamente se lhe constituiu em enorme desafio aprender a cantar de cor o hino nacional, tão longo e complicado em seu texto, do qual não entendia nada. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 1).

Observando este relato, podemos perceber que desde sua infância o Pe. Rabuske, S. J. esteve familiarizado com o idioma alemão. A prática do uso da língua alemã, mesmo que em dialeto ou gramatical, constituía-se como um hábito normal, sendo que o ensino da língua portuguesa só vinha a acontecer após o ingresso dos filhos de imigrantes ou descendentes nas escolas paroquiais, comunitárias ou públicas.

Cabe aqui fazer um pequeno parêntese no que consiste ao ensino escolar neste período. De acordo com Ullmann (1989, p. 124) a situação do ensino público no Rio Grande do Sul durante o Brasil Império era caótica, já que “[...] essas escolas não tinham, em sua grande maioria, prédios próprios, funcionando, pois, em casas particulares ou em galpões”. Este mesmo cenário estará presente, posteriormente, nas escolas dos imigrantes alemães, principalmente durante os primeiros anos da implantação dos chamados educandários, que tinham como função dar a base do ensino, ou seja, ensinar a ler e a escrever.

No caso dos imigrantes alemães católicos, pode-se dizer que, após a vinda dos primeiros padres jesuítas de língua alemã para São Leopoldo, em 1849, houve a instalação das primeiras escolas paroquiais nas colônias, que ficavam, geralmente, junto à Igreja, capela ou o salão paroquial. O ensino nestes locais era ministrado predominantemente em língua alemã,

sob a orientação dos padres jesuítas. De acordo com Ullmann (1989, p. 129), “[...] o ensino visava à vida prática, cotidiana, do filho do imigrante. Por isso, a tabuada constituía um ponto alto. Sabê-la de cor, de 1 a 20, era questão de honra”.

Este mesmo sistema de educação perdurou durante as primeiras décadas do Brasil República. De acordo com o Pe. Rabuske, S. J. ([2000?], p. 1):

De seus 8 aos 12 anos de idade cursou (A.R.) o primário na Escola Paroquial Sagrada Família de Pinheiral, cujo professor era um só, de nome Huberto Schuster, de formação normal, cabendo-lhe todas as disciplinas, ministradas numa única sala, que importava, outrossim, em um ressoito sagrado da capela comunitária.

Nesta conjuntura da prática do ensino junto à região de imigração, é possível perceber a precariedade do sistema escolar. Sendo este já utilizado desde o período Imperial, o Pe. Rabuske, S. J. começou a frequentar a escola primária em 1932, tendo sua base educacional sob as mesmas diretrizes. E, de acordo com seu relato, este sistema educacional ainda perdurava durante a sua formação inicial. No entanto, antes de existirem as escolas paroquiais, os professores das Linhas e Picadas exerciam um papel fundamental. Amstad S. J. (1924, p. 415 apud ULLMANN, 1989, p. 133) aponta que:

[...] um testemunho famoso sobre as realizações dessas escolas, dão-nos os missionários espanhóis, que, em 1945, visitaram aquelas Picadas. Não sabem como enaltecer suficiente o fato de as crianças estarem bem preparadas por seus professores para a solenidade da Primeira Comunhão e de estas se portarem, em todas as cerimônias, com atitude religiosa.

Atendo-se à observação de Amstad (1924 apud ULLMANN, 1989), é possível perceber um elemento fundamental nestas escolas, mesmo antes da atuação dos jesuítas de língua alemã nas regiões de colonização, que é a importância do professor, que mais tarde também terá o seu destaque junto às escolas paroquiais, implantadas junto às colônias com a fundação de Igrejas e capelas que atendiam as necessidades religiosas dos colonos.

No entanto, faz-se necessário aqui dissertar sobre o papel do professor, porque ele será a base para a manutenção do que chamamos anteriormente de “germanidade” ou sentimento de pertencimento.

O professor paroquial não era apenas professor. Suas incumbências desdobravam-se em múltiplas atividades. Ele convocava as reuniões para tratar de assuntos comunitários; ele auxiliava o padre na missa, cabendo-lhe dirigir os cantos; ele, aos domingos, não havendo sacerdote, ficava à frente da comunidade para rezar o terço e

ler, com comentário, uma passagem do *Goffiné*²². O nome dessas reuniões religiosas é *Andacht*²³. Ele, na ausência do ministro de Deus, fazia o sepultamento dos mortos; ele convocava os colonos para mutirões; ele buscava harmonizar desavenças entre os de sua comunidade; ele encabeçava as representações comunitárias junto às autoridades civis e junto as instâncias políticas. Ele, enfim, promovia a cultura, estimulando a leitura de jornais, de almanaques, a realização de teatro, a fundação e apresentação de corais. (ULLMANN, 1989, p. 133, grifos do autor).

De acordo com este parágrafo da obra de Ullmann (1989), o papel desenvolvido pelo professor paroquial é de destaque junto à comunidade onde atuava. Devido às adversidades enfrentadas pelas comunidades de colonos alemães durante os primeiros anos de fundação de suas colônias, o professor passou a ser o elo central da mesma, depois do Padre ou Pastor, tornando-se, de certa forma, uma fonte fundamental para a manutenção da cultura germânica e seus costumes e a perpetuação do hábito de falar o alemão. Estes elementos, que se constituem junto à sala de aula, como a língua, por exemplo, auxiliam na formação do que abordamos anteriormente como identidade.

Como já foi mencionado, a língua se constitui como uma forma de identificação, e ponderando sob este viés, os professores paroquiais, desenvolveram sem nenhuma restrição o ensino do alemão junto às escolas das comunidades de imigração. Neste cenário do ensino, as metodologias ou a língua que deveria ser ministrada em sala de aula não seguiam nenhuma normativa imperial ou resolução da República brasileira. Até meados da década de 1930, período em que o Pe. Rabuske, S. J. frequentou o primário, não havia nenhum impedimento quanto ao ensino da língua alemã, favorecendo a sua difusão junto aos descendentes dos imigrados.

De acordo com Lúcio Kreutz (2003, p. 136-137), em seu texto *Língua de referência na escola teuto-brasileira*,

A partir de 1898, a orientação da Associação de Professores Teuto-Brasileiros Católicos era no sentido de que o alemão fosse a língua-base para suas escolas paroquiais. Nos dois primeiros anos o ensino seria exclusivamente em alemão. A partir da terceira série continuaria em alemão, mas o aluno seria gradativamente introduzido no português. Esta orientação valia como princípio e como programa para a escola. [...] Pode-se dizer, contudo, que, com poucas exceções, a escola teuto-brasileira católica funcionava predominantemente em alemão até 1937/8, ministrando o português em algumas horas semanais, a partir da terceira série. Isto não era suficiente para que o aluno falasse bem. Quando havia escola pública nas proximidades, algumas famílias enviavam seus filhos a estas escolas, de forma complementar, para que aprendessem o português.

²² *Goffiné* ou Manual do Cristão, contém uma explicação das Epístolas e Evangelhos dos domingos e demais dias santos, além de um curso completo de instruções morais, litúrgicas e dogmáticas distribuídas em harmonia com o Evangelho do dia.

²³ *Andacht* é uma palavra alemã que significa “devoção”. Nas regiões de colonização teuto-católicas, os fiéis se reuniam nos domingos, na capela, mesmo quando não havia um padre, para rezarem o terço e ouvir uma parte do Evangelho, que era comentado pelo professor ou *Kirchenvorstand*, “presidente da capela”.

Lançando um olhar sobre a educação nas colônias de imigração e as questões apontadas por Lúcio Kreutz (2003), podemos observar que a alfabetização recebida pelo Pe. Rabuske, S. J. durante a sua infância e posteriormente, estava pautada no uso constante da língua alemã. De acordo com ele, a sua educação primária aconteceu na Escola Paroquial Sagrada Família, de Pinheiral, onde foi alfabetizado “[...] em letra gótica inicialmente e apenas mais tarde em letra latina”. (RABUSKE S. J., [2000?], p. 1). A partir disto, pode-se fazer o exercício de observar o Pe. Rabuske, S. J. quanto a este sentimento de germanidade. Desde seu nascimento, ele esteve sob a influência diária de hábitos e costumes que foram passados pelas gerações de descendentes de imigrantes alemães, quer seja junto ao meio familiar, ou social, pois, como aponta Pacheco (2007), “[...] a identidade cultural não é ‘natural’ nem inerente ao indivíduo, ela é preexistente a ele, e como a própria cultura se transforma”. Sob estes aspectos, podemos refletir sobre as práticas escolares vividas por Rabuske, considerando que estavam pautadas por um modelo já pré-concebido, neste caso, em língua alemã²⁴.

Uma prática comum naquele período foi o uso corriqueiro da língua alemã, mesmo que em suas duas versões, dialeto e gramatical. Mesmo estando em outro país, os imigrantes e suas primeiras gerações mantiveram os laços com a língua materna de seus antepassados, o que se constitui em forma curiosa de fazê-lo, já que é comum, no curso de um processo migratório, que as gerações subsequentes percam gradativamente a identificação com seus ascendentes e passem a identificar-se com o local onde se encontram.

Voltando-se ao processo de alfabetização e aos primeiros anos de vida escolar do Pe. Rabuske, S. J., observa-se que ele esteve inserido em um meio social no qual a prática predominante do uso da língua alemã norteava as atividades sociais, religiosas e educacionais. Estas práticas perduraram junto a este núcleo nas gerações que sucederam os primeiros imigrantes, mas tiveram, paulatinamente, através da Campanha de Nacionalização²⁵ do

²⁴ Conforme Silvio Luiz Martins Brito (2016) em *O ensino da aritmética nas escolas paroquiais católicas e no Ginásio Na. Sa. Da Conceição de São Leopoldo nos séculos XIX e XX sob a óptica dos jesuítas*, o estudo da matemática nas escolas paroquiais, de qualquer forma, se relacionavam com o Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. O ensino era com exercícios traduzidos, não apenas em língua alemã, mas com medidas, pesos e valores usados na época. Tudo adaptado à cultura alemã, às vezes, fazendo a relação com os pesos e valores do Brasil com o intuito de facilitar o comércio com os colonos.

²⁵ A Campanha de Nacionalização estava comprometida com a ideia de formar uma identidade nacional brasileira, promovendo, através do enaltecimento dos símbolos nacionais, a criação de um sentimento comum. Neste processo, utilizou-se como forma de veicular esta ideia os meios de comunicação e a difusão de cartilhas escolares. De acordo com René Gertz, em sua obra *O perigo alemão* (1991, p. 7) “a partir de 1937, [...] consideravam que uma rígida campanha de ‘nacionalização’ garantiria o estabelecimento definitivo da unidade e homogeneidade étnico-cultural-religiosa no Brasil”. Junto às colônias de imigração, esta campanha impôs, a partir de 1938, a nacionalização do ensino. Instituiu-se a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa, renomeação das escolas com nomes estrangeiros para brasileiros, ocupação de cargos de direção somente para

governo de Getúlio Vargas, seus hábitos alterados ao tornar a língua portuguesa obrigatória junto às escolas, reduzindo a língua alemã ao segundo plano e, até mesmo, a sua proibição durante o período do Estado Novo e Guerra Mundial. Optou-se, neste momento, por padronizar o uso do idioma português em todo território nacional.

No que tange à educação obtida pelo Pe. Rabuske, S. J. e o período no qual cursou o nível secundário²⁶, que abrange os anos de 1937 a 1943, pode-se observar aqui o que Lúcio Kreutz (2003) apontou como os anos em que obrigatoriamente se iniciou o uso da língua portuguesa junto das escolas paroquiais, comunitárias ou públicas. Mesmo que em horas reduzidas – de três a quatro horas semanais –, dava-se aos alunos uma base da língua escrita e falada, o que, posteriormente, iria contribuir com o processo de nacionalização proposto pelo governo federal do período. Mais uma vez, pôde-se perceber os reflexos na alfabetização primária do Pe. Rabuske, S. J., pois, junto da conjuntura de mudanças realizadas no currículo escolar com a inserção da língua portuguesa, observamos uma comunidade de imigrantes que está sob a influência contínua de outra língua, a alemã. Assim, apontamos para um período de transição pelo qual este jesuíta passou durante o tempo que frequentou a escola de nível primário e secundário. Alfabetizado primeiramente em alemão e posteriormente em português, seus laços de identificação estavam voltados para a primeira língua com a qual teve contato.

Ao iniciarmos este subcapítulo, interrogávamos: “cidadão brasileiro de etnia germânica um sentimento de pertencimento?”. Constatamos, com Farias e Souza (2011, p. 37), que “o sujeito é, a um só tempo, individual e social; é parte e é todo”, pois o Pe. Rabuske, S. J. foi paulatinamente moldado pela sociedade em que viveu, neste caso Santa Cruz do Sul, dentro de um contexto cultural germânico. Posteriormente, estes laços foram reforçados ao ingressar na escola de nível primário. Junto ao ambiente escolar, a figura do professor paroquial consistia em um forte elo para a manutenção do sentimento de pertencimento, que também estava ligado ao trabalho desenvolvido pela Ordem dos Jesuítas de língua alemã junto às colônias de imigração, pois os mesmos perpetuavam a continuidade da língua escrita e falada. Como expressa Hall (2006, p. 8), “‘identidades culturais’ como aspectos de nossas identidades sugerem ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

brasileiros natos, os professores deviam ser brasileiros ou naturalizados, com formação em escolas nacionais, as aulas deveriam ser ministradas em português e proibia-se o ensino de línguas estrangeiras para menores de 14 anos.

²⁶ O ensino secundário estava estruturado em dois níveis: Ginásio, com a duração de quatro anos, seguido do Colégio, com duração de três anos. Em termos de conteúdo, ambos estavam voltados para o campo das Ciências Naturais e Humanas.

Assim, pressupomos que, no caso do Pe. Rabuske, S. J., a identificação com a etnia germânica está fortemente ligada à língua, pois desde seus primeiros dias de vida esteve exposto a esta forma linguística, mesmo estando em um país cujo idioma oficial era o português. E, ao ingressar na escola, tendo sido alfabetizado primeiramente em alemão, tornou esta língua, a sua base de referência. O Pe. Rabuske, S. J. era um “cidadão brasileiro” por ter nascido neste país, mas, também, de “etnia germânica”, por ser descendente de imigrantes e, principalmente, por ter em sua base de alfabetização a língua alemã, o que, para além do vínculo de sangue, o torna, por meio da identidade cultural, segundo Hall (2006), pertencente a uma cultura linguística que, para Seyferth (1982), constitui o *Deutschum*, por englobar a língua, reforçando o sentimento de germanidade.

2.3 De uma Formação Básica Bilíngue ao Curso Superior em Letras

Após a conclusão da formação de nível primário, que foi primeiramente em língua alemã e, posteriormente, em língua portuguesa, levando em conta a ênfase da Campanha de Nacionalização do Governo Federal, pode-se dizer que o Pe. Rabuske, S. J. teve uma formação inicial bilíngue, o que ocorreu com uma grande parcela da sociedade santacruzense. No entanto, e em muitos aspectos, esta formação bilíngue tinha como intuito facilitar a comunicação entre os colonos alemães e seus descendentes e os nativos brasileiros de língua portuguesa. A compreensão verbal entre as duas culturas favorecia tanto o desenvolvimento econômico quanto social.

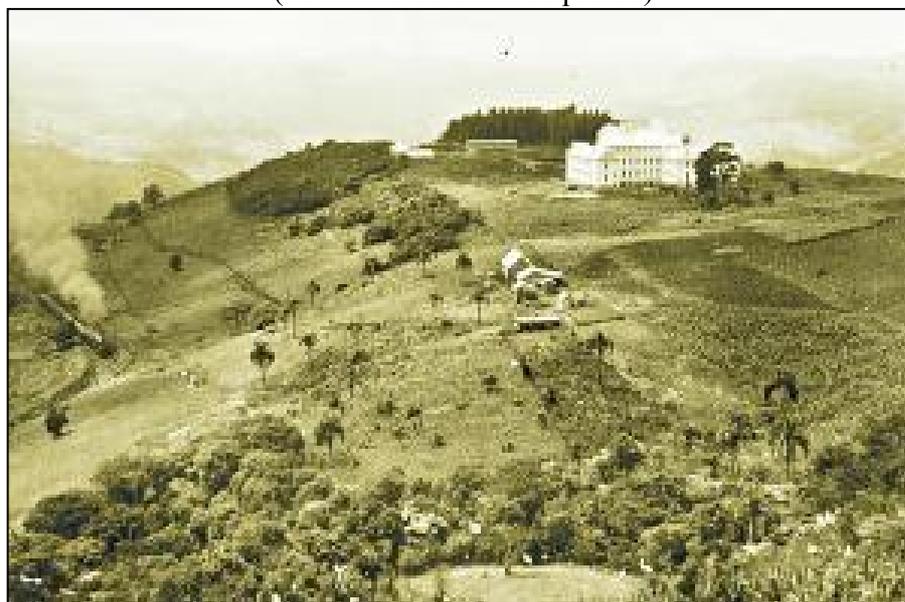
Nos aspectos ligados à educação que o Pe. Rabuske, S. J. recebeu em seus primeiros anos de vida, deve-se levar em consideração o fato da aprendizagem inicial ocorrer em língua alemã. Desde seu nascimento, e progressivamente com o passar dos anos, ele esteve sob a influência de sua língua materna, o alemão. Considerando os fatores migratórios e a perpetuação do vínculo com a pátria mãe de seus antepassados, é plausível cogitar a sua relação com os hábitos e costumes de origem alemã, pois é possível observar que, no que se refere às colônias de imigração, estas tiveram liberdade para prover a educação. Sob este olhar, compreende-se o sentimento de pertencimento ou identidade que cerca o Pe. Rabuske, S. J..

Assim, pensando nos vínculos familiares, pautados na cultura alemã e nos indícios da Campanha de Nacionalização do governo Vargas, pressupõe-se que o jesuíta viveu o momento de transição do currículo escolar, onde, paulatinamente, aumentou-se o número de horas da disciplina de português, buscando formar cidadãos brasileiros aptos nesta língua.

Nesta perspectiva, este momento da educação de nível primário serve como um formador do sentimento de pertencimento. É por estas razões que o Pe. Rabuske, S. J. se define como um “cidadão brasileiro” ao mesmo tempo em que reafirma a sua origem de “etnia germânica”.

No que se refere à formação de nível secundário, que podemos equiparar atualmente ao ensino médio, o Pe. Rabuske, S. J. frequentou o que em seu *CURRICULUM VITAE* chamou de Escola Apostólica²⁷, denominada de Colégio Santo Inácio²⁸. Esta instituição, dirigida pelos padres jesuítas de predominância alemã, foi fundada em Santa Cruz do Sul no ano de 1934, na região conhecida como Kappersberg²⁹.

Figura 4 - Vista do Colégio Santo Inácio (no canto superior Direito) e parcial da linha férrea (ao centro do canto esquerdo)



Fonte: Seminário Santo Inácio (2010).

²⁷ As Escolas Apostólicas eram centros educativos ou residenciais, originalmente vinculados a um colégio da Companhia de Jesus. Elas estavam destinadas a estudantes pobres que aspiravam ser missionários em alguma ordem religiosa. Albéric de Foresta, jesuíta desde 1837, abriu a primeira escola apostólica em Avignon em 1865. Para sua maior eficácia, e para evitar o deslocamento constante dos alunos, estes “residían em una casa aparte bajo la dirección de jesuítas y asistían a las clases del colégio”. (O’NEILL; DOMÍNGUEZ, 2001, p. 687).

²⁸ Conforme A. Lermen e S. Specht (1999), o Colégio Santo Inácio foi inaugurado em 17 de fevereiro de 1937. As atividades de sua construção teriam iniciado em 1934, quando os jesuítas teriam sentido a necessidade de prover um local adequado para a formação dos futuros padres. No distrito de São Salvador, teriam encontrado um local propício para esta empreitada. Em 15 de agosto de 1934 foi realizada a primeira missa numa casinha alugada do Sr. Pedro Hummes, sendo nesta data designado o nome de “Colégio Santo Inácio” ao novo estabelecimento.

²⁹ Em 1840, com a chegada dos primeiros alemães, São Salvador, atual Salvador do Sul, passou a ser chamada de Kappesberg (LERMEN; SPECHT, 1999, p. 20). De acordo com os autores citados, existem três possibilidades para a criação desta denominação: a primeira é de que a região montanhosa arredondada lembrava uma cabeça e, por isso, recebeu a denominação *Kappes* = cabeça (Em Hunsrückisch, cabeça= *Kop* e em alemão, cabeça = *Kopf*) e *Berg* = montanha; a segunda remete à união da família de Nicolau Kraemer e de Jacob Kappes; a terceira conta que um senhor, de nome desconhecido, ao receber a visita de um amigo, teria feito o seguinte comentário a respeito da sua plantação de repolhos: “Das ist werglich em kapsberg”, na tradução livre em Hunsrücksich: “Isso é mesmo um morro de repolhos”.

Sua construção, iniciada em 1934 e parcialmente findada em 1937, passou por vários percalços, desde a aquisição do imóvel até o funcionamento adequado de todas as dependências da Instituição. Porém, entre os primeiros alunos desta escola, podemos citar Arthur Rabuske, S. J. ([2000?], p. 2):

De 1937 a 1943 inclusive, foi pensionista na Escola Apostólica denominada ‘Colégio Santo Inácio’, fundado e dirigido por padres jesuítas predominantemente ‘alemães’ no ‘Kappesberg’, morro sombranceiro à Estação São Salvador, hoje cidade de Salvador do Sul, RS. Fez ele parte da 1º turma de ‘novatos’, perto de sessenta, que ali começou em 1937 sua formação de nível médio.

De acordo com Milton L. Valente, S. J. (1997, p. 158), professor do Colégio em 1937, “[...] as aulas começariam a 24 de fevereiro. Até lá, o trabalho mais urgente era o da arrumação da casa pouco antes desocupada pelos filósofos veranistas”³⁰. Entre seus apontamentos sobre a vida no Colégio Santo Inácio no ano de 1938, indica que o que mais fascinava a vida colegial do Kappesberg era o chamado “passeio grande”. Nestas saídas da instituição, os alunos andavam pela vizinhança, que, diga-se de passagem, ficava a uma distância considerável da escola. O mesmo autor relata que o primeiro “passeio grande” ocorreu,

[...] a 29 de março à vivenda de um italiano. Tivemos ensejo de ver uma ótima criação de carpas. Não será exagero dizer que havia alguns milhares de peixinhos nos diversos tanques. E o dono vendeu dúzias deles a 6\$000. Fomos também à vinha. Cada qual recebeu dois cachos de uva e licença de experimentar as diferentes espécies. (VALENTE, 1997, p. 159).

O “passeio grande” pode ser considerado um dos aspectos do cotidiano deste colégio. Mas, em relação à educação, esta instituição oferecia duas modalidades, que estavam pautadas no ensino secundário completo: uma para os candidatos à Companhia e outra para alunos externos. Para os externos, a educação estava pautada no aprofundamento dos estudos de base e a preparação para estudos futuros, de nível superior. Em geral, eram tratados como pessoas leigas normais, embora praticassem alguns exercícios próprios de todo o cristão católico praticante. Já no caso dos estudantes religiosos, dedicavam-se exclusivamente aos estudos,

³⁰ Era desejo dos padres da Companhia de Jesus possuir ao menos uma casa ou colégio em uma altitude maior. Como todos os atuais colégios se localizavam numa altitude semelhante ao nível do mar, o calor era intenso no verão, principalmente no Seminário Menor de São Leopoldo. Era de desejo dos superiores da Vice-Província poder mandar os escolásticos para as montanhas durante as férias quentes do verão. O local escolhido devia situar-se no alto, mas, devido o frio do inverno, não tão alto, e, preferencialmente, nos limites entre as colônias alemãs e italianas. Estas exigências foram atendidas na região da Estação de São Salvador. Assim, o Colégio Santo Inácio, que deveria assumir a Escola Apostólica, também tinha como função atender os escolásticos. Após erguer o Colégio, se deveria construir um prédio para eles, que poderia servir de casa de retiro durante o ano e de férias no período do verão.

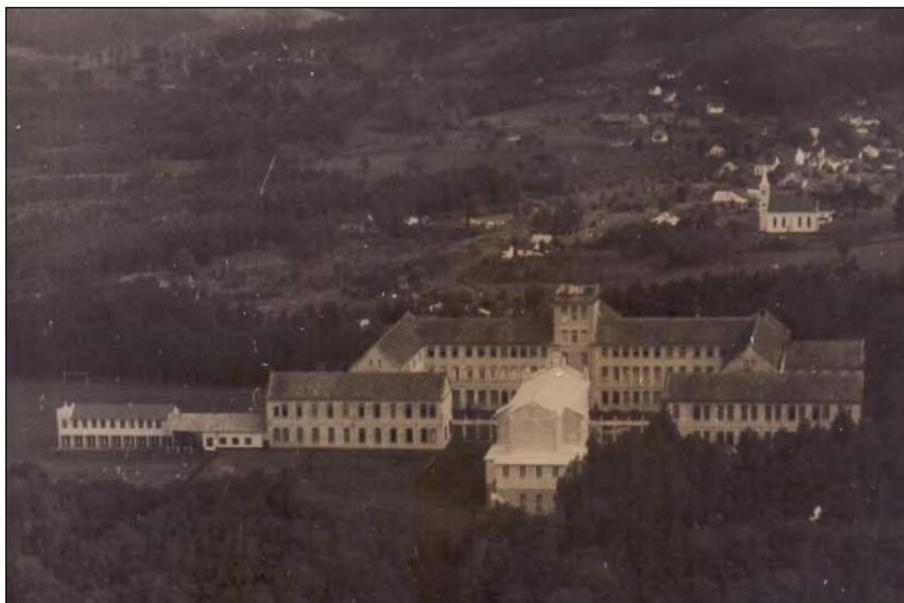
sendo vetada qualquer outra atividade que os desviasse de sua formação. Geralmente antes de serem aceitos na Companhia, deviam cursar estudos clássicos ou humanísticos³¹ como base para a formação em filosofia e teologia.

Na rotina dos alunos do Colégio Santo Inácio ainda havia os horários livres de estudo, os quais podiam se passar na biblioteca. Este espaço, que contava com um acervo diversificado de títulos, que iam desde literatura, ciência, até arte e cultura em geral, proporcionava aos alunos uma leitura variada de temas e assuntos, que tinham como intuito abrir os horizontes para além da vida escolar.

No entanto, além dos estudos, também era de obrigação dos estudantes realizar algum trabalho, desde a limpeza da casa, a preparação do refeitório, o serviço à mesa, a leitura à mesa, trabalhos no campo, plantando, capinando e cultivando as plantas. Schmitz, S. J., E. (1997, p. 117), que foi aluno em 1942, aponta que “era a parte prática da educação. Alguns padres especialistas convidavam alguns alunos para trabalharem com eles, para aprenderem os segredos das ciências e das artes”. Em parte, esta era a formação para além dos livros, mas que, ao mesmo tempo enquanto educava, desenvolvia as habilidades manuais e cotidianas, auxiliando ao mesmo tempo na manutenção dos espaços de convivência.

³¹ De acordo com Nimrod Aloni (2011), teoricamente a Educação Humanista pode ser classificada em quatro diferentes formas ou abordagens. A primeira pode ser chamada clássica, que implica essencialmente a existência de um ideal de perfeição humana que deve servir como modelo universal e objetivo para regulamentar a educação de todos os seres humanos em todas as suas potencialidades. A segunda forma de educação humanista é mais comumente conhecida como enfoque romântico, naturalista ou terapêutico. A terceira forma de educação humanista é existencialista, baseada, principalmente, nas intuições filosóficas de Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Jaspers, Sartre, Camus e Buber. A quarta forma da educação humanista é mais frequentemente identificada com a Educação Radical ou Pedagogia Crítica e com as teorias pedagógicas de Freire, Apple, Giroux, Simon e Kozol. Seu ideal é obter em seus estudantes a correta integração, bem como a correta tensão, entre o compromisso com padrões culturais elevados e um forte senso de individualidade tanto na forma de autonomia como na de autenticidade.

Figura 5 - Vista do Colégio Santo Inácio em 1978, com todos seus prédios concluídos



Fonte: Seminário Santo Inácio (2012).

Porém, no que toca à educação recebida pelas crianças santa-cruzenses, os Jesuítas já estavam a par de sua situação. De acordo com Jorge A. Lutterbeck S. J. (1977, p. 95), os primeiros padres de língua alemã ou alemães notaram, desde o início, que se fazia necessária uma educação básica aos filhos de colonos e uma orientação espiritual a estas comunidades, já que “[...] era justamente a ignorância do povo uma das causas principais do indiferentismo crescente no seio da colônia teuta do Rio Grande do Sul”. Para sanar, em um primeiro momento, tamanha falta, “[...] suas primeiras providencias para a instrução e catequese foi a de instalarem escolas primárias, antes de tudo, paróquias, nas picadas mais distantes do interior gaúcho”.

Tamanho esforço foi profícuo com o passar dos anos. Como um exemplo, Lutterbeck (1977) cita que “[...] em 1927, por exemplo, só as Paróquias de Santa Cruz do Sul e Montealverne tinham 38 escolas primárias paroquiais, com 1.113 alunos, e 2 Colégios Secundários, dirigidos respectivamente por Irmãos Maristas e Irmãs Franciscanas”. Mesmo tendo o texto de Lutterbeck um caráter laudatório, pois, de modo geral, sua obra é comemorativa aos cinquenta anos de fundação da Província Sul-Brasileira S.J., por outro lado, traz dados importantes com relação ao número de escolas paroquiais sob a responsabilidade da Companhia de Jesus, aos quais teve facilmente acesso devido a sua posição, como membro da Companhia.

No entanto, Schmitz (1997) reconhece que os padres jesuítas que atuavam junto ao Colégio Santo Inácio tinham a compreensão das falhas educacionais das escolas paroquiais no que diz respeito ao aprendizado do português. De acordo com ele,

Como a maioria dos alunos provinha de famílias simples, da colônia, eles não possuíam grandes conhecimentos, especialmente de português, pois muitos deles tinham frequentado escolas que apresentavam grandes deficiências, especialmente referente ao domínio e o uso de língua nacional. E, em casa, geralmente falavam ou alemão ou italiano. Fazia-se, pois, necessário reforçar o ensino de língua portuguesa, além das outras disciplinas. (SCHMITZ, 1997, p. 115).

Tendo nascido em 1924, a educação primária do Pe. Rabuske, S. J. esteve pautada não somente nos critérios citados anteriormente, quando abordadas as questões pertinentes ao sentimento de germanidade, mas em um modelo educacional primário elaborado pela Companhia de Jesus. Em sua essência, estes primeiros anos compreendiam o ensino de leitura e escrita em suas formas básicas e das quatro operações básicas de aritmética (matemática), além da formação religiosa, preparatória para receber o sacramento da Primeira Comunhão.

Um ponto relevante, e que pode ser observado, é quando Lutterbeck (1977) aponta para o número de escolas paroquiais em Santa Cruz do Sul em 1927, sendo que somente duas eram de nível secundário, das quais os jesuítas não eram administradores. Porém, dez anos mais tarde, em 1937, temos a inauguração do Colégio Santo Inácio, fundado e dirigido por jesuítas alemães ou descendentes, do qual o Pe. Rabuske, S. J. fez parte da primeira turma, pois iniciou o nível secundário neste ano junto à instituição.

Cabe ainda ressaltar que, desde seu ingresso na escola primária, o Pe. Rabuske, S. J. esteve sob a tutela, no âmbito educacional, da Companhia de Jesus, primeiramente com um professor paroquial e, sucessivamente, no secundário, com os padres jesuítas. Estes, de acordo com Schmitz (1997), tinham uma grande preocupação com o ensino da língua portuguesa, o que atendia às exigências citadas por Kreutz (2003) no que tange ao ensino da língua nacional.

O que deve ser observado, em meio a tantos dados aos quais se faz referência, é que a atuação da Companhia de Jesus junto das escolas paroquiais e colégios contribuiu para que o Pe. Rabuske, S. J. vivesse em um momento de expansão do ensino básico e colegial para os filhos dos colonos. A valorização da educação enquanto forma de conhecimento e cultura, foi gradativamente sendo disseminada junto às comunidades dos imigrantes, fossem estas católicas ou protestantes, o que auxiliou no desenvolvimento econômico e social.

Ao final do ano de 1942, o Pe. Rabuske, S. J. concluiu seu ensino de nível secundário e, por razão de completar 18 anos de idade, foi obrigatoriamente submetido aos préstimos do

serviço militar. No decorrer de 1943, esteve a serviço do “Tiro de Guerra”³², tornando-se, ao final daquele mesmo ano, reservista de 2º classe ou categoria.

Estando liberado do serviço militar, “Pelo mês de novembro de 1943 fez exame de admissão como candidato a noviço da Companhia de Jesus, ao contar com 19 anos de vida”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 2)³³. O Pe. Rabuske, S. J. foi admitido, de acordo com seus registros, em 28 de fevereiro de 1944, passando, neste momento, a ser um religioso da Companhia de Jesus, pertencente à Província do Brasil Meridional.

Quanto à educação recebida pelo Pe. Rabuske, S. J. durante o período em que frequentou a escola primária e secundária, pode-se dizer que havia encerrado um ciclo. Diferente do restante dos membros da sociedade na qual ele vivia, o meio civil, agora ele passava para uma nova etapa, não somente de sua formação intelectual, referindo-se à formação de nível superior, mas, também, de status, pois após sua admissão na Companhia de Jesus, passou a ser considerado um religioso, mesmo que em processo de formação, e isto dava-lhe uma posição de destaque diante aos demais membros da sociedade.

Em virtude de sua admissão à Companhia de Jesus, o Pe. Rabuske, S. J. foi enviado para Pareci Novo, então distrito do Município de Montenegro, com o intuito de dar continuidade a seus estudos no Colégio São José³⁴. Esta primeira etapa da formação jesuítica recebe o nome de noviciado³⁵.

³² Os Tiros de Guerra se apresentam como uma experiência entre o exército brasileiro e a sociedade civil. Desta parceria entre o poder público e militar, que remonta suas origens nos primeiros clubes de tiro ao alvo no Brasil, permite proporcionar aos jovens, principalmente aos que vivem em áreas do interior, a oportunidade de atenderem a lei de Serviço Militar. “[...] mais que o caráter obrigatório, essa modalidade de Serviço Militar configura um direito do cidadão em dar sua contribuição, ainda que modesta, para a defesa da Pátria, conciliando sua vida cotidiana com sua rotina de trabalho, estudo e convívio familiar”. (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2018, p. 1). Conforme Herbet Bergesch (2000), os Tiros de Guerra eram espaços de treinamento onde os jovens obtinham - ao serem aprovados no exame - sua carteira de reservista do Exército, como soldados de segunda classe. Por terem concluído o treinamento e serem aprovados no exame, não precisavam prestar o serviço militar nos quartéis do Exército, conforme regulamentado pelo Marechal Hermes da Fonseca, ministro da guerra, em 1908. O treinamento nos Tiros era preferido pela maioria dos jovens, principalmente os da zona rural, que auxiliavam a família no cultivo da terra. Outro fator a ser considerado é que muitos destes jovens ainda tinham dificuldades de se expressar com a língua portuguesa, pois, em casa, com a família, o mais comum era o uso do dialeto alemão.

³³ O exame de admissão citado pelo Pe. Rabuske, S. J. se refere, em parte, ao processo por ele já vivido junto ao Colégio Santo Inácio. Geralmente, o candidato era chamado a vivenciar durante algum tempo a vida comunitária, de modo a identificar-se com a Ordem. Posteriormente, ele era convidado a discernir sobre a mística vocacional. Se fosse de sua vontade, e estivesse consciente do modelo de vida escolhido, ele era convidado para ingressar no corpo da Companhia.

³⁴ Em 1894 por indicação do Pe. Teodoro Amstad, S. J., os Superiores da Missão compraram outro terreno em Pareci Novo, para onde transfeririam em breve a instituição do Seminário Menor de São Sebastião do Caí. A partir de abril de 1901 o novo prédio passou a receber os seminaristas que ingressavam no noviciado e juniorado, até o seu fechamento definitivo em 1994.

³⁵ O Noviciado corresponde à formação inicial de qualquer jesuíta. O seu tempo de recolhimento é de dois anos e tem como objetivo ajudar o noviço no conhecimento da Companhia de Jesus, no caminho da oração e no aprofundamento do autoconhecimento.

Figura 6 - Seminário de Pareci Novo em 1901, Município de Montenegro



Fonte: Klein (2014a).

Nesta instituição, o Pe. Rabuske, S. J. deu início ao curso de Estudos Humanísticos. De acordo com o Plano Pedagógico da Companhia de Jesus, o aluno iniciava o curso de humanidades que, de acordo com a *Ratio Studiorum*³⁶, se denominava estudos inferiores. Franca (1952, p. 27-28) aponta que o currículo estava disposto na seguinte organização:

- I - Currículo Teológico - 4 anos
 - Teologia Escolástica. 4 anos; dois professores, cada qual com 4 horas por semana.
 - Teologia Moral. 2 anos; dois professores com aulas diárias ou um professor com duas horas por dia.
 - Sagrada Escritura. 2 anos com aulas diárias.
 - Hebreu. 1 ano, com duas horas por semana.
 - II- Currículo Filosófico – 3 anos
 - 1º ano – Lógica e introdução às ciências; um professor; 2 horas por dia.
 - 2º ano – Cosmologia, Psicologia, Física - 2 horas por dia, Matemática – 1 hora por dia.
 - 3º ano – Psicologia, Metafísica, Filosofia moral – dois professores. 2 horas por dia.
 - III – Currículo Humanista – 3 anos
- O currículo humanista corresponde ao moderno curso secundário, abrange no *Ratio* cinco classes:
- Retórica
 - Humanidades
 - Gramática Superior
 - Gramática Média
 - Gramática Inferior.

³⁶ De acordo com Costa (2004), a *Ratio Studiorum*, “expressa o modelo ideal de formação, de educação dos estudantes nos colégios e universidades”. Este modelo educacional apontado por Miranda (2009) expressa que “A pedagogia da *Ratio* pretende que o educando, a partir da sua liberdade, desenvolva ao máximo, de modo harmônico e segundo uma hierarquia de valores, as suas disposições espirituais e as suas faculdades mentais, volitivas e afectivas, de acordo com a sua verdadeira natureza e destino”. (MIRANDA, 2009, p. 41).

Este curso de humanidades tinha como finalidade preparar os estudantes para “o campo á eloquência pela exposição breve dos preceitos da retórica e pelo conhecimento da língua procurando que os alumnos lhe penetrassem a propriedade dos termos e possuissem as riquezas do vocabulário”. (RODRIGUES, 1917, p. 45). Ainda de acordo com o mesmo autor, para ampliar a formação dos estudantes incentivava-se os conhecimentos de história, geografia, cronologia, usos e costumes das gentes, literatura, noções literárias, mitologia e tecnologia, a fim de proporcionar a eles diferentes campos do conhecimento.

O Pe. Rabuske, em seu *CURRICULUM*, menciona que “[...] pronunciou os seus primeiros votos religiosos³⁷, por sinal perpétuo desde logo, em começos de março de 1946.” e que posteriormente, iniciou os Estudos Humanísticos ou Clássicos,

As matérias principais desse curso foram as do idioma luso, latino, grego e alemão ou italiano, junto com as suas respectivas literaturas, mais a estilística e a retórica, ambas em teoria e na prática. Teve AR ainda a oportunidade de, por conta própria, estudar o francês, italiano e espanhol. [...] Era-se, em suma, aluno ou estudante em tempo integral, não faltando aos exercícios de “cria”, memorizações e declarações, mais os de fonética, bem como os breves improvisos retóricos. Exigia-se que o latim fosse entendido, falado e escrito de forma ‘ciceroniana’, a ponto de se poderem acompanhar as futuras prelações filosóficas e teológicas nessa língua precisa. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 2).

Como já foi citado pelo Pe. Rabuske, S. J., exigia-se que o latim fosse perfeito. E, de acordo com Rodrigues (1917, p. 42-43) e Ana Toyshima (2011, p. 27), este idioma era o centro do curso literário, pois era fundamental entender os autores clássicos como também falar e escrever. O curso de letras consistia em um ponto fundamental da formação humanística. Por essa razão, estava dividido em três níveis diferentes, gramática inferior, média e superior³⁸, pois, de acordo com os métodos da *Ratio Studiorum* empregada pela Companhia de Jesus,

O objetivo desta classe é o conhecimento perfeito dos elementos da gramática, e inicial da sintaxe. Começa com as declinações e vai até a construção comum dos verbos. Onde houve duas subdivisões, na subdivisão inferior se explicarão, do primeiro livro, os nomes, verbos, as regras fundamentais, as quatorze regras da

³⁷ Os primeiros votos religiosos competem em: Castidade, que para os religiosos significa celibato por toda vida; Obediência, onde o religioso se compromete a obedecer a toda autoridade legítima, sendo a mais importante a da Igreja, promete obedecer a um superior eclesiástico na comunidade em que está inserido; Pobreza, prometendo viver em comunidade, onde todos os bens são de propriedade comum e cada membro não possui nada pessoalmente.

³⁸ Franca (1952) explica que na classe inferior de gramática aprendiam-se os elementos da Arte e os princípios da língua grega; para as preleções eram escolhidas as cartas mais simples de Cícero. Na classe média, aprendia-se toda a gramática em busca de um conhecimento geral; no grego avançava-se até os verbos e explicavam-se as cartas familiares de Cícero. Por fim, na classe superior, procurava-se obter notícias completas dos preceitos e elegância da gramática latina. No grego estudavam-se as regras gramaticais e avançava-se nos estudos de Cícero.

construção, os gêneros dos nomes; na superior do primeiro livro a declinação dos nomes sem os apêndices, e ainda os pretéritos e os supinos, do livro segundo, a introdução à sintaxe sem os apêndices até os verbos impessoais. Em grego, a subdivisão mais atrasada aprenderá a ler e escrever, a mais adiantada os nomes simples, o verbo substantivo e o verbo barítono. Nas preleções adotem-se, dentre as cartas de Cícero, só as mais fáceis, escolhidas para este fim, e, se possível, impressas separadamente. (RATIO, 1952, p. 138).

Ao longo de 3 anos (1944-1947), o Pe. Rabuske, S. J. cursou humanidades no Colégio São José. Findada a primeira parte de seus estudos como religioso da Companhia, deveria dar continuidade. No entanto, naquele momento, a formação dos seminaristas encontrava-se diluída nos diversos colégios pertencentes aos jesuítas. Em parte, isso ocorreu devido ao grande número de alunos que estavam matriculados nessas instituições. Como exemplo, pode-se observar a fotografia do Seminário de Pareci Novo em 1901 e, posteriormente, quando se tornou o Colégio São José, quando houve modificação na infraestrutura da Instituição.

Figura 7 - Colégio São José em Pareci Novo no ano de 1955



Fonte: Klein (2014b).

Em concomitância, entre os anos de 1948 e 1950, no Colégio Máximo Cristo Rei³⁹, em São Leopoldo, o Pe. Rabuske, S. J. passou a frequentar o curso de Filosofia Escolástica.

³⁹ O Colégio Cristo Rei foi construído em 1940 em São Leopoldo, na antiga Chácara do Conceição. Esta era uma dependência do Colégio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, construído em 1869 às margens do Rio dos Sinos. Seu prédio estava destinado especialmente aos escolásticos jesuítas que cursavam Filosofia e Teologia.

Figura 8 - Vista parcial do Colégio Máximo Cristo Rei em São Leopoldo



Fonte: Cecei ([19 - -]).

O estudo da filosofia ministrado nos colégios jesuítas tinha como proposta uma linguagem pura, de bons pensamentos e raciocínio legítimo. Pois no que concerne a Rodrigues (1917, p. 56, grifo do autor), “visava directamente a formação científica da intelligencia; mas, segundo o *Ratio Studiorum*, encaminhava-se a um fim moral e religioso [...]”. Ensinava-se, assim, as matérias que compreendiam lógica, física e ciências naturais.

Figura 9 - Alunos do 2º ano de Filosofia do Colégio Máximo Cristo Rei, em 1949



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

Em geral, de acordo com a grade curricular mencionada acima, o curso tinha a duração de três (3) anos, acompanhado de uma carga horária diária de duas horas, contempladas com as matérias de matemática e ciências da natureza. Para Miranda (2009, p. 32), o curso de filosofia pode ser dividido da seguinte forma,

O primeiro ano era consagrado à lógica e previa o estudo de livros como *Da Interpretação*, *Primeiros Analíticos*, *Tópicos e Refutações Sofísticas*, incluindo desde logo algumas partes da *Física* e *Da Alma*. No segundo ano, o corpus aristotélico englobava os oito livros da *Física* e ainda *Do Céu*, *Da Geração e Corrupção* e *Meteorológico*. No terceiro ano, acabava-se os estudos dos livros *Da Geração*, *Da Alma* e iniciava-se o estudo da *Metafísica*.

Para além das prelações⁴⁰ das disciplinas filosóficas em latim, neste Colégio ocorria, nas quartas-feiras, o “dia de chácara”, que consistia, conforme afirma o Pe. Rabuske, S. J. ([2000?], p. 3), em folga das aulas: “[...] a manhã era passada em passeios a pé, em catequese as crianças em ‘grupos’, em esportes ou na redação de alguma revista”. Ao longo dos três anos que ali permaneceu, o jesuíta ocupou seu tempo livre na redação da revista *Notícias para Nossos Amigos*, da qual se imprimiam quatro números anualmente. Posteriormente, no início do século XXI, esta revista teve seu nome alterado para *Os Jesuítas*, e seu âmbito de circulação está condicionado a todas as províncias jesuíticas do Brasil. No entanto, sua sede, encontra-se atualmente em Porto Alegre, aos cuidados da Sociedade Cultural e Beneficente Padre Réus (SOBEPARE).

No decorrer dos anos de 1951 a 1953, agora residindo no Colégio Anchieta de Porto Alegre, o Pe. Rabuske, S. J. inicia sua formação de nível superior, cursando Letras Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Por se encontrar impedido de exercer o magistério, pois o Ministério da Educação e Ciência (MEC) insistia no rigor da posse de diploma, e só permitia lecionar depois de cursar o primeiro ano de licenciatura, o Pe. Rabuske, S. J. não pôde exercer o ofício de professor em seu primeiro semestre como universitário. Estando livre por meio turno, optou pelo Curso de Letras Anglo-germânicas em consonância com o de Neolatinas. Assim, recebeu em 1953 o diploma de bacharel em Letras Neolatinas e Anglo-germânicas⁴¹, ao mesmo tempo.

De acordo com o próprio Pe. Rabuske, S. J. (2005, p. 36), em entrevista cedida a Revista *IHU On-line* – publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) –, “na minha condição de formado em três cursos superiores de Letras, tenho obviamente gosto pelas

⁴⁰ Prelação é uma palavra que deriva do latim *praelatione*, e significa preferência. No entanto, este mesmo vocábulo pode ser interpretado como argumentação ou ensinamento.

⁴¹ Seu registro de licenciado em Letras Neolatinas pelo MEC é o de número 6.014, constando nele a faculdade de lecionar as disciplinas de Português, Latim, Francês e Espanhol, tanto nos níveis ginasial, quanto colegial.

lendas, fábulas e ficções”. Gosto este que foi desenvolvendo-se através da participação de concursos como o do Diretório Estudantil Tomás de Aquino na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Dentre as três vezes que participou do concurso, recebeu, no ano de 1951, a primeira colocação com o ensaio filosófico *A razão e fé*, segundo os proêmios (prefácios) da *Suma contra gentiles* de Santo Tomás de Aquino⁴².

Um ponto positivo e de importância na formação em letras está diretamente vinculado à questão das pesquisas desenvolvidas por este jesuíta. A sua formação em Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas lhe permitiu transitar com facilidade entre as documentações do período colonial, em espanhol, e da Vice-Província Germânica, em alemão, e, também, lhe proporcionou interpretar e compreender as documentações de cunho oficial, em português, e religioso, muitas vezes em Latim. Apesar de não ter uma formação em história, o Pe. Rabuske, S. J. desenvolveu o trabalho de pesquisa histórica, e isso se deve em muito pela sua formação em letras, que o auxiliou a transitar com facilidade entre os documentos e escritos que consultou durante suas pesquisas, observando a gramática, estruturas dos textos e seus significados.

No decorrer do ano de 1954, o Pe. Rabuske, S. J., retornando para São Leopoldo, teve como tarefa dar prosseguimento à sua formação. Iniciou, neste ano, o Curso de Didática e Teologia Escolástica no Colégio Máximo Cristo Rei, atingindo o último nível do currículo da *Ratio Studiorum*.

Este curso, de Teologia, tinha quatro (4) anos de duração, e aqueles alunos que se destacavam, mostrando aptidão para o estudo teológico, eram convidados a permanecer por mais dois (2) anos. O intuito era de aprofundar os seus conhecimentos para alcançar uma erudição superior no tema. No entanto, o curso de Letras, Filosofia e Ciências Naturais eram os preparatórios para o estudo da Teologia. Por essa razão, buscava-se observar durante o período a concordância dos temas estudados, respeitando uma ordem, que em geral seguia a grade já citada.

Rodrigues (1917) e Toyshima (2011) apontam que a Companhia de Jesus não se preocupava em formar bons historiadores, astrônomos, físicos etc., mas, sim, bons teólogos. Afinal, esta disciplina, em uma sociedade religiosa, era o principal caminho para compreender a ciência de Deus. Partindo de uma base sólida e segura, geralmente apoiada em S. Tomás de

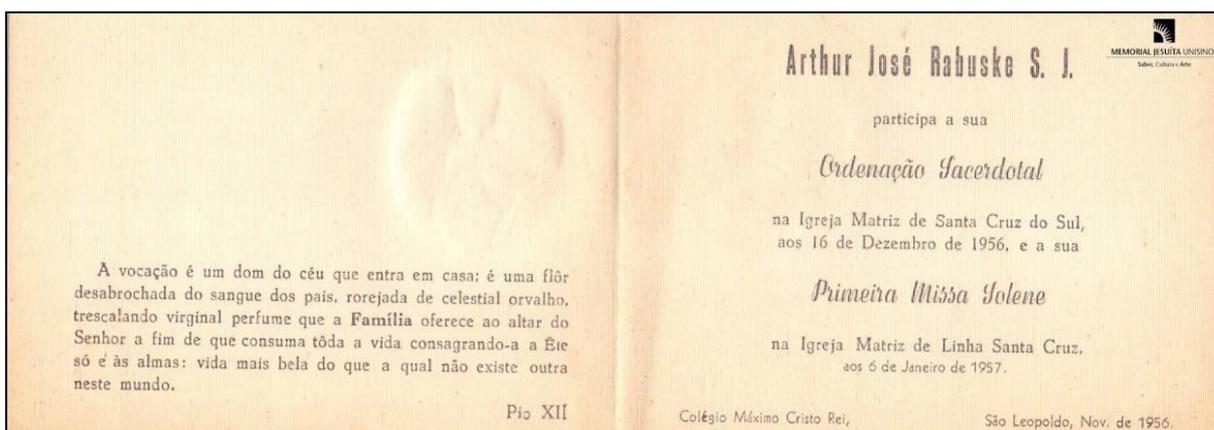
⁴² De acordo com o documento *CURRICULUM VITAE* do Pe. Rabuske, S. J., ele teria recebido por duas vezes o prêmio de primeira colocação neste concurso do Diretório Estudantil Tomás de Aquino, por dois anos consecutivos. No entanto, só foi possível constatar na página 18 do documento um título vinculado ao concurso, no ano de 1951, que faz menção a tal prêmio. Como não foram encontrados documentos que comprovem tais premiações consecutivas, optou-se por dar notícia somente da que se tem registro.

Aquino, se buscava formar bons religiosos, fundamentados nos dogmas da teologia e da filosofia.

Em 1954, tendo mudado de residência para o Cristo Rei de São Leopoldo, RS, fez ele a partir dali o Curso da Didática e, ao mesmo tempo, o 1º ano do Curso de Teologia Escolástica. Óbvio que seus professores leopoldenses não vissem com bons olhos essa dupla iniciativa, embora aprovada pelo Superior Provincial. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 3).

A formação teológica, para além da parte teórica, também consiste em partes ritualísticas de elevação do seminarista a posições no clero. Entre as primeiras está o diaconato. Posteriormente, quando chega ao final do curso teológico, o candidato é ordenado sacerdote, coroando a sua formação religiosa. O Pe. Rabuske, S. J. foi ordenado diácono em 1956, alcançando o sacerdócio ao final deste mesmo ano⁴³.

Figura 10 - Convite para a missa na qual ocorreu a ordenação sacerdotal do Pe. Rabuske, S. J.



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]). Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Entre os anos de 1957 e 1959, o jesuíta fez um estágio na República Federal da Alemanha. Tal estágio foi um pedido do próprio jesuíta, que, estando em 1957 no final de sua formação teológica, foi convidado para ingressar no corpo docente da FAFI (Faculdade de Filosofia) de São Leopoldo⁴⁴, tendo sido a ele ofertada a disciplina de Língua e Literatura Alemã. O objetivo do estágio estava em familiarizar-se com o universo acadêmico alemão. Na

⁴³ Consta no documento intitulado *CURRICULUM VITAE* que sua ordenação sacerdotal aconteceu no dia 16 de dezembro de 1956.

⁴⁴ Entre os anos de 1954 e 1957, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei funcionou no prédio do Colégio Máximo. No decorrer do ano de 1956, os cursos de Filosofia e Teologia foram transferidos para o Seminário de Viamão, RS, esvaziando os prédios do centro de São Leopoldo, onde funcionava o teologado do Seminário Central. Assim, no ano de 1958, realizou-se a extensão da FAFI Cristo Rei para estes espaços. Acrescentaram-se aos cursos desta faculdade o de Letras Neolatinas e Anglo-germânicas, Ciências Naturais e outros. Posteriormente, os cursos foram ampliados, acrescentando o de Ciências Econômicas e Direito.

Universidade de Munique, participou por dois semestres como ouvinte de germanística, de disciplinas ligadas a temas diversos, que poderiam estar ligadas à literatura. Ao mesmo tempo, frequentou o curso de alemão para professores estrangeiros, organizado pelo Goethe Institut em Frankfurt, tendo em vista buscar o aperfeiçoamento na gramática e literatura alemã.

Figura 11 - Navio que trouxe o Pe. Rabuske, S. J. de volta ao Brasil em 1959



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

Neste período do estágio, o Pe. Rabuske, S. J. findou o processo de formação jesuítica, realizando a terceira provação⁴⁵ de sua Ordem em Münster, na Vestfália, Alemanha.

Numa boa média, o candidato jesuíta ao sacerdócio atingiu então uma idade próxima dos 31 a 33 anos. E, depois disso, ele volta mais uma vez a um tirocínio chamado de terceira provação, por mais uns dez meses, que recentemente se reduziram a três. A quem causar estranheza esse nome de terceira provação, lembramos que ela fora precedida da primeira provação ou candidatura e da segunda, que é o Noviciado propriamente dito. (RABUSKE, S. J., 2003, p. 77).

Partindo de uma educação de base alemã com algumas horas semanais de língua portuguesa, vivendo em um contexto da imigração alemã, o Pe. Rabuske, S. J. esteve constantemente exposto a uma cultura diferente da brasileira. Sua identificação com a cultura alemã estava mais próxima de sua realidade. Posteriormente, ao longo da formação primária é que entrou em contato com a língua portuguesa mais frequentemente. No entanto, os

⁴⁵ A terceira provação é um período de preparação para a incorporação definitiva à Companhia, a ser professo de 4 votos, onde o jesuíta em formação, depois de vários anos de estudos, retoma os exercícios e experiências do noviciado. Ele volta a estudar a vida de santo Inácio de Loyola e as Constituições da Companhia de Jesus, refletindo sobre os desafios da sua vida dedicada a Deus e aos outros. Uma vez concluída a terceira provação, o jesuíta regressa ao trabalho ativo, aguardando que lhe seja concedido fazer os últimos votos.

professores paroquiais, ainda que de modo parco, em muitos casos não dominavam a língua vernácula do Brasil, no que tange à gramática e à língua falada.

Ao ingressar no nível secundário, no então Colégio Santo Inácio, mais uma vez esteve sob a influência da língua alemã. Isso se deve ao fato de que a grande maioria dos padres que ali lecionavam eram de etnia alemã ou descendente. Porém, nesta instituição já se tinha o conhecimento do fraco aprendizado dos filhos dos colonos em língua portuguesa. Além disso, a Campanha de Nacionalização do governo federal também foi um forte incentivo para a aprendizagem da língua portuguesa.

Além de se sentir familiarizado com os padres de etnia alemã no Colégio Santo Inácio, o mesmo se repetiu nos demais colégios que o Pe. Rabuske, S. J. frequentou ao longo dos anos de sua formação jesuítica. Tanto no Colégio São José como no Colégio Máximo Cristo Rei, houve uma grande presença de jesuítas alemães ou descendentes. Estes elementos também são um forte estímulo para a manutenção do sentimento de pertencimento.

A formação em estudos humanísticos foi, sem dúvidas, um forte estímulo ao estudo da gramática e da compreensão das distintas línguas estudadas pelo Pe. Rabuske, S. J.. O curso superior em Letras Neolatinas e Anglo-germânicas é o momento de efervescência da sua formação, além de seus primeiros ensaios, a primeira colocação no concurso e o trabalho de redator junto da revista *Notícias para Nossos amigos*. Conclui-se sobre o que foi abordado até o momento, que, de modo indireto ou direto, a língua alemã e, posteriormente, a portuguesa, foram os condutores na formação em letras, ao mesmo tempo em que expressaram seu vínculo de identidade.

3 DAS ATIVIDADES INSTUCIONAIS A PESQUISADOR EM TEMPO INTEGRAL

Ao iniciar este capítulo, e consecutivamente o próximo, busca-se através das denominações, “professor, escritor, pesquisador, tradutor e editor de textos alheios de valor”, observar a atuação do Pe. Rabuske, S. J. junto ao meio acadêmico, pois, como foi mencionado anteriormente, se usaria a frase que salienta as características essenciais do jesuíta como uma norteadora desta escrita. De acordo com o material que foi levantado, ambas nos fornecem subsídios suficientes para trabalhar estes aspectos no decorrer deste capítulo e, consecutivamente, o seguinte.

No primeiro capítulo, explorei aspectos que circundavam os primeiros anos da vida do Pe. Rabuske, S. J., desde o meio social no qual estava inserido, uma zona de colonização alemã e suas influências, com enfoque na língua, perpassando os anos iniciais de sua formação básica, a alfabetização propriamente dita e, posteriormente, a acadêmica. Pretende-se, no desenvolvimento deste segundo capítulo, abordar os pontos pertinentes às funções desempenhadas por este jesuíta após o final da sua formação de cunho religioso, além de suas publicações enquanto pesquisador, elencando uma série de posições ocupadas pelo Pe. Rabuske, S. J. ao longo dos anos em que atuou no meio acadêmico (BOURDIEU, 1996), seja como chefe do departamento de letras da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Cristo Rei (FAFI)¹ ou pesquisador em tempo integral.

No entanto, cabe lembrar que, durante seus primeiros anos de vida e nos anos compreendidos pelo marco cronológico que se pretende abordar neste capítulo, de 1959-1973, o Pe. Rabuske, S. J. ainda esteve cercado, em parte, pela mesma atmosfera de sua infância, a da colonização alemã. Como já mencionado, os integrantes da Companhia de Jesus, com enfoque nas zonas de colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul, eram geralmente alemães ou descendentes. Estes procuravam manter os hábitos culturais transmitidos por seus ancestrais, de forma a reforçar um sentimento de pertencimento, que pode ser chamado de “germanidade”. Observando os lugares pelos quais este jesuíta transitou, desde sua formação inicial e posteriormente também atuou, podemos traçar o seguinte percurso: Santa Cruz do Sul – Pareci Novo – São Leopoldo – Porto Alegre – São Leopoldo – Alemanha – São Leopoldo. Mais tarde, devido ao desenvolvimento de suas pesquisas, o Pe. Rabuske, S. J. tornará a residir em Porto Alegre até a sua última e definitiva transferência para São Leopoldo.

¹ No decorrer deste capítulo se fará o uso da sigla FAFI para referir-se à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Cristo Rei.

O que se pretende ressaltar é que o Pe. Rabuske, S. J. transitou por um universo que estava pautado em questões de cunho cultural. Pode-se constatar que, dentre as regiões onde viveu, somente em Porto Alegre há um misto de imigrantes ou descendentes de outras nacionalidades, enquanto as demais estão pautadas pelo contexto da imigração alemã. Neste contexto, destaco que os mesmos critérios utilizados no primeiro capítulo, no que tange às questões do sentimento de pertencimento e germanidade, ainda se encontram presentes na trajetória acadêmica do Pe. Rabuske, S. J.. Além disso, em suma, a maior parte de sua produção bibliográfica terá como tema a Província Germânica do Brasil e, posteriormente, com a mudança de nomenclatura para Província do Brasil Meridional, com foco na história da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul.

3.1 Um Documento Intitulado “*CURRICULUM VITAE*”

No entanto, na consecução desta escrita, faz-se necessária uma ressalva. Anteriormente, foi utilizado um documento intitulado *CURRICULUM VITAE*, cujos dados serviram de fonte e consistem em um rico suporte para a coleta de informações referentes à vida acadêmica deste jesuíta, com informações sobre participações em eventos, funções desempenhadas e publicações, por exemplo. Aos historiadores, no entanto, cabe interrogar as fontes e averiguar a sua veracidade. No que concerne a este documento, seus dados têm respaldo por integrarem os registros da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Em correspondência de 27 de julho de 2000, enviada por Maria E. B. Brand é solicitada ao Pe. Rabuske, S. J. a confirmação de seus dados junto ao setor de registros acadêmicos da Universidade, além da ausência de algumas informações. Em parte, é possível cogitar que tais dados foram coletados por duas razões: a primeira, para a composição do banco de dados da Instituição sobre seus colaboradores, os quais, de acordo com documentos encontrados na caixa vinte e oito (28) apontam para atualização dessas informações em razão da entrega do título de Dr. Honoris Causa ofertado pela universidade ao jesuíta no decorrer de 1999. Ou, por conta do próprio jesuíta, que tinha como intuito completar dados pertinentes ao seu *CURRICULUM* para elaboração de algum escrito sobre si. Sobre a análise do *CURRICULUM* e de seus dados, entende-se que o documento está pautado por uma escrita de si. Ao manusear este tipo de fonte, de acordo com o pensamento de Angela de Castro Gomes (2004, p. 16), deve-se observar que,

Tal abordagem converge com a ideia de se entender a escrita de si como tendo ‘editores’ e não autores propriamente ditos. É como se a escrita de si fosse um

trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se através dele, um autor e uma narrativa.

Figura 12 - Carta de Maria E. B. Brand solicitando informações sobre o *CURRICULUM* do Pe. Rabuske, S. J.



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]). Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

Sob esta perspectiva, entende-se que este documento possui características tais como as citadas por Angela de Castro Gomes, pois, ao redigir uma escrita de si, o Pe. Rabuske, S. J. refere sempre a ele próprio na terceira pessoa. Ao mesmo tempo, utiliza das letras “AR” para identificar seu nome no corpo do texto. Um fato que deve ser levado em consideração, e que já foi citado anteriormente, é que o documento se encontra em fase de escrita ou revisão. Até o momento da morte do jesuíta ele ainda estava incompleto, e assim permaneceu junto ao seu acervo documental.

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isso é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente em relação a um acontecimento. (GOMES, 2004, p. 15).

Constantemente os dados informados pelo Pe. Rabuske, S. J. são confrontados com a busca de materiais (documentos) que legitimem sua veracidade. Mas, cabe lembrar que, no início da década de 1960, o universo acadêmico brasileiro estava completando 30 anos da fundação do primeiro curso de pós-graduação. Neste contexto, os estudos e pesquisas de cunho científico, com uso de ferramentas metodológicas, ainda eram recentes. O mesmo se aplica a questões de divulgação dos eventos e, posteriormente, de publicação de textos, como também ao meio de comunicação que, neste momento, no ambiente acadêmico, ainda é a correspondência, ficando sob a dependência do sistema de correios e telégrafos os canais de comunicação viáveis para tomar conhecimento deste universo. As exceções eram as revistas ou jornais que abordassem, ou noticiassem estes assuntos, mas que também estavam sob a dependência de tais meios, que garantiam sua circulação entre seus vários assinantes espalhados pelo Estado ou a Federação.

Para Gomes (1998, p. 126),

[...] o encanto dos documentos pessoais tem sua especificidade, e ela poderia ser banalizada de ‘ilusão da verdade’. Essa ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem nos trazer. Como me referi antes, as novas tendências historiográficas têm buscado crescentemente dar vida à história: dar cor e sangue aos acontecimentos, que não ‘acontecem’ naturalmente, mas que são produzidos por homens reais, quer das elites, quer do povo. Neste sentido, os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles ‘nossos’ atores aparecem de forma fantásticamente ‘real’ e ‘sem disfarces’. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na ‘intimidade’ de seus sentimentos e nos surpreendemos ao dialogar com eles e até a imaginar pensamentos.

Philippe Artières (1998), na mesma perspectiva de Gomes, ao abordar o tema aponta que “Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar as nossas vidas”. (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Ainda, para o autor, “[...] arquivar a própria vida é se por no espelho, contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Sob este viés, cabe indagar sobre a intencionalidade do documento. Ao mesmo tempo em que nos aproxima do elemento, o Pe. Rabuske, S. J., também faz refletir sobre a finalidade de sua produção. Como indica Gomes (1998), o contato com a escrita de si através de um documento faz com que o pesquisador tenha contato com o mesmo universo que seu objeto de estudo, quase que de forma a “dialogar e imaginar seus pensamentos”. Assim, cabe a ele,

também, aprender se afastar no momento em que os dados extraídos devem ser confrontados com outras fontes, que podem legitimar ou invalidar sua veracidade. O historiador deve mediar a fonte de consulta e a metodologia de pesquisa, sem cair no que Gomes (1998) pontua como “malhas do feitiço”, deixando-se levar pela narrativa de um autor sobre si mesmo.

Quanto à “construção de si e de resistência” apontada por Artières (1998), é possível fazer algumas especulações. Teria este escrito o intuito de salvaguardar para o futuro uma memória de si? Ou através dele se daria a continuidade do trabalho iniciado pelo jesuíta? Em resposta às duas perguntas, se poderia dizer que sim, pois, além de seu conteúdo apresentar dados de cunho memorialísticos e estar organizado de forma a elencar os aspectos de sua vida a partir da sua própria concepção, é possível encontrar no documento dados sobre a instituição a que pertenceu como, por exemplo, locais de formação, cursos ofertados, cargos ocupados, textos produzidos, etc. Esta, de certa forma, também é uma continuidade do trabalho desenvolvido pelo jesuíta no que consiste à produção de textos sobre membros da Companhia de Jesus, porém com uma produção de si e seu trabalho enquanto membro de uma Ordem religiosa.

Ambas as perguntas podem ser respondidas sob esta ótica. No entanto, cabe lembrar que este documento não se encontra completamente terminado. Posteriormente, ele poderia ter sido impresso ou publicado pelo próprio autor, o que poderia nos informar, em parte, em suas entrelinhas, a sua intenção. Como tal propósito não foi alcançado, cabe a nós, pesquisadores, apenas cogitar ou supor sua intencionalidade. Mas, a observação de seus dados nos permite ter uma dimensão acerca dos aspectos que circundavam a vida do autor.

Visando dar continuidade à trajetória proposta, neste capítulo busca-se orientar a escrita a partir de três diferentes aspectos. Utilizando-se da opção cronológica, seguindo uma organização por anos, torna-se mais compreensível a trajetória acadêmica do Pe. Rabuske, S. J.. Optou-se por esta metodologia organizacional para que o leitor tenha clareza das posições ocupadas pelo jesuíta, de modo que, na medida em que são apresentados os dados relevantes aos cargos desempenhados e às publicações arroladas, se possa perceber as constâncias e inconstâncias apresentadas em seu percurso.

Partindo do seu retorno da Alemanha, o Pe. Rabuske, S. J. atuou junto à FAFI, onde desempenhou funções administrativas e educacionais. Além disso, enquanto representante de uma instituição de ensino e pesquisador, fez-se necessário fazer jus à sua posição, ao apresentar trabalhos e, também, iniciar suas produções de cunho acadêmico. Neste contexto, a primeira subdivisão deste capítulo busca remontar este período, marcado pelo marco

cronológico de 1959 a 1969. Em um segundo momento, optou-se por trabalhar os anos em que atuou como pesquisador, primeiramente autônomo e, posteriormente, em tempo integral, marcado pelo período que abrange os anos de 1969 a 1973, momento em que o Pe. Rabuske, S. J. inicia, com maior ênfase, a sua produção historiográfica.

Cabe aqui fazer algumas observações relevantes. Ao longo do texto, e já nas páginas iniciais da Introdução, aparece um termo que deve levantar a curiosidade de leitor. Referimo-nos ao “editor de textos alheios de valor”. Esta denominação aparece elencada nas características essenciais do Pe. Rabuske, S. J., formando o segundo parágrafo do Documento *CURRICULUM VITAE*. No entanto, apontamos que frequentemente, ao longo do corpo deste texto, será utilizado o termo “texto alheio” e “publicação alheia”.

Mas, o que significaria este termo aos olhos de do Pe. Rabuske, S. J.? Por quais razões teria ele se denominado dessa forma, elencando como uma de suas características essenciais? Pautado nestas interrogações, encontra-se em passagem de seu documento,

Uma das características mais pronunciadas de AR tem sido a de tornar acessível a leitores e gente de pesquisa textos históricos antigos ou de alguma forma raros, reescrevendo-os, adaptado a sua ortografia e/ou traduzindo-os ao nosso vernáculo. Começou isso com a ‘Seleta P.S>’[sic!], em 1957, e como que terminou com a obra máxima de Pe. Carlos Teschauer S.J., denominada ‘História do Rio Grande do Sul dos douos [sig!] (!) primeiros séculos’ anos de 1919 a 1922, três volumes. Pois bem, AR preparou-lhe desta forma a 2ª edição e teve a satisfação de vê-la sair do prelo da UNISINOS em 2002. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 19).

Observa-se que tal termo, “editor de textos alheios de valor”, corresponde a publicações de outros autores, que em sua grande maioria não foram publicados, cabendo ao Pe. Rabuske, S. J. a sua edição e publicação. Nota-se que este hábito do jesuíta auxiliou no conhecimento de obras, textos e documentos, antes desconhecidos do público geral ou dos pesquisadores. Seus esforços com essa prática também auxiliaram, de certo modo, no exercício de suas próprias pesquisas, uma vez que muitos dos temas trazidos ao conhecimento por esse tipo de publicação vão ao encontro de seus trabalhos de escrita, mesmo que estes exigissem primeiramente uma tradução para a língua vernácula.

Suas traduções também proporcionaram ao público de pesquisadores a consulta destes materiais, uma vez que, em muitos casos, estes se encontravam em língua espanhola, do período colonial, ou, para o caso de alguns documentos e obras, em língua alemã, ou, ainda, em alemão gótico, as quais se referiam a textos de membros da Companhia durante o exercício da Província Germânica. Posteriormente, encontravam-se em alemão gramatical correspondente às normas ortográficas do período.

Alerta-se também ao leitor, no que tange às publicações do Pe. Rabuske, S. J., que ambas ocorrem tanto em língua portuguesa quanto em língua alemã. A fim de auxiliar o leitor que não seja versado neste idioma, optou-se por usar um sistema de tradução, que corresponde a grifos nossos, em notas de rodapé, a fim de dar notícia de tais títulos na língua vernácula.

3.2 Chefe do Departamento de Letras, Vice-diretor e Conselheiro Técnico

Administrativo da FAFI: das Ações Burocráticas às Primeiras Publicações (1959-1968)

Entre os anos de 1959 e 1968, em São Leopoldo, o Pe. Rabuske, S. J. passou a residir no Ex-Teologado do Seminário Central². Cabe aqui lembrar o que já foi mencionado no capítulo anterior sobre o estágio na Alemanha Ocidental, que teve como finalidade aperfeiçoar a prática oral da língua do país, como, também, contatar o universo acadêmico alemão em relação à linguística e literatura. Tendo retornado em agosto de 1959 ao Brasil, assumiu o compromisso de administrar o curso de Língua e Literatura Alemã na FAFI. Dentro deste marco cronológico, busca-se arrolar as posições ocupadas pelo Jesuíta ao longo deste período.

Ao citar o Ex-Teologado, refiro-me ao prédio do Colégio Máximo Cristo Rei, no qual o Pe. Rabuske, S. J. passou a residir depois de seu retorno ao Brasil. Este adendo se faz necessário em função das diversas mudanças ocorridas ao longo dos anos na transferência dos cursos de formação religiosa. Geralmente, essas adequações eram feitas para atender a demanda dos Colégios e Seminários³, ao mesmo tempo em que buscava centralizá-los em uma única região. Lembrando que a Companhia de Jesus possui, neste período, um número

² O Seminário Central de São Leopoldo estava destinado a receber todos os alunos de Filosofia e Teologia das províncias Eclesiásticas de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Este era composto por dois prédios, o Colégio São José, onde ficava o Seminário Maior e o edifício do Conceição, reservado para o Seminário Menor. Devido a uma reorganização dos prédios do Seminário Central, o prédio do Colégio São José passou a ser chamado de Teologado e do Conceição de Filosofado. Posteriormente, ambos os cursos foram transferidos para as dependências do Colégio Máximo Cristo Rei, que, mais tarde, em função do seu alto nível de ensino, passou ao *status* de faculdade. Nascia, naquele momento, a Faculdade de Filosofia (FAFI), que teve seu currículo ampliado para as Ciências e Letras. No ano de 1957, o Seminário Central foi transferido para o Seminário de Viamão. Recebeu, então, a titulação de Seminário Central aquele que dispunha da formação filosófica e teológica. De acordo com Lutterbeck, nas normas baixadas no ano de 1936 para o Seminário Central de São Leopoldo, “nenhum, pois, dos alunos da iniciada circunscrição poderá ser promovido às Ordens, se não houver concluído naquele Seminário o curso regular dos estudos de Filosofia e Teologia”. (LUTTERBECK, 1977, p. 90).

³ Apontamos que a formação dos membros da Companhia de Jesus neste momento se dá nos “Colégios”, como por exemplo, o Colégio Máximo Cristo Rei, por manter o curso de filosofia e teologia. Quanto aos Seminários como, por exemplo, o Na. Sra. da Conceição antes do Colégio Cristo Rei dedicava-se a formação do clero diocesano, assim, a Companhia de Jesus tinha sob a sua responsabilidade a direção e os professores destes Seminários. Dessa forma, os Colégios Máximos estavam voltados para a formação de jesuítas, enquanto que o Seminário Central formava o clero diocesano.

significativo de Seminários sob sua direção e Colégios espalhados pelas zonas de imigração, como por exemplo, nos municípios de Santa Cruz do Sul, Pareci Novo, São Sebastião do Caí e São Leopoldo. Sobre as transferências do Seminário Central, desde a sua instalação em São Leopoldo. (ARTIÈRES, 1998).

No que consiste à FAFI, sabe-se que em um primeiro momento seu prédio tinha como objetivo a formação escolástica dos seminaristas jesuítas. A construção do Colégio Cristo Rei, iniciada em 1940 e findada em 1942, teve como propósito dar aos alunos de filosofia e teologia um novo espaço, pois os prédios do centro de São Leopoldo, que abrigavam naquele período o Seminário Central, encontravam-se lotados. De acordo com Lutterbeck “[...] o Seminário Leopoldense, ora Central, desenvolveu-se mais e mais, de modo que por volta de 1940 já contava cerca de 300 habitantes seminaristas”. (LUTTERBECK, 1977, p. 90). Posteriormente, com a transferência dos dois cursos para o novo prédio, houve a transferência do Seminário Central para o espaço do Cristo Rei, alterando seu nome para Colégio Máximo Cristo Rei⁴. De acordo com Arthur Blásio Rambo (2009, p. 37), neste prédio “[...] os estudantes Jesuítas passavam a morar gozando de formação Teológica e Filosofia própria”.

Durante o período que abrange o marco temporal de 1954-58, a instituição atendia as demandas dos religiosos quanto à formação de nível superior, mantendo-se fechada ao público leigo. Neste espaço de tempo, a instituição recebeu a outorga de Faculdade, reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura. Depois de 1957, os prédios do Colégio Máximo Cristo Rei, que abrigavam a FAFI, receberam autorização para incluir em suas salas de aula alunos externos.

De 1954-58 funcionou também no Cristo Rei a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Cristo Rei, que naquele ano de 58 recebeu extensão para externos e por isso passou a sedear-se nos prédios do Ex-Seminário Central de São Leopoldo, cujos alunos, em 1957 já haviam passado totalmente para o Monumental Seminário de Viamão, RS. (LUTTERBECK, 1977, p. 168).

Dentro deste contexto da inserção civil junto ao meio acadêmico, anteriormente de exclusividade religiosa nesta instituição, e da centralização da formação clerical em Viamão, inserimos a figura do Pe. Rabuske, S. J.. Tendo estudado nas dependências do Cristo Rei, ao retornar de seu estágio na Alemanha assume a direção do curso de Letras e Literatura Alemã. Em uma posição diferente, agora como jesuíta professo com formação superior, estava apto ao ensino das disciplinas que lhe foram oferecidas, sob a titulação de professor.

⁴ A nomenclatura Colégio Máximo Cristo Rei é utilizada a partir do momento em que se transferem o curso de Filosofia e Teologia para as dependências deste prédio. O termo “Máximo” é utilizado em função da titulação oferecida pela instituição referente à formação religiosa dos seminaristas.

No período que antecedeu o retorno do Pe. Rabuske, S. J. do estágio na Alemanha, as disciplinas citadas eram ministradas pelo Professor Paleikat da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tendo o Pe. Rabuske, S. J. somente retornado em 1959 ao Brasil e o funcionamento ao público civil na FAFI iniciado em 1958, se fez necessária a atuação de um professor provisório para o curso ofertado, pois já era de conhecimento do jesuíta, no decorrer do ano de 1957, sua atuação como professor titular de ambas as disciplinas. De acordo com seu relato no documento *CURRICULUM*,

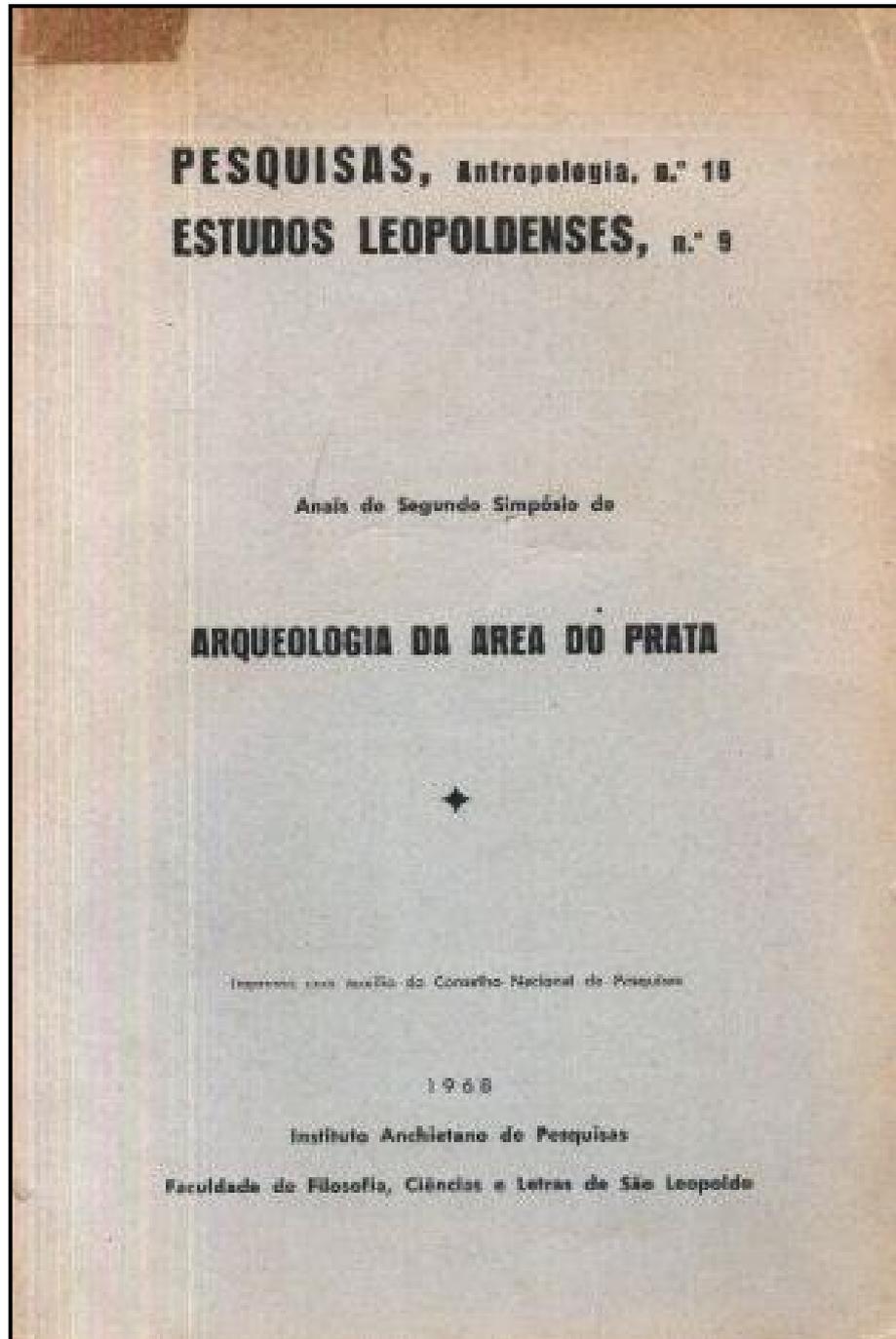
Em fins de 1956 e inícios de 1957 na necessidade de se constituir um novo e maior corpo de professores, sendo AR, como chegou a saber por volta da páscoa de 1957, último ano de sua formação teológica, o “primeiro jesuíta convidado” para tais efeitos e oferecendo-se-lhe desde logo a Cadeira de Língua e Literatura Alemã, a ser criada. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 5)

Além da tarefa de ministrar as disciplinas de Língua e Literatura Alemã, durante um período de quatro anos, o Pe. Rabuske, S. J. ocupou o cargo de Vice-Diretor da FAFI, além de Membro do Conselho Técnico Administrativo e, por mais três anos, assumiu o cargo de chefe do Departamento de Letras, o mais representativo da instituição na área das Letras. Com base no documento citado, o *CURRICULUM VITAE*, o Pe. Rabuske, S. J. aponta como propostas de sua autoria a Faculdades de Filosofia Ciências e Letras Cristo Rei, a inserção de um semestre básico de introdução, para elevar os alunos ao nível de seus respectivos cursos – isso se daria em função da deficiência escolar da grande maioria dos estabelecimentos públicos de ensino na região – bem como a “redução ao mínimo das exigências no vestibular, mas de acordo com a lei e o preparo deficiente dos candidatos”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 5).

Ainda como medidas sugeridas, podemos apontar “a obrigatoriedade de uma pesquisa própria a título de trabalho de conclusão e sob a condição de ‘sine qua non’ antes de sua aprovação ou da formatura ou recepção do diploma” (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 5), além da criação da revista *Estudos Leopoldenses*⁵, que teria como finalidade a divulgação de artigos acadêmicos, tanto de professores como de alunos de destaque.

⁵ Conforme Helga I. L. Piccolo (1975, p. 962), a revista “[...] Estudos Leopoldenses é editada desde 1966 quando saiu o 1º número sob os auspícios da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, e desde 1969 (por ocasião do lançamento do nº 13) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A Revista levou e leva a público trabalhos de pesquisa original, realizados por professores e alunos da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo e hoje da Unisinos”.

Figura 13 - Capa da *Revista Pesquisas e Estudos Leopoldenses*



Fonte: *Revista Pesquisas* n. 18, *Estudos Leopoldenses* n. 9 (1968).

No decorrer do ano de 1962, como representante da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Cristo Rei, entre os dias 12 e 15 de outubro, participou o Pe. Rabuske, S. J. do Congresso de Professores do Ensino Superior. Este evento foi realizado em Curitiba pelo Reitor Prof. Dr. Flávio Suplicy de Lacerda⁶ na Universidade Federal do Paraná. “[...] visava

⁶ Flávio Suplicy de Lacerda nasceu em Lapa (PR) no dia 4 de outubro de 1903. Coursou o Colégio Militar de Barbacena (MG) e formou-se em engenharia civil pela Escola Politécnica de São Paulo em 1928. Iniciando

este congresso a fundar a entidade associativa, que passou a ter o nome de ‘Associação Nacional dos Professores do Ensino Superior’ (ANPES)”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 6). Em relação à fundação da associação, o jesuíta teria auxiliado na elaboração de seu estatuto. Até o momento desta escrita, não foram encontrados documentos que confirmem esta informação⁷. A associação teve, mais tarde, seu nome alterado, trocando a palavra “Professores” por “Docentes”, o que incidiu na mudança de sua sigla, que passou a ser ANDES. Embora não tenhamos encontrado documentos que permitam aprofundar a discussão de suas finalidades, descobrimos uma parca passagem que se refere a tal evento no site da Associação de Professores do Ensino Superior do Ceará (APESC). Em sua página virtual, na guia intitulada *Institucional*, é possível encontrar a seguinte passagem:

O jornal ‘O POVO’, edição do dia 6 de maio de 1964, na pág. 2, escreve: ‘Conforme noticiário da imprensa da época, foi fundada em Curitiba, no Paraná, em outubro de 1962, a Associação Nacional dos Professores do Ensino Superior, para cuja presidência foi eleito o Prof. Luís Cruz de Vasconcelos, um dos delegados do Ceará, no Congresso de Professores ali realizado [...]’. (APESC, 2014).

Partindo das funções burocráticas até então citadas, busca-se agora observar as primeiras participações e publicações do Pe. Rabuske, S. J. junto ao meio acadêmico. O fato de ocupar uma posição de destaque junto à FAFI também requer que ele participe e apresente trabalhos que divulguem a instituição.

sua vida profissional como engenheiro da Prefeitura Municipal de Curitiba, serviu na Revolução de 1930 como oficial de equipagem de pontes no 5º Batalhão de Engenharia. Nesse mesmo ano, tornou-se professor de resistência dos materiais da Escola de Engenharia do Paraná, defendendo em 1931 uma tese sobre o fenômeno da flambagem. Foi ainda diretor da rede de Viação Paraná-Santa Catarina, presidente do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA) em Curitiba, e engenheiro-fiscal da Estrada de Ferro Monte Alegre e da Companhia de Força e Luz do Paraná. Doutou-se em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade do Paraná e, durante a intervenção de Brasil Pinheiro Machado em seu estado em 1946, foi secretário de Viação e Obras Públicas. Em julho de 1950 assumiu o cargo de reitor da Universidade do Paraná que, durante sua administração, passou a denominar-se Universidade Federal do Paraná. Durante sua gestão, foram também incorporadas à universidade as escolas de Agronomia e Veterinária, de Química, de Ciências Econômicas e de Florestas e criadas as universidades volantes destinadas às populações do interior. Após o movimento político-militar de março de 1964, foi convidado pelo presidente Humberto Castelo Branco, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, a assumir o Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em 1965, além de ministro, Suplicy já era também presidente do Conselho Federal de Cultura. Como ministro, Suplicy de Lacerda foi ainda responsável pela realização do censo escolar, pela criação do Estatuto do Magistério que facultou a adoção do regime de tempo integral e a implantação de cursos de pós-graduação —, pela criação do salário-educação e pela realização do I Encontro Nacional de Secretários de Educação e Cultura e da Semana Nacional do Excepcional. Em janeiro de 1966 transmitiu o cargo a Pedro Aleixo, sendo reconduzido à reitoria da Universidade Federal do Paraná em 1967. Acumulou essa função até 1968 com a de membro do Conselho Federal de Educação e, em 1971, deixou a reitoria, aposentando-se como reitor agregado. Faleceu em Curitiba no dia 1º de julho de 1983.

⁷ Estes casos de informações referenciadas pelo Pe. Rabuske, S. J. em seu *CURRICULUM VITAE* cujos dados não podem ser comprovados e/ou confrontados com outras fontes, são recorrentes neste trabalho. Isso ocorre porque, em muitos casos, não foi possível obter acesso às publicações referidas pelo jesuíta. Assim, adotamos o procedimento de utilizar o caractere “*” para sinalizar as informações que contam apenas com os dados fornecidos pelo Pe. Rabuske, S. J. para sua referência.

Entre suas primeiras participações em eventos, citamos, no ano de 1963, o I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros⁸, realizado na UFRGS entre os dias 24 e 30 de julho de 1963, de acordo com André F. Voigt (2008, p. 106-107),

A relevância do I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros não se resume a concordância entre poucos autores a respeito da contribuição dos imigrantes alemães à formação brasileira. Não há como negar que este evento reúne, pela primeira vez no país, um conjunto de várias pessoas, oriunda de diversas regiões do Brasil e do exterior, que pretendem demonstrar em seus estudos a singularidade do ‘teuto-brasileiro’ e a sua cultura a nível nacional.

No entanto, no que toca à apresentação ou publicação de trabalhos do Pe. Rabuske, S. J. neste evento, não se tem notícias de texto publicado. Sobre sua participação, encontra-se somente o seu relato no documento escrito pelo próprio jesuíta. O mesmo se aplica ao I Colóquio de Estudos Alemães no Brasil em 1963 e, consecutivamente, ao II Colóquio de Estudos Alemães no Brasil, no Rio de Janeiro, além da fundação da “Associação Brasileira de Estudos Germanísticos”⁹ da qual o Pe. Rabuske, S. J. teria participado¹⁰.

O decurso do ano de 1964 pode ser considerado como o início das publicações do Pe. Rabuske, S. J. no que corresponde à escrita histórica, considerando-se que “[...] começou a dedicar-se mais à pesquisa de assuntos históricos ‘nossos’ por conseguinte de nossa microistória [sic].”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 6). Entre seus primeiros trabalhos,

⁸ Ao total, foram realizados de acordo com Voigt (2008), 3 colóquios, sendo o primeiro em Porto Alegre, o segundo no Recife e o terceiro novamente em Porto Alegre. Em princípio, o I Colóquio tinha como objetivo demonstrar em seus estudos a singularidade do “teuto-brasileiro” e a sua cultura a nível nacional. O II Colóquio, realizado em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco entre os dias 05 e 10 de abril de 1968, teve como principal característica a apresentação de trabalhos com temas relacionados a biografias de alemães e teuto-brasileiros célebres, educação primária, relações diplomáticas e de intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha. O III Colóquio, realizado entre 14 e 18 de outubro de 1974, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo este Estado o epicentro dos movimentos políticos e culturais em defesa de uma “cultura teuto-brasileira” desde a década de 1930, teve como objetivo fixar a data de 25 de julho de 1824 como marco comemorativo da imigração alemã, em memória à colônia de São Leopoldo, somando-se também às comemorações do seu sesquicentenário.

⁹ Sobre a Associação Brasileira de Estudos Germanísticos, não foram encontrados documentos, até o momento desta escrita, que auxiliassem na compreensão de sua fundação. Em pesquisas preliminares sobre a instituição, encontrou-se somente na *Revista da PUC*, número 1, de 1979, disponível no endereço: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/Revista%20PUCRS%20Informa%C3%A7%C3%A3o%200001.pdf>, uma breve passagem que cita que o alemão Wilhelm Hunke (nome de batismo do irmão Liberato), vice-diretor da PUC-SP, naquele ano ocupou o mesmo cargo na Associação Brasileira de Estudos Germanísticos. Cabe mencionar que, em setembro de 2013, no Rio de Janeiro, foi fundada a Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG) que reúne docentes universitários e relacionados aos estudos da Língua, Literatura, Cultura alemã e Tradução. No entanto não foi encontrado nenhum vínculo entre as duas instituições.

¹⁰ No documento *CURRICULUM* consta a seguinte passagem: “E, ainda em 1963, do ‘I Colóquio de Estudos Alemães no Brasil’, realizado em São Paulo sob os auspícios da FAFI da USP. Nessa ocasião foi escolhido unanimemente por seus colegas da Cadeira de Língua e Literatura Alemã em universidades brasileiras, para organizar, sem data fixa, o ‘II Colóquio de Estudos Alemães no Brasil’. Visaria este a fundar a Associação da classe dos nossos germanistas universitários. Após longos esforços, conseguiu AR realizar em inícios de agosto de 1968, no Copacabana-Hotel do Rio, esse congresso, em que se fundou a ‘Associação Brasileira de Estudos Germanísticos’ tornando-se ele seu presidente provisório”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 6).

encontra-se uma série de artigos publicados no Jornal *Vale do Sinos*, que tinha como objetivo a comemoração do centenário do município de São Leopoldo, festejos que foram cancelados devido ao golpe militar.

Quanto às publicações no Jornal *Vale dos Sinos*, podemos encontrar três séries diferentes, cada uma abordando uma temática. A primeira trata de temas referentes ao surgimento de São Leopoldo, a segunda sobre questões pertinentes à educação, e a terceira busca recordar os “vultos” ilustres da cidade centenária. Sobre estes, o Pe. Rabuske, S. J. registra que “[...] todos esses artigos, em três séries, obedeceram a um convite da Prefeitura de São Leopoldo a FAFI, [...] como contribuição ao centenário desta cidade, cujas solenidades, contudo, deixaram de ocorrer devido ao golpe militar de março daquele ano”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 23).

O primeiro artigo, sob o título de *Recordando o 1º centenário do município de São Leopoldo*, foi publicado em 20 de março de 1964. Seguindo uma ordem semanal, com algumas interrupções e variações entre os cadernos de sexta-feira, quinta-feira, sábado e domingo, estes escritos foram levados à publicação. Os artigos que completam a primeira série se intitulam: *A parte ‘antiga’ de São Leopoldo*, em 27/03/64; *A silhueta de São Leopoldo*, em 10/04/64; *São Leopoldo: berço dos Estudos Botânicos no RGS*¹¹; *São Leopoldo: a cidade centenária*, em 23/04/64¹²; *A propósito de um artigo de Vianna Moog*, em 01/05/64; *O projetista da ponte antiga sobre o Rio dos Sinos*, em 09/05/64 e *O nome da cidade de São Leopoldo*, em 10/05/64.

Sob a titulação de *A cidade centenária de São Leopoldo em sua marcha educacional*, composta por dois artigos, divididos em quatro partes, o Pe. Rabuske, S. J. buscou recuperar a memória das escolas, colégios e faculdades presentes no município ao longo de seus 100 anos. Os textos foram intitulados: *Escolas e Colégios de Nível Médio*, publicado em 26/06/64 e 03/07/64 (continuação) e *Estabelecimentos de Ensino Superior*, em 10/07/64 e 17/07/64 (continuação).

A terceira e última, *Vultos ilustres, que são Leopoldo centenária deve recordar*, é composta por quatro artigos: *Vianna Moog: escritor*, em 16/10/64; *Pe. Luís Gonzaga Jaeger S.J.: historiador*, em 23/10/64; *Dr. João Fialho Dutra: médico (e) naturalista*, em 06/11/64 e *Mestre João: arquiteto*, em 20/11/64.

¹¹ Não foi encontrada a data de publicação deste artigo.

¹² De acordo com Rabuske, S. J. ([2000?], p. 22) “[...] nota-se que este artigo veio a ser transcrito com a licença devida e ocupou as páginas centrais do boletim do Rotary Club ‘São Leopoldo-Lewte’, que o expediu a todos os ‘Rotaries’ do Brasil”.

Ainda no decorrer do ano de 1964, no que tange à trajetória acadêmica do Pe. Rabuske, S. J., pode-se elencar sua inserção como sócio do Instituto Anchietano de Pesquisas¹³, além de duas publicações sobre o Pe. Ambrósio Schupp e uma contribuição ao guia da cidade de São Leopoldo¹⁴. Sobre os textos, citamos os seguintes títulos e seus locais de publicação, além da ressalva de uma em língua alemã: *Ambróssio Schupp: quarenta anos a serviço do Brasil*, em *Correio*¹⁵, vinculado ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais do RGS, nas páginas 11-15 do caderno de outubro-novembro de 1964, e *Pater Ambros Schupp S.J – Zur 50. Wiederkehr seiner Todesfeier am 13.11.1964*¹⁶, publicado em *Pesquisas, Communication*¹⁷, número 3, páginas 5-13.

Em 1965, após já ter se associado ao IAP no ano anterior, o Pe. Rabuske, S. J., torna-se sócio efetivo da instituição, então sediada nos prédios das Faculdades Leopoldenses Civis, no centro de São Leopoldo. No decorrer deste ano, o jesuíta ateve-se à transferência dos materiais que compunham o legado deixado pelo Pe. Luiz Gonzaga Jaeger¹⁸ do Colégio

¹³ O Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) foi fundado em 22 de abril de 1956 pelos jesuítas Luís Gonzaga Jaeger, Balduino Rambo, Inácio Valle, Ernesto Maurmann, Arnaldo Bruxel, em reunião secretariada por Pedro Ignácio Schmitz, que lavrou a ata de fundação. Tem como intuito reunir os trabalhos de cunho acadêmico dos jesuítas da Província do Brasil Meridional. Seu principal objetivo é facilitar a publicação de artigos e garantir a continuidade de seus projetos e acervos. A ata de fundação deste instituto pode ser encontrada no seguinte endereço: <http://www.anchietano.unisinos.br/index1.htm>.

¹⁴ A contribuição do Pe. Rabuske, S. J. para o Guia de São Leopoldo consiste em um texto sobre “*As Faculdades de São Leopoldo*”, páginas 6-8.

¹⁵ Conforme dados apresentados na tese de Marcia dos Santos Ferreira, *Centros de Pesquisa do INEP: pesquisa e política educacional entre as décadas de 1950 e 1970* (2006), *Correio* corresponde a um periódico publicado entre os anos de 1960 e 1974, pelo Correio do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Rio Grande do Sul/Correio (CERPES). De acordo com a autora “o Centro Brasileiro e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais foram criadas pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1955, para cumprir os propósitos básicos de realizar cursos de aperfeiçoamentos do magistério e pesquisas sobre as condições educacionais e as tendências de mudanças apresentadas por cada região brasileira e pelo país como um todo”. (FERREIRA, 2006, p. 8).

¹⁶ *Pe. Ambróssio Schupp S. J. pelo 50º retorno de sua lembrança de falecimento aos 13/11/1964*. Posteriormente, em 1970, este escrito foi reimpresso pelo Pe. Richard Scheider em *Anzeiger Für die Katholische Geistlichkeit*, sob indicação para o clero católico, na Alemanha.

¹⁷ *Communication* era um boletim que foi impresso entre os anos de 1960 e 1967, integrando a revista *Pesquisas*, lançada em 1957 pelo Pe. Luiz Gonzaga Jaeger. No decorrer deste período foram lançados somente quatro números deste boletim.

¹⁸ Luís Gonzaga Jaeger nasceu na Linha Bom Jardim, hoje Ivoti, em 10 de julho de 1889. Depois de concluir seus estudos no Seminário Menor São José, de Pareci Novo, ingressou na Companhia de Jesus em 1909, no Colégio de Campolide, em Lisboa, Portugal. Ingressou no noviciado de Exaten, na Holanda, iniciando o curso de Filosofia em Valkenburg. De volta ao Rio Grande do Sul, terminou sua formação no então Seminário Maior de São Leopoldo, onde se formou sacerdote em 1922. No Ginásio Anchieta, de Porto Alegre, permaneceu de 1924 até 1963, desempenhando as funções de secretário, prefeito geral de disciplina e professor. De acordo com Luís Osvaldo Leite (2012, p. 175) “manifestou pronunciado pendor para pesquisas históricas, tornando-se pesquisador zeloso da História do Rio Grande do Sul, principalmente da região missioneira. Com muito carinho estudou a história da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul. Seu grande sonho foi terminar a História da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus, que estava escrevendo, mesmo ainda no dia de sua morte”. Foi admitido em 1937 ao IHGRGS. Em 1956 junto com mais 4 colegas fundou o Instituto Anchietano de Pesquisas (ver obra *A Igreja Católica e a colonização teuto-brasileira: o caso do Rio Grande do Sul*, do Pe. Rabuske, do ano de 2003.) e se tornou o 1º Redator-chefe do *Anuário de Pesquisas*. Foi diretor e redator-chefe das *Notícias da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus* entre

Anchieta para as dependências do IAP. Aparentemente, esta transferência de materiais pode parecer insignificante. Porém, no caso do Pe. Rabuske, S. J. ela será a base para o conhecimento do trabalho desenvolvido pelo Pe. Jaeger no que compete à história da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul. Posteriormente, a continuidade da escrita desta “história” estará nas mãos do Pe. Rabuske, S. J., e o manuseio deste material lhe ofereceu um suporte para a continuidade do trabalho de escrita desenvolvido pelo Pe. Jaeger.

No que toca à produção intelectual do Pe. Rabuske, S. J. ao longo do ano de 1965, elencamos uma publicação, sob o título *Um centenário de Gregório Mendel, expressivo para as Ciências Biológicas*, pela Revista *Estudos de Porto Alegre*, número 2, páginas 40-49.

Referente às produções bibliográficas do jesuíta no decurso do ano de 1966, é possível constatar cinco (5) trabalhos publicados: *Duas importantes publicações de documentos da História Recente*, em *Estudos*, número 2, páginas 77-82; *Instrução e Caridade*, texto do Pe. Pedro Schneider publicado pelo Pe. Rabuske, S. J., em *Estudos*, número 4, páginas 73-81; *As relações entre a razão e a fé, segundo os proêmios da “Suma contra gentiles”*, em *Estudos Leopoldenses*, número 2, páginas 15-30; *O primeiro centenário de P.S.*, publicado em *CORREIO e Diário Popular*¹⁹, da cidade de Pelotas em 28 de dezembro de 1966; *João B. Hafkemayer S. J. (1871-1924): um grande batalhador da historiografia brasileira*, em *Pesquisas*, boletim *Communications*, número 4, páginas 4-16, e *Aqui, toda a história dos jesuítas no ‘Vale’*, em Revista *Rua Grande*²⁰ de São Leopoldo, ano V, número 231, em 6 de dezembro de 1966, *Suplemento Especial*.

Enquanto representante das Faculdades Leopoldenses, pois ocupava cargos no setor administrativo e dos departamentos, o Pe. Rabuske, S. J. participou, em 1967, das solenidades de instalação da Universidade de Passo Fundo. De acordo com os registros de sua fundação no MEC, esta ocorreu no ano de 1968, oficialmente. No entanto, o jesuíta participou das

os anos de 1929-1942, que deu origem à revista trimestral *Notícias para os Nossos Amigos*. Faleceu em 1963, e entre seus escritos podemos elencar uma produção de 37 obras (ver LEITE, 2012, p. 176-177). No entanto, deixou incompleto seu trabalho sobre a *História dos Jesuítas no Sul do Brasil*.

¹⁹ O *Diário Popular* de Pelotas é o jornal mais antigo do Rio Grande do Sul, e o terceiro do Brasil, com circulação ininterrupta. Sua trajetória está ligada ao desenvolvimento econômico de Pelotas e região. O jornal pertence a uma sociedade por quotas formada em 1938, cujos sucessores mantêm ativa a sua circulação até os dias de hoje. Sua primeira página virtual entrou no ar em 1997 e atualmente pode ser acessada pelo link www.diariopopular.com.br.

²⁰ De acordo com Leonardo S. Rosa, Magna L. Magalhães e Cláudia Schemes, na obra *Cobras e Dragões: as feras da folia carnavalesca de São Leopoldo (RS)*, na *Revista de História Regional* (2017), a Revista *Rua Grande* iniciou as suas atividades em 1965 com Solon Pereira da Cruz. Suas publicações eram quinzenais e distribuídas nas manhãs de sexta-feira. Em 1972, a revista passou por uma reformulação e continuou circulando no Município de São Leopoldo até o encerramento de suas atividades em 2013. Posteriormente, em 2014, a revista passou a integrar a coluna do Jornal Vale dos Sinos, conforme manchete da notícia em 26 de setembro de 2014, *Revista Rua Grande de volta aos leitores leopoldenses* (https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2014/09/noticias/regiao/87102-revista-rua-grande-de-volta-aos-leitores-leopoldenses.html).

solenidades da criação da Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF)²¹ que, no ano seguinte, originou a Universidade de Passo Fundo (UPF), tornando-se a sua mantenedora. Sua representação junto a este momento solene da instituição é, em parte, uma representatividade do Departamento de Letras no que tange ao Curso de Anglo-Germânicas, pois ambas possuem o mesmo curso, o que demonstraria a importância deste junto às comunidades onde estas instituições se inserem.

Como atividade desenvolvida neste período “[...] elaborou AR um ‘catálogo bibliográfico de trabalhos publicados Companhia de Jesus Restaurada no Brasil (1842-1967)’, que surpresa sua, veio a somar mais de cem páginas, ficando, porém, inédito”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 7). De acordo com o Pe. Rabuske, S. J., a falta de recursos e materiais foi a causa de monografia desta extensão não ter como destino o prelo.

Entre os destaques de sua atuação junto ao meio acadêmico, nos dias finais do mês de julho, mais precisamente em 29/07, lançou a obra *Seleta P. S.* de autoria do Pe. Pedro Schneider, S. J., pelas Oficinas Gráficas Rotermund, com um volume de 113 páginas. Seu conteúdo versa sobre uma série de conferências sócio-religiosas, além de uma amostragem de gêneros de oratória. Em suma, divulga a obra filosófica e gramatical luso-brasileira do Pe. Schneider. Sua publicação ocorreu com o auxílio da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, sob a administração de Glodomiro Martins²². O Pe. Rabuske, S. J. cita que, em parte, era de interesse do município a impressão de tal obra, pelo “[...] fato de a cidade leopoldense possuir o Colégio Estadual Pedro Schneider, ilustre filho, aliás, do antigo município de São Leopoldo, RS”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 7).

Dentre os trabalhos publicados neste período, elencamos uma tradução da língua alemã, transcrita para o vernáculo pelo Pe. Rabuske, S. J. sob o título de *Um Xavier Sul-americano: Domingos Mayr S. J.* de autoria de Richard Schneider, enviado ao prelo da revista *Estudos*, fascículo 103, janeiro/março de 1967, páginas 42 a 51.

²¹ Antes da criação da Universidade de Passo Fundo (UPF), em 02 de abril de 1968, foi criada em 1950 a Sociedade Pró-Universitário de Passo Fundo (SPU) e o Consórcio Universitário Católico (CUC). Em 1953, estas Instituições foram responsáveis pela compra do prédio então pertencente à família Barbieux, onde foram instaladas a Faculdade de Direito e o Instituto de Belas Artes. Dentre os objetivos do CUC estava o de auxiliar na formação dos professores que atuavam na região. Em 1957 foi criada a Faculdade de Filosofia, que oferecia três cursos: Filosofia, Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas. Em 1960, a SPU fez uma compra da área de terra de Antônio Bittencourt de Azambuja para a construção da Cidade Universitária, onde hoje está instalado o Campus I. A Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF) foi fundada 28 de junho de 1967, quando ocorreu a fusão da SPU e CUC. A Entidade foi declarada de utilidade pública municipal pelo Decreto nº 7/67, estadual pelo Decreto nº 18.679/67 e federal pelo Decreto nº 62.575/68, sendo autorizada a funcionar pelo Decreto nº 62.835/68. A FUPF é mantenedora da Universidade de Passo Fundo, do Centro de Ensino Médio Integrado e do Centro de Línguas da FUPF, também denominado UPF Idiomas.

²² Glodomiro Martins foi Prefeito do Município de São Leopoldo durante a gestão de 1964-1968.

O ano de 1968, não foi marcado por grandes produções de cunho intelectual. Em suma, encontram-se registros de uma publicação no decurso deste período. *A nobre família do Barão de Jacuí* foi publicado pela revista *Estudos*, no caderno de abril a junho do referido ano, na página 13. Posteriormente, este mesmo texto foi publicado nos anais do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros em abril de 1969.

No que corresponde ainda a este ano “[...] teve AR de seus superiores religiosos a incumbência de dedicar-se a todo ao aperfeiçoamento do Arquivo da Província Sulbrasileira da Companhia de Jesus e à pesquisa de sua história nesta extremidade do Brasil”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 7). Como a FAFI não possuía, naquele momento, recursos materiais para tamanha empreitada, viu-se o Pe. Rabuske, S. J. no início do ano de 1969 residindo no Centro Antônio Vieira²³, em Porto Alegre, que anteriormente havia abrigado o Colégio Anchieta²⁴.

²³ Fundada em 04 de novembro de 1899 como entidade civil e atualmente sobre o nome de Associação Antônio Vieira (ASAV) representa a Província dos Jesuítas do Brasil. Tem como finalidade a promoção e o desenvolvimento da educação e da fé cristã. É uma instituição privada sem fins lucrativos, filantrópica, com Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) nas áreas de educação e assistência social. A ASAV atua em conformidade à legislação vigente por meio da Lei nº 12.101/2009, Lei nº 12.868/2013, Decreto nº 8.242/2014 e Portaria Normativa MEC nº 15/2017.

²⁴ O Colégio Anchieta foi fundado em 13 de janeiro de 1890 pelo padre Francisco Trappe, e era conhecido como “Colégio dos Padres”. Em 1897 passou a ser chamado de São José e, posteriormente, de Ginásio Anchieta, até que em 1901 recebeu o nome de José Anchieta em homenagem ao jesuíta que ficou conhecido como “apóstolo do Brasil”. Após o crescimento da instituição, seu prédio na Rua Duque de Caxias não comportava o número de estudantes. Em 1954 foi adquirido pela Instituição um terreno na Avenida Nilo Peçanha, onde dava-se início à construção do novo colégio. Em 11 de novembro de 1967 foram inauguradas as novas dependências da instituição onde funciona até os dias atuais. O antigo prédio, no qual o Pe. Rabuske, S. J. residiu e funcionava o Centro Antônio Vieira, foi vendido em 1974.

Figura 14 - 1º sede do Colégio Anchieta na Rua Duque de Caxias em Porto Alegre



Fonte: IAP ([19 - -]).

3.3 Pesquisador e Editor de Textos Alheios: os Primeiros Anos Dedicados à Pesquisa em Tempo Integral (1969 -1973)

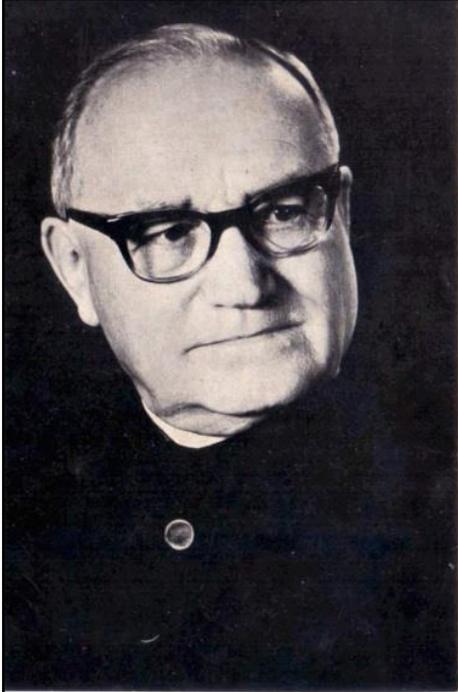
A partir de 1969, o Pe. Rabuske, S. J. encontrava-se desvinculado da FAFI, ficando ao seu próprio critério os meios pelos quais daria continuidade aos seus trabalhos de publicação e de escrita historiográfica. Sua mudança para o Centro Antônio Vieira contribuiria para o aperfeiçoamento do Arquivo da Província Sulbrasileira da Companhia de Jesus. No entanto, o excluía de qualquer fundo econômico que pudesse lhe auxiliar nos processos de pesquisas e publicações, pois encontrava-se, naquele momento, sem vínculo com alguma entidade de cunho educacional que pudesse vir a contribuir com seus trabalhos, como foi o caso da FAFI. Durante o período de 1969 até o ano de 1974 “[...] teve de cuidar ele próprio com exclusividade de seu sustento. Para tais efeitos, traduziu ele, inicialmente, um livro alemão ao

nosso vernáculo, sendo para conseguir o dinheiro preciso para a cobertura de suas primeiras prestações mensais”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 7).

Outro auxílio que foi de grande importância para o Pe. Rabuske, S. J. ao longo destes cinco anos foi o apoio de um sacerdote diocesano da Alemanha, o “Pfarrer Richard Schneider”²⁵ (Padre Ricardo Schneider), de quem o jesuíta era amigo de longa data. Ambos se conheceram durante o estágio realizado em 1957-59 na Alemanha, e mantiveram correspondência ativa até 1990. As correspondências passivas deste contato podem ser encontradas acondicionadas nas caixas 49, 56, e 64 que integram o acervo documental do Pe. Rabuske, S. J.. Seu remetente de nome Cäcilie (Cecília) Schneider (secretária), Büchen-Alemanha, escritas em língua alemã, tratam sobre questões de cunho pessoal e valores encaminhados para despesas com publicações e pesquisas. Observa-se que somente está disponível a correspondência passiva, o que não permite observar o retorno, através da correspondência ativa, sobre quais materiais de pesquisa foram publicados com estes valores.

²⁵ Em passagem do documento *CURRICULUM*, o Pe. Rabuske, S. J. ([2000?], p. 8) menciona que “Revelou-se essa figura sacerdotal de ex-detento do Campo de Concentração de Dachau, anos de 1939 a 1945, um grande amigo e benfeitor do Brasil, cujos auxílios e estímulos ultrapassaram em muito aos conferidos desinteressada e generosamente à pessoa de AR”.

Figura 15 - Cartão junto à correspondência do Pfarrer Richard Schneider para o Pe. Rabuske, S. J.



Goldenes Priesterjubiläum

Erzb. Geistl. Rat h. c., Pfarrer i. R.
Richard Alois Schneider

Der Jubilar wurde am 5.1.1893 zu Hundheim, Nordbaden, geboren. 1906/13 besuchte er das Gymnasium in Tauberbischofsheim. Das Theologiestudium in Freiburg i. Br. unterbrach der erste Weltkrieg. 1914/18 war er im Sanitätsdienst in der Heimat und an der Westfront tätig. Das 1919 wieder aufgenommene Theologiestudium beendete die

*Priesterweihe in St. Peter im Schwarzwald
am 12. Juni 1921
durch Erzbischof Dr. Karl Fritz.*

Nach den Kaplansjahren in Marlen, Seelbach, Mannheim (22/28) und Villingen erfolgte die Anstellung als Pfarrer in Beuggen am Hochrhein am 1.5.1930. Diese Seelsorgstätigkeit fiel in die Zeit der NSDAP-Herrschaft, die ihm Haft, Kerker und KZ Dachau vom 7.9.1940 bis 29.3.1945 brachte. Am 1.7.1946 übernahm er die Pfarrei Schlierstadt, Dekanat Buchen, bis ihn eine schwere Erkrankung und die Haftfolgen zwangen, am 1.12.1960 in den Ruhestand zu gehen, den er in Buchen, Odenwald, verbringt und aushilft, soweit es seine Alterskräfte erlauben.


MEMORIAL JESUITA UNISINOS
Sabere, Cultura e Arte

So halte uns jedermann für Diener Christi und Ausspender der Geheimnisse Gottes. 1 Kor 4, 1

Die Bestimmung des Priesters ist, für andere sich zu opfern, nicht für sich selbst.

Tagebuch von Kaplan Alois Andritzki von Dresden. Gest. 3.2.1943 in Dachau

Haben sie mich verfolgt, so werden sie auch euch verfolgen. Jo 15, 20

Die gottselig leben wollen, werden Verfolgungen erleiden. 2 Tim 3, 13

Er ist unter die Übeltäter gerechnet. Mk 15, 28

Wenn auch der Geist mir verzagt, du kennst meinen Pfad. Ps 141, 4

Jahre der Prüfung, da keine Schande und keine Leiden erspart blieben, harte Jahre, die für uns Jahre der Erbarmung wurden.

Minister Edmond Michelet 1960 bei der Einweihung der Todesangst-Christi-Kapelle in Dachau

Buße, Sühne, Liebe!

KZ-Neupriester Karl Leisner. Gest. 12.8.1945

Wie soll ich dem Herrn vergelten, daß mein Gedächtnis die Jahre erneuert und meine Seele doch nichts zu fürchten hat! Ich will, Herr, Dir danken und Deinen Namen preisen. Aug. Conf. cap.7

Daß in der Welt von heute Christus sichtbar sei durch Leben und Dienst des Priesters, wie das Priester-Dekret des 2. Vat. Konzils den Sinn des Priestertums deutet, dafür:

Betet um Priester und für die Priester!


MEMORIAL JESUITA UNISINOS
Sabere, Cultura e Arte



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Cabe citar que, no decorrer da primeira semana do mês de abril, entre os dias 04 e 11, de 1969, o Pe. Rabuske, S. J. participou do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros²⁶, realizado no Recife. Neste evento, foi apresentado o texto publicado em 1968, anteriormente citado em suas produções, intitulado *A nobre família do Barão de Jacuí*. Junto aos *Anais* do evento, publicados pela Universidade Federal de Pernambuco, editora Universitária, em 1974, este mesmo trabalho consta sob o título de *A nobre família do Barão de Jacuí, doadora do monumento aos jesuítas alemães em São Leopoldo (RS)*. Ainda no mesmo evento, também foi apresentado pelo Pe. Rabuske, S. J. o seguinte trabalho: *Padre Ambrósio Schupp. S. J. Descritor da paisagem natural e humana*. Seu texto também encontra-se publicado nos *Anais* deste evento. Deve-se levar em consideração que estes trabalhos serão publicados, posteriormente, em 1974, quando ocorre o III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros.

Figura 16 - Foto de sessão do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros - Pe. Rabuske, S. J. aparece na ponta direita



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuítas, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Em meados do mesmo ano, o Pe. Rabuske, S. J. tornou-se membro do Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL²⁷, cuja sede funcionava de modo provisório em Porto Alegre na

²⁶ Ver nota de rodapé número 7 deste capítulo.

²⁷ De acordo com reportagem da *Gaúcha ZH*, de 7 de dezembro de 2016, do jornalista Ricardo Chaves, em homenagem aos cinquenta anos da instituição, em 1968 o professor da UFRGS Lothar Hessel iniciou reuniões com alguns amigos, alunos, ex-alunos e colegas da Academia Rio-Grandense de Letras para conversar, debater, conhecer e divulgar temas da literatura, história regional e militar, geografia, geologia, genealogia, antropologia e folclore, entre outros. Os encontros ocorriam aos sábados, na Livraria do Globo, até que Pedro Leite Villas Bôas ofereceu seu apartamento, no Centro, para sediar as reuniões. Em 8 de dezembro de 1966, criaram o Círculo de

Rua da Praia, edifício Santa Cruz. Entre os objetivos do Círculo, estavam o de divulgar produções impressas do passado rio-grandense, não importando a língua ou o meio em que foram publicadas: livro, brochura, almanaque, jornal ou revista. Durante o período de um ano, coube a ele coordenar as reuniões do setor de impressos do Rio Grande do Sul em língua alemã.

Figura 17 - Carteirinha do CIPEL



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]). Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Em relação à produção acadêmica do Pe. Rabuske, S. J. ao longo de 1969, podemos elencar as seguintes obras: *Hundert Jahre Deutsche 'Jesuiten-Mission' in Südbrasilien (1869-1969)* em *Jahrbuch der Familie*²⁸, páginas 82-83; *A respeito de três centenários* em *Estudos*, número 111, páginas 81-86; *Duas datas históricas de nossa Província: 1869 e 1969* em *Informativo da Província Sulbrasileira*, número 41, maio de 1969, páginas 10-12, republicado com o título de *Duas datas centenárias na vida dos jesuítas sulbrasileiros* em *Notícias para Nossos Amigos*, número 102, julho de 1969, página 14-17; *Fausto: eterno drama do homem* em *Folha do Norte* (jornal), Belém do Pará em 06/07/1969 e republicado na revista *Estudos*, número 113, página 67, sob o título de *Uma nova tradução de Fausto de Goethe* (ambas versam sobre a tradução de *Fausto* de Goethe por Sílvio Meira, pela editora Agir, do Rio de Janeiro); *Alemães e descendentes do RGS na Guerra do Paraguai* e *Dicionário Alemão-Português* em *Estudos*, número 112, páginas 92-94; *Terá o Padre Werner Von und zur*

Pesquisas Literárias (CIPEL). Entre os fundadores, estavam Ari Martins, Villas Bôas, coronel Hélio Moro Mariante, Paulo Xavier e Júlio Petersen. Ao longo dos anos agregaram-se pesquisadores, como o padre Ruben Neis, grande conhecedor do Arquivo da Cúria Metropolitana, os coronéis Claudio Moreira Bento e Luiz Ernani Caminha Giorgis, Klaus Becker, padre Rabuske, S. J., o filósofo Luiz Osvaldo Leite, o casal literato Walter e Eva Koch, os historiadores Moacyr e Hilda Flores, a ativista cultural Vêra Lucia Maciel Barroso, o editor e literato Lotário Neuberger. A entrevista pode ser acessada pelo endereço eletrônico: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2016/12/cipel-completa-50-anos-no-dia8-de-dezembro-8655238.html>

²⁸ *Cem anos de Missão Jesuítica Alemã no Brasil Meridional (1869-1969)* em *Livro da Família. Jahrbuch der Familie* ou *Livro da Família* é uma edição anual publicada pela editora Pe. Reus.

Mühlem S. J. uma biografia?, em *Estudos*, número 113, páginas 47-49; *Johannes Evangelista Rick S. J.: O pai da Micologia (Ciência dos Fungos) Brasileira*²⁹ em *Estudos*, cujo texto original foi dividido em duas partes, publicadas nos números 113, páginas 58-66 e 114, páginas 74-85 e *A propósito do 2º centenário de nascimento de Alexandre von Humboldt (1769-1969)* em *Estudos*, número 114, páginas 86-88.

Sobre a atuação do Pe. Rabuske, S. J. junto a instituições ou associações acadêmicas, no período que compreende de 1970 a 1973 não foram encontrados documentos ou registros que nos possam fornecer informações. No entanto, há notícias de sua participação em um evento. No que corresponde a seus registros pessoais,

Inesquecível se lhe tornou a AR o ‘1º Encontro de Pesquisadores em Literatura do Rio Grande do Sul’, realizado em Porto Alegre a 26 e 27 de setembro de 1970, valendo o mesmo de duas excursões, feitas por cipelistas, sucessivamente a Cruz Alta, RS e Rio Grande, RS, de que teve o privilégio de participar. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 8).

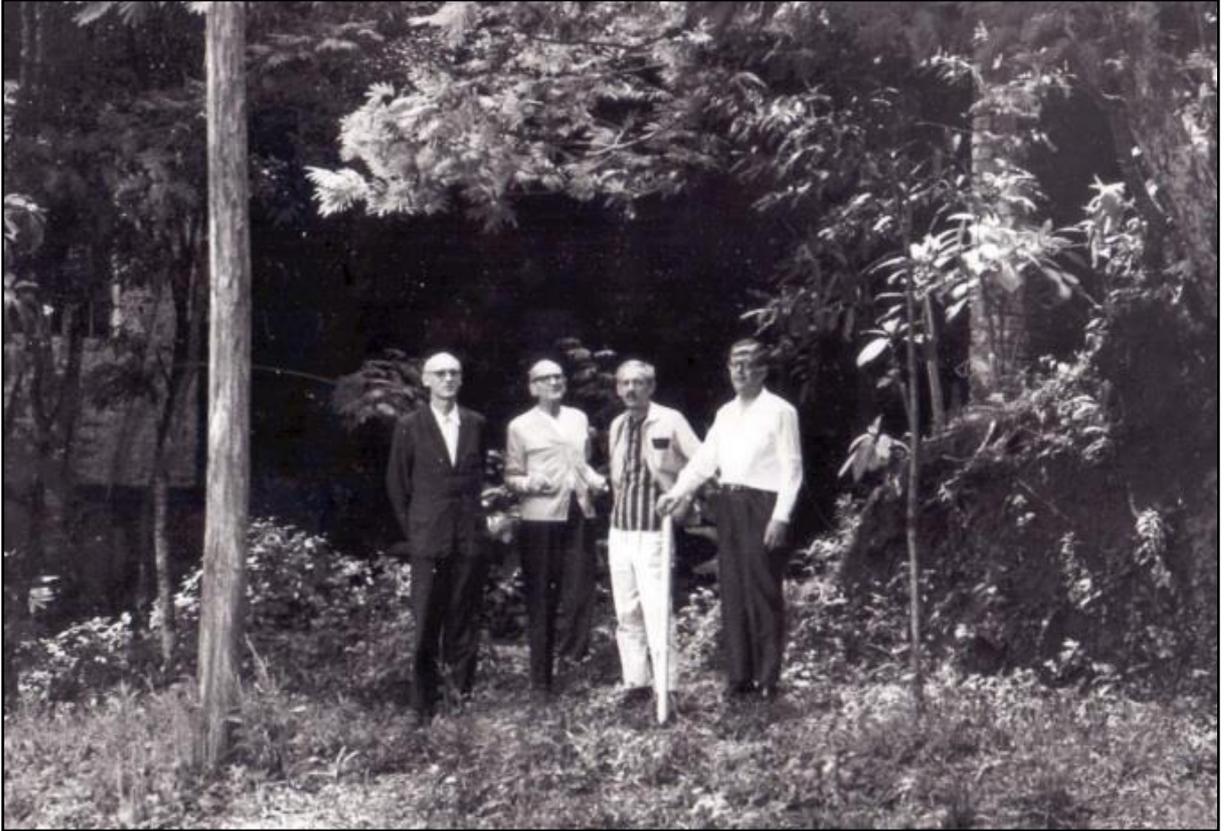
A participação em eventos desta natureza sem dúvidas foi enriquecedora para os amantes da literatura. Como o Pe. Rabuske, S. J. já declarou em entrevista ao IHU, mencionada anteriormente no primeiro capítulo quando dissertou-se sobre seu gosto pelas letras, era um apaixonado pelo gênero literário. Tanto este evento, acima citado, como os dois passeios realizados pelo CIPEL, constituíram-se como um incentivo à divulgação de temas e materiais vinculados ao universo literário, como também proporcionaram conhecer espaços de preservação deste conhecimento como, por exemplo, a Biblioteca de Rio Grande³⁰, a mais antiga do Estado e portadora de um número expressivo de obras e jornais para consulta. Sem dúvida, estes espaços podem instigar a curiosidade e vontade de tomar conhecimento de cada obra contida em seu acervo por um pesquisador ou literato, pois se constituem como fontes para o trabalho de pesquisa ou simplesmente lazer.

²⁹ De acordo com registros do Pe. Rabuske, S. J. ([2000?], 26) sobre este mesmo texto, “O Ir. Valdemar Boesing, S. J. adaptou esse artigo, em sua 1ª parte, para a revista *Notícia para Nossos Amigos*; Pe. Evaldo Heckler recebeu do trabalho cópia para os *Estudos Leopoldenses*; Pe. Luís Sehnem, S. J. enviou outra cópia ao Prof. Beltrão da Univ. Fed. De Santa Maria; e Walter Spalding serviu-se deste trabalho para sua biografia relativa ao Pe. João Ev. Rick, S. J.”.

³⁰ Em 15 de agosto de 1846, João Barbosa Coelho fundou o Gabinete de Leitura, que mais tarde veio a se chamar de Biblioteca Rio-Grandense. De acordo com Alves (2006), a Biblioteca Rio-Grandense possui a coleção completa do jornal local, o *Diário do Rio Grande*, a qual tem valor inestimável e raro, pois, além do acervo bibliográfico, a Biblioteca possui uma importante coleção numismática de mais de duas mil moedas e outras diversas singularidades raras.

Figura 18 - Grupo de cipelistas a caminho de Cruz Alta em junho de 1972 - da esquerda para a direita, Pe. Arthur Rabuske, S. J., Olyntho Sanmartin, Hélio Morro Mariante e Lothar F.

Hessel



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Quanto às produções de artigos e traduções que permeiam a escrita de cunho histórico ou não, podemos elencar um número significativo no decorrer dos anos de 1970 e 1971. Transformadas em números, alcançam a cifra de 34 publicações, tendo produzido ao longo de 1970 os seguintes títulos: *O Livre Arbítrio* em *Estudos*, número 2, sendo sua ortografia atualizada e apresentação do texto do Pe. Werner Von und Zur Mühlen S.J.; *Zwei des Cahy-Flusses in Südbrasilien*³¹ publicado por Hilgert & Filhos Ltda., Canoas, 1970, 12 páginas; *Julius Hornung*³² em *Anzeiger für die Katholische Geistichkeit, verlag Herder, Freiburg im Breisgau*³³, número 3, página 709; *Em lembrança do 4º centenário de martírio: Bem-aventurado Inácio de Azevedo. O Homem*, em *Estudos*, número 02, fascículo 116, páginas 19-

³¹ “Dois rios no sul do Brasil” (tradução nossa).

³² Nome próprio, sendo que Julius pode ser traduzido para o português como Júlio. No caso do sobrenome, se mantém a grafia original, sem tradução.

³³ “Indicado para o Clero Católico, publicado por Herder, Freiburg (cidade Alemã) em Breisgau (região sudoeste da Alemanha, conhecido como Distrito de Breisgau-Hochschwarzwalt (alta Floresta Negra).”

28; *Centenário dos 40 Mártires do Brasil* em *Notícias para Nossos Amigos*, número 106, páginas 2-5; *Pesquisas históricas do RGS: Pe. Miguel Kellner S. J. e sua Morte trágica no Rio Cai* em *Notícias para Nossos Amigos*, número 106, páginas 22-25; *Carta de Caxias, pouco conhecida, em que pede Jesuítas para um Colégio em Porto Alegre* em *Estudos*, número 3, fascículo 117, página 82; *O falecido Dr. Ney Câmara* em *Estudos*, número 3, fascículo 117, páginas 86-87; *Sobre o Cinqüentenário do Instituto Histórico e Geográfico do RGS* em *Estudos*, número 4, fascículo 118, páginas 32-35; *Em torno de Newman e sua 'Grammar of Asset'* em *Estudos*, número 4, fascículo 118, páginas 56-62; *O 4º Centenário da Morte de Manuel de Nóbrega S. J.* em *Estudos*, número 4, fascículo 118, páginas 76-77; *25 Anos depois Bomba atômica de Hiroshima* em *Estudos*, fascículo 118, páginas 87-90, textos transcrito e notas do Pe. Rabuske, S. J.; *Comemorando o 1º Centenário: a antiga Capela da Comunidade São José, em Porto Alegre* em *Notícias para os Nossos Amigos*, número 107/108, páginas 16-18³⁴; *O crescimento territorial de nossa Missão em 1911* em *Informativo da província Sul-Brasileira*, número 50, páginas 06-08; *Pe. Antônio Loebmann S. J.: Ecos do seu jubileu de ouro* em *Informativo da Província Sul-Brasileira*, número 53, páginas 1-2; *Construtores do Rio Grande* em *Estudos*, fascículos de abril/junho de 1970, páginas 82-84; *O Capelão nº 266 da FEB*³⁵ (Pe. Vendelino Junges S. J) em *Notícias para Nossos Amigos*, número 105, páginas 62-63 (o mesmo escrito também foi publicado no *Jornal Correio do Povo* de Porto Alegre, em 25 de janeiro de 1970, e *Gazeta do Sul* de Santa Cruz do Sul no mesmo ano³⁶).

No que tange a publicações em jornais, também encontra-se, neste mesmo ano, um necrológico, publicado no *Correio do Povo* de Porto Alegre em 16 de dezembro de 1970, *Padre Affonso Thiesen S. J.*. Nesta perspectiva, de escritas que não seguem um caráter acadêmico, como o necrológico, é possível ainda citar *O servo de Deus Adolfo Kolping*. Trata-se de um folheto impresso, que versa sobre a vida deste religioso, com uma tiragem de 10.000 exemplares que foram distribuídos para diversas comunidades religiosas da região, além das casas e institutos sobre a responsabilidade dos jesuítas.

³⁴ Este escrito também saiu publicado no jornal *Correio do Povo* de 22 de janeiro de 1971.

³⁵ Força Expedicionária Brasileira, enviada pelo Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

³⁶ Não foi encontrada a data de publicação deste artigo, tem-se como referência o documento *CURRICULUM*.

Figura 19 - Necrológio de Kolping escrito pelo Pe. Rabuske, S. J.

nada mais injusto do que isso, pois Kolping se assinalou, antes de tudo, como homem de fé e fervorosa oração íntima. Só a partir dessa vida sobrenatural como que se esqueceu a si mesmo e consagrou todo o seu amor fraterno a obras sociais, em que sempre o animaram os sentimentos mais puros de confiança em Deus e nos homens.

A lápide sepulcral na igreja dos frades menores em Colônia, onde descansam os restos mortais do precursor do apostolado social, faz esta inscrição expressiva. «Aqui jaz Adolfo Kolping — Pede a esmola de uma prece».

Hoje o processo de sua beatificação está tramitando em Roma.

Pede-se a comunicação de graças alcançadas ao Vice-Postulador da Causa de Beatificação do Servo de Deus Adolfo Kolping no Brasil: Pe. José Benno Goebel, S.J.. O endereço será simplesmente este:

Causa «Adolfo Kolping»
Caixa Postal 702
Porto Alegre — RS.

NOVENA
para alcançar qualquer graça
(Uso privado)

Pai de infinita bondade, que por Vosso Filho Unigênito ensinastes os homens: «Pedi e dar-se-vos-á»
Suplico-Vos, pela intercessão de Vosso servo Adolfo Kolping, «pai dos artifices» e precursor do apostolado social, que me concedais o que Vos peço animado de confiança filial...

Vosso servo «deu de boa vontade o que era seu e a si mesmo» (2 Cor 12,15) pelo bem religioso e humano de todos os próximos, que encontrou como irmãos nos caminhos da vida mortal em demanda do céu. Glorificai, pois, na terra quem nela Vos glorificou, atendendo sua intercessão em nosso favor.
Por Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Com aprovação eclesiástica.

Veja nota na página anterior



Adolph Kolping.

O SERVO DE DEUS
ADOLFO KOLPING

precursor do apostolado social
nascido a 8 de dez. de 1813
morto a 4 de dez. de 1865

ADOLFO KOLPING é conhecido no mundo inteiro como «pai dos artifices». Este título é o tem graças a seu apostolado vanguardeiro em favor de uma classe que, nos inícios da era industrial, se encontrava no mais completo abandono religioso.

Era filho de uma pobre e numerosa família de pastores, que morava em Kerpen, perto de Colônia, na Alemanha. Querendo tornar-se sapateiro, trabalhou, durante vários anos, como aprendiz dessa profissão. As horas livres dedicava-as ao estudo particular e, completados já 24 anos de idade, começou a frequentar o curso secundário no «Ginásio São Marcelo» de Colônia. E

que, como vocação tardia, pensava em ser sacerdote.

Concluída, não sem ingentes esforços, a formação média, pôs-se a estudar a Sagrada Teologia em München e Bonn. A 13 de abril de 1845 viu coroados os seu anelos com a ordenação sacerdotal, que lhe foi conferida na igreja dos frades menores em Colônia.

Sabemos hoje que Adolfo Kolping não entrou na carreira eclesiástica com o fim principal da ajuda precisa aos artifices do seu tempo, totalmente abandonados e expostos a toda a espécie de perigos. Pelo contrário, pensava, de início, em evadir-se de sua própria situação precária, tornando-se cientista.

Seu primeiro campo de apostolado, ou seja a cidadezinha industrial de Elberfeld, mostrou-lhe, porém, uma juventude operária imersa em desamparo onímodo e, sentindo-se chamado por Deus a socorrê-la, de

imediatamente passou a dedicar-lhe todas as energias de seu coração generoso. Sacrificou, assim, o seu próprio ideal de antanho.

A vida exemplar e cheia de zelo apostólico, que levava, esteve, a partir de então, inteiramente a serviço da juventude trabalhadora. Dirigiu a associação católica dos artifices como uma comunidade familiar, querendo vê-la construída sobre a base inabalável da fé cristã-católica e do amor operoso.

O sacerdócio de Adolfo Kolping veio somar apenas vinte anos. Foi contudo o tempo suficiente, para que sua figura de «outro Cristo» se imprimisse indelévelmente na alma de muitos e brilhasse em todo o esplendor.

Considerando hoje a mole enorme de suas obras materiais, a impressão mais óbvia e fácil seria a de estarmos diante de um mero administrador de bens externos. Mas

Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]). Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

As publicações que serão elencadas correspondentes ao ano de 1971, transitam entre traduções, artigos para revistas e jornais. Sobre as traduções, *Fé em Deus e Saúde Psíquica* de Georg Siegmund³⁷, foi traduzido do original, em alemão, para o vernáculo, com volume de 229 páginas e publicado em São Paulo pela Edições Loyola. Tratando-se de língua estrangeira, também se encontra publicado neste ano o texto em alemão *Eine 400-Jahrfeier: Die 40 Brasilianischen Märtyrer*³⁸ em *Jahrbuch der Familie* de Porto Alegre, nas páginas 178-181 e em *Serra-Post Kalender*³⁹ de Ijuí, páginas 63-66.

³⁷ Georg Siegmund foi um teólogo e filósofo alemão que desenvolveu escritos da crença natural em Deus além de estudos psicológicos.

³⁸ “O 400º Centenário: os 40 Mártires do Brasil” (tradução nossa).

³⁹ “Calendário da Serra” (tradução nossa).

Sobre publicações em revistas, informativos e livros, pode-se listar: *Pe. Affonso Thiesen S. J.* em *Estudos*, número 119, páginas 68-71; *Pe. Albert Funger*, em *Estudos*, número 120, páginas 77-84; *Os inícios da Comunidade São José de Porto Alegre*, Porto Alegre, Empresa Gráfica Editora S.A.; *Padre Aloísio Kades S. J. o Capelão Provincial, diuturno e inolvidável* em *Notícias para Nossos Amigos*, número 109, páginas 32-39 e 42-46; *Ocorrência da nossa História Secular em 1971* em *Informativo da Província Sul-Brasileira*, número 63, página 4, e número 64, páginas 3-4; *Nossos Irmãos, os precursores do Ensino Marista no Rio Grande do Sul?!* em *Informativo da Província Sul-Brasileira*, número 68, páginas 4-5; *Um convite de colaboração para nossos músicos e regentes* em *Informativo da Província Sul-Brasileira*, número 72, página 5; *Dicionário de História da Civilização* (coleção Enciclopédia do Curso Superior), verbete que trata da apreciação crítica da obra do autor Silval Freitas de Medina, impressa pela Editora Globo em 1970 intitulada *Dicionário de História da Civilização* em *Estudos*⁴⁰, fascículo 119, páginas 90-91; *Homenagem póstuma ao Pe. Affonso Thiesen S. J.* em *Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos*, número 2, texto reeditado e publicado em São Paulo.

Entre as publicações em jornais, encontram-se, no *Correio do Povo* de Porto Alegre, os artigos *A secular Capela Santo Inácio (da Feliz)*, na coluna *Revivendo o Passado*, datada de 2 maio de 1971; *Como o trigo veio para o RGS* em 25 de julho de 1971 e *1º Centenário da VFRGS*⁴¹ em 25 de novembro de 1971, bem como *O Período Jesuítico do São Luís (1871-1902)*, publicado em Santa Cruz do Sul no *Jornal Gazeta do Sul* de 5 de junho de 1971.

No que se refere às produções do Pe. Rabuske, S. J. durante os anos de 1972 e 1973, é possível elencar um número expressivo. O marco temporal estipulado por este subcapítulo, que corresponde aos anos de 1969 a 1973, expressa os princípios das publicações deste jesuíta no que consiste à pesquisa em tempo integral, neste caso desvinculado de atividades administrativas e educacionais, no que se refere à atuação em sala de aula. No entanto, cabe citar que, no decorrer de 1972, durante um período de dois meses, mais uma vez o Pe. Rabuske, S. J. retornou à Alemanha. Em sua segunda viagem a este país europeu, coube a ele pesquisar os documentos referentes à antiga Província Jesuítica do Brasil Meridional, mais especificamente, a “Missão Alemã”. Isso ocorre em função da organização do acervo do Arquivo Provincial da Companhia de Jesus em Porto Alegre, que, como foi mencionado anteriormente, estava sob a responsabilidade do Pe. Rabuske, S. J. sua organização. As

⁴⁰ Neste periódico, era de praxe encontrar-se em suas páginas finais uma apreciação crítica de alguma obra publicada recentemente e que apresentasse valor significativo para os leitores.

⁴¹ Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul.

pesquisas junto ao acervo dos jesuítas alemães de Köln⁴² resultou na cópia de um microfilme com cerca de 2.000 páginas de documentos, todos referentes aos jesuítas alemães ou descendentes que atuaram junto à “Missão Alemã” entre 1842 e 1924. Atualmente, este acervo documental se encontra junto ao Arquivo da Província dos Jesuítas em Porto Alegre, e se constitui até hoje como uma fonte propícia para a elaboração de pesquisas.

Sobre as participações do jesuíta em obras de outros autores, podemos citar durante o corrente ano de 1972 a obra do Pe. Olmiro E. Rartmann intitulada *Rio Grande Missioneiro*, do qual o Pe. Rabuske, S. J. é o autor do Prólogo da segunda edição.

No que diz respeito à produção de texto do Pe. Rabuske, S. J. durante o ano de 1972, podemos citar os seguintes escritos publicados em Anais, Kalender e informativos: *Breve introdução para o trabalho de Pe. Arnaldo Bruxel em Anais do 1º Encontro de Pesquisadores em Literatura do Rio Grande do Sul*, CIPEL, páginas 23 a 27, sendo neste mesmo também publicado o texto *Bibliografia Jesuítica Sul-Brasileira desde 1842-1967; Pater Johann Baptist Hafkemeyer S. J. (Zu seinem 100 Geburtstag)*⁴³ em *Serra-Post Kalender* de Ijuí, páginas 59-61; *Johann B. Hafkemeyer S. J. (1871-1924): Eine Revolte und eine Verschwörung*⁴⁴ em *Serra-Post Kalender* de Ijuí, páginas 53-75; *Nossa primeira Consagração ao Sagrado Coração em Informativo da Província Sul-Brasileira*, número 76, páginas 1 e 2; *A Contribuição dos Jesuítas à música no RGS em Informativo da Província Sul-Brasileira*, número 78, página 6.

Quanto a publicações em revistas, podem se elencadas: *Os antigos jesuítas da Amazônia em Estudos*, julho/setembro de 1972, páginas 37-42; *O Centenário da Expulsão dos Jesuítas Alemães em Estudos*, número 4, páginas 69-72, sendo que, nesta mesma edição, páginas 73-76 encontra-se também o texto *O Padre Pio e sua (Pia) Instituição; Os indícios históricos das franciscanas no RGS, em suas Referências aos Jesuítas em Estudos Leopoldenses*, número 22, páginas 263-282.

Também podem ser encontrados em jornais os seguintes textos: *À margem da ‘História de Blumenau’ em Blumenau em Cadernos*⁴⁵ número 6, páginas 110-112 e *Agostinho*

⁴² Köln na tradução da língua alemã “Colônia”, cidade da Alemanha situada na região da Renânia do Norte na Vestefália.

⁴³ “Padre João Batista Hafkemeyer S. J. (Seu 100º aniversário)” (tradução nossa).

⁴⁴ “João B. Hafkemeyer (1871-1924): uma Revolta e uma Conspiração” (tradução nossa).

⁴⁵ A Revista *Blumenau em Cadernos* tem suas edições bimestrais desde a sua fundação em 1957 até os dias atuais. De acordo com Darlan J. Schmitt (2011, p. 2-3) “Este periódico seria um canal para divulgação da história do Vale do Itajaí e conseqüentemente do estado de Santa Catarina. Todavia, inicialmente o foco deste impresso era Blumenau e sua história”. O texto publicado de autoria do Pe. Rabuske, S. J. pode ser encontrado digitalizado na página virtual da Hemeroteca Digital Catarinense, no endereço <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1972/BLU1972006.pdf>.

Lipinski, o polonês que missionou os católicos alemães de São Leopoldo, RS, série publicada no jornal *Lud*⁴⁶ de Curitiba nas datas de 08/12/1971, 09/02/1972, 16/02/1972, 08/03/1972, 15/03/1972 e 22/03/1972. Cabe observar, que o primeiro artigo da série publicada em *Lud* data de dezembro 1971.

Quanto às publicações ao longo de 1973, *A contribuição teuta à Igreja Católica no Rio Grande do Sul*, teve seu texto divulgado pelas Edições Loyola em São Paulo sob a forma de livro, além da revista *Estudos Leopoldenses*, número 28, páginas 131-150 que também publicou o mesmo texto. O mesmo critério se aplica ao trabalho intitulado *A supressão da Companhia de Jesus em 1773: um dos fatos mais singulares na História da Igreja*, publicado sob a forma de livro pela Gráfica Unisinos de São Leopoldo e de artigo pelas revistas *Perspectiva Teológica*, número 9, páginas 199-217 e *Estudos*, fascículo 129, páginas 29-49.

Entre artigos enviados a revistas, se encontram: *Ao ensejo do 4º Centenário de Os Lusíadas* em *Estudos*, fascículo 127, páginas 44-47; *Nótulas ao ensejo do 5º Centenário de Copérnico* em *Estudos*, fascículo 128, páginas 55-59; *Jesuitas em Mostardas, RS* em *Estudos*, fascículo 129, páginas 29-49; *Um documento que foi custoso descobrir* em *Informativo da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus*, número 90, página 9.

Ainda no decorrer deste mesmo ano, na *Gazeta do Sul* de Santa Cruz do Sul, Maio/Junho de 1973, encontra-se o artigo sobre *A 1º Brochura sobre Santa Cruz do Sul*.

⁴⁶ O *Jornal "Lud"*, de Curitiba, foi adquirido por um grupo de onze (11) acionistas após um processo de espólio. Sob a responsabilidade da congregação de padres vicentinos de Curitiba, em 2 de outubro de 1920 foi lançado o primeiro número do semanário sob os auspícios do redator Pe. José Joaquim Góral CM. "Desde o início esse semanário teve um caráter eclesiástico-conservador e também publicava textos de temática social". (MALCZEWSKI, 2012). O ano de fundação deste jornal se dá em 1892 com o imigrante polonês Karol Szulc, sob o nome de *Gazeta Polska w Brazylji (Jornal Polonês no Brasil)*. Posteriormente, em 1905, seu nome é alterado para *Polak w Brazylji (O Polonês no Brasil)* e novamente em 1920, quando passa a denominar-se "*Lud*" (*O Povo*). Sua circulação entre o marco temporal de 1920-1989 passou por interrupção durante o Estado Novo brasileiro, tendo retornado sua edição ininterrupta em 1947. Com a defasagem do semanário ao longo do tempo, em 1989 optou-se pela substituição de seu nome para "*Nowy Lud*" (*O Novo "Lud"*), com publicação bilíngue em polonês e português, além de um novo formato gráfico. "Infelizmente, nem o novo nome nem o novo formato gráfico conseguiram prolongar a vida do semanário. Nos últimos meses de sua existência o jornal circulou de forma irregular, até ser interrompida sua publicação em outubro de 1999." (MALCZEWSKI, 2012).

4 PESQUISADOR EM TEMPO INTEGRAL: DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS) AS ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES (1974-2005)

Este quarto capítulo tem como intuito investigar o período em que o Pe. Rabuske, S. J. atuou junto a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob o título de Pesquisador da Unisinos. Porém, este espaço temporal está delimitado pelo marco cronológico de 1974 até 2010. Uma vez que não houve o desligamento deste jesuíta da instituição em que atuava, e suas publicações de âmbito historiográfico datam até o ano de 2005. Mesmo em seus últimos anos de vida, manteve um ritmo mais lento no trato de pesquisas que, no entanto, estavam limitadas ao espaço da Residência Conceição.

Em um exercício de mescla entre o texto reflexivo sobre posições e atuação do Pe. Rabuske, S. J. durante o período determinado pelo marco temporal deste capítulo, busca-se elencar sua produção acadêmica, de cunho bibliográfico. O intuito é de não tornar o texto cansativo e pesado ao leitor. Assim, optou-se por mesclar junto à escrita tal referencial, que se apresenta em grande quantidade entre anos de 1974 a 2005. Decidiu-se por este método, acompanhado da organização cronológica das publicações, a fim de que o leitor possa vislumbrar, de acordo com os anos correntes, a trajetória e as produções do jesuíta.

Dividindo-se em três subcapítulos, objetiva-se abordar, em um primeiro momento, a inserção do Pe. Rabuske, S. J. junto à Unisinos, como, também, seus escritos entre os anos de 1974 a 1979, quando recebe o status de “Pesquisador” desta instituição, o qual manteve até os seus últimos dias de vida. Em um segundo momento, procuramos apontar a sua participação junto a entidades científicas, que visam o seu reconhecimento enquanto pesquisador, acompanhado de suas produções durante o período de 1980 a 1989. Para encerrar este capítulo, analisamos seus anos de pesquisa com a titulação de Doutor Honoris Causa, que recebeu ao final da década de 90, e suas últimas publicações que remontam ao marco cronológico dos anos de 1990 a 2005.

4.1 O Retorno a São Leopoldo e às Atividades de Pesquisador de “História Regional” (1974-1979)

Ao dar continuidade à trajetória do Pe. Rabuske, S. J., no que se refere à sua produção de cunho acadêmico, dentro do período mencionado (1974-2010), cabe salientar que a última publicação efetuada pelo jesuíta, data de 2005. Produções posteriores se encaixam na lista de

textos inéditos que, na sua grande maioria, ainda são desconhecidos do público acadêmico, e cujas notícias sobre são escassas. Nesta conjuntura, esta dissertação tem como um de seus objetivos listar tais obras, a fim de que possam, no futuro, servir para o desenvolvimento ou consulta de novas pesquisas.

No que concerne ao ingresso do Pe. Rabuske, S. J. junto à Universidade do vale do Rio dos Sinos e o processo de transição que iniciou com a fundação do novo campus da universidade, este localizado na Avenida Unisinos, número 950, quando os cursos oferecidos na primeira sede da instituição, até então Faculdade, se veem transferidos para as novas instalações. Junto a este processo de esvaziamento do antigo prédio, ocorreu a mudança dos professores titulares destes cursos que pertenciam à Ordem dos Jesuítas para a Residência Conceição. A mesma se encontra situada a duas quadras do núcleo universitário, facilitando o acesso dos professores às novas instalações.

Sobre este tema, o Pe. Rabuske, S. J. relata no documento *CURRICULUM VITAE* que “Pelos meados de 1974, deu-se a volta, respectivamente a transferência, de AR ao ninho leopoldense antigo, sito de frente à Rodoviária Central, ou à ora ex-sede da Unisinos”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 9). Esta transferência de Porto Alegre para São Leopoldo se dá pelo fato de a Companhia de Jesus entrar em trâmites da venda do imóvel correspondente ao antigo Colégio Anchieta, acarretando na realocação do Centro Antônio Vieira junto ao novo campus da então Unisinos. Como possível solução do problema, o Padre Provincial da Província do Brasil Meridional ofereceu ao Pe. Rabuske, S. J. duas possibilidades de nova residência, “[...] o Colégio M. Cristo Rei de S. Leopoldo, sendo com o encargo de bibliotecário da instituição e ao depois a sede pequena comunidade religiosa junto ao Santuário Sagrado Coração, também na cidade leopoldense”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 9). Nesta comunidade, caberia ao Pe. Rabuske, S. J. manter o desenvolvimento de suas pesquisas, como, também, atender a comunidade e os peregrinos em visita ao túmulo do Pe. João Batista Réus¹.

¹ João Baptista Reus nasceu em Pottenstein, na Alemanha, em 1868. Em 1880 ingressou no ginásio, onde buscava alcançar os estudos necessários para ingressar na vida religiosa. Entre os anos de 1889 e 1890 cumpriu com as obrigações do serviço militar, obrigatório mesmo para aqueles que desejassem seguir no sacerdócio. De acordo com Ângela Molin (2011, p. 28), “Apresentou-se como enfermeiro e foi aceito na 3ª. Companhia do 5º. Regimento de Infantaria. Durante esse período, foi promovido a cabo, depois a suboficial, oficial substituto e, por fim, aspirante a oficial, promoção da qual declinou por ser incompatível com o sacerdócio”. Entre os anos de 1890 e 1894 cursou o seminário diocesano, ingressando no Noviciado da Companhia de Jesus em Blyenbeek, na Holanda, ainda no mesmo ano. Concluindo sua formação em 1900, foi enviado ao Brasil, especificamente para o Rio Grande do Sul, onde atuou por um curto período de tempo em Rio Grande e depois em Porto Alegre, regressando a Rio Grande. Posteriormente, em 1905 foi admitido na Companhia de Jesus, pois encerrava a terceira provação, parte final da formação jesuítica. Em 1913 foi designado pelo seu Superior para assumir a Paróquia de São Leopoldo, passando já em 1914 a Diretor

Porém, como ambas as propostas não atendiam as necessidades de tempo para a consecução e desenvolvimentos de pesquisas, ficou acertada a transferência do jesuíta para a comunidade responsável pela gestão da Unisinos, neste caso a Residência Conceição, onde, diga-se de passagem, permaneceu até seus últimos dias de vida. Instalado na nova residência, agora em São Leopoldo, o Pe. Rabuske, S. J. foi convidado pelo Diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) a assumir o cargo de secretário da instituição e responsável pela publicação da seção de História da *Revista Pesquisas*².

Nessa dupla posição, acrescida de um curto período de direção do IAP, permaneceu ele por uns 25 anos a-afio, quando por boas razões declinou de tal obrigação. Sua tarefa principal, aliás condizente com o projeto perseguido por AR, consistia em fornecer ou reunir anualmente o material manuscrito necessário e suficiente para a edição das PESQUISAS em pauta. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 10).

Note-se, que ao assumir estas funções, o Pe. Rabuske, S. J. encontrava à sua disposição meios cabíveis para as suas publicações, ao mesmo tempo em que dispunha de facilidade de acesso aos documentos referentes aos jesuítas presentes em São Leopoldo. No entanto, cabe ressaltar que, em sua mudança para a nova residência, trouxe consigo uma considerável bagagem de livros e documentos, pois, como já citado anteriormente, o prédio do Colégio Anchieta estava em processo de venda. Em virtude deste fato, não só era necessário realocar os jesuítas que ali residiam, como também os materiais e documentos referentes à Companhia e seus membros.

Outro fato, também de grande relevância para esta escrita, neste mesmo período, o ano de 1974, está relacionado à inserção do Pe. Rabuske, S. J. junto à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Antes do ano citado, não havia nenhuma ligação direta deste jesuíta

Espiritual do Seminário. Mesmo declinando do cargo em 1917, auxiliou no processo de ampliação do Seminário em 1921. Tendo falecido o Reitor do Seminário, Pe. Lütgen, em 1923, o mesmo ainda havia nomeado o Pe. Réus Vice-diretor da instituição. Nos anos seguintes manteve uma série de atividades envolvendo a formação do clero e o atendimento à comunidade leopoldense. Porém, “As atividades do Padre Reus reduziram-se, a partir de 1938, com a transferência do Seminário Menor para Gravataí, mantendo as aulas de Liturgia e Ascética no Seminário Maior, bem como a direção das cerimônias nas funções litúrgicas”. (MOLIN, 2011, p. 47). A partir de 1944 encontrava-se adoentado, dedicando-se a uma vida baseada na oração e na espiritualidade. Em 21 de julho de 1947 faleceu Pe. Reus. Atualmente, ainda encontra-se em processo de análise a sua canonização, que desde 1953 tem sido o foco das autoridades religiosas da região do Vale dos Sinos.

² A *Revista Pesquisas* é publicada pelo Instituto Anchietano de Pesquisas de São Leopoldo, dedica-se à publicação de diversos setores como História, Antropologia, Arqueologia, Botânica e Biologia. Encontram-se publicados por ela diversos trabalhos de cunho historiográfico, uma vez que “[...] ao Instituto Anchietano estão vinculados pesquisadores da Ordem dos Jesuítas que se dedicam principalmente à pesquisa sobre a atuação da Companhia de Jesus no sul do Brasil”. (PICCOLO, 1975, p. 963). Seu Primeiro número foi lançado em 1957, quando o Instituto foi fundado e sua sede ficava nas dependências do antigo Colégio Anchieta em Porto Alegre.

para com o novo núcleo universitário. Suas pesquisas, que versavam sobre o tema jesuítico, ainda estavam vinculadas à autonomia recebida do Padre Geral.

Quando o Pe. Rabuske, S. J. residia em Porto Alegre, mais precisamente no prédio do antigo Colégio Anchieta, ficou sob sua responsabilidade prover o sustento de suas pesquisas. Para esta finalidade, o jesuíta optou por traduzir textos e livros em idioma estrangeiro, geralmente em alemão ou espanhol, para a língua vernácula. Agora, residindo em São Leopoldo, e tendo a possibilidade de publicar suas pesquisas pelo Instituto Anchietano de Pesquisas, só lhe faltava uma vinculação a um núcleo acadêmico, o que, por sua vez, o tornaria um membro interino daquela comunidade, capaz de prover às condições necessárias para a continuação de seus trabalhos.

Ainda em 1974, ou seja, a 1º de agosto deste ano, obtive AR, por indicação de Pe. Inácio Schmitz, do Reitor da UNISINOS Pe. Teobaldo Frantz, uma ajuda, como módica de custos, que era da importância de dois ‘módulos-aula’, como então se dizia. Tal apoio, renovado ao depois por outros Reitores Magníficos, conferiu a AR a condição de ‘pesquisador da UNISINOS’, ficando-lhe o compromisso explícito de publicar, anualmente, um artigo preciso sob o rótulo ou nome dessa entidade universitária. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 10).

A ajuda mencionada, advinda no ano de 1974, traz ao conhecimento o momento de inserção do Pe. Rabuske, S. J. junto à instituição universitária da Unisinos. De acordo com a portaria 255 de 1974 emitida pelo então Reitor Professor Teobaldo Leopoldo Frantz, em 27 de junho de 1974,

O Reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, resolve ADMITIR, para pesquisa histórica, principalmente regional, a partir de 1º de agosto de 1974 até 31 de janeiro de 1975, renovável a critério da reitoria, e devendo fazer relatório semestral de atividades, o Professor Assistente Arthur Rabuske, S.J. em regime de 8 horas/aula semanais. (UNISINOS, 1974, p. 1).

Posteriormente, as portarias 001 de 1975, 099 de 1976, 410 de 1977, 132 de 1978, 133 de 1978, 330 de 1978, 243 de 1979 e 212 de 1980, emitidas pela reitoria da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, renovaram este auxílio. Mas, as mesmas também reiteram as funções que devem se desempenhadas pelo mesmo, como, por exemplo, a portaria 330 de 1978, emitida em 30 de agosto pelo então Reitor Prof. Luiz Marobim,

O Reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em decisão favorável da Reitoria, NOMEA o Prof. ARTHUR JOSÉ RABUSKE para exercer as funções de

pesquisador em ‘História Regional’, em regime de oito (8) horas/aula semanais, a partir de 1º de agosto a 31 de dezembro de 1978 [...]. (UNISINOS, 1978, p. 1).³

Cabe citar, ainda, que os anos de 1974 e 1975 foram marcados pelo “Biênio da Colonização e Imigração”⁴, cujas comemorações encontravam-se em organização desde 1973 pelas autoridades vinculadas ao governo do Estado do Rio Grande do Sul⁵. Em sua base, havia o intuito de festejar os 150 anos da imigração alemã (sesquicentenário) e os 100 anos da imigração italiana (centenário) no Estado. No entanto, estas comemorações também foram estendidas a outras etnias que imigraram⁶, além de índios e negros.

No que consiste ao Pe. Rabuske, S. J., conforme consta em suas anotações no *CURRICULUM VITAE*, “AR veio a ser um dos membros nomeados da Comissão de Cultura, mais perto para o ‘sesqui’ teuto-brasileiro” (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 10) e entre as suas contribuições para os festejos e eventos provenientes desta comemoração,

Por sugestão sua, aliás aceita, constou dentro dos festejos previstos a realização do simpósio ‘ad hoc’ e a impressão de seus anais. Para eventuais propósitos de publicação ao ensejo do ‘sesqui’ ofereceu ele também um extenso texto transcrito em seu original da revista ‘Alte und Neue Welt’ (Antigo e Novo Mundo), cujo autor havia sido nada mais nada menos que o conhecido Pe. Ambrósio Schupp S.J., o qual descrevera de modo muito interessante e original uma das suas giras em tempo de férias, decênio de 1880, os centros principais da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 10-11).⁷

Para a surpresa do Pe. Rabuske, S. J., seu texto foi rejeitado pela comissão avaliadora. Assim, o mesmo enviou para a Comissão Cultural outro texto, com a intenção de obter uma aprovação, de autoria do jornalista inglês Michael G. Milhall. Em seu texto, o autor relata que, após sua passagem pela Argentina, chegou a São Leopoldo no corrente ano de 1871 e ali assistiu à inauguração da primeira ferrovia do Rio Grande do Sul como também visitou em

³ Ambos os documentos citados e as portarias mencionadas se encontram acondicionadas no Memorial Jesuíta, junto ao acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J. nas caixas 19 e 28.

⁴ De acordo com Tatiane de Lima (2015, p. 173), “Por meio do Decreto nº 22.410 de 22 de abril de 1973 que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração, se deu o início das organizações oficiais dos festejos. Nas celebrações, três correntes imigratórias receberam maior destaque: açorianos, alemães e italianos. A relevância foi justificada porque os primeiros deram início à colonização do que hoje é o estado do Rio Grande do Sul, os alemães por ocasião do Sesquicentenário de sua chegada, e os italianos devido, igualmente, ao marco de seus cem anos de chegada ao Sul do Brasil”.

⁵ Entre as autoridades responsáveis pela organização dos festejos, empossados pelo então governador do Estado do Rio Grande do Sul Euclides Triches no Palácio Piratini em 15 de maio de 1973, encontram-se o Deputado Victor Faccioni como Presidente da Comissão Coordenadora, o Secretário de Turismo Roberto Eduardo Xavier como Coordenador Geral e o jornalista Osvaldo Goidanich como coordenador executivo.

⁶ Entre os imigrados que foram homenageados pelas comemorações do “Biênio da Colonização e Imigração” apontam-se alemães, italianos, luso-brasileiros, argentinos, espanhóis, norte-americanos, franceses, ingleses, israelenses, japoneses, libaneses, poloneses e uruguaios.

⁷ Observa-se que este texto foi publicado mais tarde, em 1998 pela *ST. Paulusblatt*, agora com sede em Nova Petrópolis. A obra foi dividida em várias partes, as quais foram continuamente publicadas até compor o escrito de forma integral.

parte a Antiga Colônia Alemã. Da sua aprovação pela comissão foi publicado pela editora Bels S.A de Porto Alegre, no mesmo ano, o livro *O Rio Grande do Sul e suas colônias Alemãs*⁸, que teve seu texto traduzido e levado ao prelo, após alguns percalços.

Coube o trabalho da tradução a um especialista da língua inglesa na UFRGS. Mas, assim como estava, não pode ser aceita pela Comissão nem editar-se. Fez então AR a revisão, respectivamente correção, do manuscrito, pois conhecia o original a partir de um dos raros exemplares existentes na biblioteca do Colégio Cristo Rei. Por outra, escreveu ele tudo de novo e acrescentou ao texto, como notas oportunas de sua autoria, as que na obra impressa vão da página 268 à de 292. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 11).

Sobre as publicações do Pe. Rabuske, S. J. ao longo do ano de 1974, pode-se elencar em revistas ou periódicos: *O apóstolo da intelectualidade gaúcha no Brasil* em *Estudos*, número 1, fascículo 131 de Jan./Mar, páginas 45-75; *As duas primeiras visitas Pastorais na Colônia Alemã de São Leopoldo* em *Estudos Leopoldenses* (Gráfica Unisinos), número 28, páginas 67-93; *Sie (die Jesuiten) haben sich um die Hebung des materiellen Wohlstandes der Kolonisten in Rio Grande do Sul bemüht*⁹ em *Serra-Post Kalender*, páginas 123-137; *Inauguração da Estrada de Ferro de São Leopoldo* em *Estudos Leopoldenses*, número 28, páginas 94-100, texto original em Inglês de Michael G. Mulhall, tradução e introdução de Arthur Rabuske, S. J.; *Os Fundadores da 'Baumschneiss' ou Picada Dois Irmãos, RS* em *Serra-Post Kalender*, páginas 191-206, texto original em alemão de Pe. Matias J. Gansweidt, traduzido por Arthur Rabuske, S. J. e republicado posteriormente em 1977 nos *Anais do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no RGS* pela Editora Rotermund S. A.; *A antiga matriz de São Miguel dos Dois Irmãos, RS: crônica de sua construção* em *Serra-Post Kalender*, páginas 207-214 e republicado posteriormente em 1977 nos *Anais do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no RGS* pela Editora Rotermund S. A.

⁸ Conforme Carlos G. Costa, na obra *Imigração alemã e fumicultura: a colônia de Santa Cruz (RS) no período imperial brasileiro* (2007, p. 14), em seu livro Mulhall “aborda a sua viagem pelo RS no ano de 1871 a convite da colônia de ingleses pois estes queriam mostrar ao ilustre jornalista Britânico as inúmeras obras que estavam sendo realizadas em solo gaúcho, esta sendo uma parceria anglo-brasileira. Este viajante abordou inúmeros acontecimentos desse período ocorridos no RS e também procurou visitar as diversas regiões bem como a Colônia de Santa Cruz, já elevada a condição de freguesia nesse período. Observa-se, no entanto, que Mulhall procurou observar apenas os aspectos econômicos da produção agrícola da freguesia e seu número de habitantes”. (COSTA, 2007, p. 14). De acordo com Eloisa H. C. L. Ramos, o livro de Mulhall publicado em Londres em 1873, dedicava o capítulo 10 a registrar sobre a colônia de São Leopoldo. “Sua narrativa destacava, na ocasião, os festejos realizados na igreja [que, dizia] está ornamentada com bom gosto [...] [e] os habitantes da vila estão todos com roupas domingueiras [...], todas as fábricas e serrarias estão silenciosas, como acontece no domingo de manhã [...]. O cenário festivo do dia é a estação provisória”. (RAMOS, 2012, p. 249).

⁹ “Eles (os Jesuítas) se esforçaram para elevar a riqueza material dos colonos no Rio Grande do Sul.”

Entre as obras traduzidas integralmente e apresentadas/publicadas em Anais de eventos, apontamos: *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*, Porto Alegre, Editora Bels S. A., texto original em inglês de Michael G. Mulhall; *Panorama da Filosofia Escolástica*, São Paulo, Edições Loyola, texto original de Werner von und zur Mühlen (republicado em *Humanismo Pluridimensional*, junto às *Atas da Primeira Semana Internacional de Filosofia da S.B.F.C.*, nas páginas 286-292; *Presença da Igreja Católica e “Sociedade Antônio Vieira” em Álbum Oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã*, Porto Alegre, páginas 102-105; *Pe. Ambrásio Schupp S. J.: descritor da paisagem natural e humana* em Editora Universitário da UFPe em Recife, *Anais do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*, páginas 205-227. *A nobre família do Barão de Jacuí, doadora de um Monumento aos Jesuítas Alemães em São Leopoldo* em Editora Universitário da UFPe, em Recife, *Anais do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*, páginas 229-243.

Ainda sob o viés jornalístico, elencamos os seguintes artigos: *A propósito do 1º Livrinho sobre Santa Cruz* em *Gazeta do Sul*, Julho de 1974, Números 61, 62 e 63; *Pe. Werner von und zur Mühlen* em *Correio do Povo, Cadernos de Sábado* de 17/08/1974; *Uma foto redivina* em *Gazeta do Sul*, página 14, de 14 de dezembro de 1974; *N. Sr^a dos Navegantes em Porto Alegre* em *Correio do Povo*, série monográfica de artigos publicados de novembro de 1974 até fevereiro de 1975.

Até o presente momento, tem-se buscado as informações referentes à trajetória do Pe. Rabuske, S. J. junto ao documento *CURRICULUM VITAE*, em consonância com os documentos dispostos no Memorial Jesuíta. Cabe aqui mencionar que, a partir do ano de 1975 e até 2005, dispõe-se de um número limitado de informações sobre o jesuíta. A década de 70 ainda se mostra profícua quanto a dados que nos permitem cogitar e analisar os fatos e acontecimentos que envolvem a sua pessoa. Porém, a partir das décadas de 80 e 90, são poucos os dados encontrados, e em sua grande maioria remontam às suas publicações, o que nos elucidava parte de sua trajetória. No entanto, o que se quer salientar é que, durante este período, o Pe. Rabuske, S. J. esteve voltado para o desenvolvimento de suas pesquisas. Em virtude desse fato, não é possível encontrar muitos dados relativos às funções desempenhadas pelo mesmo ou participações em eventos de grande porte. Nota-se que neste período o jesuíta esteve mais voltado ao desenvolvimento de uma escrita de cunho historiográfico, já que dispunha de meios para publicação.

É de conhecimento que, durante o ano de 1975, esteve o Pe. Rabuske, S. J. envolvido na realização do Simpósio Nacional de História Missioneira¹⁰, em trabalho conjunto com o Professor Erneldo Schallenberger¹¹. Dessa iniciativa, de promover os estudos referentes ao contexto missioneiro, de acordo com os registros do Pe. Rabuske S. J. ([2000?] p. 11), “[...] de modo igual foi sugestão sua aceita, que desde o começo se editassem os ‘Anais’ desses simpósios, que fizeram escola na ex-região dos ‘pueblos’ guaranis”.

Para Erneldo Schallenberger ([19 - -], p. 1) os Simpósios de História Missioneira tinham o intuito de

[...] construir conhecimentos que pudessem superar as generalizações de senso comum e das descontinuidades históricas motivou estudiosos e pesquisadores em torno da produção científica e do seu debate em eventos multidisciplinares, cujos resultados foram traduzidos nos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros.

Entre as produções científicas que podem ser elencadas ao longo do ano de 1975, podemos citar duas (2), sendo elas, *Die Deutsche Jesuitem-Mission in Rio Grade do Sul (Brasilien)*¹², sendo o seu texto reconstituído e apresentado pelo Pe. Rabuske, S. J., mantendo a grafia original em alemão de autoria do Pe. Ambrósio Schupp S. J., anteriormente publicado na *Skt. Paulus-Blatt*. E o texto *Pe. Werner: O apóstolo da inteligência gaúcha no Brasil*, 2º parte, em *Estudos*, número 4, fascículo 138, de outubro/dezembro.

Um acontecimento de grande relevância para a historiografia local, neste caso, para as zonas de colonização alemã, em especial para o Vale do Rio dos Sinos, que ocorreu no ano de 1975, está relacionado à fundação do Instituto Histórico de São Leopoldo. De acordo com texto de Ribeiro Pires (1975, p. 23) publicado na Revista *Rua Grande*, “Ele nasceu no entardecer frio e de céu estrelado do ano 151 da imigração alemã, no auditório da Biblioteca Municipal Olavo Bilac”. Entre seus objetivos “O Instituto Histórico de São Leopoldo vai pesquisar a história dessa imigração, para contá-la a nós e nossos pósteros”. (PIRES, 1975, p. 23). O que nos cabe aqui apontar, é a participação do Pe. Rabuske, S. J. na fundação deste

¹⁰ Os Simpósios Nacionais de História Missioneira ocorreram entre os anos de 1975 a 1995, somando um total de 11 edições. Eram realizados “[...] sob os auspícios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Santa Rosa, dos quais resultou um número igual de volumes de anais”. (SCHALLENBERGER, s.d., p. 1).

¹¹ Erneldo Schallenberger é Doutor (2001) em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com Pós-doutorado em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal do Paraná (2008-2009). Atualmente é professor sênior da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, da qual foi Reitor (1995-1999). É docente e orienta nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e História Contemporânea da Universidade de Évora, Portugal. É membro Honorário Fundador das Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas. É sócio convidado do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná e integra conselhos editoriais de revistas científicas e editoras. (Estas informações podem ser acessadas no endereço: <http://lattes.cnpq.br/1358475951347435>).

¹² “A Missão Jesuítica-alemã Rio Grande do Sul (Brasil).”

Instituto, do qual foi membro por muitos anos, afastando-se somente no fim de sua vida. De acordo com seus apontamentos, o período em que se idealizava tal instituição achava-se carregado de competência, amizade e generosidade proveniente dos meios universitários. “Tal espírito positivo foi passado alguns anos mais tarde ao novel Instituto Histórico de São Leopoldo, criado 1975 por ele e Telmo Lauro Muller, junto com o auxílio de Carlos de Souza Moraes, Klaus Becker e Germano Moehlecke”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 8). Sua presença neste solene momento, aos 25 de julho de 1975, está registrada em fotografia publicada pela Revista *Rua Grande* em 1º de agosto, que, em sua edição semanal, elenca os vinte (20) primeiros sócios efetivos e suas respectivas cadeiras na instituição.

Figura 20 - Notícia sobre o Instituto Histórico de São Leopoldo na Revista *Rua Grande*

O INSTITUTO HISTÓRICO DE SÃO LEOPOLDO

A Mesa Oficial — Prefeito Henrique Prieto, jornalista Celso de Grandi (Delegado Regional do Trabalho e repr. do Sr. Ministro do Trabalho), Deputado Federal Alberto Hoffmann, Dr. Sejalmo Nery (Presidente da Câmara Municipal), Cel. Jacé Sampaio Moreira (Cmta. da Guarnição Federal), Prof. Luís Marobin (Vice-Reitor Acadêmico da UNISINOS), Irmão Liberato (Vice-Reitor da PUC), Dr. Werner von Beyme (Cônsul Geral da Alemanha no RG8), Dr. Rodolfo Engleri (Presidente da Comissão Estadual da Imigração Alemã).

A Sessão — O Coral da Ginástica, regido pelo Prof. Lauro Anchaou, abriu a solenidade, cantando o Hino Nacional. O Prof. Telmo Lauro Muller, Diretor do Museu Histórico e Coordenador do Instituto Histórico (do qual é o seu Presidente), pronunciou o discurso oficial, onde historicou as sessões preliminares da entidade, seus objetivos para com a pesquisa sobre a história exata da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, afirmando que “a data, histórica e solene, marca o surgimento de um Instituto destinado a pesquisar dados, atas e documentos, livros e publicações, para, com exatidão, constituir a história de 151 anos de imigração e colonização germânicas”. Dois números musicais (um do folclore alemão e outro do folclore gaúcho) foram cantados pelo Coral da Ginástica após a diplomação dos primeiros sócios efetivos do Instituto Histórico. O Dr. Guilherme Rotermand leu a ata nº 6, discorrendo sobre constituição da Diretoria, mensagens e ofícios recebidos pela entidade, entre os quais o do Dr. Sílvio Guazzoli (Governador do Estado), do Dr. Lourenço Luiz Lacombe (Diretor do Museu Imperial de Petrópolis) e de Musus de Bagé, Santa Cruz e Taquara.

Os primeiros 20 sócios

Cadeira	Nome	Ocupação	Cidade	Autoridade que outorgou o diploma
1	Imperatriz Leopoldina	Prof.ª Dr.ª Heiga Piccolo	Porto Alegre	Prefeito Henrique Prieto
2	Visconde de São Leopoldo	Dr. Ramiro Frota Barcellos	São Leopoldo	Jorn. Celso de Grandi
3	José Thomas de Lima	Prof.ª Angéla Sperb	Portão	Dr. Werner von Beyme, Cônsul
4	Pastor Johann Ehlers	Pastor Bertholdo Weber	São Leopoldo	Deputado Alberto Hoffmann
5	Dr. J. Daniel Hillebrand	Dr. Carlos Hunsche	Gramado	Dr. Sejalmo Nery, Pres. Câmara
6	Eng.º Alfonso Mabilde	Eng.º Adolfo Zimmermann Netto	Porto Alegre	Dr. Rodolfo Engleri
7	Jão Grünwald	Germano Moehlecke	São Leopoldo	Prof. Luís Marobin
8	Karl von Koseritz	Cel. Mosey Domingues	Porto Alegre	Cel. Jacé Sampaio Moreira
9	Pe. Ambrósio Schupp, S. J.	Pe. Arthur Rabuske, S. J.	São Leopoldo	Irmão Liberato
10	Pastor Wilhelm Rotermand	Dr. Guilherme Rotermand	São Leopoldo	Prefeito Henrique Prieto
11	Pe. Carlos Teschauer, S. J.	Pe. Dr. Milton Valente, S. J.	São Leopoldo	(*)
12	Pe. Theodor Amstutz, S. J.	Pe. Theodor Neta, S. J.	Porto Alegre	Jorn. Celso de Grandi
13	Pedro Weingaertner	Dr. Klaus Becker	Porto Alegre	Dr. Werner von Beyme, Cônsul
14	Arno Phillip	Jorn. Sergio Dillenburg	Canóas	Deputado Alberto Hoffmann
15	Pe. João Hadskemeyer, S. J.	Dr. Carlos de Souza Moraes	Porto Alegre	Dr. Rodolfo Engleri
16	Aurélio Porto	Prof.ª Liene M. Schütz	São Leopoldo	Dr. Sejalmo Nery, Pres. Câmara
17	Major Leopoldo Petry	Pe. Prof. Pedro Ignácio Schmitz	Novo Hamburgo	Cel. Jacé Sampaio Moreira
18	Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.	Prof. Telmo Lauro Müller	São Leopoldo	(*)
19	Lindolfo Collor	Prof. Dr. Walter Koch	Porto Alegre	Prefeito Henrique Prieto
20	Prof. Erich Faussel	O prof. Milton Valente não compareceu. Estava em missão cultural em Santa Catarina.	São Leopoldo	Prof. Luís Marobin

(*) OBS.: Cadeira 11 — O prof. Milton Valente não compareceu. Estava em missão cultural em Santa Catarina.
Cadeira 18 — O prof. Pedro Ignácio Schmitz não compareceu. Estava em missão cultural em Goiânia.

24-RUA GRANDE RUA GRANDE-25

Fonte: Revista *Rua Grande* (1975, p. 24-25).

No período que corresponde ao ano de 1976, encontramos notícias das seguintes publicações de autoria do jesuíta¹³: *Pe. Antônio Sepp S. J., o gênio das Reduções Jesuíticas*, 2ª edição, Canoas, Hilgert Gráfica Ltda., 50 páginas; *Faleceu uma das maiores benfeitoras dos Jesuítas – Dona Ilza Pinto Chaves Barcelos*, em *Notícias para Nossos Amigos*, número 129, páginas 32-39; 1º *Centenário Paroquial e Civil de Tupandi*, em *Notícias para Nossos Amigos*, número 129, páginas 48-49; *Pe. Zeferino Pfeifer* (Necrologia), em *Notícias para Nossos Amigos*, número 129, páginas 63-64; *O Cinquentenário da Paróquia de Novo Hamburgo*, em *Notícias para Nossos Amigos*, número 130, páginas 28-29; *Marcha para seu*

¹³ Apontamos aqui outro tipo de publicação de autoria do Pe. Rabuske, S. J., *A Água de Santo Inácio*, São Leopoldo, Paróquia de N. Sra. da Conceição, 1976, um folheto para o tríduo da festa de Santo Inácio.

20º Ano de Vida, em 1976, o Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, RS em *Estudos*, Fascículo 141, número 3, julho/setembro, páginas 41-45; Pe. Antônio Sepp S. J., o artista barroco, em *Estudos*, fascículo 142, número 4, outubro/dezembro, páginas 79-87.

Quanto à participação em eventos neste mesmo ano, encontra-se publicado o texto *Eles (os Jesuítas) se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia alemã no RGS* em *Anais* do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no RGS, páginas 31-53, Rotermund S. A., e *Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: algo de sua vida e obra, máxime no Rio Grande do Sul*, em *Perspectiva Teológica*, número 16, página 27-66, Gráfica Unisinos, com a colaboração de Pe. Balduino Kipper, S. J. na confecção do índice bibliográfico.

Sobre publicações onde atuou como tradutor ou editor, podem ser elencadas: *Os Três Heróis de Caaró* publicado por Edições Loyola, sendo o texto de autoria de Leo Kohler, e ficou sob responsabilidade do Pe. Rabuske, S. J. a impressão e reescrita desta obra, da qual produziu também um resumo biográfico dos três Bem-aventurados Mártires Rio-Grandenses, Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João del Castilhos; *Panorama da Filosofia Escolástica*, em *Estudos*, número 1, fascículo 139 janeiro/março, páginas 70-94, sendo o texto original em alemão do Pe. Werner von und zur Muhlen; *Nos confins de três repúblicas*, em *Estudos*, fascículo 140, número 2, abril/junho, páginas 69-83 (1º parte), e Fascículo 141, número 3, julho/setembro, páginas 52-66 (2º parte), texto traduzido do original em alemão do Pe. Werner von und zun Mühlen.

Já nas publicações em âmbito jornalístico, *Vida de músicos santa-cruzenses. Há um século*, em *Gazeta do Sul* nas edições de 18/08/1976, 25/09/1976, 30/09/1976, 02/10/1976, 16/10/1976 e 23/10/1976. O conteúdo, foi traduzido do original em alemão com anotações do Pe. Rabuske, S. J.. *Crônica histórica da paróquia de João do Montenegro, O período inicial ou jesuítico (1871-1895)*, em *O Progresso*, edições de 1973 a 1976, publicadas em virtude do 1º Centenário da Paróquia de 1871-1971.

Quanto às atividades acadêmicas do Pe. Rabuske, S. J. ao longo de 1977 encontram-se diversos trabalhos, desde artigos, eventos e edições de trabalhos, por ele considerados “alheios”, de forma a trazer ao conhecimento do público, no campo da história, textos inéditos, que ainda não haviam chegado ao prelo e, possivelmente, permaneceriam desconhecidos.

Ainda neste mesmo ano, a convite do Bispo Verbita Monsenhor Jorge Kemerer da província argentina de Misiones, mais precisamente da capital desta, Posadas, apresentou duas conferências sobre historiografia missioneira no Rio Grande do Sul. Ambas,

conferências foram assistidas por alunos da Escuela Superior Del Profesorado Antonio Ruiz de Montoya¹⁴, que tem como intuito preparar professores que atuam no Ensino Médio.

Parece que esse contato ou intercâmbio teve seus bons frutos para a pesquisa missioneira, obviamente a título de estímulo ulterior, visto que, após a morte do Pe. Guillermo Cardiff Furlong S.J., seu historiador máximo no assunto, essa temática precisa havia adormecido um pouco na Argentina. Outro fruto positivo dessa presença passageira, foi o da lembrança feita por AR quanto à necessidade de se reimprimir a obra esgotada de ‘Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes’ desse autor, pois sua 1ª edição ocorrera em Buenos Aires, ano de 1962. A sugestão venho a ser admitida, e assim se fez da obra em questão uma edição fac-similar. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 12).

Cabe apontar aqui, a sugestão da publicação, neste caso reimpressão, da obra citada acima, pois, para além de relacionar-se com o tema dos povos guaranis, também existem questões referentes às Missões jesuítas na região sul da América Espanhola, lembrando que o território que hoje compreende ao Estado do Rio Grande do Sul era de pertença da coroa espanhola até a delimitação definitiva do Tratado de Madri. Para a compreensão de uma história missioneira neste espaço é necessário compreender os acontecimentos que levaram à ocupação do mesmo no passado e a formação das mesmas no presente, tornando a obra citada de interesse para ambas as partes, tanto argentinos quanto brasileiros, e mais especificamente para os “historiadores gaúchos” que se atém ao estudo das populações nativas da região sul e sua ocupação pelas coroas Ibéricas.

Sobre as produções ao longo de 1977, entre livros e artigos publicados, é possível apontar: *O gaúcho Martín Fierro e Antônio Chimango* (tradução e dois ensaios) em *Estudos Leopoldenses*, número 39, páginas 03-94; *Resenha histórica da Paróquia São Luiz Gonzaga de Novo Hamburgo (1926-1976)* Novo Hamburgo, 1977 (observa-se que esta produção se trata de uma brochura do Pe. Rabuske, S. J. em parceria com Gastão Spohr) e *A contribuição teuto a Igreja Católica no RGS em Teocomunicação*, número 37, páginas 194-214.

Já entre as publicações relacionadas a participações em eventos ou comemorações encontram-se: *Algo sobre os primeiros lituanos no Rio Grande do Sul* em *Cinquentenário da Imigração Lituana no Brasil*, páginas 21-28, tendo seu texto publicado em lituano e português

¹⁴ Sob a atual titulação de Instituto Superior Antônio Ruiz de Montoya (ISARM), localizado na cidade de Posadas, Argentina, foi fundado pelo Monsenhor Jorge Kemerer, “primeiro Bispo de Posadas, Província de Misiones, em resposta à necessidade de formar professores-educadores qualificados para a província e a região, cria o ISPARM, Instituto Superior de Professores Antônio Ruiz de Montoya no ano de 1960. Desde então um profundo interesse pedagógico, responsabilidade, espírito de lealdade, sinceridade, compromisso, colaboração e formação científica séria moldam o estilo pedagógico da ISARM que é explicitado em uma pedagogia enraizada e criativa”. (AMABLE, 2019).

e *A colônia alemã de São João das Missões* em *Anais* do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no RGS, páginas 105-114.

Em relação às publicações de textos de outros autores pode-se apontar: *Pe. Roque – a epopéia da liberdade guarani*, São Paulo, Edições Loyola, 1977, 283 páginas, texto original do Pe. Arnaldo Bruxel, S. J.¹⁵; *Pe. Pedro Lenz S. J.*, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, número 4, Edições Avulsas, texto original do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S.J., reescrito e acrescido pelo Pe. Rabuske, S. J.; *Jesuitas no Sul do Brasil – capítulos de história da Missão e Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus*, São Leopoldo, Gráfica Unisinos, 1977, Instituto Anchietano de Pesquisas, 172 páginas, texto original do Pe. Jorge Alfredo Lutterbeck, com revisão, apresentação e correções do Pe. Rabuske, S. J. em parceria com o Pe. Piazza, S. J..

Em periódicos encontramos: *Zur Geschichte einer ‘Bauernvereins-Kolonie’ in Rio Grande do Sul: 75 Jahre ‘Serro Azul’*¹⁶ em *St. Paulusblatt*, sob a epígrafe de Pater Max Schieb’s; *Jesuitas leopoldenses face à seita do Ferrabraz*, sob a forma de ensaio historiográfico em *Correio do Povo*, nas edições de 10/12/1977, 17/12/1977, 24/12/1977, 31/12/1977 e 07/01/1978 e *Desvio doutrinário levou os Muckers ao crime* em *Vale dos Sinos*, página 8-9, entrevista concedida ao jornalista Sérgio Dillenburg em *Folha da Tarde* de Porto Alegre, em 04 e 05 de março 1978.

As atividades acadêmicas no decorrer dos anos de 1978 e 1979 estiveram pautadas e alinhadas ao desenvolvimento de pesquisas que visavam enriquecer o material de consulta do Pe. Rabuske, S. J.. No transcorrer destes dois anos, este jesuíta coletou materiais para suas pesquisas, como também para projetos futuros. Nesta mesma conjuntura, o Pe. Rabuske, S. J. relata que neste mesmo ano, 1978,

¹⁵ Conforme relato do Pe. Rabuske, S. J. ([2000?], p. 12) , “[...] um trabalho belo gratificante e eficaz é o que AR conseguiu fazer, desde 1970 até 1985, em prol do hoje saudoso Pe. Arnaldo Bruxel, S.J., residente então no Colégio Cristo Rei, de São Leopoldo, RS”. O Pe. Bruxel faleceu em 23 de março de 1985, do qual o Pe. Rabuske, S. J. presidiu a missa de corpo presente, ao mesmo tempo em que representava o Presidente do I.H.G. do Rio Grande do Sul. De acordo com o Pe. Rabuske, S. J., durante os anos em que conviveu com o Pe. Bruxel “[...] fizera-se-lhe ele inicialmente quase que de um locutor em simpósios e congressos, apresentando, pois, as suas contribuições, e ao depois passou a uma espécie de secretário seu, para os mais diversos efeitos. Desta forma surgiram diversas publicações da autoria de Arnaldo Bruxel, cujos textos foram reescritos ou copiados de novo, bem como por vez condensados, e conduzidos ao prelo”. (RABUSBE, [2000?], p. 12). Entre as obras publicadas com o auxílio do Pe. Rabuske, S. J., de autoria do Pe. Bruxel, podemos citar: *Padre Roque - a epopéia da libertação guarani* por Edições Loyola, 1977, 285 páginas; *História da transmigração dos Sete Povos Orientais*, tradução do Pe. Bruxel de Juan de Escandón, publicado em *Pesquisas*, seção de História, nº 23, 1980, 436 páginas; *Conquista espiritual*, outra tradução, de autoria de Antônio Ruiz de Montoya, editado por Martins Livreiro Editor, 1985, 263 páginas, (1º edição) e 1997 (2º edição) e *Os trinta povos guaranis*, publicada por Martins Livreiro Editor, 1977 (1º edição) e 1987 (2º edição) – a última edição teve seu texto publicado em dupla versão espanhola, uma em Posadas e outra em Montevideu.

¹⁶ “A história de uma ‘colônia camponesa’ no Rio Grande do Sul: 75 anos de ‘Serro Azul’”.

[...] conseguiu ele finalmente, após esforços já começados no decênio de 1960, que o Pe. Afonso Hansen, S.J., residente então junto ao Santuário do Caaró, cedesse para o Arquivo da Província Jesuítica o diário pessoal de Pe. Balduino Rambo, S.J. e outros escritos deste, que desde 1961 ali se deviam encontrar. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 12).

Seu interesse pelos escritos deste jesuíta vai ao encontro de seus propósitos de reunir materiais para escritas sobre os mesmos, ou publicar algum material inédito que se tenha esquecido ou se encontrasse inacabado, além de que estes escritos também auxiliariam a elucidar a vida de um jesuíta e seu cotidiano no Brasil Meridional, já que os registros do Pe. Rambo¹⁷ datam de 1919 até 1961, que, para o Pe. Rabuske, S. J., era “[...] provavelmente o mais significativo de algum jesuíta no Brasil Meridional para os anos de 1923 a 1961.” (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 13)¹⁸. Cabe aqui ressaltar que a Província do Brasil Meridional foi criada em 1924 e que o intuito do Pe. Rabuske, S. J. era, em parte, coligir e redigir trabalhos de cunho historiográfico que visavam a nova província, tornando-se, assim, fundamentais tais escritos, a fim de compreender o que se passava nestes anos iniciais.

Outro fato de importância para o Pe. Rabuske, S. J. foi o convite feito a ele neste mesmo ano pelo Archivum Historicum Societatis Jesu¹⁹, sediado em Roma. Tratava-se de sua colaboração para a confecção de um Dicionário Histórico da Companhia de Jesus, que, naquele momento, previa-se a impressão em dois volumes, nas línguas inglesa e espanhola. Tal auxílio pode ser acompanhado pelas correspondências emitidas por Charles E. O’Neill, S.J

¹⁷ Balduino Rambo nasceu em 11 de agosto de 1905, em Tupandi, RS, em uma família de pequenos agricultores. “Fez seus estudos iniciais no seminário dos jesuítas em São Leopoldo, RS. Em 1923 entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Pareci Novo, RS. Ali, como jovem jesuíta, fez dois anos de estudos clássicos e retórica”. (SCHMITZ, S. J., P., 1997, p. 234). Lecionou dois anos no Colégio Catarinense, em Florianópolis e depois deste primeiro intervalo nos estudos foi encaminhado pelos superiores para uma faculdade de Filosofia em Munique, Alemanha, “[...] oportunidade em que tomou contato com a ciência européia e firmou seu interesse, já demonstrado desde a adolescência, pela Botânica”. (SCHMITZ, S. J., P., 1997, p. 234). Concluída a faculdade de Filosofia, regressou para lecionar no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, RS. De 1934 a 1938 estudou Teologia em São Leopoldo, e em 31 de outubro de 1936, se ordenou sacerdote. “Concluídos os estudos voltou para o Colégio Anchieta, então tradicional educandário e centro de cultura de sua Ordem. Durante os 22 anos que ali viveu, deu aulas de História Natural no colégio, Etnografia na URS, trabalhou na Secretaria de Educação e Cultura do Estado, realizou pesquisas em Botânica e Geografia, publicou livros e artigos científicos, didáticos e populares, escreveu poesias e cantos, dirigiu revistas e foi um sacerdote muito ativo e popular”. (SCHMITZ, S. J., P., 1997, p. 235). Sua morte ocorreu em 11 de setembro de 1961 aos 56 anos de idade em consequência de derrame cerebral.

¹⁸ Como mencionado anteriormente, os escritos ou “diários” do Pe. Balduino Rambo datam de 1919 até 1961, tendo o Pe. Rabuske, S. J. trabalhado em suas traduções por cerca de cinco meses, em uma carga horária de oito horas diárias; “[...] sendo-lhe acessível a parcela redigida em alemão gótico, cedo cuidou AR de que ao menos a que se achava em estenografia do sistema Stolze & Schrey fosse soletrada, na medida do possível, quando aos anos de 1937-1945”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 13). Cabe-se ressaltar que tal material não foi completamente traduzido. Do que se encontra publicado, acham-se três volumes, sendo o primeiro de 1994, o segundo de 1998 e o terceiro de 1999, sob o título de *Em busca da grande síntese*, impressos pela Edisinos.

¹⁹ “Arquivo Histórico da Companhia de Jesus”.

em 12 de dezembro de 1980 e 28 de agosto de 1987²⁰. Ficou sob a responsabilidade do Pe. Rabuske, S. J. a elaboração de trinta verbetes, de livre escolha, sobre membros falecidos da Província do Brasil Meridional²¹. Assim, “[...] visto ter feito AR o catálogo bibliográfico, [...], não lhe foi difícil o atendimento pontual ao solicitado de Roma”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 13).

Por fim, devido ao grande número de materiais coletados pelos idealizadores deste dicionário, além do processo de tradução para as duas línguas, se tornou inviável sua confecção. Porém, com a disponibilidade do material já elaborado, este acabou por ser publicado somente em 2001, restringindo-se à língua espanhola, em um grande dicionário de quatro volumes²².

Ao final deste mesmo ano, expediu-se do mesmo Archivum Historicum uma circular a todos os historiadores jesuítas. Nesta, oferecia-se uma bolsa de pesquisas de sete meses, estadia gratuita e liberdade de escolha no tema de pesquisa.

Tendo-se candidatado, teve AR a resposta de surpreendente de ele haver sido eleito o primeiro entre os concorrentes, e isso já para o ano de 1979. Devido a tal loteria ganha, demandou AR em fins de julho daquele ano Roma e, tendo em vista seu principal objetivo de pesquisas históricas, meteu-se ele ao trabalho árduo de coligir, para o arquivo da Província do Brasil Meridional de sua Ordem, ‘toda’ a documentação existente no Arquivo da Cúria Generalícia com respeito à (sua) fase missionária, anos de 1842 a 1924 inclusive. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 14).

Após quatro meses de pesquisas, do qual, “[...] houve de certo muito papel ‘manuscrito’ a ser examinado e lido [...]” como também copiado, “[...] segundo seu feitio de trabalhar, aproveitando não só os dias úteis, mas também os domingos e as horas de noite avançada [...]” (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 14), logo se findou o processo de consulta.

²⁰ A correspondência datada de 12 de dezembro de 1980 encontra-se na caixa 53, versando sobre os verbetes enviados. Já a correspondência datada de 28 de agosto de 1987, acondicionada na caixa 64, solicita ao Pe. Rabuske, S. J. um auxílio na busca de materiais que visam a confecção do mesmo.

²¹ Quanto aos verbetes enviados pelo Pe. Rabuske, S. J. para a confecção deste dicionário, podemos citar os seguintes: *Província do Brasil Meridional (1842)*, p. 530-532; *BRENTANO, Leopoldo*, p. 542; *BUCK, Pio*, p. 566; *HAFKEMEYER, Johann Baptista*, p. 1864; *JAEGER, Luís Gonzaga*, p. 2121; *LASBERG, Maximilian Von*, p. 2289; *MORS, Joseph*, p. 2749-2750; *MÜHLEN, Werner von und zur*, p. 2762; *PAUWELS, Geraldo José*, p. 3065; *RAMBO, Balduino*, p. 3286; *REUS, João Batista*, p. 3338-3339; *RICK, Johann Evangelist*, p. 3358-3359; *SANTINI, Cândido Albino*, p. 3503-3504; *TESCHAUER, Carlos*, p. 3784-3785; *THEISSEN, Ferdinand*, p. 3788. Constam neste mesmo dicionário outros verbetes, cerca de 15, os quais aqui ainda não foram levantados.

²² Sob a responsabilidade dos diretores Charles E. O’Neill, S.J. e Joaquín Maria Dominguez, S. J., o *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús: Biográfico-Temático*, foi editado pelo Institutum Historicum S. J. de Roma e pela Universidad Pontificia Comillas de Madrid, no ano de 2001. Com formato de 22 x 30 cm, compreende em 4 volumes, com um total de 4110 páginas.

Encerrada a coleta de materiais, o Pe. Rabuske, S. J. optou por regressar ao Brasil. No entanto,

O material, por fim reunido dessa forma, veio a atingir um bom volume e não pequeno peso, de modo que nem pensar se podia leva-lo em mão na bagagem de retorno. Por isso mesmo fizeram-se dele cerca de meia dúzia de pacotes avulsos, de sólido invólucro, que remetidos pelo correio comum, sob a cancela do Vaticano, chegaram completos a destino em São Leopoldo, RS e alguns anos para cá se guardam no Arquivo da Cúria Provincial dos Jesuítas em Porto Alegre, RS, na Avenida Maryland, 447. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 14).

Tal acervo documental encontra-se ainda acondicionado junto ao arquivo mencionado assim como também os materiais coletados pelo jesuíta durante a sua viagem à Alemanha em 1969, que consistem em um acervo de mais de duas mil fotocópias de documentos referentes à “Província Germanica”. Ressalta-se, aqui, o empenho, tanto do Pe. Rabuske, S. J., quanto da própria Companhia de Jesus, na arrecadação de materiais que visam a história desta instituição e seus colaboradores no Brasil, como, também, a possibilidade de consulta deste material tão rico, do qual muito ainda não foi trabalhado.

Quanto às publicações referentes ao ano de 1978, podemos apontar: *Os inícios da Colônia Italiana do RGS em escritos de Jesuítas Alemães*, Universidade de Caxias do Sul, 1978, 121 páginas, coedição da Universidade de Caxias do Sul e da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; *Ano dos mártires das Missões*, Porto Alegre, Livraria Editora Pe. Réus, 1978, 64 páginas; *A secular matriz de São Leopoldo, RS*, São Leopoldo, Gráfica Unisinos, 1978, 148 páginas, ambas editadas sob a forma livro impressos. Também se constata nos registros do Pe. Rabuske, S. J. a sua colaboração em *Escritores do Rio Grande do Sul*, de autoria de Ari Martins, em coedição da URGS e IEL, Porto Alegre, 1978, no qual o jesuíta contribuiu com verbetes referentes a jesuítas e ex-jesuítas que atuaram no Estado.

Já como publicações em periódicos, encontram-se: *Sesquicentenário da comunidade católica de São Leopoldo* em *Notícias para Nossos Amigos*, número 139/140, páginas 58-59; *Nova fisionomia da Igreja do RGS*, em *Renovação da CNBB*, Porto Alegre 1978, nº 122, p. 15-20; *Roque Gonzáles de Santa Cruz, o missionário-mártir e a autenticidade da relíquia de seu coração* em *Estudos Leopoldenses*, número 47, páginas 5-20; *A doutrina de Juli, do Peru, como modelo inicial das reduções do Antigo Paraguai* em *Estudos Leopoldenses*, número 47, páginas 41-63; *Cartas de índios cristãos do Paraguai. Máxime dos Sete Povos, datadas de*

1753 em *Estudos Leopoldenses*, número 47, páginas 65-102 e 1978: *150 Jährige Katholische Gemeinde*²³ em *Jahrbuch der Familie*, páginas 14-16.

Enquanto participação em eventos, pode-se citar: *O modelo das Revoluções Guaranis: Brasileiro ou Peruano* em *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, páginas 87-98, Santa Rosa; *A carta-magna das reduções do Paraguai* em *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 171-178, Santa Rosa, e também em *Estudos Leopoldenses*, número 47, p. 21-39 e “*A educação nos Sete Povos: forma e sentido*”, II Seminário de Educação, Santo Ângelo, RS, 2 a 26 de agosto de 1978, p. 21-23. Neste último, seu texto apareceu sob a forma de resumo de conferência.

As publicações em meios de comunicação como jornais se restringem a *De parabéns os santa-cruzenses* em *Gazeta do Sul*, página 07, datado de 30/12/1978, publicado em virtude do concurso intitulado “Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua História”.

4.2 Uma Diversidade de Textos e Sócio Efetivo ou Correspondente: as Várias Entidades Científicas e seu Reconhecimento entre os Anos 1980-1989

Como já foi mencionado anteriormente, carecemos de dados mais apurados sobre fatos e eventos ocorridos com o Pe. Rabuske, S. J. nos decênios de 1980 em diante. Nem mesmo em seu documento de cunho auto-biográfico encontram-se dados capazes de nos permitir uma análise mais aprofundada de sua trajetória. Com base em suas publicações e os documentos dispostos junto ao Memorial Jesuíta busca-se reconstituir em parte este passado.

Conforme consta em texto de sua própria autoria,

De 1978 em diante até 1990, houve para AR a chance de ele publicar diversos textos mais extensos do seu ramo, dando-lhe também o convite a participar, como sócio efetivo ou correspondente, das mais várias entidades científicas. [...] Tais reconhecimentos decerto se lhe constituíram e satisfação e honra, mas também no acúmulo de mais obrigações, gastos e contribuições da mais diversa espécie, aliás conferidas de bom grado dentro de suas possibilidades. É que seu rigor ético não lhe sofria outra atitude. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 15).

Seguindo seu ingresso nas mais distintas entidades científicas podemos elencar a sua participação, ainda no ano de 1979, junto ao Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense²⁴. Seus trabalhos e contribuições para com este instituto podem ser observados a

²³ “1978: comunidade católica a 150 anos.”

²⁴ Conforme o artigo 1º deste, “O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ (IHGPR), é pessoa jurídica de direito privado, de caráter cultural, sem fins lucrativos, reconhecido como entidade de utilidade pública municipal, estadual e federal, com autonomia administrativa, financeira e patrimonial, fundado em 24 de maio de 1900, com a denominação de Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, até 3

partir dos registros que constam junto à sua biblioteca, da qual segue, no Apêndice A, a listagem de escritos ali encontrados. Ambos os textos e trabalhos contidos no acervo do IHGP compreendem ao envio de materiais feito pelo Pe. Rabuske, S. J. à Instituição ou de suas idas ao mesmo para coleta e divulgação de seus trabalhos, conforme pode ser observado em um recorte de jornal que noticia sua presença no Estado do Paraná para a coleta de materiais. No entanto, este recorte se encontra sem identificação de data e editor, mas pode ser encontrado junto a caixa 29 no acervo documental do jesuíta.

Figura 21 - Recorte de jornal sobre participação do Pe. Rabuske, S. J. no IHGP



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]). Localização: Memorial Jesuíta, Unissinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

Quanto aos trabalhos publicados no decorrer do ano de 1980, podemos elencar as seguintes publicações de sua autoria: *Em torno do Onomástico de São Leopoldo, RS: a propósito do sesquicentenário da 1ª Comunidade Católica de S. Leopoldo*, em *Anais do 3º Simpósio de Imigração e colonização alemã e Escola Superior de Teologia S. Lourenço de Brindes*, 1980, p. 230 a 244 e *Teor de uma carta do General José Bernardino Bormann ao*

de abril de 1947, quando passou a Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e com a atual denominação, a partir de 29 de junho de 1999, tem sede e foro em Curitiba, Paraná, na Rua José Loureiro, 43 e rege-se-á pelo presente Estatuto.” (IHGPR, 2013). “De todos os objetivos que os institutos historiográficos possam ter, o principal é a coleta de dados e documentos sobre a região a qual eles se propõem dedicar e, a partir de então, produzir estudos e a divulgá-los”. (ROSEVICS, 2016, p. 44).

Pe. Carlos Teschauer, S. J. em *Revista do IHGEP*, vol. XXXVII, 1980, p. 85-93 com anotações de Pe. Rabuske, S. J..

Em relação às publicações “alheias”, em que atuou como tradutor ou editor, constam: *Beiträge zur Geschichte der Feliz*²⁵, texto original de Pe. Anton Buegelmann, S. J., preparado por Pe. Rabuske, S. J. para a Revista *St. Paulusblatt*, publicado em seguidas continuações, correspondentes ao ano de 1980: abril, p. 123-129, maio, p. 172-176, junho, p. 232-236, julho, p. 272-276, agosto, p. 306-311, outubro, p. 379-385, novembro, p. 428-432, dezembro, p. 461-465, e as correspondentes a 1981: janeiro, p.98-23, fevereiro, p. 73-79, março, p. 100-102; *O escravo dos escravos ou S. Pedro Claver, o apóstolo dos negros*, texto original do Pe. Carlos Teschauer, S. J., foi transcrito e publicado por Pe. Rabuske, S. J. em *Estudos Leopoldenses*, ano XV, vol. 16, nº 55, 1980, p. 3-41; *Vida e obras do Preclaro Pe. Ruiz de Montoya, S. J.: apóstolo do Guairá e do Tape*, também de autoria de Pe. Carlos Teschauer, S. J., sendo transcrição e apresentado por Pe. Rabuske, S. J. e publicado em *Pesquisas, História* nº 19, 1980, p. 3-268.

Como pode ser observado acima, no recorte de jornal, o Pe. Rabuske, S. J. também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Rio Grande do Sul, tornando-se sócio efetivo desta instituição aos 20 de agosto de 1981. É possível encontrar junto à biblioteca deste Instituto alguns dos trabalhos deste jesuíta, conforme listado no Anexo A, que corresponde à lista de títulos disponíveis na instituição. Um documento de importância para esta escrita, pois legitima o lugar deste jesuíta junto à instituição, é a carta datada de 04 de agosto de 2001, enviada pelo Pe. Rabuske, S. J. ao Instituto, na qual solicita o seu desligamento. A mesma é reiterada pela carta resposta do IHGRS datada de 1º de agosto de 2001. Os documentos referentes a convocações, doações, convites, atas e atualização de cadastro podem ser encontrados na caixa 17 de seu acervo, confirmando a sua participação ativa junto à mesma.

Já entre as publicações referentes ao ano de 1981 elenca-se: *O primeiro padre nascido em Três Portos (José de Vagas e Andrade, S. J.)*, em *Vale dos Sinos*, 23.10.1981, p 4; *Variedades Anchiéticas: edição comemorativa da beatificação do Pe. José de Anchieta*, em *Pesquisas, História* nº 21, 1981, p. 5-126, também publicado em *Estudos Leopoldenses*, com a colaboração de Pe. Balduino Kipper, S. J. na identificação das passagens bíblicas e breves comentários da *Carta do Beato Padre José de Anchieta S. J. a um neopresbítero*, p. 127-184; *P. Anton Sepp heute in Südamerika: Ein Brief aus Brasilien*²⁶ publicada na edição relativa à

²⁵ “Contribuições para a História de Feliz.”

²⁶ “Pe. Antônio Sepp hoje na América do Sul: uma carta do Brasil.”

*Mittelschule Kaltern Anton Sepp Von Seppenburg*²⁷, Kaltern (Caldaro), Tirol Italiano, 24 de março de 1981, p. 22-23; *J. H Augusto Padberg-Drempol: o homem que mediu o Brasil*, em *Pesquisas, História* nº 20, 1981, 127 p.; *Educadores do 'velho' Anchieta porto-alegrense*, em *Cultura Sul-Rio-Grandense*, editado em parceria por EST, ICP, CIPEL, Porto Alegre, 1981, p. 107-120; *O incêndio do 'Conceição': sua ruína eloquente*, em *Informativo da Unisinos*, setembro de 1981, nº 17, p. 7-8.

Datadas do ano 1982, encontram-se os seguintes títulos de sua autoria: *Wer War eigentlich Anchieta der neue Selige Brasiliens?*²⁸, em *Janrbuch der Familie*, 1982, p. 70-72; *Jesuítas alemães em suas relações com o elemento negro em nosso passado gaúcho*, em *Pesquisas, História*, nº 22, 1982, p. 53-64; *Do campo de concentração à glória dos altares (O detento de nº 16.670 de Auschwitz, Pe. Maximiliano Kolbe)*, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº155/156, 1982, p. 8-11; *Homenagem a dois jesuítas em São Borja*, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 155/156, 1982, p. 32-34 e *A título de apresentação*, texto de autoria de Pe. Rabuske, S. J. que compõem o livro *São Francisco de Borja, o 1º dos Sete Povos*, de Moacir Mattheus Sempé, Coleção Tricentenário, nº 3, p. 5-8.

Em relação a trabalhos de publicação, tradução, transcrição e edição de textos, referentes aos anos de 1981 e 1982, podemos citar: *Memórias autobiográficas, de Pe. Teodoro Amstad, S. J.*²⁹, acompanhado de anotações do Pe. Rabuske, S. J., São Leopoldo, Editora Unisinos, 1981, 219 p.

Sobre a sua participação em outras entidades científicas, elencamos o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina no ano de 1983. Porém não se conseguiu arrolar dados suficientes para o levantamento bibliográfico do Pe. Rabuske, S. J. junto à biblioteca da Instituição. Consta em seu acervo, junto à caixa 45, uma série intitulada *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, cujos exemplares são datados de 1998 a 2002; na caixa 46, encontram-se as correspondências referentes às reuniões e eventos; na caixa 48 materiais correspondentes a informativos e boletins. Assim como no IHGP, o Pe. Rabuske, S. J. também encontra-se como correspondente junto ao IHGSC. Em ambas as páginas virtuais³⁰ dos institutos não se encontram dados referentes ao jesuíta, com exceção dos registros da biblioteca. No entanto, a presença dos materiais e correspondências de tais Instituições, IHGP, IHGRS e IHGSC nos permite perceber o seu reconhecimento diante seus pares.

²⁷ “Escola Média de Caldaro Antônio Sepp de Seppenburgo.”

²⁸ “Quem foi propriamente Anchieta, o novo Beatificado do Brasil?”.

²⁹ Traduzido da edição original *Erinnerungen aus meinem Leben*, Tipografia do Centro, 1940.

³⁰ IHGSC (<https://www.ihgsc.org/page4>) e IHGP (<http://www.ihgpr.org.br/>).

Entre as publicações de 1983, encontram-se: *Der Selige Josef Von Anchieta: Seine Aehnlichkeit mit dem hl. Franz Von Assis*³¹, em *Jahrbuch der Familie*, 1983, p. 150-153; *O Padre Antônio Sepp, S. J., 250 anos depois...*, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 157, 1983, p. 26-29; *O modelo educacional das Reduções Jesuítas Guaranis*, em *A população missioneira – fatos adversos e favoráveis às Reduções*, nos *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, Santa Rosa, RS, 1983, p. 58-79; *As assim-chamadas ‘bandeiras’ Paulistas de 1580 a 1640 ou a busca de um conceito mais adequado delas*, em *A população missioneira – fatos adversos e favoráveis às Reduções*, nos *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, Santa Rosa, RS, 1983, p. 111-126; *Pe. Carlos Spitzer, S. J., um apaixonado pelo vernáculo luso-brasileiro*, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 158, 1983, p. 32-34; *Pater Reus, Apostel der Fabrikarbeiter*³², em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 158, 1983, p. 150-153 e *Pater Konrad Menz, S. J.*³³, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 158, 1983, p. 166-168.

Entre textos referentes a autores “alheios”, em trabalho de tradução ou edição, podemos citar os seguintes títulos: *Eine unverhoffte Romreise*³⁴, autoria de Pe. João Batista Reus, S. J. de 1933, traduzido por Pe. Rabuske, S. J. para a beatificação dos Três Mártires, publicado em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 158, 1983, p. 130-149 e *História da transmigração dos Sete Povos Orientais*, de autoria de Juan de Escandón, S. J., tradução de Pe. Arnaldo Bruxel, S. J., reescrito, corrigido e apresentado, p. 5-9, por Pe. Rabuske, S. J. em *Pesquisas*, nº 23, 1983, 436 p.

As publicações surgidas ao longo do ano 1984 apontam os seguintes títulos: *Padre Reus, apóstolo e pioneiro da ação social no Sul do Brasil*, em *Livro da Família*, 1984, p. 136-139; *Getúlio Vargas, o missionário*, em *Livro da Família*, 1984, p. 144-146; *Gedichte des P. Balduin Rambo, S. J.*³⁵, em *Jahrbuch der Familie*, 1984, p. 104-105 e 110-112, textos selecionados por Pe. Rabuske, S. J. e enviados para edição; *A Cruz Missioneira*, em *Cadernos Fundames*, Santo Ângelo, nº 2, 1984, 28 p.; *Die Seligsprechung der Drei Märtyrer als das Lebenswerk des Pallotiners P. Friedrich Schwinn*³⁶, em *Jahrbuch der Familie*, 1984, p. 148-150; *Há 450 anos, os votos de Montmartre*, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, nº 164, 1984, p. 18-22 e *A “Coleção de Angelis” no Instituto Anchietano de Pesquisas, em São Leopoldo, RS, ou a obra vital de Pe. Arnaldo Bruxel, S. J., Exposição de caráter informativo*,

³¹ “O bem-aventurado José de Anchieta: sua semelhança com S. Francisco de Assis”.

³² “Padre Reus, apóstolo dos trabalhadores de fábrica.”

³³ “Pe. Conrado Menz, S. J..”

³⁴ “Uma viagem inesperada a Roma.”

³⁵ “Poesias alemãs do Pe. Balduíno Rambo, S. J..”

³⁶ “A beatificação dos Três Mártires, como a obra da vida do pallotiners Pe. Frederico Schwinn.”

em *Folha Histórica del Nordeste*, editada pelo Instituto de Investigaciones Geohistóricas, Resistências (Chaco), Argentina 1984, p. 181-197.

Quanto a publicações de outros autores, sob sua responsabilidade, *Der Fanatikeraufstand Von Canudos*³⁷, texto original em alemão de Balduino Rambo, S. J., apresentado por Pe. Rabuske, S. J., em *Jahrbuch der Familie*, 1984, p. 164-185 e *Jesuítas espanhóis no Sul do Brasil (1842-1869)*, autoria de Pe. Ferdinand Azevedo, S. J., edição e apresentação de Pe. Rabuske, S. J., em *Pesquisas*, História nº 24, 231 p.

O Pe. Rabuske, S. J. ainda elenca em seu documento *CURRICULUM VITAE* a sua participação junto ao Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul no ano de 1985, o qual teria a sua sede em Porto Alegre. Porém, devido à falta de informações sobre esta instituição e, também, à ausência de materiais sobre o mesmo junto ao acervo do jesuíta, opta-se somente por mencioná-lo. Deixa-se, dessa forma, um filão a ser explorado futuramente, ou, caso contrário, a ser contestado. Tem-se consciência que esta informação ainda necessita de investigação, o que nos leva a desconsiderar, neste momento, qualquer interferência da mesma neste processo de escrita.

Ao que toca aos escritos do Pe. Rabuske, S. J. no decorrer dos anos de 1985 e 1986, apontam-se primeiramente os seguintes textos referentes ao ano de 85: *Atividade científica dos Jesuítas da Província do Paraguai*, em *Anais do 2º Encontro Nacional de Jesuítas Cientistas*, realizado nos dias 2 e 3 de novembro de 1984, no Colégio Anchieta de Porto Alegre, p. 50-72. Observa-se que a impressão destes ocorreu somente em 1985; *São Miguel – Patrimônio da Humanidade*, em *Cadernos da Fundames*, Santo Ângelo, nº 3, 1985, 49 p. e *São Sebastião do Cai – Fase jesuítica da paróquia*, publicado pelo Instituto Anchietano de Pesquisas, S. Leopoldo, Publicações Avulsas, nº 6, 1985, 221 p.

Quanto aos textos referentes ao ano de 86, elencam-se: *Balduino Rambo: Gedanken über Gott und seine Schöpfung aus den Schriften von 1944*³⁸, em *Brasilien – Die neue Welt*³⁹, edição de Hamo Beck e Johann Sobotta, Verlag A. F. Koska⁴⁰, Viena-Berlim 1986, p. 89-113, sendo o texto seguinte, *Der Kulturelle Beitrag der Jesuiten aus Deutschland*⁴¹, publicado na mesma edição, nas páginas 431-439; *Algo da obra caritativa SEF, (Socorro Europa Faminta), segundo o diário pessoal de Balduino Rambo*, em Simpósio de História da Igreja, realizado a 23 e 24 de maio de 1986, em S. Leopoldo, por ocasião do centenário de fundação

³⁷ “O levante fanático de Canudos.”

³⁸ “Balduino Rambo: pensamentos sobre Deus e sua Criação, tirados dos escritos de 1944.”

³⁹ “Brasil – o mundo novo.”

⁴⁰ “Editora A. Koska.”

⁴¹ “A contribuição dos Jesuítas da Alemanha.”

do antigo sínodo Riograndense, coedição Rotermund S. A. e Editora Sinodal, 1986, p. 145-167; *Pe. Arnaldo Bruxel, S. J. – In memoriam*, em *Pesquisas*, nº 28, setor de História, 1986, p. 5-11; *Nova fisionomia da Igreja do RGS, a partir de 1850*, em *Pesquisas*, nº 28, setor de História, 1986, p. 53-67; *Uma presença cultural maciça da Alemanha no extremo Sul Brasileiro*, em *Pesquisas*, nº 28, setor de História, 1986, p. 69-131, e os títulos, *Antônio Ruiz de Montoya: vida e obra em geral e subsídios para a leitura da ‘Conquista Espiritual’ de Montoya* encontram-se publicados em *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, Santa Rosa, RS, edição e impressão GESA, 1986, p.43-55 e 73-83.

Já em relação às publicações “alheias” ao longo destes dois anos, elenca-se: *Conquista Espiritual*, de Antônio Ruiz de Montoya, obra conjunta de tradução de Pe. Arnaldo Bruxel e Pe. Rabuske, S. J., edição de Martins Livreiro Editor, Porto Alegre, 1985, 263 p.

No marco temporal correspondente ao ano de 1987, se encontra o nome do Pe. Rabuske, S. J. vinculado ao Instituto de História Eclesiástica do Rio Grande do Sul. Mesmo com um curto período de vida, este instituto buscava estudar e explorar a participação do clero e sua formação no Rio Grande do Sul. Tal empreitada consta em carta circular, que prevê o movimento de fundação do IHERS. Tal documento, pode ser encontrado junto à caixa 19 do acervo do Pe. Rabuske, S. J.. Porém, ainda carecemos de trabalhos que abordem esta instituição e suas finalidades. Tais esforços para a manutenção deste Instituto, IHERGS, podem ser encontrados em publicação de Pe. Rabuske, S. J., datada do ano de 1988, onde se encontram os textos, *Breve palavra de saudação à revista Cadernos do IHERGS* e *O que pretende ser o IHERGS*, Viamão, RS, 1988, nº 1, p. 5 e 7-8.

Retomando os escritos correspondentes ao ano de 1987, apontam-se, de autoria “alheia”, *Padre Reus (grande biografia)*, de Fernand Baumann, S. J., sob a edição e ilustração de Pe. Rabuske, S. J. impresso por Publicações Avulsas do Instituto Anchiitano de Pesquisas, nº 7, 1987, 418 p. e *Drei Jahre auf dem Mars*⁴², texto de Balduino Rambo⁴³, edição da Federação dos Contos Culturais 25 de julho e Rotermund S. A., São Leopoldo, 1987, 120 p.

Entre as publicações de próprio punho, elencam-se: *Hillebrand e os primeiros jesuítas em São Leopoldo, RS* e *A primeira missão popular pregada por jesuítas espanhóis em São Leopoldo no ano de 1844*, em *Anais do IV Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 1980, impressos pela Gráfica Unisinos em 1987, p. 219-237 e 450-475, e *Balduino Rambo, S. J.: sacerdote, naturalista, escritor e líder social*, em *Pesquisas, História*, nº 26, 1987, 117 p.

⁴² “Três anos em Marte.”

⁴³ Esta obra trata de passagens de seu diário de 1955, extraídos pelo editor Pe. Rabuske, S. J..

Outra publicação respectiva ao ano de 1988, levando em consideração a que já foi acima mencionada, é *Esse coração foi guardado para você*, Livraria Editora Padre Reus, Porto Alegre, 1988, 56 p. No entanto, esta obra não se apresenta como de cunho historiográfico, já que está voltada ao âmbito religioso, de cunho teológico. Mas, elenca-se ela aqui a fim de mencionar que o Pe. Rabuske, S. J. não esteve somente voltado para a escrita histórica, e que também é possível encontrar textos de sua autoria que remontam a outros temas, como possivelmente já foi observado ao longo dos outros capítulos, onde já se fez menção a outros títulos.

A última instituição a qual o Pe. Rabuske, S. J. foi filiado intitula-se Colégio Brasileiro de Genealogia, com sede no Rio de Janeiro, datando seu ingresso de 1989. Seu trabalho com a genealogia dos párocos das comunidades por ele estudadas, sem dúvida contribuiu para a sua inserção nesta instituição. É comum encontrar em seus escritos apontamentos pertinentes aos sucessivos párocos jesuítas que atuaram nas paróquias. Registros referentes a esta instituição podem ser encontrados nas caixas 45, 46 e 48 de seu acervo, que acondicionam as cartas mensais do Colégio, informando suas atividades. Mais uma vez, apresentam-se registros, como foi mencionado anteriormente nas demais instituições, porém ainda se faz necessário arrolar mais informações sobre a instituição para determinar a participação ativa do jesuíta junto às mesmas.

Em um olhar atento ao acervo do Pe. Rabuske, S. J., ainda é possível constatar o informativo *Notícias do Instituto de Genealogia do Rio Grande do Sul* localizado nas caixas 45, 46 e 48. É interessante salientar que o Jesuíta não participava desta instituição. No entanto, seus esforços e trabalhos são reconhecidos por seus pares. O seu conhecimento quanto à história local, voltada para o meio eclesiástico e civil, dava-lhe prestígio diante de diversas instituições, que lhe enviavam seus materiais como forma de divulgação e incentivo ao auxílio e desenvolvimento de pesquisas.

No que se refere às publicações do Pe. Rabuske, S. J. durante o ano de 1989 cita-se: *A 1ª introdução jesuítica de gado bovino em grande escala na Antiga Banda Oriental do Uruguai, segundo a carta ânua de 1633 a 1634*, em *Estudos Iberoamericanos*, vol. XV, 1989, p. 285-295; *O Padre Alonso de Sandoval, S. J.* e sua obra “*O mundo da escravidão negra na América*”, em *Revista do IHGRGS*, Porto Alegre, RS, nº 125, p. 1-22; *Parecer: o lema latino do IHGRS em tradução vernácula*, texto de Pe. Rabuske, S. J. e apreciação de Lhotar Hessel, em *Revista do IHGRGS*, Porto Alegre, RS, nº 125, p. 127-132; *A nonagenária estrela do São José em Pareci Novo, RS*, em *Notícias Para os Nossos Amigos*, Porto Alegre, 1989, nº 184, p. 52-53; *A visão histórico-eclesiástica do documento de Puebla*, em *Teo-Comunicação*,

Porto Alegre, RS, vol. 19. Nº 86, dezembro de 1989, p. 367-392, *Componentes étnicos do RGS*⁴⁴, em *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, 1989, vol. 25, nº 122, p. 5-16; *Balduino Rambo und sein persönliches Tagebuch*⁴⁵, em *Staden-Jahrbuck*, nº 37/38, São Paulo, 1989/90, p. 89-100 e *Os nossos mártires recém-canonizados*, em *Cadernos do IHERGS*, Viamão, RS, nº 2, de 1989, p. 3-13.

Encontra-se também publicado neste ano, em periódico de jornal, *Jesuítas há 100 anos em Pelotas, RS*, em *Diário Popular, Suplemento República*, Pelotas, RS, 15/11/1989, p. 8.

Quanto às publicações de outros autores, podemos arrolar: *Rosas e espinhos: reminiscências de 50 anos de vida missionária em cidades, colônias, campanhas e coxilhas do Sul do Brasil*, de autoria de Pe. Francisco Xavier Diebels, S. J., texto reescrito por Pe. Rabuske, S. J. e publicado pelo Instituto Anchietano de Pesquisas, Publicações Avulsas, nº 19, 1988, 174 p.

4.3 Um “‘Prisioneiro’ da Residência Conceição”: o Reconhecimento pelos 30 Anos de Pesquisa, Doutor Honoris Causa

Trabalhar com a trajetória acadêmica do Pe. Rabuske, S. J. tem proporcionado o conhecimento sobre a grande quantidade e diversidade de seus escritos. Ao atingir-se o marco temporal final que aponta as publicações deste jesuíta, e que se pretende elencar, somam-se mais 15 anos de pesquisas entre 1990 e 2005. Porém, cabe lembrar que o seu falecimento ocorre no ano de 2010. Como já foi mencionado anteriormente, e mais uma vez será retomado, há uma carência de dados complementares sobre esse jesuíta ao longo dos últimos decênios de sua vida. Resta a nós a compilação de sua bibliografia, que permite, em parte, um vislumbre de sua atuação junto aos meios acadêmicos. Informo ao leitor que, em sua extensão, este texto, que compõe a parte final da trajetória do Pe. Rabuske, S. J., está pautado na organização cronológica de seus escritos, apresentando-se algumas incursões que visam elucidar alguns aspectos de sua vida. Inicia-se, esta primeira parte, com a seguinte passagem de sua própria autoria,

Mais ou menos de 1990 em, diante, considera-se AR ‘prisioneiro’ da Residência Conceição, em S. Leopoldo, RS; como que não mais saindo de casa e assim devendo solicitar a sua demissão compulsória das diversas entidades científicas, não sem grande pesar de sua parte. Seu estado precário de saúde, causado primeiro por um

⁴⁴ Nota-se que no documento intitulado *CURRICULUM* o Pe. Rabuske, S. J. aponta que tal artigo foi deturpado pelo revisor, não correspondendo a ele os erros presentes no escrito que se encontra publicado.

⁴⁵ “Balduino Rambo e seu diário pessoal.”

câncer da pele na cabeça e depois pelo do peito, aconselhava tal proceder. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 15).

Restringindo-se ao espaço da Residência Conceição, o Pe. Rabuske, S. J. manteve constantemente desenvolvimento de suas pesquisas. Cabe lembrar que, neste período, já se encontra em sua posse uma gama de materiais de volume considerável, que vão desde as coletas realizadas pela região, nos seminários da Companhia, aos documentos recolhidos em suas três viagens, duas à Alemanha e uma a Roma, onde apurou a coleta de fontes referentes à Província Germânica do Brasil e a Província do Brasil Meridional⁴⁶. E, mesmo restringindo-se a este espaço, observa-se que o Campus da Unisinos fica a uma distância aproximada de 200 metros desta residência, tornando seu acesso a ela viável, já que esta possui uma biblioteca considerável. O mesmo se aplica à antiga sede da Instituição, onde funcionava o IAP, atualmente transferido para o Campus da Unisinos, localizando-se a cerca de dois (02) quilômetros da mesma, ou, ainda, ao Colégio Máximo Cristo Rei, que se acha a cerca de um (01) quilometro daquele local. Ambas também possuíam, neste período, coleções significativas, tanto em volume quanto conteúdo, acerca dos mais diversos títulos para a consulta de pesquisadores.

Tendo cogitado as possibilidades para a continuidade de suas pesquisas, sem necessitar de longos deslocamentos, daremos continuidade ao levantamento das obras do jesuíta ao longo do decênio de 1990. Entre os trabalhos que chegaram a ser publicados, apontam-se: *Pater Anton Sepp: 300 Jahre nach 1689*⁴⁷ em *Jahrbuch der Familie*, 1990, p. 82-84; *Uma biblioteca 'sui generis' em São Leopoldo, RS*⁴⁸, em *Anais do 5º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, p. 109-116; *Os inícios da República Brasileira e a Igreja Católica*, em *Revista do IHGRS*, 1990, nº 126, p.117-140; *Notas abrangedoras a respeito do concílio plenário Latino Americano de 1899*, em *Teo-*

⁴⁶ Se faz necessária aqui uma observação: estava em posse do Pe. Rabuske, S. J. uma série de documentos relativos a Enrich Fausel, como fotografias, livro caixa, recortes de jornal, originais de suas poesias e cartas. Atualmente este material corresponde às caixas 21, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33 e 40 do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J., junto ao Memorial Jesuíta. Em conjunto com esse material, também são encontradas as correspondências de Eva Wysk Koch, em língua alemã, com sua irmã Christa Wysk, nas caixas 20 e 22.

⁴⁷ “Pe. Antônio Sepp: Trezentos anos depois de 1689.”

⁴⁸ O texto publicado sob esta titulação se dá devido a um “hobby” adquirido pelo Pe. Rabuske, S. J. desde 1959. Surgiu deste hábito de juntar livros uma biblioteca, que, em 1990, tomou tamanha proporção que revelou-se indispensável para o aproveitamento de pesquisas de pós-graduação. Inicialmente, o Pe. Rabuske, S. J. deveria coligir livros ou materiais que fossem de relevância para a consecução de suas pesquisas e a preservação de obras relativamente raras contidas nos seminários da Companhia. Observa-se que, a partir de 1980, aqueles que estão localizados nas áreas de interior, os seminários, passam pelo processo de esvaziamento devido à centralização dos cursos em São Leopoldo e Viamão. Mediante ao grande volume de obras contidas nestes locais, o Pe. Rabuske, S. J. zelou pela preservação destes acervos. Assim, surgiu nas dependências da Unisinos a citada biblioteca. Atualmente não se tem notícias da localização desta. É possível que seus livros estejam nos dias de hoje incorporados ao acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas ou a biblioteca do Colégio Máximo Cristo Rei, atualmente incorporada pelo Memorial Jesuíta.

Comunicação, 1990, p. 159-176; *Jesuítas italianos no RGS de 1860 em diante*, em *Pesquisas, História*, nº 27, 1990, p. 127-152; *Humor jesuítico – Um pouco da história dos Jesuítas no Sul do Brasil*, em *Pesquisas*, 1990, 95 p.; *O pioneirismo do Dicionário Analógico de Pe. Carlos Spitzer S. J.*, em *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, Porto Alegre, 1990, nº 10, p. 96-102; *Os jesuítas dos 7 povos*, em *Revista do IHGRS*, Porto Alegre, 1990, nº 127, p. 52-67 e *A presença italiana no Brasil* (vol. II.), recensão⁴⁹ por Pe. Rabuske, S. J., em *Estudos Leopoldenses*, vol. 24, nº 119, p. 121-127.

Em relação aos títulos de outros autores por ele encaminhados ao prelo, podemos citar: *A Nacionalização*, de autoria de Pe. Balduino Rambo⁵⁰, reescrito e publicado por Pe. Rabuske, S. J., em *Pesquisas, História*, nº 27, 1990, p. 73-113 e *Colonização alemã católica no Sul do Brasil*, original de Pe. João EV. Rick, S.J., preparado ao prelo por Pe. Rabuske, S. J., em *Pesquisas, História*, nº 27, 1990, p. 115-125.

É possível, através destas primeiras indicações, perceber a continuidade significativa de materiais que são publicados, mantendo-se de forma assídua seus trabalhos em diferentes meios de disseminação do conhecimento científico, ou não. Observa-se, aqui, anteriormente e posteriormente, e no que está elencado nos anos seguintes, a manutenção de vínculos com alguns veículos de comunicação como as revistas *Pesquisas, Estudos, Estudos Leopoldenses, Teo-Comunicação, Jahrbuch der Familie, Livro da Família* e *St. Paulusblatt* e editoras como Edisinos e Unisinos, além de outras que, *grosso modo*, apresentam-se mais visíveis em uma primeira análise.

No que toca às publicações ao longo dos anos de 1991 e 1992, observam-se: *Das Wort Jesuit in der Geschichte*⁵¹, em *Jahrbuch der Familie*, 1991, p. 152-153; *Corcovado: a estátua de Cristo Redentor*, em *Livro da Família*, 1991, p. 143-144; *Inácio de Loyola: o escritor e místico*, em *Teo-Comunicação*, Porto Alegre, 1991, nº 81, p. 33-44; *O arquivo romano da Companhia de Jesus e seu alcance prático para a pesquisa histórica*, em *Teo-Comunicação*, 1991, nº 93, p. 237-268 e recensão do livro de R. A. Ullmann intitulado, *Inácio de Loyola: 1941-1991*, Ed. Unisinos, 1991, publicada em *Teo-Comunicação*, 1991, nº 93, p. 281-300.

Quanto ao ano de 1992, encontram-se: *Raulino Reitz, o padre cientista de Santa Catarina*, em *Livro de Família*, 1992, p. 124-126; *Madre Paulina, a primeira bem-aventurada da Igreja no Brasil*, em *Teo-Comunicação*, nº 95, 1992, p. 93-105; *Foi*

⁴⁹ Entende-se por recensão, no que compreende ao âmbito das letras, a análise crítica de uma obra literária ou cotejo de edição antiga com manuscrito para reestabelecer o texto.

⁵⁰ De acordo com o Pe. Rabuske, S. J., o texto data de 1958.

⁵¹ “A palavra ‘jesuíta’ na História.”

*beatificado Adolfo Kolping*⁵², em *Teo-Comunicação*, nº 96, 1992, p. 233-246; *Gustavo Kliemann, um leigo exemplo*, em *Teo-Comunicação*, nº 97, 1992, p. 363-384; *A façanha de Colombo: uma conceituação mais acurada*, em *Revista do IHGRGS*, 1992, nº 128, p. 25-42, também publicado em *Teo-Comunicação*, 1993, nº 99, p. 33-54.

No recorrente ano, também constam as duas seguintes publicações de cunho alheio, “*Nican Mopohua*” – “*O relato primigênio sobre Guadalupe*”, em *Teo-Comunicação*, nº 97, 1992, p. 524-542, sendo a tradução do espanhol a língua vernácula do Pe. Rabuske, S. J. e *Ueber den grossen Wassertümpel*⁵³, texto em alemão de autoria de Balduino Rambo, S. J., em *St. Paulusblatt*, Nova Petrópolis, nos respectivos cadernos, out. de 1992, p. 18-22; nov. de 1992, p. 18-22; dez. de 1992, p. 17-21; jan./fev. de 1993, p. 18-22; mar. de 1993, p. 27-31; abr. de 1993, p. 26-30; mai. de 1993, p. 18-22; jun. de 1993, p. 18-22; e jul. de 1993, p. 18-22.

Nota-se que esta, última publicação, adentra o ano de 1993, em que também podem ser listados os seguintes títulos, *P. Friedrich von Sepp*⁵⁴, em *Jahrbuch der Familie*, 1993, p. 133-135; *Nossa Senhora da (na) América Espanhola*, em *Teo-Comunicação*, nº 100, p. 249-260; *A Companhia de Jesus, fundada para o combate e extermínio do Protestantismo: uma fábula histórica*, em *Teo-Comunicação*, nº 101, p. 393-405; *Dom Boaventura Kloppenburg, OFM, “Igreja e Maçonaria: Conciliação possível?”*, sendo esta uma revisão bibliográfica de Pe. Rabuske, S. J., em *Teo-Comunicação*, nº 101, p. 434-437.

Já entre obras de autores “alheios”, no respectivo ano de 1993, *Guadalupe: Padroeiro da América Latina*, da autoria de Pe. Chirú Aripe, tradução do espanhol de Pe. Rabuske, S. J., Gráfica da Unisinos, S. Leopoldo, 1993, 135 p. e *Os Mucker*, de Pe. Ambrósio Schupp, S. J., uma nova tradução da 3ª ed. alemã por Pe. Rabuske, S. J., e editada por Martins Livreiro Editor, Porto Alegre, 1993, 341 p.

As publicações que nos remetem aos anos de 1994 e 1995 aparentam uma breve estabilidade no volume de seus escritos enviados ao prelo de autoria do próprio Pe. Rabuske, S. J.. Ambos os anos compreendem quatro escritos cada um, somando oito ao final. Inclusas as publicações de cunho “alheio”, somam-se mais duas em 94 e uma em 95, chegando à cifra final de onze. Assim, se elencam os seguintes títulos referentes a 94: *In der Maragaten-Revolution (1893-95): Deutsche jesuiten retteten Menschenleben: zwei Konkrete Fälle*⁵⁵, em *Jahrbuch der Familie*, Porto Alegre, 1994, p. 82-85; *A nacionalidade e a Igreja Católica*, em

⁵² De acordo com o Pe. Rabuske, S. J. ([2000?], p. 46), “Nota-se que Kolping é considerado, de certa forma, precursor dos Círculos Operários no Brasil, fundados por Leopoldo Brentano S. J., a partir de 1932”.

⁵³ “Sobre a Grande Bacia de Águas”, relato do Pe. Balduino Rambo em sua viagem marítima em 1928 à Alemanha.

⁵⁴ “Pe. Frederico Sepp.”

⁵⁵ “Na Revolução dos Maragatos de 1893-95: Jesuítas Alemães salvaram vidas humanas; dois casos concretos.”

Nacionalização e Imigração Alemã, São Leopoldo, Editora Unisinos, p. 157-188; *Um documento inédito sobre os 'Mucker' do Ferrabraz*, em *Revista do IHGRS*, 1994, nº 130, p. 63-69 e *O seminário Madre de Deus, em Porto Alegre, RS (1891-1899): subsídios históricos*⁵⁶, em *Teo-Comunicação*, nº 106, dez. de 1994, p. 665-677. Seguidos dos de 1995, *Sumário biográfico dos dois personagens principais do 'Madre de Deus' em sua 1ª fase (1891-1899)*, em *Teo-Comunicação*, nº 108, 1995 p. 373-385; *Um breve e histórico do 'Madre de Deus', que foi elaborado e impresso em 1902*, em *Teo-Comunicação*, nº 109, 1995, p. 545-566; *Os dois contratos, respectivamente jesuítico e capuchinho, relativos ao Madre de Deus nas fases de 1891-1899 e 1903-1912*, em *Teo-Comunicação*, nº 109, 1995, p. 637 a 650;

O Pe. Rabuske, S. J. publicou nos anos citados, ainda, os seguintes textos: *Em busca da grande síntese*, escrito inédito de Balduino Rambo, S. J., Editora Unisinos, S. Leopoldo, 404p⁵⁷; *Neum Briefe aus Florianópolis und ein Zeitungsartikel*⁵⁸, também de autoria de Balduino Rambo, S. J., transcrição do Pe. Rabuske, S. J. e publicado em *St. Paulusblatt*, 1994, edições: nº 40, p. 25-27; nº 41, p. 20-22; nº 42, p. 20-22; nº 43, p. 19-22; nº 44, p. 21-22; nº 45, p. 18-22; nº 46, p. 19-22 e nº 47, p. 19-22. Quanto à publicação de 95 que se refere ao um texto de autoria “alheia”, abre-se um parêntese por se tratar de uma publicação de *Anais*. Se encontra na mesma a tradução e um texto da autoria do Pe. Rabuske, S. J. *Teo-Comunicação*. Neste caso, optou-se por citar as duas juntas, que podem ser encontradas sob a grafia de *A Guerra dos Farrapos de 1835-1845*, texto original em alemão de Pe. Carlos Schlitz, S. J., traduzido pelo Pe. Rabuske, S. J. e impresso nos *Anais* do 6º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã do Rio Grande do Sul, em 1995, pela Gráfica Caeté S.A., S. Leopoldo, p. 31-53, em conjunto com o texto *A Revolução Farroupilha e a colonização alemã em geral* de autoria do Pe. Rabuske, S. J..

Os anos correspondentes ao triênio de 1996, 1997 e 1998 somados correspondem a um total de quinze (15) publicações. É notável que o número de produções venha se mantendo em um ritmo considerável ao longo destes anos, se for observado que neste período o Pe. Rabuske, S. J. se encontra recluso na Residência Conceição. Mesmo que tivesse à sua disposição uma série de materiais para pesquisa e consulta, o que cabe salientar é a

⁵⁶ Este texto foi o primeiro de uma série de artigos publicados na revista *Teo-Comunicação* da PUCRS, durante os anos de 1994 e 1995. Seu intuito é de tornar tais artigos fontes de subsídios históricos para o Seminário Madre de Deus de Porto Alegre. Esta série, formada por quatro artigos, encontra-se publicada nos números 106, 108 e 109 desta revista.

⁵⁷ De acordo com Rabuske, S. J., o texto original em alemão foi traduzido por Bruno Rabuske, cabendo a ele a reunião das respectivas partes do texto, seu aparato de notas e títulos e sua apresentação.

⁵⁸ “Nove cartas de Florianópolis, SC e um artigo de jornal.”

continuidade e a manutenção dos vínculos com os meios de publicação, o que, de certa forma, prova o seu reconhecimento e seus contatos com o universo acadêmico.

Quanto aos títulos que podem ser levantados ao longo de 1996, é possível encontrar, de sua autoria: *Das Skt. Josefskolleg von Pareci Novo, RS wäre 1995 gerado 100 jährig geworden*⁵⁹, em *Jahrbuch der Familie*, Porto Alegre, 1996, p. 108-109; *De 'Companheiros de Jesus' a Jesuítas*, em *Livro da Família*, 1996, p. 104-106; *Origem e sentido da palavra 'teatino': em geral e enquanto gauchismo*, em *Revista Verso e Reverso* da Unisinos, ano IX, nº 18, p. 19-29 e *Jesuítas italianos no Brasil Meridional de 1860 em diante*, em *A presença italiana no Brasil*, 3º volume, Porto Alegre-Torino, 1996, p. 447-462. Enquanto que, no decorrer de 1997, apresentam-se, *Memorial relativo a um manuseio diuturno do 'diário' de Balduino Rambo, S. J.*, em *Episteme*⁶⁰, Porto Alegre, vol. 2, nº 3, p. 137 a 143; *As viagens catarinenses do Pe. Balduino Rambo nos anos de 1927 a 41*”, em *Anais do Congresso de História e Geografia de Sta. Catarina, Florianópolis*, 1997, p. 228 a 236; *A transferência da Escola Apostólica de Pareci Novo ao 'Kappesberg' em 1937*, em *Uma torre na neblina (Colégio Sto. Inácio Salvador do Sul: 1937-1997)*, Unisinos, S. Leopoldo 1997, p. 5-64; e *Pe. Clemente Faller, S. J. (1814-1897)*, em *Informativo da Província*⁶¹, junho de 1997, p. 21-22.

Ainda no que toca às publicações referentes ao ano de 1997, se faz necessário um adendo, o livro de sua autoria, intitulado *Antigas paróquias dos Jesuítas no Brasil Meridional*, publicado por *Pesquisas, História*, nº 29, 229 p., corresponde a uma série de artigos de redigidos pelo Pe. Rabuske, S. J. anos antes, dos quais somente chegaram ao prelo no ano de 1997. Seus respectivos títulos são *Visão geral das paróquias jesuítas na antiga Colônia Alemã do RGS*, p. 9-36; *São João do Montenegro, RS – história da paróquia no período inicial ou jesuítico (1871-1895)*, p. 37-124; *A paróquia Sto. Antônio de Estrela, RS: antecedentes, inícios e 1º 'vigário' encomendado (1873-1880)*, p. 125-179; *Santa Terezinha de Campo Bom, RS: Uma comunidade na diáspora*, p. 179-229.

O ano de 1998 é marcado por três contribuições, sendo a primeira *Alguns reparos feitos à historiografia missioneira, sobretudo à nova edição da Relação Abreviada*, em *Revista do IHGRS*, Porto Alegre, 1998 p. 137-156, Separata. A segunda é obra de autoria de Pe. Balduino Rambo, *Em busca da grande síntese*, vol. 2, com o subtítulo, *Amor de amizade à natureza*, Editora Unisinos, 1998, 219 p., sendo a tradução do Pe. Rabuske, S. J.. A terceira intitula-se: *Deutsches Leben auf brasilianischer Erde. Ein Rundgang durch die deutschen*

⁵⁹ “O colégio S. José de Pareci Novo, RS precisamente em 1995 se teria tornado centenário.”

⁶⁰ Revista de Filosofia e História das Ciências da UFRGS.

⁶¹ Revista de circulação interna dos jesuítas do Brasil Meridional.

*Kolonien der Provinz Rio Grande do Sul. Kulturhistorische Studien*⁶², de P. Ambros Schupp, S.J., em *Alte und Neue Welt*, 1998. Este último título também se encontra publicado em *St. Paulusblatt*, nas seguintes edições: número 81, de 1998 até o de número 110, do ano de 2000, com o seu texto fragmentado ao longo dos anos correspondentes em suas edições.

Ao final do decênio de 1990, mais precisamente em 29 de novembro de 1999, após 30 anos dedicados a pesquisa histórica, recebe o Pe. Rabuske, S. J. a homenagem de reconhecimento por seu trabalho com o Título de Doutor Honoris Causa, “[...] por sua destacada atuação em prol das ciências, em especial da pesquisa e produção histórica”. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 15). Esta titulação, recebida pelo jesuíta, é recorrente dos festejos de comemoração do 30º aniversário da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Como já foi mencionado, o ingresso do Pe. Rabuske, S. J. junto ao meio acadêmico, voltado para a escrita historiográfica, se deu ao mesmo tempo em que foi fundada esta Universidade, aos 31 de junho de 1969, e, após tantos anos no trato da pesquisa, inclusive de muitos dos que haviam idealizado e contribuído para o surgimento desta instituição, seu trabalho em prol da mesma foi recompensado.

Quanto aos trabalhos enviados ao prelo neste mesmo ano, encontram-se, de sua autoria: *Padre Werner: a serviço da inteligência gaúcha, 1923-39*. São Leopoldo, RS, Editora Unisinos 1999, 480 p., mais 8 de ilustrações e *Paróquia Católica de Dois Irmãos, RS – seu período jesuítico (1849 a 1933)* e *História sobre a antiga Matriz de São Miguel: Dois Irmãos, RS*, em *História de Dois Irmãos, RS*, Org. Justino Antônio Vier, Editora Sinodal (Dois Irmãos e São Leopoldo), p. 64-68 e p. 74-78.

Entre os trabalhos que remontam a publicações de outros autores, podemos citar: *Daheim*⁶³, um texto de Balduíno Rambo, em *Famillien-Kalender*, Editora Padre Réus, Porto Alegre, 1999, p. 122-123; *Em busca da grande síntese*, volume 3, subtítulo *Liberdade plena do homem redimido*, textos original em alemão do Pe. Balduíno Rambo, S.J., São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 295p., sendo a tradução de Pe. Rabuske, S. J. e *Der Kappesberg*⁶⁴, também de Pe. Balduíno Rambo, S. J., introdução e tradução de Pe. Rabuske, S. J., em *Sonhos que a torre inspirou*, Unisinos, São Leopoldo, p. 205-211.

Os últimos anos que remontam as atividades acadêmicas do Pe. Rabuske, S. J. se delimitam aos anos de 2000 a 2005, dos quais ainda temos notícias de suas publicações. Estes seis anos marcam a fase final de trabalhos levados ao prelo, e que tiveram suas páginas

⁶² “Vida alemã em chão brasileiro. Uma gira pelas colônias alemãs da Província do RGS. Estudos cultural-históricos.”

⁶³ Na tradução literal “em casa” ou no caso gaúcho “na querência”.

⁶⁴ “O morro, sob este nome, em Salvador do Sul.”

impressas. No entanto, nos anos subsequentes, 2006 em diante, tem-se notícias, através de seu acervo, de algumas obras em que este jesuíta vinha trabalhando, em geral traduções, as quais não chegaram a ser publicadas.

Nas próximas páginas, se buscará elencar suas últimas produções. Entende-se que ao leitor pode ser exaustiva a leitura consecutiva de uma relação bibliográfica. No entanto, esta se faz necessária, já que a proposta desta escrita refletir sobre a trajetória acadêmica do Pe. Rabuske, S. J., além de elencar suas produções.

Quanto aos títulos que se encontram publicados ao longo do ano de 2000, encontram-se: *Etwas zur 500 Jährigen Entecknngsfeier dês Landes: Die erste hei lige messe in Brasilien*⁶⁵, em *Familien-Kalender*, 2000, Editora Padre Reus, p. 54-56; *Reeditando o Vademecum Filosófico*, de Gustavo Locher, S. J., Volume 7º de *Pensadores Gaúchos* pela EDIPUCRS, Porto Alegre, RS, 2ª edição, sendo o prefácio de autoria do Pe. Rabuske, S. J., p. 9-22 e *Beitrag zum tragischen Fall des Anton Kliemann von Itapiranga, SC*”, *Während der Nationalisierungszeit*⁶⁶, em *St. Paulusblatt*, Nova Petrópolis, 2000, seu texto foi publicado sucessivamente nos números de julho, p. 9-15, agosto, p. 11-15 e setembro, p. 11-17.

Como títulos referentes ao ano 2001, podemos citar: *Werden wir baldigst einen heiliggesprochenen Guarany-Häuptling habem?*⁶⁷, em *Jahrbuch der Familie*, 2001, Porto Alegre, p. 76-78; *Introdução histórica ambientadora – a fase embrionário dos anos de 1950 a 1958 (da futura Unisinos)*, em *História de vida nos 31 anos da Unisinos*, Gráfica Unisinos, S. Leopoldo, 2001, p. 37-42; *Empenho pela saúde colonial no RGS da segunda metade do século XIX, e II Corriere Cattolico*’, na *Porto Alegre, RS de 1891-1895*, em *Etnias e Carisma*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001, p. 272-280 e p. 281-300; *30 anos de minha pesquisa e produção histórica em tempo integral*”, em *História Unisinos*, nº 2, p. 289-304; *Der Böhme Johann Nepomuk Neumann: Missionar, Bischof und Heiliger der Neuen welt (USA)*⁶⁸, em *St. Paulusblatt*, 2001, p. 19-25; *Nosso padre João Evangelista Rick, S. J.: personalidade e cientista*, Editora Unisinos, São Leopoldo, 2001, 50 p⁶⁹.

No tocante aos textos de 2002, encontram-se: *Zur Jahrhundertfeier von Cerro Largo: Ein noch unveröffentlicher Text von Pater Amstard, S.J.*⁷⁰, em *Familien-Kalender*, 2002, p. 68 a 69; *Teremos um cacique canonizado?*, em *Livro da Família*, 2002, p. 94-96. Quanto às

⁶⁵ “Algo para a celebração do 500º aniversário do país: a primeira feira de moda no Brasil.”

⁶⁶ “Contribuição para o caso trágico de Antônio Kliemann em Itapiranga, SC, durante o tempo da Nacionalização.”

⁶⁷ “Teremos em breve a canonização de um cacique guarani?”

⁶⁸ “O boêmio João Nepomque Neumann: Missionário, Bispo e Santo do Novo Mundo (USA).”

⁶⁹ Esta publicação encontra-se no formato de brochura.

⁷⁰ “Para a festa do centenário de Cerro Largo, RS: um texto ainda inédito de Pe. Amstard, S. J..”

obras em que atuou como tradutor ou editor, podemos citar: *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*, de Pe. Carlos Teschauer, S. J., 2ª edição, transcrição, atualização ortográfica e tradução dos documentos em espanhol, do 3º volume, de Pe. Rabuske, S. J., Editora Unisinos, São Leopoldo, 2002.

As publicações encontradas ao decorrer de 2003 formam um conjunto total de 6 títulos, sendo eles: *P. Antônio Sepp, S. J.: O gênio das reduções guaranis*. São Leopoldo, RS. Edisinos, 2003, 3ª edição; *A Igreja Católica e a colonização teuto-brasileira: o caso do Rio Grande do Sul*, em *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*, Florianópolis, SC. Editora UFSC e Editora Unisinos, 2003, sendo do capítulo 5º o texto de Pe. Rabuske, S. J., p. 127-156 e *Releitura da Capitania d’El Rey* (de Moisés Velhinho), por Arthur Rabuske, São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, fins de 2003. Também encontra-se republicado neste mesmo ano *Textos Escolhidos*⁷¹, anteriormente divulgado em *Pensadores Gaúchos* de Gustavo Locher S. J., que retornaram ao prelo na composição de capítulo da obra, *Padre Werner von und zur Mühlen*, por Luís A. Boni (org.), Porto Alegre, RS. EDIPUCRS, 2003.

O texto *Die sogenannte “Nationalisierung”, besonders bezogen auf deutschstämmige Brasilianer*⁷², original em português do Pe. Balduino Rambo, foi traduzido para o alemão pelo Pe. Rabuske, S. J., e publicado em *St. Paulusblatt*, Nova Petrópolis, nos números: 131, 132, 133, 134 e 135 de 2003. Observa-se que este texto saiu fragmentado em partes, continuações, correspondentes a uma ou mais páginas para cada edição.

Remontando ao ano de 2004, *Zugunsten Deines Rosenkranz-Betens – Das Apostolische Schreiben des Papstes Johannes II über den Rosenkranz in der Familie wäyrens eines Jahres*⁷³. Nova Petrópolis, em *St. Paulusblatt*, nº 141 de janeiro/fevereiro de 2004, p. 27-38 e *Pe. João Evangelista Rick, S. J.: cientista, colonizador, apóstolo social, professor*, Editora Unisinos, São Leopoldo, 2004, 244 p., cuja escrita ocorreu em parceria do Pe. Rabuske, S. J.⁷⁴ com Arthur B. Rambo.

Entre as últimas publicações que podemos elencar, sendo de autoria do Pe. Rabuske, S. J., e que aludem o ano de 2005, estão: *Creio que não se deva exagerar o alcance individual*

⁷¹ De acordo com os apontamentos do Pe. Rabuske, S. J. ([2000?]), na obra de Locher, S. J. não consta que os textos coletados e que recebem a titulação de *Textos Escolhidos* na obra de Boni foram contribuições do Pe. Rabuske, S. J..

⁷² “A assim-chamada ‘Nacionalização’, sobretudo relativa a brasileiros de origem alemã.”

⁷³ “Em prol da tua oração do terço – o escrito apostólico do Papa João Paulo II a respeito do terço em família durante um ano.”

⁷⁴ Cabe a ele a escrita do texto da página 75 em diante.

de Sepé Tiaraju⁷⁵, em *IHU Online*, edição 150, 2005, São Leopoldo, p. 37 a 40; *Apontamentos de uma leitura do livro “Negócios Jesuíticos”, de Paulo Assunção*, São Leopoldo, 2005, Editora Unisinos, 204 p., além do texto *Pe. Floriano Paucke, S. J.: o grande missionário dos mocovis*, da autoria de A. Bringmann, sendo a tradução do original em alemão do Pe. Rabuske, S. J., Editora Unisinos, São Leopoldo 2005.

Encerram-se neste ano, 2005, todas as publicações que chegaram ao prelo e foram de autoria ou auxílio do Pe. Rabuske, S. J.. Tem-se notícias de que, durante o ano de 2006, o jesuíta ainda trabalhou em torno de uma tradução sobre o Município de Santa Cruz do Sul. Porém, não foram encontrados dados que confirmem sua publicação. Também pode ser encontrado na caixa 38 de seu acervo o título *O fumo ou tabaco – de erva medicinal à planta vilã*, manuscrito em fase de escrita e coleta de materiais.

Como foi mencionado anteriormente, iria dar-se notícia de escritos de autoria do Pe. Rabuske, S. J. que ainda não foram publicados⁷⁶. Entre os títulos levantados junto ao seu acervo no Memorial Jesuíta, encontram-se, na caixa 65, *O Território Missionário do RS na Nova Companhia: sua transferência da Província Romana à Germânica em 1869*; *Humor de Jesuíta Sulino* (com ilustrações); *Tentativas de solução do problema seminarístico no Rio Grande do Sul desde 1842*.

No que toca a obras traduzidas e que não foram encaminhadas ao prelo ou tiveram sua publicação negada, foram levantadas, na caixa 23, *As Reduções Guaranis e a Teologia da Libertação* de Maxim Haubert, traduzido do francês, e *P. Petrus Gastner (1689-1726) Reiserlebnisse und missionarisches wirken bei den indianern am oberen Amazonas* de Alfons Hauber, traduzido do alemão; na caixa 34, encontra-se *O banimento dos Jesuítas do Rio da Prata e das Missões do Paraguai por Decreto de Carlos III*, de Pablo Hernandez, traduzido do espanhol; caixa 37, há o texto *João Evangelista Rick – memórias especiais*, traduzido pelo Pe. Rabuske, S. J. do alemão; já na caixa 38, encontramos *História dos Jesuítas – o Ministério do Marques de Pombal extraído de manuscritos por Cristovão Teófilo de Man*, 3ª edição de J. B. Hafkemeyer S. J., atualização ortográfica do Pe. Rabuske, S. J..

Como fim das atividades acadêmicas do Pe. Rabuske S. J., se pode considerar o momento de sua morte, ocorrida em 20 de março de 2010, aos 86 anos de idade. Leva-se em consideração que suas atividades de escrita, tanto próprias como traduções, deram-se até o fim

⁷⁵ Texto preparado para “os 250 anos da morte de Sepé Tiaraju”, apresentado sob a forma de entrevista, uma vez que o autor respondeu às perguntas de forma escrita, para a edição exclusiva sobre o tema, organizada pela Revista *IHU Online*, disponível no endereço: www.unisinos.br/ihu.

⁷⁶ Encontram-se na caixa 24 de seu acervo os títulos *Entre o aquém e o além e o Santo Sacrifício da Missa* (Meditações), 230 p. de autoria do Pe. Rabuske, S. J., que versam sobre questões teológicas.

de sua vida, e, também, algumas se encontravam a caminho da publicação. Por essa razão, encontramos uma diversidade de textos que não chegaram a ser publicados ou que se encontravam em fase de escrita. Um exemplo de seus esforços no trato da pesquisa e seu auxílio na redação ou edição de outras obras, são observados nas publicações de Arthur B. Rambo. Este levou para edição dois títulos, nos quais aparece o Pe. Rabuske, S. J. como co-autor, homenageando-o pelo seu auxílio na consecução de ambas, intituladas *Três meses na América*, texto original de Pe. Balduino Rambo, Santa Maria, Ed. da UFSM, 2015, 472 p., sob organização de Arthur Blasio Rambo, e co-autoria de José Newton Cardoso Marchiori e Arthur Rabuske, S. J. (in memoriam); e *Diário de Cambará: diário de um cientista 1948*, de autoria do Pe. Balduino Rambo, Santa Maria, Núcleo de Estudos Botânicos Balduino Rambo, 2017, 127 p., contendo ilustrações e fotografias, sob organização de Arthur Blasio Rambo, e co-autoria de José Newton Cardoso Marchiori e Arthur Rabuske, S. J. (in memoriam).

Como parágrafo final deste quarto capítulo, aponto que possivelmente ainda existam textos e publicações do Pe. Rabuske, S. J. que são desconhecidos. Seus documentos, preservados junto ao Memorial Jesuíta, ainda carecem de uma análise mais aprofundada, e provavelmente nos elucidariam, em parte, outros textos de sua autoria, como também traduções. É possível que também se encontrem publicações de outros temas como, por exemplo, de cunho religioso/teológico. No entanto, como o propósito desta escrita é arrolar as de cunho historiográfico, não nos dedicamos a um trabalho exaustivo de busca de outros tipos, sendo que, ao decorrer desta, lançou-se algo a respeito em notas de rodapé ou no corpo do texto.

5 O “FAZER HISTORIOGRÁFICO” E AS REDES SOCIAIS NA CONSECUSÃO DA PESQUISA HISTÓRICA DO PE. RABUSKE, S. J.

Este capítulo final tem por seu objetivo explorar o que até o momento foi tratado com o “fazer historiográfico” do Pe. Rabuske, S. J.. Ao referir-se várias vezes a este mesmo termo fica a dúvida de seu real significado. A final, o que podemos entender por “fazer historiográfico”?, considerar obras ou textos que versam sobre assuntos voltados ao âmbito da História ou a livre interpretação dos fatos. Ou seria possível ir mais além? A fim de compreender a percepção do método interpretativo da História. No entanto, como trazer ao conhecimento tais percepções? Com esta finalidade, o da escrita deste capítulo, se faz a análise de documentos que versam sobre a forma interpretativa, método de pesquisa e redação de texto. Ambos com o intuito de explorar e elucidar as percepções do Pe. Rabuske, S. J. enquanto um pesquisador, que possui uma gama de textos consideráveis, como já foi mencionado ao longo dos capítulos anteriores.

Assim, partindo da compreensão do que pode ser entendido como historiografia ou fazer historiográfico, se busca elucidar os meandros na construção dos textos de cunho histórico redigidos pelo Pe. Rabuske, S. J.. Entende-se que para alcançar tais objetivos, o da escrita científica, é necessário observar os métodos aplicados, as fontes consultadas, os objetivos determinados e os resultados alcançados. Visando compreender esta forma de trabalho, parte-se da análise de trechos de dois documentos, nos quais o Pe. Rabuske, S. J. nos elucidava em parte o seu “fazer historiográfico”.

Em concomitância, ao desenvolvimento deste mesmo capítulo, busca-se remontar em parte, aqueles que compunham as redes sociais vinculadas ao Pe. Rabuske, S. J.. Através de uma análise da mesma, é possível, cogitar sobre os mais diferentes contatos que o auxiliaram na coleta de materiais, divulgação e publicação de seus textos. Além de nos fornecer um panorama de seus vínculos, seja local, nacional ou internacional.

Através da análise de suas correspondências, espera-se alcançar o objetivo proposto, trazendo ao conhecimento as mais variadas localidades com as quais o Pe. Rabuske, S. J. manteve contato para a consecução de suas pesquisas. Assim, para elaborar esta análise, se faz uso de sua correspondência ativa, uma vez que não se possui a correspondência passiva. Sua relevância, da análise desta rede, se dá na compreensão do alcance de suas produções, como também na forma como adquiriu documentação para suas pesquisas, das quais aqui é tratado como o seu “fazer historiográfico”.

5.1 Alguns Apontamentos sobre o “Fazer Historiográfico”

O que entendemos por “fazer historiográfico” ou historiografia? Longe de discutir as questões pertinentes aos grandes teóricos do assunto, buscamos através de uma pequena explanação, apontar o que se entende por “fazer historiográfico”. Afinal, a proposta deste capítulo, busca explorar em parte, a prática exercida pelo Pe. Rabuske, S. J., durante o tempo em que atuou junto ao meio acadêmico, com enfoque na escrita de cunho historiográfico.

Partindo de algumas concepções menos acuradas sobre este tema, “fazer historiográfico”, com a finalidade de entender as percepções sobre o mesmo, utiliza-se em um primeiro momento, autores menos conhecidos, de forma a ambientar o tema, para posteriormente, partir para autores de renome, que discutem questões pertinentes ao mesmo. Tornando-se possível perceber as aspirações e fundamentações destes, “menos conhecidos” na ótica dos teóricos.

De acordo com Daniela Nunes, a historiografia é feita a partir do diálogo com as incertezas, lapsos e dúvidas que são preenchidos pelo pesquisador, por meio da pesquisa, em fontes que permitem observar os dados relevantes para o exercício de sua escrita. Além de que os documentos confrontados com o tempo, apresentam ao público obras prontas, sem lacunas ou silêncios, escondendo em seu discurso as fraquezas e dificuldades que o levaram a realizar a investigação. Assim, conforme os estudos de Daniela Nunes (2011, p. 16) refere Agra (2010, p. 9) para dizer que “a escrita não é simplesmente o reverso da pesquisa, é sim, um momento específico da historiografia, responsável por uma prática social”. Corroborando com esta ideia, Cecília Siqueira Cordeiro, relata, em outras palavras que, “Historiografia, em sua concepção mais corrente, remete ao produto final do ofício do historiador, podendo ainda ser entendida como conjunto de obras históricas produzidas por historiadores ao longo do tempo”.

Sob este viés, se pode fazer a reflexão sob esta mesma escrita ou das que circundam o meio acadêmico.

As produções de cunho histórico, voltadas a um contexto atual, exploram formas metodológicas com bases conceituais, que visam compreender de forma mais clara o funcionamento da sociedade e de seus indivíduos. A finalidade, do uso deste aparato metodológico, visa compreender o processo como um todo, onde um objeto de estudo é interpretado com base no cotidiano de seu tempo. Assim, as produções com base historiográfica se voltam a um tempo específico, no qual seus padrões de grafia a legitimam. E que os historiadores do determinado período andam em consonância com as diretrizes que

regem, ou atendem os padrões de escrita de seu tempo. Como por exemplo, o fato de esgotarmos nos dias atuais as formas de interpretação e interrogações que lançamos sobre um documento.

Na perspectiva de Michael de Certeau (1982), o autor aponta que é a problematização o princípio do historiador. A partir das perguntas, buscam-se respostas a fim de responder aos problemas levantados, para os quais a história oferece através de suas fontes, as informações necessárias para a interpretação dos eventos. Assim, cabe ao historiador, a todo o momento, questionar ao longo de seu texto, o que o autor chamou de “característica indelével ao fazer historiográfico”. Pois, as características que dão forma ao texto permaneceram, e estas estão ligadas ao método utilizado pelo autor, que posteriormente interpretadas por aqueles que leem o material produzido, por ele, discorrem elogios ou críticas ao mesmo.

Segundo Roger Chartier (2002, p. 62), existem outras percepções que devem ser levadas em consideração quanto ao “fazer historiográfico”

[...] a questão essencial, que na minha opinião, deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação.

É possível, a partir da compreensão deste pensamento de Chartier, inferir que para além da produção de cunho historiográfico, também devemos levar em consideração as diferentes percepções do mesmo texto. Pois, a variedade de interpretações resulta das lacunas deixadas pelo historiador ou escritor, no exercício do seu “fazer historiográfico”, o que permite as mais diversas leituras. Assim, uma vez que o autor busca explorar um viés específico, deixando em aberto uma série de outros que contemplariam metodologias diferentes. Partindo deste pressuposto, que nos é apontado, o sentido do texto se encontra também imbricadas as tentativas de se transmitir ao leitor uma interpretação do autor sobre o tema. Deixa-se evidente, a construção do mesmo, o texto, com o intuito de apontar ao leitor o seu significado a partir da ótica daquele que o escreve.

Para Certeau, a riqueza que envolve a historiografia é o artifício que envolve os diferentes olhares, permitindo o desenvolvimento de novas pesquisas, a fim de responder a questionamentos em aberto, de certa forma, a fugir de um sistema de padronização da escrita de cunho histórico.

Mais genericamente um texto histórico (quer dizer, uma nova interpretação, o exercício de métodos novos, a elaboração de outras pertinências, um deslocamento da definição e do uso do documento, um modo de organização característico, etc.) enuncia uma operação que se situa num conjunto de práticas. Este aspecto é o primeiro. É o essencial numa pesquisa científica. Um estudo particular será definido pela relação que mantém com outros contemporâneos, com um “estado da questão”, com as problemáticas exploradas pelo grupo e pontos estratégicos que constituem, com os postos avançados e os vazios determinados como tais ou tornados pertinentes com relação a uma pesquisa em andamento. Cada resultado individual se inscreve numa rede cujos elementos dependem estritamente uns dos outros, e cuja combinação dinâmica forma a história num momento dado. Finalmente, o que é uma “obra de valor” em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto atual dos “objetos” e dos métodos históricos, e, que, ligada ao meio no qual se elabora, torna possíveis, por sua vez, novas pesquisas. [...] É o produto de um lugar. (CERTEAU, 1982, p. 72-73).

Neste contexto, entende-se que a interpretação dada pelo historiador, profissional ou não, como no caso do Pe. Rabuske, S. J. estão estritamente ligados ao seu método de trabalho. Assim, quando levantado o problema a ser explorado por determinada pesquisa se imbrica a forma como este tema é trabalhado, observando seu instrumental teórico metodológico, a fim de legitimar o valor do escrito.

Tal “valor” é somente alcançado quando os “pares”, neste caso, outros historiadores ou não, reconhecem o seu trabalho. Do qual, reconhece-se o conjunto operatório na consecução da escrita, os objetivos determinados e alcançados, acompanhados do desenvolvimento metodológico proposto. Além de tornar possível uma nova visão sobre o tema, ou reafirmá-lo, de modo a permitir ou apontar futuros estudos sobre a mesma temática, porém sob diferentes interpretações.

Nesta conjuntura, é possível compreender que o “fazer historiográfico” está vinculado a todo um aparato utilizado pelo historiador na consecução de sua pesquisa e redação de seu texto final. Avaliando questões pertinentes as formas de veiculação dos dados levantados a sua interpretação e aparato metodológico, constitui-se a forma de produção do conhecimento por ele produzido.

Entre outras considerações, sobre o tema, o historiador Jurandir Malerba (2006, p. 15) comenta em seu texto, *Teoria e História da Historiografia*, “parece faltar um campo de entendimento comum sobre o próprio escrito histórico: enfim, um conceito operacional de historiografia”. Entre os autores, que defendem uma definição clara sobre este conceito, Jörn Rüsen (2001) defende que a historiografia é o produto do conhecimento histórico obtido de forma racional, neste caso, seguindo regras metodológicas com base científica, a fim de dar a produção um embasamento que a qualifique dentro do âmbito das ciências. Ainda, de acordo com ele, existem “formas de apresentação” do conhecimento histórico, que por sua vez, estão

fundamentadas na ciência histórica, em outras palavras, a historiografia é “parte integrante da pesquisa histórica, cujos resultados se enunciam, pois, na forma de um ‘saber redigido’”. (RÜSEN, 2001, p. 46). Por essa ótica, a historiografia estaria pautada na construção narrativa dos resultados de pesquisa, que a partir da coleta de dados empíricos e a crítica aos documentos levantados, realiza a sua consecução.

Conforme com o que já foi tratado anteriormente no que tange as reflexões dos teóricos sobre o tema, e com base nas considerações de Cecília S. Cordeiro, a narratividade histórica apresenta em si mesma, “elementos de objetividade”, tornando possível caracterizá-la como um produto intelectual do historiador.¹

Pois, o discurso historiográfico surge das escolhas do pesquisador, das experiências e das percepções do seu cotidiano e do passado. Desta forma, o historiador, ao observar suas fontes, faz ressurgir ou torna a discutir temas adormecidos, e “nesse exercício de decifração do passado, o historiador também utiliza de liberdade em seu labor. Subjetivamente na escolha do objeto, do recorte, na seleção das fontes, na forma como irá compor a sua narrativa e dos recursos que serão utilizados”. (NUNES, 2011, p. 19).

Com base no que foi apontado até o momento, em torno do tema “fazer historiográfico”, entende-se que o Pe. Rabuske, S. J. pode ser enquadrado dentro dos critérios mencionados como um historiador, porém não profissional, já que sua área de formação compete ao campo das letras. No entanto, no que cabe a análise de sua interpretação acerca dos documentos e acervos consultados, constam como resultado, os títulos que foram levantados ao longo desta escrita. Porém, o seu reconhecimento perante o meio acadêmico é o fruto do trabalho de pesquisa, que esteve pautado em um tema específico, a Companhia de Jesus, seja durante o seu período de Vice Província Germânica ou Província do Brasil Meridional.

¹ Cabe ressaltar aqui que, neste sentido, a historiografia seria a construção da narrativa dos resultados da investigação. Para Cordeiro, “É ela que dá forma e feitiço histórico aos elementos empíricos (objetivos) da pesquisa, inserindo-os na vida prática, atribuindo-lhes sentidos e significados”. (CORDEIRO, 2015, p. 2). E, Rüsen aponta, “Existe algo na construção narrativa chamada “história” que não pode ser inventado, pois é previamente dado e tem de ser reconhecido como tal pelos historiadores [...] a interpretação histórica não pode ir além dos contornos da experiência quando tenha por intenção enunciar o que ocorreu no passado”. (RÜSEN, 2001, p. 94). Nesta perspectiva, observa-se que o trabalho historiográfico está pautado na figura do historiador, com o uso de métodos considerados científicos. Estes métodos no Brasil, de acordo com Cordeiro, surgem junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como base para este tipo de escrita, que anteriormente “entendia-se como história uma diversidade temática que poderia ir dos roteiros e descrições de viagem até textos descrevendo as características históricas de uma determinada região, situando-se próximo a um gênero que passaria a ser de extrema importância para escrever a história nacional: as coreografias”. (GUIMARÃES, 2005, p. 81).

Ao buscar os meandros na consecução da escrita interpretativa do Pe. Rabuske, S. J. nos é permitido vislumbrar o seu entendimento acerca do fazer historiográfico. Compreendendo seu método de pesquisa e posteriormente a forma como busca observar e interpretar os documentos. Oferecendo como resultado final o texto acerca de seus apontamentos, pautados nos instrumentos teóricos metodológicos que sustentam o que chamamos de “fazer historiográfico”.

5.2 Pe. Rabuske, S. J. e seu Método Interpretativo, o “Fazer Historiográfico”

Nas páginas iniciais, procurou-se orientar sobre as questões referentes ao que se pode entender por “fazer historiográfico”. Busca-se adiante, com base no que foi observado anteriormente, resgatar o método interpretativo utilizado pelo próprio Pe. Rabuske, S. J. na consecução de suas pesquisas. Utilizando-se das concepções acerca da operação historiográfica, apontada pelos teóricos citados, busca-se explorar os meandros utilizados pelo jesuíta, permitindo perceber suas aspirações, posicionamentos, afinidade com tema explorado de pesquisa, e seu produto final, os textos de cunho histórico.

Em um de seus apontamentos, que se encontram no documento já citado, *CURRICULUM*, iniciam as reflexões acerca do que foi proposto. Partindo desta citação compreende-se os anseios, percepções e conclusão acerca do entendimento do Pe. Rabuske, S. J. sobre o campo historiográfico. Observa-se que estes apontamentos foram redigidos em um momento de reflexão do trabalho desenvolvido pelo próprio Pe. Rabuske, S. J.. Assim, suas percepções acerca do trabalho historiográfico podem ser percebidas de forma madura, a sua interpretação sobre a escrita histórica.

Para leigos no assunto, esse serviço social, no concernente a seu apreço, não passa de ledos enganos, que o consideram uma quase diversão, uma facilidade de ocupação, um ócio de luxo, ou a busca de fama vaidosa e descoberta de tesouros escondidos, naturalmente “jesuíticos”. Em resumo, de suas dificuldades reais não se fazem sequer a mínima idéia [sic!]. O que mais desejam é a lembrança pessoal ou de parentes e ancestrais do passado, cobertos de méritos e louvores em datas jubilares. Outros esperam do produto historiográfico uma leitura divertida, um leve passatempo, um texto edificante, encomiástico e até triunfalista. Outros ainda como que exigem da historiografia não propriamente a busca da verdade objetiva, quer raro-se-lhes [sic!] vira em tabu e nem se deve enfrentar de viseira erguida ou corajosa, mas prestar-se a servir uma ideologia em moda, a partidos político-partidários, etc. Neste sentido desejam-se apoios de confrades e amigos, bem como os mecenas da Roma Antiga, imitados no tempo em curso. Em tais condições cabe ao historiador o papel incompreendido de pedagogo social, que pouco a pouco leva a um madurecimento [sic!] humano maior, pois sem o conhecimento da história, ao menos da sua, a coletividade semelha-se a um organismo destituído de memória. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 20).

Em análise a esta citação, é possível perceber os questionamentos que vão de encontro à figura do historiador e do seu trabalho. A pesquisa histórica aparece vinculada à atividade ociosa, pouco valorizada por aqueles que não têm conhecimento do trabalho acadêmico implicado na consecução de uma escrita historiográfica. O fato de um pesquisador usar de seu tempo para a leitura, pesquisa e escrita, refletem aos olhos da sociedade, sob a forma de senso comum, como um “hobbie”. Do qual o historiador desfruta do conforto de sua residência ou gabinete de trabalho. Questões relativas aos acervos consultados e sua falta de infraestrutura, condições de preservação do material, muitas vezes acrescido de produtos químicos e tóxicos, passam despercebidos. Os custos com viagens e estadia, quando há necessidade de se deslocar para acessar acervos, ou até mesmo encontrá-los, pois há muito tempo já estão perdidos ou esquecidos, também não são levados em consideração. Além da falta de reconhecimento pelo tempo empregado na elaboração ou publicação de um texto, que em muitos casos pode estar desatualizado na grafia atual ou em outra língua. Mas, que aos olhos de historiador, apresenta relevância e merece o trabalho de revisão e tradução, tornando-o acessível a todo público leitor.

Nesta conjuntura, o trabalho desenvolvido pelo historiador apresenta-se como de relevância a aqueles que circundam o viés acadêmico. Pois, dividem dos mesmos anseios, uma vez que aos olhos dos outros, aqueles que estão fora do círculo acadêmico, o seu trabalho está ligado ao ócio. Percepção que se reflete ainda nos dias atuais, e que também era comum durante o tempo em que o Pe. Rabuske, S. J. atuou como pesquisador e historiador.

Chama atenção nesta parte do seu, o trabalho do historiador pontuado na forma de “serviço social”. Trabalho que pode ser considerado tanto positivo quanto negativo. Seu caráter positivo está na contribuição que o mesmo traz a sociedade em que se insere, auxiliando na compreensão do espaço social ao qual está vinculado. Do qual é reconhecido em parte por aqueles que compõem o meio acadêmico, além dos simpatizantes da escrita historiográfica. Auxiliando na preservação da memória local ou coletiva sobre aqueles que versam, a fim de elucidar através de suas percepções as interpretações acerca dos eventos de cunho histórico. Enquanto, aqueles que julgam os instrumentos metodológicos do historiador um engano, pois em muitos casos não atendem as suas expectativas ou as contrariam, alegam que o mesmo busca a fama. Sob este olhar, o trabalho de historiador estaria vinculado a uma escrita divertida, sem apreço intelectual, com o intuito de encontrar tesouros e revelá-los sob uma forma de entretenimento ao público leitor. Neste caso, sua negatividade se encontra no momento em que seu trabalho não é levado a sério, e é considerado simplesmente só mais um escrito.

Em muitos casos, quando se trata de um leitor leigo, o mesmo espera da escrita historiográfica, “a lembrança pessoal ou de parentes e ancestrais do passado”, com um intuito de salvaguardar para si uma imagem positiva dos mesmos através dos sentimentos de glória e importância deste para aquele contexto histórico. Ou seja, como pontua o Pe. Rabuske, S. J., de uma leitura “divertida, um leve passatempo, um texto edificante, encomiástico e até triunfalista”. Pontua, as observações de Chartier, quando argumenta sobre as leituras que são realizadas por outros. As interpretações e percepções acerca do que foi tratado e do que poderia ter sido explorado parecem evidentes no olhar do outro. Pois, as diferentes leituras de um texto, proporciona uma diversidade de interrogações, das quais podem ser respondidas através do método de pesquisa, contribuindo para a historiografia. Por essa razão, a da interpretação, é que o autor, Chartier, pontua a forma de comunicação que será dado à produção. Os diferentes meios de veiculação da mesma podem interferir em sua interpretação, causando concordâncias ou discordâncias a seu respeito.

Quanto a alusão aos “mecenas da Roma Antiga”, o Pe. Rabuske, S. J. cita de forma indireta seu amigo Pe. Richard Scheiner, que ao longo de vários anos, enviou da Alemanha recursos monetários para a publicação de obras e textos aqui no Brasil. Em sua grande maioria, estes auxiliaram na manutenção das publicações realizadas pelo jesuíta, junto ao periódico *St. PaulsBlatt*. Além, também, do auxílio que recebeu de amigos e confrades dos institutos dos quais participava. O que nos permite em uma rápida reflexão, pontuar as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores na divulgação de seus trabalhos. Afinal, a publicação de textos, mesmo que em revistas acadêmicas, resultam em custos para a publicação e impressão. O auxílio, neste caso em valores, favoreceu em parte a divulgação de muitos escritos.

Em suma, o Pe. Rabuske, S. J. pontua as dificuldades enfrentadas pelo campo historiográfico de seu tempo e as aspirações daqueles que o compõem. Questões pertinentes ao trabalho e reconhecimento do historiador diante ao seu campo de atuação, foram por ele observados no momento em que redigiu seu documento. Pensando no papel do historiador na sociedade, é apontada a sua importância na preservação da memória, mesmo que seja a sua. De acordo com Certeau (1982) a prática da preservação do passado, a historiografia, é uma prática social, da qual cabe ao historiador a sua preservação através do registro. E que aparece aos olhos do Pe. Rabuske, S. J. como a manutenção da memória, que devidamente registrada pelo historiador, com as devidas metodologias aplicadas, demonstra o amadurecimento perante o meio social em que ele está inserido.

O “fazer historiográfico” está pautado na escrita da história através de seu interlocutor, seja ele um historiador ou não. De acordo com Certeau e Chartier, uma vez que reconhecidos pelos seus pares, estes escritos adquirem respaldo diante a comunidade acadêmica/público, criando a possibilidade de análise crítica e interrogações pertinentes ao seu desenvolvimento. Sob estes auspícios se criam as formas pelas quais os pesquisadores buscam respostas em suas atividades de pesquisa a fim de responder tais interrogações. Nesta conjuntura, se pode pensar nas questões pertinentes aos espaços em que atuou o Pe. Rabuske, S. J.. Desde o seu ingresso ao meio acadêmico, pautou-se na redação de textos e obras vinculados a sua ordem religiosa, como também a publicações de manuscritos, de outra autoria, com o propósito de trazer ao conhecimento seus saberes e informações de cunho historiográfico. Percebe-se sobre este viés, o que ele mesmo chamou de “serviço social”, quando a partir de suas publicações buscou o conhecimento histórico e preservou sob a forma de texto a memória da Companhia de Jesus no Sul do Brasil. Com um enfoque especial na antiga Província Germânica e posteriormente na Província do Brasil Meridional.

Na tentativa de elucidar as questões pertinentes ao “fazer historiográfico”, se faz necessário compreender, mesmo que me parte, as percepções do indivíduo para com o seu campo de atuação. Nesta perspectiva, se fará a análise de trechos de documentos, deixados pelo Pe. Rabuske, S. J., com a finalidade de perceber suas aspirações quanto ao seu entendimento sobre a pesquisa historiográfica. Assim, com base no documento “*Minha experiência na pesquisa histórica ou historiográfica*”² se busca resgatar em parte suas aspirações.

Inicialmente é possível elencar algumas pontuações do próprio Pe. Rabuske, S. J. acerca do que a ele, compreende enquanto “o sentido, valor ou finalidade da História escrita”.

- É um conhecimento a história, como qualquer outro, humano e humanizante. [sic!]
- Sem ele, a humanidade seria ainda mais pobre do que é, sem um ontem, sem um hoje e um amanhã. Seria um organismo sem história, sem memória própria
- O historiador – um paginista [sic!] dos tempos bons do passado. “laudator temporie acti”. Triunfalismo pessoal, familiar, constitutiva [sic!]. Há de tudo: coisas boas e menos boas, ou até ruins.
- História edificante, comemorativa, festiva....
- Coragem ante a verdade vista ou descoberta para expo-lá.

² Observa-se que este documento serviu como rascunho para uma fala do Pe. Rabuske, S. J. no que tange a pesquisa histórica desenvolvida por ele, a falta de uma data em sua redação/datilografia não nos permite informar a precisão de sua emissão. Porém, com base na análise do mesmo, na terceira linha da primeira página, onde justifica o título, aponta que já atua na pesquisa integral por 08 anos, o que nos torna possível remontar o ano de 1977. Lembramos que o seu ingresso na Universidade do Vale do Rio dos Sinos ocorre no ano de 1969, quando é efetivado como pesquisador em tempo integral. Este documento encontra-se acondicionado na caixa 28 [correspondências] do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J..

- Historiografia das minorias... Entusiasmo apenas de jovens. Só apresentar coisas positivas: é irreal...
- Atitude obediencial quanto ao fato histórico, dizer o “sim” ante ele: catarse.
- Melhor não aprender nada que aprender errado.
- Condenar apenas: fazer e ter adquirido coisa melhor... Depois a gente cala ... Humildade.
- Madureza, sinal dela. Interessante.
- Não ser esquecido: um consolo. Reconhecimento aos anteriores... Juventude tem esse pecado. Só criticar, quando ainda não tem mérito algum. (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 6.)

Antes dos acertos sobre esta passagem, cabe mais uma vez lembrar que a formação do Pe. Rabuske, S. J. não é em História, inclusive, em seus acertos, pontua que entre os pontos negativos estão,

Não tenho formação especial para a pesquisa histórica. Por outra tenho apenas uma formação indireta quanto a isso. Ou não tenho curso superior de História, nem bacharelado, nem licenciatura, nem doutorado, nem pós-graduação e nem ainda experiência em magistério Superior na matéria. Creio que nem por isso não seja um historiador ou deva me sentir-me complexado ante meus colegas, com ou sem título universitário. Acho também que não sou Diletante na profissão, a não ser que tenha conseguido enganar, sem que o quisesse, a “deus e todo mundo”, como se diz. (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 2).³

Porém, enquanto aspectos positivos elenca a titulação em cinco cursos acadêmicos, sendo três em Letras, um em Filosofia e um em Teologia. “além de estudos especiais em germanística e alguma experiência em sala de aula; Organizador e classificador de bibliotecas; Colecionador de revistas, jornais, brochuras, livros e dicionários; Escrever, redigir cartas, sermões, ensaios, brochuras e livros” (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 7) e,

Amigo do livro e da leitura. Pretendia preparar-me para professor de Literatura Universal. O conhecimento ativo e/ou passivo de perto de 10 línguas vivas e mortas. Esperanto e estenografia. Alemão gótico... Crítica literária. (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 7).

Ao considerarmos estas informações, sobre sua formação, é possível cogitar sobre sua interpretação e entendimento do meio histórico. Tendo o Pe. Rabuske, S. J. uma inclinação ao material impresso, neste caso o livro, o que por ventura o levou a cursar Letras, é possível interpretar que em sua ótica, que a escrita histórica possui um valor significativo. Para além de uma forma de conhecimento, também serve como forma de preservar a memória de um local, de uma pessoa, de uma instituição ou de um fato ou acontecimento de valor significativo a um indivíduo ou uma coletividade.

³ Sobre o termo “Diletante” na citação, entende-se por aquele que se ocupa de qualquer coisa por gosto, não por obrigação.

É de seu conhecimento, mesmo não tendo cursado nenhuma disciplina sobre metodologias ou interpretação das correntes historiográficas, as diferentes formas de escrita da história. Diga-se de passagem, o curso de letras, para além das normas gramaticais, também trabalha com gêneros de escritas⁴. O que sem dúvidas, auxiliou o jesuíta, não somente no momento de redigir textos, mas também de identificá-los e interpretá-los⁵.

Reconhece que indiferente ao tema a ser discutido, ou ao fato histórico, é necessário se ater ao respeito pelo mesmo, de forma a compreender os limites das discussões sobre este no momento em que foi tratado por outros autores que foram consultados. Cabendo ao historiador compreender o viés pelo qual ele foi produzido ou as circunstâncias que levaram a aquele fato e suas interpretações sobre o mesmo. Isso expressa em parte, a madureza por ele citada no trato da escrita, pois não caberia ao pesquisador somente criticar, mas apresentar um material com melhor qualidade e que em parte resolva ou traga novamente a discussão os problemas interpretados em momentos anteriores. Em sua ótica, esta é a forma para não se esquecer, pois ao lembrar aqueles que versaram anteriormente o mesmo tema, fazendo o uso das citações, e apontando novas interpretações, é possível se manter ativo no meio acadêmico, de forma a ser lembrado através de suas interpretações de cunho intelectual e fora do esquecimento.

Neste caso, o esquecimento está vinculado ao fato de que as produções bibliográficas anteriores em muitos casos são esquecidas, de forma que o historiador deixa de lado estas interpretações. Isto é interpretado pelo Pe. Rabuske, S. J. como uma forma de esquecimento, pois, mesmo que o pesquisador não concorde com a interpretação é possível citar deixando

⁴ Aos gêneros de escrita entendem-se as características comuns que eles apresentam com relação ao contexto, linguagem aplicada e finalidade. Identificam-se estes gêneros como: Narrativo – caracterizado pela ação dos personagens no tempo e espaço, exemplo: Contos, Lendas, Fábulas, Novelas, Crônicas etc...; Descritivo – caracterizado por relatar e expor determinado acontecimento, lugar, pessoa ou objeto, exemplo: Diários, Relatos de viagem, Folhetos, Biografias etc...; Dissertativo Argumentativo – caracterizado por expor um assunto ou tema utilizando-se da argumentação, pautado na defesa de um determinado ponto de vista, apresentando uma estrutura de apresentação, desenvolvimento e conclusão. Exemplo: Artigos de opinião, Manifestos, Sermões etc...; Dissertativo Expositivo – tem a função de expor uma ideia utilizando-se de comparação, conceituação, definição, informação e descrição, exemplo: Jornais, Enciclopédias, Resumos, Verbetes de dicionário etc...; Explicativo Injuntivo – tem como característica indicar uma ordem, de maneira que o emissor busca orientar o receptor, exemplo: Receitas, Manuais, Bulas etc...; Explicativo Prescritivo – busca instruir o leitor com relação a procedimentos, exemplo: Editais de concurso, Leis, Regras, Códigos etc.... Os dados coletados sobre gêneros de escrita podem ser encontrados em artigo datado de vinte e sete de junho de 2018 no endereço eletrônico: <https://www.figuradalinguagem.com/gramatica/generos-textuais/>.

⁵ Cabe apontar que o Pe. Rabuske, S. J. sentia como que uma necessidade social apresentar com qualidade irrefutável à documentação e esclarecer da melhor forma possível a memória histórica da Companhia. Por exemplo, o livro *Apontamentos de uma leitura do livro "Negócios Jesuíticos", de Paulo Assunção* que publicou em 2005 criticando a obra de Paulo de Assunção, *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*, lançado em 2004, no qual faz uma verdadeira exegese linguística do texto criticado, com elucidações gramaticais e sintáticas, correções, citações e dados apresentados, além das de conteúdo propriamente dito.

subentendido que essa obra é de seu conhecimento. Este também seria um erro cometido pelos jovens historiadores de seu tempo, que na busca por novas formas interpretativas dos fatos e acontecimentos históricos não reconhecem autores anteriores, devido seus julgamentos, como por exemplo, um texto edificante ou laudatório. Deixando de lado, dados que em muitos casos estão presentes nestes escritos e que podem possibilitar ao mesmo uma reinterpretação ou legitimar uma nova interpretação dos eventos.

Estas observações acerca do posicionamento do Pe. Rabuske, S. J. sobre os jovens historiadores, dão em um momento em que a historiografia passa por uma reformulação das formas interpretativas; refiro-me ao surgimento da Micro História e da Nova História Cultural⁶, ambos movimentos tiveram seu momento de divulgação na década de 1980. Estes tinham como intuito propor novas formas interpretativas dos documentos e eventos históricos, observando em muitos casos a história das minorias. Explorando um novo viés para a compreensão da historiografia, diferente dos modelos tradicionais. Neste caso que difere da forma interpretativa e trabalho metodológico do Pe. Rabuske, S. J., que será abordado mais adiante.

Quanto a sua área de atuação, neste caso, na pesquisa histórica, seu interesse esteve voltado para História da Companhia de Jesus em sua fase moderna, mais especificamente entre os anos de 1842-1924⁷ e posteriormente de 1924 aos dias atuais, que neste caso remontam até as décadas 1990/2000. Faço esta pontuação devido a morte do Pe. Rabuske, S. J. no ano de 2010. De acordo com ele, seu objetivo era,

- A história da minha Ordem, em sua fase moderna, aqui no Sul do Brasil (RGS, SC. PR – Mato Grosso).
 - O Brasil Meridional, a ser conhecido como matéria auxiliar, pois nele trabalharam os jesuítas do passado. Especialistas em assuntos da colonização açoriana, italiana, polonesa e sobretudo alemão. Escravatura negra e o índio. Interessa o homem gaúcho. (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 8).

Porém,

Considera-se ele mesmo bastante dispersivo no concernente à fidelidade do seu plano inicial e propriamente dito da pesquisa em tempo integral da Missão Jesuíta, no Brasil Meridional dos anos 184 [sic!] a 1924. No ano de 1968 previa ele, para tais objetivos, como os de cobrir esse preciso período histórico, cerca de cinquenta [sic!]

⁶ Ver as obras de [Carlo Ginzburg](#) e [Giovanni Levi](#) no trato da Micro-história. Quanto à Nova História Cultural ver as obras de [Peter Burke](#), [Michel Foucault](#) e [Pierre Bourdieu](#). (WIKIPEDIA, 2020).

⁷ Lembra-se que a atuação da Companhia de Jesus restaurada no Brasil inicia-se na década de 1840, mais especificamente em São Leopoldo em 1842, após o final se sua supressão entre os anos de 1773-1814. Salienta-se que neste período, 1842-1924, a Província Jesuítica denominava-se “Província Germânica do Brasil” e posteriormente seu nome foi alterado para “Província do Brasil Meridional”, que vigora até os dias atuais.

monografias e/ou biografias: o que depois apenas realizou em parte. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 16).

Entre seus objetivos, neste caso quanto à temática de pesquisa, é possível perceber que em parte, os atingiu. Como pode ser observado nos capítulos anteriores, o número de publicações do Pe. Rabuske, S. J. e seus temas são um expoente de seu trabalho. Nota-se que sua maior ênfase esteve voltada ao Rio Grande do Sul, em especial as colônias alemãs e o desenvolvimento das ações da Companhia de Jesus junto a elas. Quanto às demais regiões, mencionadas por ele na passagem, nota-se a ausência de trabalhos, que em parte, é justificada pelo próprio Pe. Rabuske, S. J. quando menciona a riqueza de materiais disponíveis para tratar do Rio Grande do Sul. Como também um grande número de documentos e temas ainda não explorados para este estado, dos quais permanece a espera de um pesquisador versado em língua alemã que os traduza e publique para o conhecimento de outros.

Assim, pontua-se que o foco de pesquisa do Pe. Rabuske, S. J. está voltado ao meio religioso, pois busca trabalhar sob o viés acadêmico a atuação da Companhia de Jesus na região sul, explorando com afinco o estado do Rio Grande do Sul. Com o intuito de reconstruir em parte, a atuação de sua Ordem religiosa nesta parte de Brasil.

Quanto ao método de trabalho, o Pe. Rabuske, S. J. entende que “existem manuais quanto a isso, e bons. Possuir um aparato científico é a arte de citar...”. (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 2). Estas observações indicadas na citação se dão em razão da sua formação, como já foi apontado anteriormente, o curso de Letras, este tem sua base pautada na língua escrita e falada em concordância com as normas gramaticais e estilos de grafia. Sob este olhar, os manuais lhe são fundamentais para a compreensão e interpretação dos eventos históricos, pois lhe dão a base para desenvolver seu método de trabalho. Assim, sob a perspectiva do próprio Pe. Rabuske, S. J. ([19 - -], f. 9), acerca do método interpretativo, observa-se,

- Ele é a partir do documento escrito, impresso ou não.
- Eu não sou grande estudioso da entrevista e da tradição oral. Serve apenas de orientação a memória dos mais antigos. Se confirmadas por documentos, serve, ao menos como ponto de partida.
- Meu método é o tradicional da ciência historiográfica. Ele supõe esforço, dedicação, rigor, exatidão, coragem, sinceridade, espírito de compreensão, sobriedade, competência.
- Ler o máximo possível da época, em trabalhos já feitos. Aprende-se com isso e a gente se situa no tempo e espaço.
- Saber tomar distância de seu próprio campo de pesquisa. Deixar descansar algum escrito na gaveta, para reavaliá-lo.

Quanto à forma interpretativa e metodológica que se pretende aqui explorar, no viés das concepções do Pe. Rabuske, S. J., entende-se que o mesmo ainda está voltado para os

métodos de trabalho da Escola Metódica⁸. Porém com a passar dos anos e somando-se as novas produções intelectuais é possível observar cortejo com a metodologia da Micro História. Ressalta-se que neste momento o “fazer historiográfico” do Instituto Histórico da Companhia de Jesus em Roma encontrava-se ligado às metodologias historiográfica alemã e espanhola das décadas de 1940-1980. Enquanto os historiadores da Companhia de Jesus transitavam por temas mais globais da Ordem, o Pe. Rabuske, S. J. voltava-se para viés regional.

Como pontuado anteriormente, observa-se que o Pe. Rabuske, S. J. utiliza-se de uma metodologia metódica, com base na Escola Metódica, onde o documento escrito é a base para a interpretação dos eventos históricos. Nota-se sob este aspecto que sua base está fundamentada no documento escrito, como forma de legitimar a sua interpretação. Quanto ao uso da História Oral, e seu entendimento, só tem valor para a sua escrita se for confirmada por documentos escritos, do caso contrário, serve para localizar-se no tempo e local onde esta se perpassa.

Sob as atribuições aos documentos, como encontrada nas bases do metodismo, e que de acordo com Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (2006) tornam o documento essencial para a pesquisa histórica, são encontramos nos trabalhos do Pe. Rabuske, S. J. com riqueza. Para ambos as fontes documentais auxiliam no embasamento, que a partir do método

⁸ A escola metódica é criada “em torno de um axioma, o da história como ‘ciência positiva’” (DOSSE, 2003, p. 39-40) fugindo do subjetivismo em nome da ciência e do respeito à verdade. De acordo com Marcilene Nascimento de Farias, André Dione Fonseca e Diogo da Silva Roiz (2006, p. 121), “O primeiro objetivo, deste movimento, era o de delinear maneiras claras na abordagem documental (métodos), para os historiadores profissionais. O historiador deveria estar ciente de que pertencia a uma comunidade de profissionais que zela pela objetividade, e que seu papel era apresentar seus escritos sem qualquer traço de estética literária; um discurso frio, duro e sem qualquer resquício das “paixões” pessoais do historiador; ele deveria somente descrever o que está objetivamente contido na fonte, deixando o que há de subjetivo nela”. Assim, O historiador deveria rechaçar qualquer precipitação imaginativa “o ponto de partida do ofício de historiador envolvia pesquisar documentos, reuni-los, classificá-los e, com o amparo das chamadas ‘ciências auxiliares’ da história, proceder à crítica externa, especialmente sobre a origem das fontes; em seguida passar à crítica interna visando à determinação dos fatos para, finalmente, coroar com a construção narrativa, agrupando e ordenando os fatos numa sequência de causalidades”. (SILVA, 2001, p. 196). Os historiadores metódicos afirmavam que apenas buscavam o máximo possível de exatidão para com as fontes. “Foi nesse momento que o documento desenvolveu especial contribuição, pois foi usado como matéria prima para a pesquisa histórica. Só o recuo no tempo poderia garantir uma distância segura. Acreditava-se que a competência do historiador se devia ao fato de que somente ele poderia interpretar os muitos traços materiais do passado, seu trabalho não poderia se iniciar antes que todos os testemunhos das sociedades passadas restassem como indícios. Para que os traços pudessem ser interpretados habilmente, era necessário que tivessem sido arquivados. Todos estavam cientes que a partir de que um evento era produzido, ele pertencia à história. Porém, para que se tornasse um elemento do conhecimento histórico erudito, era necessário esperar vários anos, para que os traços do passado pudessem ser arquivados e catalogados, e as paixões do momento se dissipassem.”. (FARIAS; FONSECA; ROIZ, 2006, p. 122). Desta forma, a grandeza do historiador estava na capacidade de controlar sua subjetividade. Segundo François Dosse (2003, p. 38), “o ‘bom historiador’ metódico é (era) reconhecível por seu amor ao trabalho, sua modéstia e critérios incontestáveis de seu julgamento científico”, rejeitando o que “Langlois e Seignobos chama[vam] de ‘a retórica’ e as aparências ou ‘micróbios literários’ que poluem o discurso histórico culto”.

garante a cientificidade da história, permitindo a crítica aos documentos consultados pelo historiador.

Outro aspecto que vai de encontro a metodologia empregada pelo Pe. Rabuske, S. J., e que pode ser observado em um pesquisador de cunho metódico, são suas observações quanto às qualidades necessárias para a consecução da pesquisa histórica, “esforço, dedicação, rigor, exatidão, coragem, sinceridade, espírito de compreensão, sobriedade, competência”. Ambos, elementos que evidenciam os pressupostos de uma metodologia metódica. Afinal, é necessário o esforço e a dedicação na busca por materiais, dados, leituras, etc... além rigor e exatidão na busca por ferramentas metodológicas que auxiliem na compreensão dos eventos; coragem e sinceridade para trabalhar com temas polêmicos ou não, sem omitir informações dispostas pelo material consultado, além de apresenta-los aos seus pares a fim de obter aprovação ou recusa do mesmo; espírito de compreensão e sobriedade nas leituras de escritos anteriores e suas possíveis interpretações acerca de seu conteúdo e a competência para realizar uma análise dos eventos pautadas em seu tempo e espaço, interpretando o material de consulta e verificando sua legitimidade a fim de não obter conclusões errôneas a cerca do tema trabalhado.

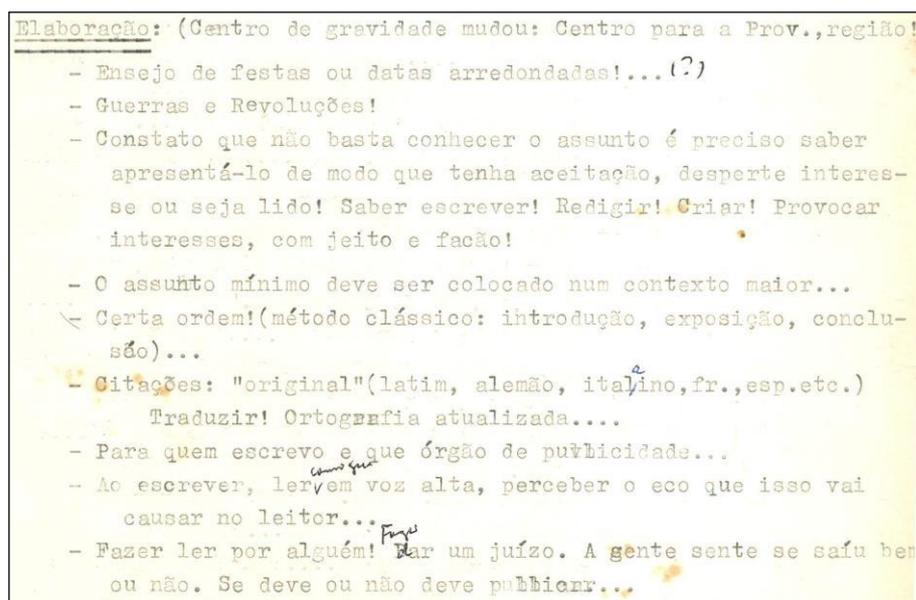
Outro aspecto que deve ser levado em consideração, e que pode ser observado nas produções do Pe. Rabuske, S. J. está ligado ao hábito da leitura. Ao explorar um determinado tema, salienta que deve se ler o máximo a respeito do assunto, pois a partir da interpretação de uma variedade de textos sobre o mesmo, é possível situar-se ao espaço e o tempo em que os eventos ocorreram. Digo compreender as questões imbricadas em um devido grupo ou local e também as normas sociais e costumes daquele período, afinal, observamos o passado com os olhos do presente, com percepções diferentes daqueles que vigoravam naquele momento. Assim, o historiador toma distância de objeto de estudo, o que lhe permite também observá-lo com outros olhos. Anteriormente, foi mencionado que o Pe. Rabuske, S. J. apontava “madureza” como essencial na escrita historiográfica, o que pode ser entendido como “deixar descansar algum escrito na gaveta”, pois, neste processo é possível reavaliar, depois de um tempo, que neste caso podem ser meses ou anos, o escrito. Neste processo, o historiador pode revisar seu texto a fim de que caso tenha se equivocado em suas conclusões possa revelas e então publicá-las. E no caso de as mesmas permanecerem, revisar seu texto e enviá-lo ao prelo.

Ainda sob o viés metodológico, cabe apontar questões pertinentes ao uso de citações. Ao levar em consideração que a análise documental realizada pelo Pe. Rabuske, S. J. está em sua base metodológica. Observa-se que mesmo os documentos que se encontram em língua

estrangeira são traduzidos a língua vernácula. Sua finalidade é de elucidar ao seu leitor as informações acerca das produções intelectuais ou documentais citadas. Em alguns casos, pontua-se que obras por completo foram traduzidas e publicadas. No entanto, no que concerne a citações diretas e indiretas, pontua que “Citações: “original” (latim, alemão, italiano, fr., esp. etc.) Traduzir! Ortografia atualizada...”. (RABUSKE, S. J., [19 - -], f. 3). Porém, observassem em seus textos as citações em sua língua original na página de roda pé ou vice-versa.

Acerca de outros aspectos vinculados ao “fazer historiográfico”, neste caso a elaboração de um escrito ou trabalho a ser apresentado a um público, apresenta-se o seguinte fragmento do documento anteriormente citado (este documento encontra-se acondicionado na caixa 28, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.).

Figura 22 - Fragmento do documento *Minha experiência na pesquisa histórica ou historiográfica*



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

Neste documento, é possível perceber pontuações do autor, que vão desde a escrita do texto até a apresentação ao público e posterior publicação. Meandros que devem ser observados por qualquer pesquisador que deseja apresentar seu trabalho e suas conclusões acerca do tema explorado. Suas pontuações sobre conhecer o espaço de circulação da temática, elencadas como festas, comemorações de datas, guerras, entre outros, devem ser observados com cautela. Cabe ao historiador fazer a análise dos dados levantados e

posteriormente lançar suas conclusões, de forma que estas não sejam interpretadas de maneira errônea pelo leitor como laudatórias ou críticas. Ao mencionar o “conhecer não basta” entende-se que estão imbricadas as questões levantadas anteriormente quando se mencionou sobre a leitura do máximo possível de material sobre o tema.

No que tange a apresentação, neste caso, da pesquisa realizada, é necessário despertar o interesse, a fim de que seu trabalho seja lido e citado posteriormente. Por essa razão, procurar por temas menores que possam ser avaliados em contextos mais amplos, com a finalidade de elucidar aspectos desconhecido da historiografia. Um exemplo são as obras do Pe. Rabuske, S. J. que versam sobre a Companhia de Jesus e exploram uma documentação inédita aos olhos do meio acadêmico.

Quanto à redação do texto, objetividade na consecução da introdução, desenvolvimento e considerações finais, com a finalidade de não tornar o texto maçante aos olhos do leitor. Sempre, também observando quem é o seu público de enfoque. Neste contexto, observa-se a necessidade de se fazer ler o texto por outro antes de sua publicação, os acertos de um terceiro auxiliam na repercussão e observações que podem ser geradas pelo escrito. Assim, o autor tem a possibilidade de revisar seu texto ou rever sua pesquisa sem cometer gafe junto aos seus pares, ou público leitor.

Com base nos apontamentos acima, no que se refere ao “fazer historiográfico” desenvolvido pelo Pe. Rabuske, S. J. ao longo dos anos em que atuou junto ao meio acadêmico. Além da sua interpretação acerca da História e escrita, pontua-se as afinidades com as observações de Certeau e Chartier a este respeito. No que tange a problematização, temos como plano de fundo a falta de uma historiografia acerca da Companhia de Jesus no Sul do Brasil a partir de 1840 em diante. Quanto às fontes para responder os problemas levantados encontram-se os acervos das instituições fundadas pelos jesuítas na região, o acervo documental da Província Germânica e o acervo da Província do Brasil Meridional, além de obras de outros jesuítas acerca de suas comunidades. Além do contraponto com obras de intelectuais que versam sobre o tema da Companhia de Jesus, documentos lavrados por órgãos do governo ou relatos de viajantes. Ambos permitindo cercear em torno de sua problemática.

Atendo-se à coleta dos materiais, perpassando pelo processo de seleção das fontes e aplicação dos métodos interpretativos, a fim de oferecer ao leitor uma versão coerente dos dados levantados e sua análise. Que por fim, recebem o seu reconhecimento pelos pares ou crítica. Neste caso, apontam-se seus confrades nos institutos históricos ou outras entidades científicas que visão a difusão do conhecimento científico, como por exemplo, os simpósios

de estudo organizados por instituições de ensino superior. Observando que seu objetivo, é tornar-se o que Certeau aponta como “Obra de Valor” para o conhecimento histórico. Ainda é preciso frisar as questões referentes aos meios de publicações destes textos ou escritos. Que de acordo com Chartier tem em seu suporte material, neste caso o papel, quando me refiro ao período em que viveu o Pe. Rabuske, S. J. a construção de um significado, uma simbologia acerca de seu valor histórico de acordo com aqueles que leem o material impresso. Pois as formas como este é divulgado dão ao seu autor a visibilidade do seu trabalho. No que toca ao jesuíta, este sempre esteve servido de meios de publicação através de revista, periódicos, anuários, jornais ou editoras. Ambas permitindo a difusão de seus trabalhos, imprimindo-lhes o status de acordo com as leituras realizadas por seus interlocutores.

A fim de encerrar a análise sobre seu “fazer historiográfico” se elenca uma pequena passagem do documento *CURRICULUM*. Esta tem como objetivo elucidar em parte a própria perspectiva do Pe. Rabuske, S. J. acerca de sua produção historiográfica. Permitindo-nos avaliar suas percepções acerca de seu trabalho enquanto um pesquisador e historiador.

Examinando o elenco de suas publicações no gênero historiográfico percebe AR, ele mesmo, que nele existia uma tendência pronunciada, quase que obsessão, de publicar textos alheios, sobretudo os considerados de valor documentário. Pode lá alguém achar que se trata de uma tarefa um tanto inglória, mas bem considerada, esta presta para a pesquisa serviços mais duradouros, que os de meros tratados de sua própria lavra. (RABUSKE, S. J., [2000?], p. 19).

A publicação dos “textos alheios” é interpretada pelo Pe. Rabuske, S. J. como essencial para a compreensão do meio que ela foi produzida. Em muitos casos, estas obras se encontravam prontas ou ainda em andamento, porém careciam de alguém que as revisasse e enviasse ao prelo para sua publicação. Muitas vezes, seus autores haviam falecido antes de acabá-las, ou não dispunham de meios para levá-las à publicação. No sentido de torná-las conhecidas, o Pe. Rabuske, S. J. durante os anos de sua atuação no meio acadêmico buscou meios de realizar sua impressão. Utilizando-se de sua influência junto as instituições onde atuava, as lançou com a finalidade de trazer ao conhecimento do público seu conteúdo. O mesmo se aplica a as traduções de língua espanhola, francesa e alemã. O que de certa forma, possibilitou a consulta de outros pesquisadores a estes materiais, que doravante viam-se impossibilitados devido à grafia estrangeira.

Entre as palavras finais para a análise deste “fazer historiográfico”, pontua-se que a tradução ou publicação de obras vistas como alheias são de importância para a historiografia. Porém os escritos do Pe. Rabuske, S. J. sobre os diversos assuntos abordados ao longo de sua trajetória acadêmica também se tornam expoentes importantes para a compreensão da

historiografia regional gaúcha. Seus trabalhos são os primeiros a abordar questões pertinentes às comunidades religiosas católicas junto as colônias alemãs. Como também, questões relativas às antigas reduções espanholas. Tornando o seu trabalho, através de seu “fazer historiográfico”, baseado na análise documental, de importância para a compreensão da historiografia a nível regional.

5.3 Contatos e Publicações, a Formação das “Redes Sociais” na Coleta de Dados e Divulgação dos Textos

Adquirir material de pesquisa, compor textos e levá-los a conhecimento do público leitor, como o fazer? Atualmente, com o uso da tecnologia, neste caso a internet, e uma diversidade de websites, encontram-se inúmeras variedades de materiais digitalizados ou até mesmo obras e acervos inteiros a disposição. Basta ao pesquisador, acesso a um computador e internet, o mesmo se aplica a questão da divulgação dos escritos produzidos. Ao lançar no menu “pesquisa” de um website, “revistas para publicação de artigos”, ou “editoras”, para textos completos, elenca-se na tela do computador uma série de sites que permitem ao pesquisador entrar em contato. Cabe a ele, redigir um e-mail manifestando o seu interesse em publicar encaminhando em anexo uma cópia do texto. Em um ou dois dias seu e-mail será respondido e seu texto submetido a avaliação se for de interesse. Neste processo sempre há a possibilidade de aceitação para publicação ou há a de recusa do texto. Mas o que busco salientar aqui é a comodidade do pesquisador nos dias atuais, além da rapidez com que se obtêm a resposta dos interessados. Claro que entre a avaliação do escrito e sua posterior publicação, podem-se levar meses, mas o que cabe apontar é a eficácia em saber que seu material foi recebido pelo destinatário.

Porém, aonde pretendo chegar com esta digressão. Ao lançarmos este mesmo olhar sobre o Pe. Rabuske, S. J. percebe-se que o mesmo não possuía esta “comodidade” em ambos os sentidos, seja para materiais ou publicação. Porém seus meios para isso estavam pautados na emissão e recepção de correspondências, das quais fez uso até o início do século XXI. Assim, buscamos compreender as “redes de contatos” estabelecidas pelo Pe. Rabuske, S. J. na consecução de seus objetivos, no que tange a divulgação de seus escritos e coleta de dados.

Relembramos que, por “redes de contatos” entende-se todo e qualquer contato estabelecido pelo Pe. Rabuske, S. J. com parentes, amigos, confrades dos institutos, membros de ordens religiosas, editoras, revistas, pesquisadores, arquivos de pesquisa ou outros. Ambos com a finalidade de rastrear, a partir de sua correspondência passiva, os meandros utilizados

pelo jesuíta ao longo de suas atividades de cunho acadêmico. Permitindo cercear o âmbito alcançado por seus trabalhos e também os meios em que circulava.

Sob este viés, observa-se o que foi apontado anteriormente na introdução, entende-se por “redes” o conjunto das relações sociais, ou seja, o entrosamento entre os sujeitos envolvidos em prol de algo que lhes seja comum. Que no caso do Pe. Rabuske, S. J. aplicam-se ao meio acadêmico e religioso, uma vez que ambos são os canais para o desenvolvimento de suas pesquisas e escritas. Observa-se que não se pretende trabalhar aqui questões vinculadas a vida pessoal do Pe. Rabuske, S. J., optou-se por avaliar somente as correspondências ligadas ao viés acadêmico.

Assim, sob a perspectiva sociológica e antropológica, Acioli (2007) apoia a noção de redes sociais em uma análise e descrição dos processos sociais em que existem conexões que envolvem grupos e categorias, mas que ao mesmo tempo ultrapassam estes limites impostos pelos mesmos. Articulando as estruturas das redes em processos mais amplos, que por sua vez, estão ligados ao contexto social em que se desenrolam e aos indivíduos que nela se inserem. Cria-se sob este aspecto, o que Elias (1994) conceitua como dependência, interdependência e redes de função, interligando os membros de uma sociedade implicada no elo que os une de forma comum, que neste caso, do Pe. Rabuske, S. J., aplicamos no viés acadêmico. Torna-se possível nesta conjuntura observar as articulações junto ao meio indicado, a fim de definir os contatos envolvidos no processo.

Para elucidar as conjecturas que moldam nosso sujeito, o Pe. Rabuske, S. J., se optou por classificar a suas redes de relação em três níveis diferentes, que têm o mesmo intuito, compreender o alcance e a extensão de seus trabalhos, como também a obtenção dos respectivos materiais que as possibilitaram. Opta-se também por trabalhar na seguinte ordem, redes internacionais, redes nacionais e redes locais. Todas têm a mesma função, porém, ordená-las nos permite observar de forma mais atenta o âmbito do alcance de seus contatos. Observa-se aqui mais uma vez, que o intuito é analisar a correspondência voltada ao âmbito acadêmico, não se fará uso de correspondências de cunho pessoal.

Quanto à classificação adotada na análise das redes, se faz necessário pontuar que entende-se como redes internacionais todo contato fora do território brasileiro. Enquanto que por redes nacionais a correspondência pertinente aos estados que compõem a federação, Brasil. Quanto às redes em nível local busca-se explorar os municípios que pertencem ao estado do Rio Grande do Sul, que por sua vez será explorado neste nível. Propõe-se a necessidade desta separação da rede em três níveis diferentes para a compreensão de sua extensão neste momento. Pois seria complexo transitar por estes “níveis” citando-os

intercaladamente de forma aleatória, e também, permite vislumbrar de forma mais clara o âmbito de suas relações como outros pesquisadores ou arquivos.

No que tange o que aqui chamamos de redes internacionais, apontamos os seguintes países: Alemanha, Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Itália, México, Paraguai, Peru, Portugal, Suíça e Uruguai. Ambos remetentes são encontrados junto à correspondência do Pe. Rabuske, S. J., da qual foi levantada até o momento desta escrita. Suas informações, em suma, encontram-se na grafia original do remetente.

Conforme quadro do Apêndice A⁹, os temas que se encontram versados nas correspondências tratam sobre o envio de material, como por exemplo, livros. É comum encontrar ao logo do texto um pedido de envio de obras sobre a atuação da Companhia de Jesus no Brasil. Um exemplo é a carta datada de sete de julho de 1981 enviada de Roma pelo Pe. José Mende, S. J. solicitando algum escrito, ou material sobre o Colégio Pio Brasileiro (a carta pode ser encontrada na caixa 68, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.). Ou carta datada de dezenove de dezembro de 1964, enviada de Bonn, Alemanha, por Prof. Dr. Hugo Moser solicitando artigo para publicação em revista local (a carta está localizada na caixa 64, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.). Mais um exemplo é a carta datada de vinte e seis de outubro de 1999, enviada de Roma pelo Pe. László Polgar, S. J., que em seu texto original em italiano dá notícia de uma publicação de sua autoria. Versando sobre a bibliografia produzida pela Companhia de Jesus ao longo do século XX, indaga ao Pe. Rabuske, S. J. sobre artigo publicado na Revista do IHGRS, “*Os jesuítas dos Sete Povos das Missões*”, e sua relação com a obra de outro autor, ali tratado como “Azevedo” (a carta pode ser encontrada junto à Caixa 60, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.) (ver Anexo C). Outro exemplo (ver Anexo D) é correspondência de vinte e três de maio de 1972, enviada de München (Munique), Alemanha, por Hans Grünewald, S. J. como resposta a pedido de material de pesquisa sobre dois jesuítas da antiga missão brasileira, Pe. Gerl e P. Klüber. Dos quais o arquivista informa a ausência ou existência do material solicitado (a carta pode ser encontrada junto à Caixa 14, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.).

⁹ Seu objetivo é elucidar em parte a rede de contatos e as localidades com as quais se comunica o Pe. Rabuske, S. J.. Em sua formulação, este quadro conta com os seguintes campos: Data – referente a data de sua escrita; Local – subdividido em cidade, estado e país das quais foram enviadas; Tema – subdividido em 1-Acadêmico, 2-Pessoal e 3-Outros; Assunto – uso de palavras chaves que indiquem a natureza do tema; Idioma – subdividido em 1-Português, 2-Alemão e 3-Outro; Remetente – Nome de quem escreve e Localização – informando em qual das caixas do Acervo encontra-se a correspondência acondicionada. As informações por ela coletadas possibilitaram inferir posteriormente uma série de perguntas no que tange aos contatos estabelecidos pelo Pe. Rabuske, S. J..

De forma geral, com as exceções das correspondências de cunho pessoal, neste caso, pontuo as correspondências de Richard Schneider e Cécilia Schneider, remetentes de Büchen, Alemanha. Estas versam sobre assuntos pessoais, questões relativas à amizade do Pe. Rabuske, S. J. para com Richard Schneider, amizade tecida durante o período em que permaneceu na Alemanha. Porém, está classificadas como acadêmicas pelo fato de ao seu final tratarem sobre questões relativas à transferência de valores destinados a manutenção das publicações da revista “*St. Paulusblatt*”. Estas correspondências se encaixam em ambos os critérios, acadêmico/pessoal e se encontram em língua alemã.

Quanto a circulação de correspondências do Pe. Rabuske, S. J. no território brasileiro, encaixando-se no que aqui definimos como redes nacionais, elencam-se os seguintes estados: Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Lembramos que o estado do Rio Grande do Sul será trabalhado mais detalhadamente na rede local.

Sobre os temas encontrados nestas correspondências apontamos inicialmente a carta datada de quatorze de setembro de 1988 (a carta pode ser encontrada junto à Caixa 60, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.). Redigida pelo Pe. Clóvis Duarte Passos C. M. do Rio de Janeiro, RJ, seu conteúdo versa sobre o pedido do Pe. Rabuske, S. J. por material de consulta relacionado ao Colégio Episcopal Madre de Deus e Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (ver Anexo E). Quanto a questões voltadas a publicação de artigos, encontra-se carta de sete de março de 1995 de Rogério Mosimann, representante da Revista *Latinidad* em Florianópolis, SC (a carta pode ser encontrada junto à Caixa 60 [correspondências] do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.). Em seu texto agradece pelo envio de artigo para publicação, que por acaso foi realizado pelo próprio remetente, que solicitou ao Pe. Rabuske, S. J. esta escrita. Ao fim da carta, Mosimann salienta que ficaria grato caso o jesuíta enviasse qualquer outro texto para posterior publicação, e este o faria (ver Anexo F).

Ainda dentro do âmbito nacional, gostaria de apontar outros registros de correspondências que tratam de indicações de correções, orientações e oferta de material de pesquisa. Conforme constam os registros junto ao Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J., em suas respectivas caixas encontram-se: carta de seis de maio de 1974 (Caixa 60, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.), de Sérgio¹⁰, Belo Horizonte, MG; solicitando avaliação de trabalho escrito. Carta de vinte e seis de setembro de 1974 (Caixa 68, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.), de Eduardo¹¹, Recife, PE; pedindo orientação para trabalho

¹⁰ Não se encontrou o sobrenome do remetente.

¹¹ Não se encontrou o sobrenome do remetente.

de pós-graduação. Carta de trinta e um de agosto de 1989 (Caixa 68, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.), de Maria Regina, de Nossa Senhora do Desterro, SC; em convite para a correção e apreciação do seu texto de dissertação. Além de um pedido por material ou referencial para tese de doutoramento, solicitado por Antônio Bezerra Neto de Linhares, ES, em carta de quatro de fevereiro de 2000 (Caixa 68, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.). Cabe ainda citar, a oferta de material de pesquisa sobre Martim Luther, oferecida por Francisco Gaspar de Menezes de Campina Grande, PB, em correspondência de vinte de abril de 1993 (Caixa 68, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.).

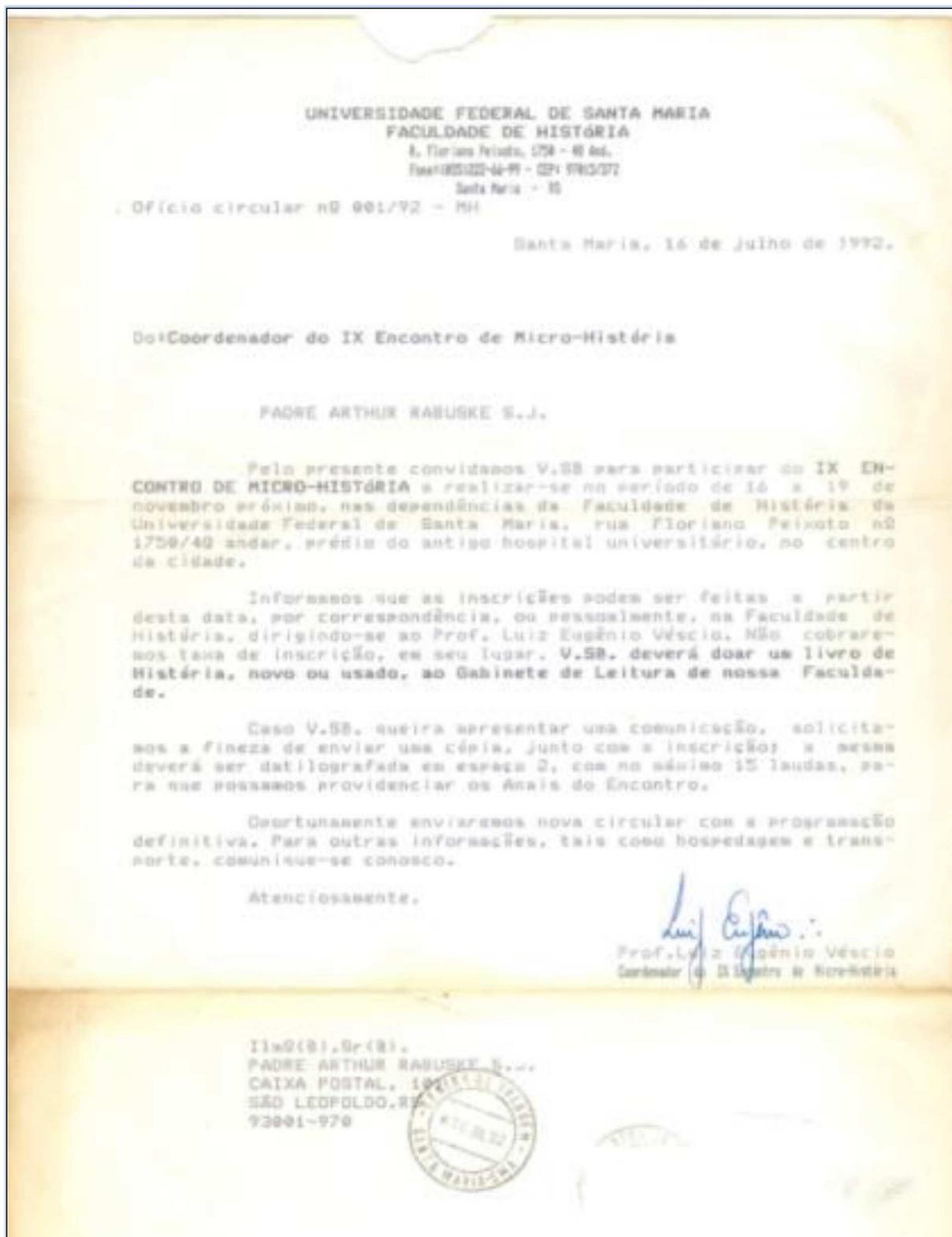
Ao nos atermos a rede local se buscou observar a circulação de correspondências dentro do estado do Rio Grande do Sul. Esta nos permite observar de forma mais atenta as localidades com as quais o Pe. Rabuske, S. J. se comunicava mais próximo de sua residência. Ao mesmo tempo em que nos permite cercear o alcance e esforço na busca por material de pesquisa para a consecução de seus escritos. Além da divulgação, conhecimento e auxílio prestado a outros pesquisadores.

Entre as localidades levantadas em sua correspondência passiva, elencamos: Caibaté, Candelária, Capão da Canoa, Cruz Alta, Ibirubá, Lajeado, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Pareci Novo, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Salvador do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santo Ângelo, São Gabriel, São Leopoldo, São Nicolau, Torres, Uruguaiana e Viamão.

Em relação aos temas abordados nestas correspondências, citam-se quatro delas, com a finalidade de apontar os conteúdos versados e que nos permitem analisar a sua importância no que aqui definimos como “redes sociais”. Conforme carta de vinte e sei de junho de 1995, enviada por Osório Santana Figueiredo, da localidade de São Gabriel, RS, o mesmo sente-se lisonjeado pelo recebimento de três livros enviados pelo Pe. Rabuske, S. J., também elogia o modelo de escrita e informa que em breve estará lançando um livro do qual seria de importância para a área do conhecimento histórico missionário (ver Anexo G). Outro destaque, data de primeiro de fevereiro de 1994, enviada de Uruguaiana, RS, por Bispo Augusto Petró, S. J., arquivista da Câmara Eclesiástica de Uruguaiana. Seu conteúdo versa sobre informações acerca do Pe. Dr. José Maria Hengels, dados dos quais foram solicitados pelo Pe. Rabuske, S. J. para a consecução de escrita (ver Anexo G). Estas duas correspondências nos permitem inferir sobre a circulação dos escritos do Pe. Rabuske, S. J., mas também perceber o recebimento de material para a elaboração de suas pesquisas.

Ainda sob o tópico da circulação de seus escritos, aponta-se correspondência de quatro de junho 1980 (Caixa 60, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.), emitida pelo Reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), sob responsabilidade de Luís Marobim. Em seu texto, versa sobre a publicação da obra de autoria do Pe. Rabuske, S. J., *Varietades Anchiitanas*, solicitando que tome as medidas cabíveis com relação à revisão do texto e combinações com os quatro patrocinadores desta obra. No que tange ao seu reconhecimento junto ao meio acadêmico, pontua-se correspondência de dezesseis de julho 1992 (Caixa 60, correspondências, do Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.), emitida pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS. Representando a instituição o Professor Luiz Eugênio Vécio, encaminha convite para o Pe. Rabuske, S. J. compor a coordenação do IX Encontro de Micro-História. Conforme a Figura 23, que ilustra esta correspondência:

Figura 23 - Correspondência sobre IX Encontro de Micro-História



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. ([19 - -]). Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 28).

Entre os três âmbitos acima apresentados é possível perceber o alcance dos trabalhos do Pe. Rabuske, S. J., desde publicações e divulgação de títulos, tanto no continente Europeu, quanto, Americano. Além das publicações e títulos referentes ao Brasil e a região sul, com ênfase no Estado do Rio Grande do Sul. Porém, com relação às redes sociais formadas pelo Pe. Rabuske, S. J. para a consecução de muitos de seus trabalhos/publicações, podemos inferir sob a análise dos dados levantados a partir de 297 correspondências. Das quais se percebe os meios sociais com que mantinha contato.

Assim, como mencionado anteriormente, podemos separar os contatos do Pe. Rabuske, S. J. entre aqueles que pertencem ao viés religioso e os que foram anteriormente citados como “leigos”, neste caso, que não pertencem a nenhuma ordem religiosa. Com base nos dados referentes ao quadro de correspondências podemos elencar no âmbito religioso o número de 64 contatos¹²; sendo que, estes podem ser divididos em 44 pertencentes à Companhia de Jesus, 17 ao clero secular e 3 às congregações femininas. Quanto aos considerados “leigos”, observamos que se inserem neste grupo, professores, mestrados, doutorandos, pesquisadores e familiares. Quanto aos números relativos a estes dados somam-se 78 contatos acrescido de mais 11 referentes a instituições; totalizando em 89¹³ contatos ao final. Na somatória final do número de contatos envolvidos neste levantamento, incluindo os dois segmentos, religioso e leigo chega-se à cifra final de 134¹⁴.

Assim podemos apontar, enquanto números, utilizando-se de uma análise sobre o tópico “assunto” do quadro as seguintes informações. Das 297 correspondências analisadas, 80 se referem a pedidos ao Pe. Rabuske, S. J. de material para pesquisa, 30 sobre o envio de obras, 43 versam sobre questões pertinentes às publicações em anais, revistas, livros ou valores referentes a impressão, 10 respondem a pedidos de material de consulta solicitado pelo Pe. Rabuske, S. J. a instituições religiosas, pesquisadores ou arquivos, 14 são pedidos de revisão de texto ou orientação de trabalhos acadêmicos. As demais 115 correspondências restantes versam sobre assuntos pessoais, reuniões, notícias de eventos, convites e agradecimentos.

Cabe ainda pontuar que no que tange aos pedidos de material por parte do Pe. Rabuske, S. J., indicados acima com 10 registros nas correspondências levantadas, seus remetentes pertencem ao viés religioso. Por suas pesquisas versarem sobre a Companhia de

¹² Estes 64 contatos encontram-se elencados no quadro do Apêndice B, na página 195.

¹³ Estes contatos encontram-se elencados no Apêndice B, na página 195.

¹⁴ A relação de nomes que formam estas redes de contatos pode ser observada junto ao Apêndice B, na página 195. Este quadro compreende no arrolamento dos nomes dos indivíduos/sujeitos com os quais o Pe. Rabuske, S. J. manteve contato. A mesma se encontra separada por contatos religiosos/acadêmicos e Instituições.

Jesus, os arquivos ou membros do clero são a sua principal fonte de consulta, pois cabe a eles a manutenção dos registros sobre suas comunidades. Uma das razões que leva o Pe. Rabuske, S. J. a manter um contato frequente com os respectivos remetentes.

Quanto as que formam o viés leigo/acadêmico é perceptível a manutenção dos contatos com a finalidade de publicação, orientação e difusão de material de pesquisa. Pois, somam 80 correspondências que tratam do pedido de material para desenvolvimento de escritos, o que torna o Pe. Rabuske, S. J. em uma fonte de consulta no que tange a bibliografia jesuítica. O que em parte pode ser observado nas 30 cartas de pedidos de envio livros a bibliotecas ou pesquisadores.

Ainda sob a análise de dados referentes aos contatos estabelecidos pelo Pe. Rabuske, S. J. quanto à publicação de seus escritos, apontamos uma série de quadros¹⁵ que nos permitem averiguar os seus principais meios de publicação. Pautado na análise da bibliografia por ele produzida e que se encontra elencada nos capítulos terceiro e quarto desta escrita é possível elucidar alguns dados relevantes.

Partindo da análise destes dados se torna possível observar o meio editorial em que o Pe. Rabuske, S. J. teve maior índice de publicações. O que permite cogitar em torno de sua rede de contatos para com estas instituições, e que ao mesmo tempo, dependendo de sua localização, representatividade e status, ampliam o alcance do material produzido. Por exemplo, para livros pressupõem-se a sua compra, enquanto que revistas, mesmo que por assinatura como ocorria neste período, diferente das virtuais atualmente; reproduzem o texto e o divulgam de acordo com seu raio de alcance, tornando seu conteúdo conhecido, enquanto que o livro depende de sua propaganda, público alvo e tiragem. Não diferente da revista, mas seu público estabelecido, de certa forma lhe garante certa estabilidade, além de ser um meio de difusão dos trabalhos de cunho acadêmico neste período, refiro-me aos finais da década 60 aos anos de 2000 (início), posteriormente, quando inicia a difusão das revistas digitais, das quais podem ser acessadas a qualquer distância.

Com base nos dados levantados sobre as publicações em revistas ou periódicos, somam-se 27 editoriais diferentes, sendo elas nacionais ou estrangeiras. O número total de artigos publicados neste veículo informativo é 188; dos quais 148 contabilizam em língua portuguesa e 40 em língua alemã. Sobre aqueles em que publicou maior número de artigos, elencamos 35 na revista *Estudos*, 18 em *Estudos Leopoldenses*, 18 em *Notícias para Nossos*

¹⁵ Estes quadros consistem em um arrolamento de informações referentes ao meio de publicação (revista, jornal, anais, livros ou informativos) e língua em que está publicado (português ou alemão). Subsequentemente estas nos permitem listar os meios gráficos dispostos pelo Pe. Rabuske S. J. para a impressão/publicação de seus escritos além do número de vezes em que utilizou o mesmo.

Amigos, 18 em *Variedades Anchiitanas* e 17 em *Pesquisas*; todas têm em comum a Companhia de Jesus, seus editores ou mantenedor estão diretamente vinculados à ordem religiosa e suas instituições de ensino. Ainda dentro do viés religioso encontram-se 18 publicações pela revista *Teo-Comunicação* da PUC-RS. Entre as entidades que estão diretamente ligadas ao meio acadêmico, sob a tutela de “leigos”, o maior número de publicações ocorre na *Revista do IHGRGS*, com 7 artigos, as demais revistas que aparecem listadas seguem com uma variante entre 2 ou 1 artigos publicados. Observa-se que foram tratados até aqui somente as publicações em língua portuguesa.

Quanto ao maior número de publicações em língua alemã, elencamos 17 artigos em *Janrbuch der Familie* e 11 na *St. Paulusblatt*. Ambas revistas/periódicos tem como alvo um público voltado a língua alemã, sendo seus editores um misto entre religiosos e “leigos”. Com exceção dos artigos publicados em *Anzeiger für die Katholische Geistlichkeit* e *Staden-Jahrbuch* voltados para o clero alemão.

Quadro 1 - Revistas/Periódicos e locais de publicações

Identificação	Nº de Trabalhos Publicados	
	Português	Alemão
<i>Anzeiger für die Katholische Geistlichkeit</i>		2
<i>Cadernos Fundames</i>	2	
<i>Communication</i>	4	
<i>Correio</i>	2	
<i>Edições Avulsas IAP</i>	2	
<i>Epistame – UFRGS</i>	1	
<i>Estudos</i>	35	
<i>Estudos Iberoamericanos</i>	1	
<i>Estudos Leopoldenses</i>	18	
<i>Etnia e Carisma</i>	2	
<i>Famillien-Kalender</i>		3
<i>História Unisinos</i>	1	
<i>IHU-Online</i>	1	
<i>Janrbuch der Familie</i>		17
<i>Livro da Família</i>	6	
<i>Notícias para Nossos Amigos</i>	18	
<i>Perspectiva Teológica</i>	2	
<i>Pesquisas</i>	17	
<i>Renovação CNBB</i>	2	
<i>Resistência – Argentina</i>	1	
<i>Revista Cadernos do IHGRGS</i>	2	
<i>Revista da Academia Rio Grandense de Letras</i>	1	
<i>Revista do IHGEP</i>	1	

<i>Revista do IHGRGS</i>	7	
<i>Revista do IHGSC</i>	1	
<i>Serra Post-Kalender</i>		6
<i>Soc. Brasileira de Filósofos</i>	1	
<i>St. Paulusblatt</i>		11
<i>Staden-Jahrbuck</i>		1
<i>Teo-Comunicação</i>	18	
<i>Variedades Anchiitanas</i>	1	
<i>Verso e Reverso - Unisinos</i>	1	

Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto às publicações em jornais elencam-se 9 diferentes. Entre eles, os locais, com sede em Novo Hamburgo e Porto Alegre condessam o maior número de matérias, sendo eles: *Vale dos Sinos* com 20 artigos e *Correio do Povo* com 14. Seu público é a sociedade em geral, seu caráter é informativo e seu alcance se restringe a sua área de circulação, neste caso o Vale dos Sinos para o primeiro e o Estado do Rio Grande do Sul para o segundo. O mesmo se aplica aos jornais locais *Gazeta do Sul*, com 12 publicações, *Folha da Tarde*, *Diário Popular* e *O Progresso*. No que tange este veículo de comunicação para além do estado do Rio Grande do Sul, é possível observar jornais de alcance local como “*Lud*” e *Cadernos de Blumenau* de Santa Catarina, além de *Folha do Norte* de Belém do Pará.

Quadro 2 - Publicações em Jornais

Identificação	Nº Trabalhos Publicados
<i>Cadernos de Blumenau – SC</i>	1
<i>Correio do Povo – POA</i>	14
<i>Diário Popular – Pelotas</i>	2
<i>Folha da Tarde – POA</i>	2
<i>Folha do Norte - Belém do Pará</i>	1
<i>Gazeta do Sul - Santa Cruz do Sul</i>	12
<i>Lud – SC</i>	6
<i>O Progresso – Montenegro</i>	1
<i>Vale dos Sinos – NH</i>	20

Fonte: elaborado pelo autor.

No que toca às publicações em anais de eventos, estas nos permitem observar a participação do Pe. Rabuske, S. J. nesta categoria de divulgação de suas pesquisas. Ao iniciar sua trajetória no meio acadêmico, historiográfico, em seus primeiros anos participou de eventos a fim de divulgar seus trabalhos, como também, teve a oportunidade de conhecer pesquisadores atuantes em áreas similares ou diferentes do seu viés. Isso possibilitou adquirir novos contatos, além de tornar-se referência para outros pesquisadores. Dentro desta categoria

apontam-se 14 eventos dos quais participou, no entanto, estes dados podem divergir, uma vez que ele tenha participado de mais eventos, os quais são desconhecidos devido a falta de registros até o momento. Ao final, somam-se 23 publicações em anais, em uma variante de três a um por evento.

Quadro 3 - Publicações em anais de eventos

Identificação	Nº Trabalhos Publicados
<i>Anais do Congresso de História e Geografia de SC</i>	1
<i>I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros</i>	2
<i>I Encontro de Pesquisadores do RS</i>	2
<i>II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros</i>	3
<i>II Encontro Nacional de jesuítas Cientistas</i>	1
<i>II Seminário de Educação -Santo Ângelo</i>	1
<i>II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros</i>	2
<i>III Simpósio da Imigração e Colonização Alemã – SL</i>	1
<i>IV Simpósio da Imigração e Colonização Alemã – SL</i>	2
<i>IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros</i>	2
<i>Simpósio de História da Igreja</i>	1
<i>V Simpósio da Imigração e Colonização Alemã – SL</i>	1
<i>VI Simpósio da Imigração e Colonização Alemã – SL</i>	2
<i>VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros</i>	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação às editoras acionadas pelo Pe. Rabuske, S. J. para a impressão de seus textos completos ou do que ele mesmo pontuava como “obras de valor alheio”, apresenta-se o Quadro 4, a seguir. Observando o número de impressões nas respectivas editoras, é possível perceber com as quais trabalhava mais assiduamente.

Quadro 4 - Editoras

Identificação	Nº Trabalhos Publicados
Brochura (NH)	1
Editora Kaltern	1
Editora Koska (Viena/ Berlim)	2
Editora Rotermund	5
Editora Sinodal	1
Editora UFRGS	1
Editora UFSC	1
Editora Unisinos	19
Edições Loyola	5
EDIPUCRS	2

Edisinos	1
Editora Bels S.A.	1
Empresa Gráfica Editora S.A.	1
EST/ICP/CIPEL	1
Hilgert & Filhos Ltda.	2
Livraria e Editora Padre Réus	2
Matins Livreiro	2
Publicações Avulsas – IAP	3
Torino - ed.	1
UFRGS/IEL	1
Universidad Pontificia Comillas	1
UCS/ Escola Sup. de Teologia de Brides	1

Fonte: elaborado pelo autor.

É perceptível que o maior número de obras impressas é pela Editora Unisinos, contabilizando 19 obras. Seguida de 5 pelas Edições Loyola e 3 pelas Publicações Avulsas do IAP. Ambas gráficas pertencentes à Companhia de Jesus através de suas instituições de ensino ou pesquisa. Outras editoras que possam ser consideradas de cunho religioso, por seu envolvimento com instituições ou movimentos deste tipo, somam entre 1 e 2 publicações. Quanto a outras editoras, 5 obras publicadas pela Rotermund de São Leopoldo, localizada nas proximidades do campus da Unisinos onde o Pe. Rabuske, S. J. atuava. Entre as demais citadas, suas impressões somam entre 1 ou 2 publicações. No entanto, estas editoras se encontram ligadas a uma instituição de ensino superior, como por exemplo, a Editora da UFRGS, no estado do Rio Grande do Sul, ou no exterior pela Universidad Pontificia Comillas. Além das editoras particulares, como Hilgert & Filhos Ltda., ou Editora Bels S. A. que publicavam obras em convênio/contrato com o autor.

O último quadro a ser analisado, tem como foco os informativos, neste caso de circulação interna. Estes nos permitem perceber a circulação de escritos dentro do seu âmbito de alcance. No caso do Pe. Rabuske, S. J., ambos informativos são editados por membros ou instituições pertencentes a Companhia de Jesus. Sendo que o único voltado ao público acadêmico e o Informativo Unisinos, cujo âmbito de circulação vincula-se ao campus da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Enquanto que os outros dois, são de circulação interna da Companhia de Jesus, um restrito a nível local e outro a nível provincial, neste caso os estados que envolvem a Província Sul-Brasileira, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em sua gênese, estes dois informativos estão restringidos a um público religioso, neste caso os membros da Companhia. O que de certa forma, torna conhecida a área de atuação na pesquisa histórica do Pe. Rabuske, S. J. entre os seus colegas da Ordem religiosa.

Quadro 5 - Publicações em Informativos

Identificação	Nº Trabalhos Publicados
<i>Informativo Unisinos</i>	1
<i>Informativo (Interno S. J.)</i>	1
<i>Informativo da Província Sul-Brasileira</i>	9

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao analisar estes meios de publicação de seus textos, é possível observar a sua circulação quanto ao meio social que eles circundam, neste caso, o acadêmico e o religioso. O alcance destes veículos de comunicação impressos permite vislumbrar o âmbito dos escritos, como por exemplo, os textos publicados por editoras estrangeiras. O mesmo se aplica as locais, pois nos indicam a comunicação estabelecida com estes para a consecução de suas publicações. Da mesma forma, os artigos em revistas ou periódicos nos permite inferir sobre sua circulação. Ambos, acompanhados dos jornais, anais e informativos demonstram os veículos utilizados na consolidação do trabalho de publicar seus textos de cunho historiográfico.

Conforme os dados extraídos do quadro de correspondências, em relação aos contatos estabelecidos, acrescidos dos meios para a publicação dos textos é possível conjecturar a formação de uma rede contatos que visava a divulgação dos textos e material coletado. Esta rede estava pautada em um viés acadêmico, pois visava a escrita e divulgação dos textos sobre a historiografia da Companhia de Jesus. Mesmo que os meios mais promissores ao Pe. Rabuske, S. J. fossem de origem religiosa/jesuítica, referindo-me as editoras ou revistas pertencentes a Companhia de Jesus, todas têm respaldo junto a comunidade acadêmica, com exceção das de circulação interna da Ordem. Porém, também apontam a publicação por outros meios, desvinculados do religioso, neste caso as editoras ou revistas de universidades e instituições de pesquisa, ou jornais de circulação regional e local. Ambas com o intuito de levar a publicação e circulação os textos produzidos ao longo de sua trajetória acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando a exposição dos dados referentes ao Pe. Rabuske, S. J., cabe agora pontuar as considerações finais acerca de sua trajetória. No título desta escrita, O “fazer historiográfico” traduções, escritos e documentos na trajetória acadêmica de Arthur Rabuske, S. J., o leitor é conduzido a acompanhar o desenvolvimento da vida acadêmica do Pe. Rabuske, S. J. ao longo dos anos de sua atuação junto a este meio. Porém, como compreender os caminhos escolhidos ao longo dos anos de atuação, sem antes entender o contexto anteriormente vivido. O ser humano, ao longo de sua vida, torna-se o sujeito que define os seus caminhos, isso ocorre através das escolhas, gostos, pré-disposição e outros fatores que moldam o seu cotidiano. Ao iniciar com as pontuações sobre sua formação primária, até suas últimas publicações, optasse por elencar os aspectos considerados essenciais para a compreensão das definições do Pe. Rabuske, S. J. acerca de sua própria pessoa. Posteriormente, ao seu ingresso no meio acadêmico, a manutenção dos laços que o moldaram, seja no meio religioso ao qual pertencia, ou ao da pesquisa histórica, permanecem sendo o seu norteador. Com base no que já foi apontado, iniciam-se minhas conclusões sobre a trajetória acadêmica do Pe. Rabuske, S. J..

Anteriormente, ao longo do capítulo dois, que aborda as questões pertinentes a formação básica do Pe. Rabuske, S. J. até sua formação de nível superior, observou-se que a base da sua educação está pautada na língua alemã. Por ser natural de Santa Cruz do Sul, colônia de Imigração, o mesmo esteve diariamente em contato com a cultura dos imigrantes alemães. Cria-se neste sentido a identificação cultural com o que lhe era mais próximo de sua realidade.

Um norteador para sua identificação cultural com este meio está vinculado à formação primária, ofertada em língua alemã, isso, pelo fato dos professores locais, em muitos casos, não dominarem a língua portuguesa, tanto na gramática, quanto oralmente. Posteriormente, o nível secundário, se repete a oferta dos estudos em língua alemã, porém com um diferencial, o aumento da carga horária de língua portuguesa, instituído pelo Governo Federal, na então Campanha de Nacionalização.

Ao ingressar na Companhia de Jesus, o Pe. Rabuske, S. J. prosseguiu com seus estudos em instituições de ensino que visavam à formação sacerdotal, neste caso, voltada ao meio religioso. O que ambas tinham em comum, além de pertencerem a Companhia de Jesus, era o frequente uso da língua alemã, tanto no Colégio São José, quanto no Colégio Máximo Cristo Rei. Professores e alunos tinham como base a língua alemã, porém com o uso mais

frequente da língua portuguesa, em especial na região do Vale do Rio dos Sinos, mais especificamente em São Leopoldo. A manutenção desta familiaridade com língua alemã colabora no sentido do pertencimento. Que é reforçado pelos membros da Companhia de Jesus atuantes nestas instituições.

Um forte indicador da pré-disposição do Pe. Rabuske, S. J. para as letras aparece em sua entrevista para a Revista do IHU On-line em 2005, quando declara sua paixão pelos contos e fábulas. O reforço das horas de leitura durante a formação secundária no Colégio Santo Inácio, preparatório para o ingresso na Companhia de Jesus, e o curso de humanística oferecido pela ordem religiosa, podem ter lhe afluído o interesse pelo campo das Letras. Todos os estímulos convergem posteriormente para a formação em Letras, garantido ao Pe. Rabuske, S. J. a titulação de graduado em letras Neolatinas e Anglo-germânicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Observa-se que a partir de seus primeiros ensaios, escritos com o intuito da aprovação na formação sacerdotal, dos quais não se encontram publicados, a participação em concursos literários, que lhe ofertaram premiações e suas atividades na Revista *Notícia para Nossos Amigos*, enquanto redator, foram fortes influências no curso de letras, impulsionado de modo direto ou indireto pela língua alemã e posteriormente pela língua portuguesa. Ambas servindo de fio condutor na graduação de letras.

Neste sentido, torna-se justificável a expressão “cidadão brasileiro de etnia germânica” que o Pe. Rabuske, S. J. utiliza em suas características essenciais. Nela, expressa seu reconhecimento à sua pátria mãe, o Brasil, e reconhece seu vínculo enquanto descendente de alemães, reforçados pelo uso da língua. O mesmo vínculo, que ainda pode ser percebido junto às instituições em que atuou, frequentou e residiu, o que colaborou para a manutenção do sentimento de pertencimento com este meio cultural.

Outro fator, posterior a formação básica e a graduação está ligado à fase final de inserção na Companhia de Jesus. Concidentemente, o último passo na formação jesuíta é realizado na Alemanha e posteriormente, após seu retorno ao Brasil em 1959, o Pe. Rabuske, S. J. é conduzido a assumir o curso de Língua e Literatura Alemã na FAFI. Ainda dentro de suas responsabilidades junto à instituição, lhe foi atribuído os cargos de chefe do departamento de letras e vice-diretor, posteriormente acrescido de conselheiro técnico e administrativo. Sendo as três primeiras, reflexos de sua formação em letras, devido a sua qualificação para esta função. As outras duas, são questões burocráticas internas da instituição.

Durante o período de 1959-1968, o Pe. Rabuske, S. J. representa a instituição de ensino em eventos acadêmicos com os colóquios de estudos teuto-brasileiros e colóquios de estudos alemães no Brasil, além colaborar na fundação de associações que visam como finalidade os estudos germanísticos. Os contatos gerados por sua participação nestes eventos, acrescidos de seus respectivos cargos junto à instituição, possibilitaram a ele tornar-se, em parte, conhecido neste meio.

Outra observação que pode ser feita acerca deste período é que as atividades exercidas pelo Pe. Rabuske, S. J. o levavam para a atuação junto ao campo das letras, mais especificadamente português/alemão. Quanto aos seus trabalhos é possível perceber que há um viés historiográfico, no entanto, os temas estão ligados à colonização alemã. Reflexos de sua formação em Anglogermânica e proximidade com tema, afinal, ele provinha de uma região de colonização.

O destaque adquirido por seus trabalhos junto ao ramo acadêmico, no que versa as publicações deste período, mais especificadamente entre 1964-1968, soma ao total 33 publicações, número considerável. Este desempenho, provavelmente, foi o que levou o Provincial da Companhia de Jesus a oferecer ao Pe. Rabuske, S. J. o trabalho de coligir, escrever e publicar temas referentes à Ordem dos jesuítas na região sul do Brasil. Lembrando que a sua formação em letras lhe permitia circular pelos documentos tanto de língua espanhola, quanto alemã, pertinentes a atuação da Companhia de Jesus no sul do Brasil.

É possível cogitar que existe uma intenção direcionada, por parte do superior da Companhia em redigir uma historiografia acerca da atuação dos jesuítas nesta região do Brasil. Neste caso, o Pe. Rabuske, S. J. torna-se a pessoa mais qualificada, pois, além da formação em letras, tem a aptidão para escrever e reconhecer os gêneros de escrita vinculados aos documentos consultados. Fundamento este posicionamento, em função da liberação do Pe. Rabuske, S. J. de suas atividades junto às instituições da Companhia e posteriormente sua inclusão junto da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) enquanto pesquisador em tempo integral. Esta ocorre em função do tempo necessário para coligir, traduzir e escrever, pois o marco temporal apontado, que vai de 1842-1924 referente à Província Germânica, encontra-se sua documentação em língua alemã, e quanto os documentos da Província do Brasil Meridional, de 1924 em diante em língua alemã/portuguesa, mas os padres atuantes em ambas, mesmo após sua renomeação, permanecem produzindo seus escritos em língua alemã.

Quanto às considerações acerca do marco temporal de 1969-1973 observam-se os seguintes acertos. A designação do Pe. Rabuske, S. J. enquanto Pesquisador em tempo integral vai além das suas qualificações, mas também resolvem em parte outra questão. A

elevação de cursos ofertados pelo Colégio Máximo Cristo Rei proporcionou a fundação da FAFI e posteriormente, a sua abertura ao público civil. A nova grade curricular, com a inserção dos cursos de letras, ciências e Direito abriu os precedentes para a fundação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), que ocorre no ano de 1969. A elevação do status de faculdade à universidade exige que o corpo docente seja qualificado com curso de pós-graduação, que neste caso não se aplica ao Pe. Rabuske, S. J. com a titulação de graduado. Nesta conjuntura, somada a sua qualificação em letras, opta-se pela readequação enquanto pesquisador em tempo integral, acrescido de seu realojamento junto ao Colégio Anchieta em Porto Alegre, resolvendo questões vinculadas à sua função junto a Ordem.

Estrategicamente, o seu realojamento em Porto Alegre facilita seu trabalho de pesquisa junto ao Arquivo da Cúria Metropolitana e organização e catalogação dos documentos e biblioteca no Arquivo da Província dos jesuítas, também em Porto Alegre. No que tange este período, 1969-1973, somam-se 55 publicações em diferentes meios de comunicação, que mais uma vez reforçam seu reconhecimento perante o meio acadêmico, porém agora suas obras estão direcionadas a uma escrita de cunho historiográfico com ênfase na Companhia de Jesus e seus membros.

O seu remanejamento, em 1974, ocorre devido à venda do imóvel que compreendia ao Colégio Anchieta, reconduzindo-o para São Leopoldo nas dependências da Unisinos, mais precisamente, na Residência Conceição. O remanejamento é necessário devido ao fechamento ou venda dos seminários e colégios da Companhia de Jesus, e a centralização dos cursos de formação sacerdotal encontram-se neste momento realocados no Seminário Maior de Viamão. O esvaziamento paulatino dos seminários da Companhia na região, causado pela centralização dos cursos, acarreta no fechamento de algumas instituições. Neste momento a opção encontrada pela Companhia é a da centralização de seus membros junto ao novo campus da Unisinos.

No que se refere ao retorno do Pe. Rabuske, S. J. a São Leopoldo em 1974 e suas atividades junto à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) cabe pontuar que esta lhe soma status. A sua vinculação e atuação direta dentro da universidade sobre a titulação de pesquisador de história regional, conforme é apresentado pelas portarias da reitoria de 1974 a 1979, lhe garantem um caráter acadêmico, além de uma representatividade da própria instituição junto ao meio historiográfico. Que vem a ser reafirmadas por suas 62 publicações neste período.

Posteriormente, no marco cronológico de 1980 a 1989 é possível perceber os reflexos de sua atuação junto a Universidade. O status de pesquisador lhe garante o reconhecimento de

seus escritos, dando-lhes a significância e peso do cunho acadêmico através de sua representatividade científica no campo da pesquisa. Este período também pode ser interpretado como o auge do reconhecimento acadêmico do Pe. Rabuske, S. J. vinculado ao fato de ingressar em uma série de instituições científicas como, IHGRGS em 1981, IHGSC em 1983 como pesquisador do acervo, tornando-se um membro indireto, IGRGS em 1985, IHERGS em 1987 e o CBG em 1989. Estas instituições proporcionam a seus membros um reconhecimento regional através da publicação de suas pesquisas e reuniões, divulgando o conhecimento científico produzido pelos pesquisadores regionais, ou membros correspondentes; com exceção do CBG que possui um âmbito nacional. Cabe ainda citar que o reconhecimento das instituições locais, ocorrera anteriormente, como por exemplo, o IAP em 1964, período em que o Pe. Rabuske, S. J. atuava junto a FAFI, e o IHSL em 1975 do qual auxiliou na fundação.

O período referente à década de 1980 pode ser interpretado como o momento de reconhecimento do caráter acadêmico dos escritos do Pe. Rabuske, S. J.. Neste mesmo período a sua atuação neste meio, o da pesquisa, contabiliza 20 anos de produções e traduções, acrescidas de 62 publicações.

Quanto ao último marco cronológico apontado, que compreende aos anos de 1990 a 2005, observou-se a suas últimas publicações. Pois é de conhecimento que até o falecimento do Pe. Rabuske, S. J. em 2010, ele ainda vinha desenvolvendo alguns trabalhos inconclusos, porém em um ritmo reduzido devido à idade e enfermidades. No que nos concerne as considerações acerca deste marco temporal e a documentação levantada, entende-se que neste momento, o Pe. Rabuske, S. J. passa por um processo de reclusão, mantendo-se junto ao seu aposento na Residência Conceição, onde dispõem do material necessário para a continuidade de suas pesquisas, além do auxílio de funcionários e colegas.

O ano de 1999 é marcado por 30 anos dedicados a pesquisa histórica, o que concede ao Pe. Rabuske, S. J. o título de Dr. Honoris Causa, oferecido pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos em reconhecimento ao seu trabalho enquanto pesquisador. Cabe apontar ainda que dentro dos anos de 1990 e 1999 somam-se mais 64 publicações, que somadas aos números anteriores, apontados pelos marcos cronológicos, chegam à cifra de 287, entre artigos, livros, obras de valor, traduções, etc. Os seis anos seguintes, 2000 a 2005, ainda são marcados por mais 25 publicações, que somadas à cifra final, anteriormente citada, somam como número final 312 publicações ao longo de suas atividades acadêmicas. Mas cabe citar, que ainda se encontram trabalhos dos quais não se encontram publicados junto ao seu acervo no Memorial Jesuíta.

No tocante ao que chamamos de “fazer historiográfico” consideramos que a metodologia adotada pelo Pe. Rabuske, S. J. é um reflexo do curso de seu tempo. Digo, de sua compreensão acerca dos modelos de escrita que estiveram em voga durante a sua juventude, neste caso, o período de formação. O fato de ater-se ao documento escrito como fonte primária no desenvolvimento da pesquisa está ligado à formação em letras, uma vez que não tem formação no campo histórico. Esta razão é o que possibilita sua definição enquanto um pesquisador metódico, pois os aparatos interpretativos do viés histórico começam a se desenvolver profissionalmente após 1930, com a fundação da primeira universidade no Brasil, difundindo as correntes historiográficas.

Considera-se que o Pe. Rabuske, S. J. é um expoente da escrita não profissional no campo histórico, mas que, o seu foco na documentação e interpretação dos mesmos, pautados em um viés metódico lhe agregaram o reconhecimento e valor aos seus escritos perante o meio acadêmico. Seus objetivos não foram completamente alcançados devido à quantidade de temas a serem trabalhos a partir da riqueza documental por ele reunida. A busca por material em arquivos europeus e a coleta que realizou junto a colégios e seminários renderam-lhe um manancial documental que, ainda nos dias de hoje, não foi explorado em todo seu potencial. Em parte, seu objetivo de tratar a historiografia pertinente à antiga Província Germânica acabou por ficar inconclusa, pois outros temas relevantes em seu ver, referentes a outros aspectos ou membros da Companhia mereciam ser tratados e levados ao prelo.

Quanto aos vínculos estabelecidos, tratados como a rede de contatos para pesquisa e publicação de seus escritos, considera-se que, sua comunicação com o meio religioso foi fundamental para a aquisição de material e divulgação das produções sobre o tema da Companhia de Jesus na região sul do Brasil. Em suma, os arquivos consultados são de pertença à Igreja, seus arquivistas religiosos, o que em parte, o fato de pertencer a este meio religioso lhe dá acesso de forma diferenciada aos demais pesquisadores. Aos contatos leigos, ligados ao meio acadêmico, observa-se um viés pautado na divulgação de seus escritos e seu respectivo reconhecimento; divulgação, por participar de eventos e de instituições; reconhecimento, devido os diversos pedidos de bibliografia, obras ou solicitações de orientação.

No referente aos meios de publicação, como revistas, editoras, jornais etc., entende-se que o maior número de títulos que chegou ao prelo foi por órgãos de publicação pertencentes ou ligados a Companhia de Jesus. Em parte, por interesse da mesma na divulgação de sua historiografia, mas também, pelo fato dos contatos estabelecidos pelo Pe. Rabuske, S. J. com seus colegas lhe garantir prestígio enquanto pesquisador de sua Ordem. Quanto às demais

editoras/ veículos de publicação listados, estes estão ligados a eventos com publicação, revistas ou periódicos com a temática histórica, ou contratos firmados entre autor e editor.

Fazer considerações a respeito da trajetória do Pe. Rabuske, S. J. em poucas palavras não é uma tarefa fácil. Compreender os meandros implicados entre as continuidades e discontinuidades no meio acadêmico aponta para a diversidade de seus escritos. Em outras palavras, um homem das letras, um literato que cortejou e aderiu ao campo historiográfico, tornando-se um historiador.

Sobre seus escritos, considera-se que podem ser vistos sob dois aspectos, um pautado na escrita de uma historiografia acerca da Companhia de Jesus e seus membros atuantes na região sul do Brasil. A segunda, como uma fonte bibliográfica, no sentido de publicar textos de outros autores jesuítas, ou não, e possibilitar o acesso a textos traduzidos à nossa língua vernácula para consulta e apreciação.

Neste sentido, de seus escritos, ainda cabe apontar que contribuem para a compreensão da atuação da Companhia de Jesus e seus membros na região sul, mas também possibilitam vislumbrar o cotidiano das comunidades católicas nos núcleos de colonização alemã, ou fora destes. Estes documentos tornam-se fontes para a consulta ou levantamento de dados, permitindo ao seu consultor aplicar novas interpretações e análises sobre o mesmo tema.

A mistura entre o espírito literário, reafirmado pelas Letras, somado ao meio histórico, que lhe foi oferecido, convergem para o resultado final, apontado a partir das próprias palavras do Pe. Rabuske, S. J. ([2000?]), “Cidadão brasileiro de etnia germânica, jesuíta, sacerdote, professor, escritor, pesquisador, tradutor editor de textos alheios de valor e historiógrafo”.

REFERÊNCIAS

- ACERVO PE. ARTHUR RABUSKE, S. J. [19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Publicações e Traduções, Caixas 14, 17, 19, 23, 24, 28, 29, 34, 37, 38, 45, 46, 48, 49, 56, 57, 60, 64, 65 e 68.
- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, Londrina, v. 12, n. esp., 2007, p. 8-19. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- ALONI, Nimrod. *Educação Humanística*. 2011. Disponível em: <http://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Educação-Humanística.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.
- ALVES, F. N. (org.). *Bibliotheca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura*. Rio Grande: FURG, 2006.
- AMABLE, María Angélica; DOHMANN, Karina. *Una mirada a la Historia Institucional*. 2019. Disponível em: <https://www.isparm.edu.ar/institucional.php?pageid=historia>. Acesso em: 2 jul. 2019.
- AMSTAD S. J., Pe. Theodoro. Hundertjahre Deutschtum. *In: Rio Grande do Sul, 1824-1924*. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1924.
- APESC. *Institucional*. 2014. Disponível em: http://apesc-ce.com.br/?page_id=4. Acesso em: 10 jun. 2019.
- ARENDDT, Isabel C. Fontes de pesquisa sobre religião e migração: coleções do Memorial Jesuíta, p. 303-310. *In: Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas*. v. 6. RAMOS, Heloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (org). São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2016. 322 p.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 17 maio 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS GERMANÍSTICOS. Revista da PUC, n. 1, de 1979. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/Revista%20PUCRS%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20001.pdf> Acesso em: 20 out. 2018.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-79.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- BERGESCH, Herbert. *A virada do milênio: história e memória*. Lajeado: Grafocem, 2000.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandeza e misérias da biografia. *In: PINSKI, Carla Bessanezi (org.). Fontes Históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 203-234.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf Acesso em: 25 jul. 2018.

BRASIL. [Constituição (1891)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1891*. Brasília, DF: Presidência da República, 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRITO, Silvio Luiz Martins, *O ensino da aritmética nas escolas paroquiais católicas e no Ginásio Na. Sa. Da Conceição de São Leopoldo nos séculos XIX e XX sob a óptica dos jesuítas*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática, Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Canoas, 2016. Disponível em: <http://www.ppgecim.ulbra.br/teses/index.php/ppgecim/article/view/299/300>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CARLO GINZBURG. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 27 ago. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlo_Ginzburg. Acesso em: 13 ago. 2019.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CECREI. *História*. [2018?]. Disponível em: <http://cecrei.org.br/historia/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão Técnica: Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 13, v. 7, 1994, p. 97-113. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/1966-162278-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvio M. L. Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. “*A leitura: uma prática cultural*”. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAVES, Ricardo. CIPEL completa 50 anos no dia 8 de dezembro. *Gaúcha ZH - Almanaque*, Porto Alegre, 7 dez. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2016/12/cipel-completa-50-anos-no-dia8-de-dezembro-8655238.html>. Acesso em: 30 set. 2019.

CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- CORDEIRO, Cecília Siqueira. *Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos*. 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoSNH2015Historiografia.pdf. Acesso em: 13 out. 2018.
- COSTA, Carlos G. Imigração alemã e fumicultura: a colônia de Santa Cruz (RS) no período imperial brasileiro. *Spartacus* - Revista Eletrônica dos Discentes de História, UNISC, Santa Cruz, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/costa_carlos_gabriel.pdf. Acesso em: 22 ago. 2017.
- COSTA, Célio Juvenal. *A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.
- CUCHE, Denys. *O conceito de cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUNHA, Jorge Luiz da. *Os colonos alemães de Santa Cruz do Sul e a fumicultura*. Santa Cruz do Sul; Rio Grande do Sul (1849-1881). 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 1988.
- DEDEKIND, Max. “Welche Aussichten hat das Deutsche Volkstum in Südamerika und was ist zu Erhaltung und Pflege seitens der deutsche Heimat zu tun”. In: VERHANDLUGEN DEUTSCHEN KOLONIALKONGRESSES, 1910, Berlin. *Comunicação* [...] Berlin, 1910. p. 1015-1036.
- DIÁRIO POPULAR. Diário Popular de Pelotas. Disponível em: www.diariopopular.com.br. Acesso em: 20 ago. 2019.
- DICIO.COM. Dicionário de Língua Portuguesa Online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trajetoria/>. Acesso em: 14 maio 2018.
- DOSSE, F. *A história*. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003.
- DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. In: *A socialização*. Porto: Porto Editora, 1997.
- ELIAS, Norberto. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. *Tiro de guerra*. 2018. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/servico-militar/-/asset_publisher/yHiw1SWkLQY6/content/tiro-de-guerra. Acesso em: 13 out. 2018.
- FAMILY TREES. Lucilda Rabuske. Disponível em: <https://familytrees.genopro.com/Francisco%20Fr%C3%B6hlich/default.htm?page=Rabuske-Lucilda-I6398.htm>. Acesso em: 27 jun. 2019.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera L. Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educação*, São Paulo, v. 15, n. 1, jan./jun. 2011, p. 35-42. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572011000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2 set. 2017.

FARIAS, M. N.; FONSECA, A. D.; ROIZ, D. S. A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à história. *Akrópolis*, Uruarama, v. 14, n. 3; 4, p. 121-126, 2006. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/588>. Acesso em: 23 jul. 2019.

FERREIRA, Marcia dos Santos. *Centros de Pesquisa do INEP: pesquisa e política educacional entre as décadas de 1950 e 1970*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

GÊNEROS textuais – tipos: narrativo, descritivo, argumentativo (exemplos). In: *Figuras de Linguagem*, [s. l.], 27 jun. 2018. Disponível em: <https://www.figuradelinguagem.com/gramatica/generos-textuais/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

GERTZ, René. *Bibliografia sobre a imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. 3 mar. 2019. Disponível em: <https://renergertz.com/arquivos/Bibliogra2019.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

GIOVANI LEVI. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 28 out. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Giovanni_Levi. Acesso em: 13 ago. 2019.

GOMES, Angela de Castro. *Escritas de si, escrita da História: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069/1208>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GRÜTZMANN, Imgart. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Porto Alegre, 1999.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. *Campos - Revista de Antropologia*, Curitiba, v. 12, n. 1, 2011, p. 9-29. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/28562>. Acesso em: 17 set. 2017.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista. Estudos sobre a escrita da história. In: ENCONTRO DE HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA POLÍTICA, 2005, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 68-85.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS (IAP). Ata de fundação. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/index1.htm>. Acesso em: 14 dez. 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA (IHGSC). Disponível em: <https://www.ihgsc.org/page4>. Acesso em: 12 dez. 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ – IHGP. Disponível em: <http://www.ihgpr.org.br/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ – IHGP. Institucional. Disponível em: <http://www.ihgpr.org.br/index.php?pagina=institucional&subpagina=6>. Acesso em: 12 dez. 2018.

KLEIN, Renato. *História do Seminário de Pareci Novo* – noviciado. 2014b. Disponível em: <http://historiasvalecai.blogspot.com/2014/12/5005-historia-do-seminario-de-pareci.html>. Acesso em: 14 out. 2018.

KLEIN, Renato. *História do Seminário de Pareci Novo*. 2014. Disponível em: <http://historiasvalecai.blogspot.com/2014/12/5002-historia-do-seminario-de-pareci.html>. Acesso em: 22 maio 2018.

KREUTZ, Lúcio. Língua de referência na escola teuto-brasileira. In: CUNHA, Jorge L. da; GÄRTNER, Angélica (org.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, 2003.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. 1898. Introdução aos estudos históricos. In: SILVA, Glaydson José da. *A escola metódica: seleção de textos, tradução e organização*. 2006. Campinas: UNICAMP. p. 52-60. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(51\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(51).pdf). Acesso em: 10 jun. 2018.

LEITE, Luiz Osvaldo. Presença Jesuítica no IHGRGS. Discurso de posse de 24 de julho de 2012 e que foi publicado pela revista em 2014. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS*, Porto Alegre, n. 148, p. 167-183, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewFile/57577/34553>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LERMEN, A.; SPECHT, S. *Kappesberg Unser Heimatland* – Salvador do Sul Nossa Terra Natal. Salvador do Sul: D&A, 1999.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.

LIMA, Tatiane de. Os usos políticos do passado: o papel das Comissões Executivas na organização das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 1, p. 173, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/57874-251429-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 set. 2019.

LUTTERBECK, S. J.. Jorge Alfredo. Jesuítas no sul do Brasil. Instituto Anchietano de Pesquisas, *Publicações Avulsas*, São Leopoldo, n. 3, 1977. 172 p.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. A imprensa da comunidade polônica brasileira. In: *Polonicus – Revista de Reflexão Brasil-Polônia*, Porto Alegre, 2012. Disponível em: https://www.polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?cod=29. Acesso em: 25 jun. 2018.

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A História escrita*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Paulo Henrique. As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico. In: MARTINS, P. H.; FONTES, B. (Org). *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. Recife: UFPE, 2004. p. 21-48.

MEYER, Dagmar E. E. Língua e religião como instituintes da nacionalidade. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTER, Angelika (org.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 187-214.

MICHEL FOUCALT. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 31 ago. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault. Acesso em: 13 ago. 2019.

MIRANDA, Margarida. *Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Campo Grande: Esfera do Caos, 2009.

MOLIN, Ângela. *Santuário do Sagrado Coração de Jesus junto ao túmulo do Padre Reus em São Leopoldo/RS*: proposta de projeto de Lei Municipal de salvaguarda do patrimônio imaterial a partir do estudo de caso de lugar e celebração. 2011. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Canoas, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/MOLIN%202011.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MONTALI, Lilia. *Do núcleo colonial ao capitalismo - monopolista: produção de fumo em Santa Cruz do Sul*. 1979. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1979.

MULHALL, Michael G. *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*. Tradução e Apresentação de Arthur Rabuske, S. J.. Porto Alegre: Editora Bels S. A., 1974.

NORONHA, Andrius E. *Beneméritos empresários: história social de uma elite de origem imigrante do sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905-1966)*. 2012. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Porto Alegre, 2012.

NUNES, Daniela. Pesquisa historiográfica desafios e caminhos. *Revista de Teoria da História*, Goiás, a. 2, n. 5, p. 15-25, jun. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/28959-Texto%20do%20artigo-122026-1-10-20140314.PDF>. Acesso em: 22 maio 2018.

O'NEILL, Charles E.; DOMÍNGUEZ, Joaquín Maria. *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús*: bibliográfico-temático. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas; Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 2001. p. 2061.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2004.

PACHECO, Joice Oliveira. Identidade cultural a alteridade: problematizações necessárias. *Spartacus* - Revista Eletrônica dos Discentes de História da UNISC, Santa Cruz, n. 1, p. 1-11, 2007. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/pacheco_joice_oliveira.pdf. Acesso em: 14 jun. 2018.

PETER BURKE. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 26 jun. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Burke. Acesso em: 13 ago. 2019.

PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23; 24, p. 255-285, jan./dez, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6404/3846>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PICCOLO, Helga. A História em publicações sul-riograndenses. *Revista de História*, São Paulo, v. 52, n. 104, 1975. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/133220/129314>. Acesso em: 22 nov. 2019.

PICCOLO, Helga. Historiografia gaúcha. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 3, maio de 1995.

PIERRE BOURDIEU. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 31 ago. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu. Acesso em: 13 ago. 2019.

RABUSKE, S. J., Arthur. A Igreja Católica e a colonização teuto-brasileira: o caso do Rio Grande do Sul. In: *Etnia e educação: a escola "alemã" no Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: UFSC; Unisinos, 2003.

RABUSKE, S. J., Arthur. A margem da História de Blumenau. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XIII, n. 6, p. 110-115, jun. 1972. In: Hemeroteca Digital Catarinense, Blumenau. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1972/BLU1972006.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

RABUSKE, S. J., Arthur. A secular matriz Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, RS. Monografia Histórica. *Publicações Avulsas*, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, n. 5, p. 1978. 158 p.

RABUSKE, S. J., Arthur. *Bibliografia Jesuítica Sul-Brasileira desde 1842-1967*. ENCONTRO DE PESQUISADORES EM LITERATURA DO RIO GRANDE DO SUL, I, 1972, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: Cipel, 1972. p. 23-27.

RABUSKE, S. J., Arthur. Creio que não se deva exagerar o alcance individual de Sepé Tiaraju. [Entrevista cedida por escrito]. IHU On-line: revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ed. 156, 19 set. 2005. Disponível em: www.unisinos.br/ihu. Acesso em: 22 maio 2018.

RABUSKE, S. J., Arthur. *Nosso Padre João Evangelista Rick S. J.: personalidade e cientista*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

RABUSKE, S. J., Arthur. O centenário da expulsão dos jesuítas alemães. *Revista Estudos*, Porto Alegre, n. 4, p. 69-72, 1972.

RABUSKE, S. J., Arthur. O pioneirismo do Dicionário Analógico de Pe. Carlos Spitzer, S. J.. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, Porto Alegre, n. 10, p. 96-102, 1990.

RABUSKE, S. J., Arthur. *Os “Bruder” Jesuítas no Sul do Brasil*, alguns esboços biográficos. SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL, I, 1974, São Leopoldo. Separata. **Anais** [...]. São Leopoldo: Rotermund S. A, 1974. p. 87-140.

RABUSKE, S. J., Arthur. Pe. Antônio Sepp S. J., o artista barroco. *Revista Estudos*, Porto Alegre, n. 142, p. 79-87, 1976.

RABUSKE, S. J., Arthur. *Pe. Antônio Sepp, S.J.: o gênio das Reduções Guaranis*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

RABUSKE, S. J., Arthur. São Sebastião do Cai fase Jesuítica da Paróquia. *Publicações Avulsas*, São Leopoldo, n. 6, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, Unisinos, 1985. 221 p.

RABUSKE, S. J., ARTHUR. *CURRICULUM VITAE*. Acervo Pe. Arthur J. Rabuske, S. J.. [2000?]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Publicações e Traduções, Caixa 57. 52 p.

RABUSKE, S. J., ARTHUR. *Minha experiência na pesquisa histórica ou historiográfica*. Acervo Pe. Arthur J. Rabuske, S. J.. [19 - -]. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Publicações e Traduções, Caixa 28.

RAMBO, Arthur Blásio. *Um sonho e uma realidade: Unisinos - 1953-1969*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

RAMOS, Eloisa H. C. da Luz. São Leopoldo pelo olhar dos viajantes: 1834-1906. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, p. S240-S252, nov. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/12470/8767> Acesso em: 5 abr. 2018.

RATIO Atque Institutio Studiorum – organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. In: FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

RIBEIRO PIRES. O Instituto Histórico de São Leopoldo. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, n. 526, ano XI, 1 ago. 1975, p. 23-25.

RODRIGUES, Francisco. *A formação intelectual do jesuíta – leis e factos*. Porto: Magalhães & Moniz, 1917.

ROSA, Leonardo S.; MAGALHÃES, Magna L.; SCHEMES, Cláudia. Cobras e Dragões: as feras da folia carnavalesca de São Leopoldo (RS). *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 1, p. 148-170, 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ROSEVICS, Larissa. Os primeiros anos do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (1900-1930). *Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses*, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 38-50, jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/47248-180645-1-SM.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2018.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *Estudos missionários: temas e abordagens*. [2019?]. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4318.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SCHMITT, Darlan J. Revista Blumenau em Cadernos: passado e presente para o Vale do Itajaí - Santa Catarina (1957-1973). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, XXVI, jul. 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300847303_ARQUIVO_TrabalhoAnpuh2011.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Balduíno Rambo, S. J. e o começo da Antropologia na UFRGS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 3, n. 7, p. 232-238, nov. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v3n7/0104-7183-ha-3-7-0232.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.

SCHMITZ, S. J. Egídio. A educação jesuíta no Kappesberg. In: DICK, Lauro (org.). *Uma torre na neblina*. Colégio Santo Inácio de Salvador do Sul 1937-1997. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

SCHUPP, Ambros. D. Kolonie im flussgebiet des Rio Pardo, 12 Kapitel. *Die Deutsche jesuiten – mission in Rio Grande do Sul – (Brasilien)*. São Leopoldo: Unisinos, 1974. Wiederherstellung und Herausgabe von Pater Arthur Rabuske, S. J..

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, Campinas, n. 24, p. 51-73, primeiro semestre, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/1577-Texto%20do%20artigo-4262-1-10-20140326.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018.

SEIFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC, 1982.

SEMINÁRIO SANTO INÁCIO. Colégio Santo Inácio década de 1950. 2010. Disponível em: <http://colegiosantoinacio.blogspot.com/2010/>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SEMINÁRIO SANTO INÁCIO. Salvador do Sul em 1978 e 2012. 2012. Disponível em: <http://colegiosantoinacio.blogspot.com/2012/12/salvador-do-sul-em-1978-e-2012.html>. Acesso em: 13 set. 2018.

SILVA, R. F. da. *História da historiografia: capítulo para uma história das histórias da historiografia*. Bauru: EDUSC, 2001.

STRAPAZZON, Renata. Revista Rua Grande de volta aos leitores leopoldenses. *Jornal Vale dos Sinos*, São Leopoldo, 26 set. 2014. Disponível em: https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2014/09/noticias/regiao/87102-revista-rua-grande-de-volta-aos-leitores-leopoldenses.html. Acesso em: 18 set. 2019.

TOYSHIMA, Ana Maria da Silva. *O ideário educacional jesuítico: explorando o Ratio Studiorum*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

ULLMANN, Reinholdo. O dia-a-dia no Colégio Santo Inácio. In: DICK, Lauro (org.). *Uma torre na neblina*. Colégio Santo Inácio de Salvador do Sul 1937-1997. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

VALENTE, S. J., Milton L. A vida no Colégio Santo Inácio em 1938. In: DICK, Lauro (org.). *Uma torre na neblina*. Colégio Santo Inácio de Salvador do Sul 1937-1997. São Leopoldo, Unisinos, 1997.

VENANCIO, Gisele M. Memória guardada em papéis e livros. *Trajetos*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 67-84, 2005. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19995/1/2005_art_venanciogm.pdf. Acesso em: 29 maio 2018.

VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto-brasileiro*. 2008. Tese (Doutorado em História Cultural) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91324/246616.pdf;jsessionid=1F3BF01B9C12247C7E5AAB78E70D3E31?sequence=1>. Acesso em: 4 ago. 2018.

WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo e colonização alemã no sul do Brasil: memória de conflitos. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (org.). *Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas*. São Leopoldo: Oikos, Unisinos, 2016. Coleção EHILA – PPGH – Unisinos.

WITT, Marcos Antônio. Excepcionais normais? A(s) trajetória(s) de três pastores no Sul do Brasil (1824-1893). *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 20, n. 3, p. 287-299, set./dez., 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/htu.2016.203.05/5738>. Acesso em: 10 mar. 2018.

WOLFF, Cristina S.; FLORES, Maria B. R. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994. p. 217-21.

APÊNDICE A - QUADRO DE CORRESPONDÊNCIAS DO PE. RABUSKE, S. J.

Número Total de Correspondências Levantadas: 297												
Legenda "tema": 1 - Acadêmico 2 - Pessoal 3 - Outros Legenda "idioma": 1 - Português 2 - Alemão 3 Outros												
Data	Local			Tema			Assunto	Idioma			Remetente	Localização Nº da Caixa
	Cidade	Estado	País	1	2	3		1	2	3		
02.10.1958	Roma		Itália		x		Assunto Pessoal	x	x		P. Hugo Assmann	18
04.03.1964	Frankfurt		Alemanha		x		Assunto pessoal	x			P. Arno Maldaner, S. J.	64
19.12.1964	Bonn		Alemanha	x			Envio de artigo		x		Prof. Dr. Hugo Moser	64
12.02.1965	Büchen		Alemanha	x			Valores		x		Richard Schneider	64
23.12.1965	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Escritos/Impressão	x			Zeno Etger, S. J.	60
22.08.1966	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Aprovação de manuscrito	x			P. Provincial	19
25.10.1966	Florianópolis	SC	Brasil	x			Pesquisa sobre escavações	x			P. João Alfredo Rohr, S. J.	60
20.07.1967	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Festa do colono	x			Comissão organizadora	19
06.01.1969	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Pedido para apresentar trabalho	x			P. Rabuske, S. J.	64
13.05.1969		RS	Brasil	x			Artigo de 3p.	x			P. Balduino Kipper, S. J.	53
16.03.1972	Freiburg		Alemanha	x			Publicações		x		Dr. Hermann Schäufole	49
23.03.1972	München		Alemanha	x			Publicações/Pessoal		x		Hans Grünwald	60
07.08.1972	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Leitura de material	x			P. Cláudio (Destino era P. Wetzel)	68
29.01.1973	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Publicação do livro	x			Herbet Wetzel	68
31.12.1973	Recife	PE	Brasil	x			Mudança da data de reunião da CEHILA	x			Eduardo	68
16.03.1974	São Paulo	SP	Brasil	x			Recebimento de obras	x			Pe. Oscar de Figueredo Lustosa S. J.	68
03.05.1974	Montevideo		Uruguai	x			Reduções			x	Juan Villegas, S. J.	60
06.05.1974	Belo Horizonte	MG	Brasil	x			Avaliação de escrita/texto	x			Sergio	60
04.07.1974			México	x			História da Igreja no Brasil	x			Eduardo	68
23.07.1974	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Leitura de Trabalho	x			Pe. Balduino Kipper, S. J.	49
18.08.1974	Recife	PE	Brasil	x			Texto/Publicação	x			Eduardo	68

10.09.1974	Recife	PE	Brasil	x		Continuidade projeto	x		Eduardo	68
26.09.1974	Recife	PE	Brasil	x		Orientação	x		Eduardo	68
03.12.1974	Recife	PE	Brasil	x		Boletim CEHILA	x		Eduardo	68
09.01.1976	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Instituto Achietano de Pesquisas	x		Prof. Theobaldo Leopoldo Frantz	60
19.05.1976						Carta Afastamento				19
03.03.1977	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Envio de carta	x		P. J. Balduino Kipper, S. J.	64
13.05.1977	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Local do martírio do P. Roque Gonzales	x		Pe. Arclino Tem Carten, S. J.	64
20.05.1977				x		Obra de Caraó	x		P. Arnaldo Bruxel	64
21.11.1977	Cruz Alta	RS	Brasil	x		Brochura Pe. Pedro Luiz Lenz S. J.	x		Ir. Maria Lyhria Lenz	49
29.08.1979	Santa Cruz do Sul	RS	Brasil	x		Agradecimento	x		Prefeitura Municipal Santa Cruz Sul	19
12.02.1980				x		Dicionário histórico	x		Charles E. O' Neill, S. J.	53
04.06.1980	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Publicação	x		Prof. Luiz Marolin	60
21.06.1980	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Publicação de artigo	x		Lothar F. Hessel	68
07.10.1980	Lisboa		Portugal	x		Dicionário	x		"S.J"	19
25.10.1980					x	Ensino e Educação	x		P. Arrupe, S. J.	19
10.04.1981				x		Legado do P. Rambo	x			19
02.05.1981	Brasília	DF	Brasil	x		Pedido de envio de bibliografia	x		Prof. Dr. G. Baranow	64
25.05.1981	St. Josef am See		Itália	x		Obra de P. Sepp		x	Pe. João V. Becker	64
15.06.1981	Viamão	RS	Brasil	x		Centro histórico de pesquisa	x		P. Oscar João Colling	60
07.07.1981	Roma		Itália	x		Envio de material "Colégio Pio Brasileiro"	x		Pe. José Mendes, S. J.	68
07.07.1981	Roma		Itália	x		Envio de material	x		P. José Mendes, S. J.	68
09.09.1981	Palmital	PR	Brasil	x		Sobre P. Sepp		x	P. Carlos Mayr	64
29.09.1981	Viamão	RS	Brasil	x		Programa	x		Celso	60
23.12.1981	Viamão	RS	Brasil	x		Formação de seminários	x		Pe. Kolling	60
16.08.1982				x		SOBREPARE	x		P. Ivo Weber, S. J.	18
22.11.1982	Curitiba	PR	Brasil	x		Produções Cinematográficas	x		Silvio Back	49

17.04.1983	Frankfurt		Alemanha	x			Material		x		Feldmam, S. J.	56
18.05.1983	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Reunião	x			CIPEL	19
09.06.1983	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Reunião	x			CIPEL	19
11.07.1983	São Paulo	SP	Brasil	x			Ed. Pedagogia e Universitaria Lta.		x		Wolfgang Kmapp	60
19.10.1983				x			Biblioteca "sui Gesseris"	x			R. Copsten	19
22.02.1984							* envelope			x	Joaquin de Mello, S. J.	60
04.05.1984	Viamão	RS	Brasil	x			História de formação	x			P. Oscar João Colling	60
03.06.1984	Santa Rosa	RS	Brasil		x		Viagem missiones	x			Pe. Marcos	68
26.06.1984	São Miguel		Argentina	x			Material de pesquisa			x	Miguel Angel Moreno, S. J.	49
07.11.1984	Santo Ângelo	RS	Brasil	x			Receber prêmio	x			FUNDAMES	49
28.01.1985	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Material de pesquisa	x			Armino Trevisan	49
04.03.1985	Bogotá		Colômbia	x			Material de pesquisa			x	Alvaro Restrepo L., S. J.	49
18.12.1985				x			Convite	x			Prefeitura Municipal Arroio dos Ratos	19
13.05.1986			Brasil	x			Instituto de Investigaciones Geohistóricas	x			Ernesto J.A. Maeder	49
28.08.1987	Roma		Itália	x			Pedido de ajuda			x	Charles E. O' Neill, S. J.	64
14.11.1988	Rio de Janeiro	RJ	Brasil	x			Pesquisa	x			P. Clóvis Duarte Passos	60
24.01.1989			Suíça	x			Carta sobre publicações Amstat		x		Marianne Amstad	56
01.03.1989				x			Publicação dos três mártires			x	Fernando Maria Moreno, S. J.	64
31.08.1989	N. S. Ra. do Desterro	SC	Brasil	x			Correção de trabalho	x			Maria Regina	68
05.02.1990	N. S. Ra. do Desterro	SC	Brasil		x		Lançamento do livro	x			Maria Regina	68
12.05.1990	Florianópolis	SC	Brasil	x			Seminário Teuto-Brasileiro	x			Neide A. Fiori	23
29.06.1990			Brasil	x			Tradução "the Lost Paradise"	x			Edições Loyola	41
03.09.1990	Florianópolis	SC	Brasil	x			Tradução de "A Lost Paradise"	x			Maria Regina	68
12.05.1991	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Imigração	x			Luís A. De Boni	60
01.08.1991	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Imigração	x			Luís A. de Boni	60
06.09.1991				x			Auxílio	x			D. João Evangelista Martins Lerra, S. J.	56

23.01.1992	Chicago		USA	x		Os lituanos no RS	x		A. Saulaitis, S. J.	68
30.01.1992	Bonn		Alemanha	x		Valores		x	Mariana Strenger	60
14.02.1992	Estancia Velha	RS	Brasil		x	Assunto pessoal	x		Jair (Sobrinho)	68
10.03.1992				x		Documento	x		Rabuske	68
12.03.1992	Nova Petrópolis	RS	Brasil	x		Envio de notas/Publicações	x		Clovis I. Weber	68
12.03.1992	Nova Petrópolis	RS	Brasil	x		Cobrança de valores/Envio de artigo	x		Clovis T. Weber	68
07.04.1992	Nova Petrópolis	RS	Brasil	x		Quitação de débitos	x		ASSOCIAÇÃO THEODOR AMSTAD	68
11.04.1992	Pelotas	RS	Brasil		x	Notícias	x		Pe. Bruno, S. J.	68
30.04.1992	Porto Alegre	RS	Brasil		x	Pessoal	x		P. Ivo I. Bersch, S. J.	60
05.06.1992	São Paulo	SP	Brasil	x		Material		x	Eckart Michael Pohl	60
07.07.1992	Salvador do Sul	RS	Brasil	x		Fontes para a pesquisa	x		Pe. Bohnen	68
16.07.1992	Santa Maria	RS	Brasil	x		Convite			Prof. Luiz Eugênio Véscio	60
20.07.1992	Torino		Itália	x		Publicação		x	Marcello Pacini	60
29.07.1992	Nova Trento	SC	Brasil		x	Felicitações	x		Pe. Jacob Melz, S. J.	68
31.07.1992	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Reunião	x		Pe. João Roque Rohr, S. J.	60
10.08.1992	Salvador do Sul	RS	Brasil	x		Falta de material para a pesquisa	x		Pe. Bohnen	68
25.09.1992	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Envio de material para AR	x		Pe. Laufer	68
10.11.1992	Santa Rosa	RS	Brasil	x		Pessoal	x		Edgar	60
15.01.1993	Chicago		USA	x		Lituanos no Brasil	x		A. Saulaitis, S. J.	68
17.02.1993	Pelotas	RS	Brasil	x		"Universal" critica	x		Pe. Bruno, S. J.	68
22.02.1993	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Arquivo Áustria	x		Pe. Etges	68
12.03.1993	Pelotas	RS	Brasil	x	x	Anedotas jesuíticas	x		Pe. Bruno, S. J.	68
05.04.1993	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Pesquisa	x		Lothar	60
12.04.1993	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Nomeação de novo provincial	x		Pe. João Roque Rohr, S. J.	68
20.04.1993	Campina Grande	PB	Brasil	x		Material sobre Martin Luther (oferta)	x		Francisco Gaspar de Menezes	68
13.05.1993	Belo Horizonte	MG	Brasil	x		Informações sobre S.J.	x		Francisco Taborba, S. J.	68

10.07.1993	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Traduções	x		P. Etges, S. J.	60
11.07.1993	Santa Rosa	RS	Brasil		x	Auxílio de pesquisa	x		Edgar	60
20.07.1993	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Publicações	x		Astrogildo Fernandes	60
30.07.1993				x		Generosa recomendação	x			60
12.08.1993	São Paulo	SP	Brasil	x		Obras de Anchieta	x		P. Murillo Moutinho, S. J.	60
13.08.1993						*envelope	x		K. Menezes	60
13.08.1993	Pelotas	RS	Brasil	x		Publicação/Relatório	x			60
27.08.1993			Alemanha	x		Valores		x	Cécilia Schneider	56
19.10.1993				x		Viagem de vinda RS	x		Xico Menezes	60
20.11.1993	São Paulo	SP	Brasil	x		Explicação/Pedido de revisão	x		Pe. Murillo Moutinho, S. J.	60
24.11.1993	Bonn		Alemanha	x		Jornal		x		60
01.12.1993	Campina Grande	PB	Brasil	x		Livro de Lutero	x			60
01.01.1994	Uruguaiana	RS	Brasil	x		Pesquisa	x		Augusto Petró, S. J.	60
18.01.1994	Uruguaiana	RS	Brasil	x		Informações de pesquisa	x		Augusto Petró, S. J.	60
31.01.1994	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Confirmação de presença	x		P. Adão	60
10.02.1994		RS	Brasil	x		Jubileu de ouro	x		Bispo Augusto Petró	60
27.02.1994	Santa Rosa	RS	Brasil	x		50 anos Sacerdócio	x		Edgar (Sobrinho)	60
28.02.1994	Curitiba	PR	Brasil		x	Cumprimentos	x		P. Cláudio L. Bin, S. J.	60
28.03.1994	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Publicações	x		P. Ivo I. Bersch, S. J.	60
05.04.1994	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Convite	x		Aldo M. de Araújo	60
17.04.1994		RS	Brasil	x		Material/Texto	x		IHGRS	56
05.05.1994	Ubiratã	PR	Brasil	x		Material	x		Pe. Pedro, S. J.	60
30.05.1994			Alemanha		x	Pessoal		x	Von U. Zur Mühlen	60
02.09.1994			Alemanha		x	Pessoal		x	Von U. Zur Mühlen	60
13.09.1994	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Avaliação de texto	x		Etges, S. J.	60
27.10.1994	Lajeado	RS	Brasil	x		Pesquisa sobre a imigração	x		José Alfredo Schierholt	68
27.10.1994	Lajeado	RS	Brasil	x		Pedido de material para pesquisa	x		José Alfredo Schierholt	68
16.11.1994	Santa Cruz do Sul	RS	Brasil	x		Material de figuras ilustre	x		Nestor J. Kaercher	64

25.11.1994	Rio de Janeiro	RJ	Brasil	x		Fotos e publicação de materiais	x		Heide	60
28.11.1994			Alemanha	x		Haüs Mulsheim		x	Von U. Zur Mühlen	60
30.11.1994	Pelotas	RS	Brasil	x		Felicitações	x		P. Bruno, S. J.	60
01.02.1995	Belo Horizonte	MG	Brasil	x		Transferência de livros	x		P. Johan Konings, S. J.	60
18.02.1995	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Produção	x		Silvana Inês Wuttke	60
07.03.1995	Florianópolis	SC	Brasil	x		Artigo	x		Rogério Mosimann	60
08.03.1995			Alemanha		x	Pessoal		x	Von U. Zur Mühlen	60
15.03.1995	Pelotas	RS	Brasil		x	Assunto Pessoal	x		P. Bruno, S. J.	60
30.03.1995	São Gabriel	RS	Brasil	x		Material para pesquisa	x		Osório Santana Figueiredo	60
20.04.1995	São Gabriel	RS	Brasil	x		Missões	x		Osório Santana Figueiredo	60
02.06.1995	Porto Alegre	RS	Brasil		x	Eleição do Provincial	x		P. João Claudio Rohden	60
14.06.1995	Lima		Peru	x		Envio de obra	x		José Luiz Rouillon, S. J.	64
26.06.1995	São Gabriel	RS	Brasil	x		Agradecimento de livro	x		Osório Santana Figueiredo	60
13.07.1995	Ubiratã	PR	Brasil		x	Assunto pessoal	x		Pedro Rabuske, S. J. (sobrinho)	60
02.08.1995	Diamantino	MT		x		Festividade/Canonização	x		Dom Agostinho	60
12.09.1995	Santa Cruz do Sul	RS	Brasil	x		Pesquisa	x		Dr. Nestor José Kaercher	60
30.10.1995	Santa Maria	RS	Brasil	x		Escrita de tese	x		Vitalino Cesca	60
01.11.1995	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Pesquisa	x		Etges, S. J.	60
07.12.1995	Toledo	PR	Brasil	x		Agradecimento	x		Ernelo Schalemburger	56
25.12.1995	Florianópolis	SC	Brasil	x		Pessoal	x		José Seno Regert (Sobrinho)	64
22.02.1996	Florianópolis	RS	Brasil	x		Artigo	x		Rogério S. Mosimann	60
29.03.1996	Santa Maria	RS	Brasil	x		Envio de material	x		Pe. Claudino Magro	49
15.05.1996	Porto Alegre	RS	Brasil		x	Pessoal	x		P. Ivo I. Bersch, S. J.	60
22.07.1996	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Envio de livros	x		Etges, S. J.	60
10.09.1996	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Sobre escrito	x		Ir. Marisa Inês	60
24.09.1996	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Sobre escrito	x		Etger, S. J.	60

07.11.1996	Florianópolis	SC	Brasil	x		Agradecimento	x		Norberto Dall abrida	60
08.11.1996	Pelotas	RS	Brasil		x	Assunto pessoal	x		P. Bruno, S. J.	60
27.11.1996			Alemanha		x	Pessoal		x	Von U. Zur Mühlen	60
24.03.1997	Montevideo		Uruguai	x		Pesquisa	x		Julio Cesar Cotelo	60
03.04.1997			Brasil	x		Tese de doutorado	x		João Bosco Medeiros de Souza	60
12.05.1997	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Sessentenário Col. St. Inácio	x		Lauro Dick	60
10.06.1997	Buchen		Alemanha	x		Valores para a publicação		x	Cäcilie Schneider	68
21.06.1997	Belo Horizonte	MG	Brasil	x		Material/obras		x	P. Johan Koneys, S. J.	60
23.08.1997			Alemanha	x		Jornal		x	Jachen Hesse	60
02.09.1997	Pelotas	RS	Brasil	x		Pessoal	x		P. Bruno, S. J.	60
19.11.1997	Torino		Itália	x		Revista gratuita na internet	x		Marcello Pacini	68
19.11.1997	Torino		Itália	x		Publicação em revista	x		Marcello Pacini	68
04.12.1997				x		Escrita da História	x		F. Azevedo, S. J.	60
22.12.1997			Alemanha	x		Canonização de Lutero	x		P. Jochen Hesse	60
28.01.1998	Nova Trento	SC	Brasil	x		Obra	x		Paróquia de São Virgilio	60
29.01.1998	Vassouras	RJ	Brasil	x		Orçamento/Pedido de material	x		Roberto de Castro Del' Secchi	60
07.03.1998	Belo Horizonte	MG	Brasil	x		Pedido	x		José Roque Junyes, S. J.	66
18.03.1998	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Envio de material	x		Etges, S. J.	66
26.06.1998	João pessoa	PB	Brasil	x		Poder judiciário	x		Justiça Federal da Paraíba	51
16.07.1998	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Apresentação	x		Estanislau A. Kreutz	60
25.07.1998	München		Alemanha	x		Jornal		x		60
03.08.1998	Florianópolis	SC	Brasil	x		Pesquisa	x		Norberto Dallabrida	60
17.08.1998	Araras	SP	Brasil	x		Publicação de trabalho	x		Eugênio G. Wenzel	60
12.11.1998				x		Publicações/Artigos	x		P. Bruno, S. J.	60
30.11.1998	Roma		Itália	x		Material de pesquisa	x		Arthur Rabuske, S. J.	49
25.12.1998	Santa Rosa	RS	Brasil	x		Cartão de natal	x		Edgar L. Rabuske	64
15.03.1999	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Colaboração para pesquisa	x		Osório Santana Figueiredo	60

26.03.1999			Alemanha	x			Livro do P. Sepp		x		Dr. Johann Mayr	64
31.03.1999	Novo Hamburgo	RS	Brasil	x			Livros	x			P. Oscar João Colling	60
24.06.1999				x			Correção de texto de Rabuske, S. J.	x			P. Etges, S. J.	56
26.06.1999	Santo Ângelo	RS	Brasil	x			Envios de exemplares	x			Estanislau A. Kreutz	60
09.07.1999	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Encontro de ex-alunos	x			Lauro Dick	60
22.07.1999				x			St. Mártires	x			Bispo Estanislau A. Kreutz	60
26.10.1999	Roma		Itália	x			Material			x	Lászlo Polgas, S. J.	60
07.12.1999	São Paulo	SP	Brasil	x			Livros	x			Regina	60
04.02.2000	Linhares	ES		x			Material para tese	x			Antônio Bezena Neto	60
21.02.2000	Salvador	BA	Brasil	x			Bibliografia	x			P. Carlos Bresciani, S. J.	60
29.02.2000	São Paulo	SP	Brasil	x			Cartão de natal	x			Regina Gadella	64
13.03.2000	Toledo	PR	Brasil	x			Envio de obra	x			Ernelo Schaleberger	64
03.04.2000	Salvador	BA	Brasil	x			Bibliografia	x			P. Carlos Bresciani, S. J.	60
06.04.2000	Salvador	BA	Brasil	x			Pesquisa	x			P. Carlos	60
27.04.2000	Salvador	BA	Brasil	x			Pedido de obra	x			Francisco Fonseca, S. J.	60
15.05.2000	Parei Novo		Brasil	x			Documentário	x			Prof. Carlos Barreto	60
18.05.2000	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Livros	x			Martin N. Dreher	60
23.05.2000			Alemanha	x			Valores		x		Gertrud Lhemann	60
02.06.2000	Salvador	BA	Brasil	x			Material	x			Carlos Bresciani, S. J.	60
02.06.2000	Salvador	BA	Brasil	x			livros	x			Francisco Fonseca	60
11.06.2000	Roma		Itália	x			Casa Scritori			x	L. Polgar, S. J.	60
26.06.2000	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Livro/Envio de material	x			Carlos Alibato Gianotti	60
14.07.2000	Porto Alegre	RS	Brasil	x			Ordenação	x			Mons. Fr. Irineu Wilgs	60
20.07.2000	São Leopoldo	RS	Brasil	x			Material	x			Maria Elide Becker Brand	64
22.07.2000	Bonn		Alemanha	x			Cartão de natal		x		Anja Klapperich	64
19.11.2000	Buchen		Alemanha	x			Publicações		x		Cäcilie Schneider	68
02.02.2001	Haussette		Alemanha	x			Valores		x		Gertrud Lhemann	64
03.02.2001	Roma		Itália	x			Impressão do dicionário	x			Mark. A. Leulis, S. J.	64

04.03.2001	São Nicolau	RS		x		Pedido de material	x		Prefeitura São Nicolau	64
05.03.2001	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Envio de livro	x		Bispo Estanislau A. Kreutz	51
21.03.2001	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Montagem de curso	x		Prof. Carlos Henrique Nowatzki	60
23.03.2001	Florianópolis	SC	Brasil	x		Material	x		P. Vicente Konzen, S. J.	64
29.03.2001	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Livro "Etnias e Carisma"	x		Antônio Suliane	68
29.03.2001				x		Felicitações pelo livro	x		Antônio Suliane	68
06.04.2001	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Agradecimento	x		Estanislau A. Kreutz	64
01.05.2001	Büchen		Alemanha	x		Valores		x	Cacilie Schneider	64
04.05.2001	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Copia	x		Etger, S. J.	60
19.05.2001	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Cartão de páscoa	x		Etges, S. J.	64
19.06.2001	Florianópolis	SC	Brasil	x		Pesquisa	x		P. Vicente Konzen, S.J.	64
04.08.2001				x		Saída do IHGRS	x		Arthur Rabuske, S. J.	18
23.08.2001	Antonina	PR	Brasil	x		Agradecimento	x		Pe. Adre L. Buchmann de Andrade	64
23.08.2001	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Agradecimento	x		Estanislau A. Kreutz	64
23.08.2001	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Pedido	x		Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente	64
28.08.2001					x	Assunto pessoal		x	Gertrud Lhemann	53
28.08.2001	Bakum		Alemanha	x		Valores		x	Gertrud Lhemann	64
01.09.2001				x		Resposta carta 04/08/2001	x		IHGRS	18
05.10.2001	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Envio de exemplares	x		Estanislau A. Kreutz	64
06.12.2001	Caibaté	RS	Brasil	x		História missioneira	x		P. Senno Barth	53
24.01.2002	Bonn		Alemanha		x	Pessoal		x	Bernd Ockenfeles	64
24.01.2002	Bakum		Alemanha	x		Valores		x	Gertrud Lhemann	64
30.01.2002	München		Alemanha	x		Pesquisa		x	Nirddeutsche Peorring, S. J.	64
04.02.2002	Caaró	PE	Brasil	x		Documento	x		Pe. Senno Barth	64
18.02.2002	Capão da Canoa	RS	Brasil		x	Obras publicadas	x		Júlio H. Pertesen	64
24.02.2002	Montevideo		Uruguai	x		Faculdade de Teologia	x		Juan Villegas, S. J.	64

31.03.2002	São Paulo	SP	Brasil	x		Tese	x		Dr. Regina Maria A. F. Gadelha	64
01.04.2002	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Informações	x		Nicanir Latti	64
03.04.2002	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Informações sobre S. Miguel e S. João	x		Carlos Henrique Nowatzki	48
18.04.2002	Buchen		Alemanha	x		Prestação de contas		x	Cäcilie Schneider	68
18.04.2002	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Convite	x			64
14.06.2002	Asunción		Paraguai	x		Guerra Guaranítica	x		Bartolomeu Meliá, S. J.	64
19.06.2002	Santa Rosa	RS	Brasil		x	Assunto pessoal	x		Edgar L. Rabuske	64
03.07.2002	Florianópolis	SC	Brasil	x		Material	x		P. Vicente Konzen, S. J.	64
15.07.2002	Santa Cruz do Sul	RS	Brasil	x		Pedido de biografia	x		Dr. Nestor José Kaercher	64
31.07.2002	Santa Cruz do Sul	RS	Brasil	x		Biografia	x		Nestor José Kaercher	64
12.08.2002				x		Convite	x		Prof. Carlos Barreto	64
15.08.2002	Maringá	PR	Brasil	x		Materiais de pesquisa	x		Dr. Peter Johann Maienta	48
30.09.2002				x		Trabalho sobre Tupandi	x		P. Vicente Konzen, S. J.	23
07.12.2002	Bakum		Alemanha	x		Informações		x	Josef Lhemann	64
30.01.2003	Coimbra		Portugal	x		Escrita	x		P. Antônio da Silva, S. J.	64
06.02.2003	Santa Rosa	RS	Brasil		x	Assunto pessoal/Visita a S. Nicolau	x		Edgar L. Rabuske	64
19.03.2003	Santa Rosa	RS	Brasil		x	Assunto pessoal	x		Edgar L. Rabuske	64
07.04.2003	Vassouras	RJ	Brasil	x		Publicação	x		Roberto de Castro Del' Secchi	64
08.07.2003	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Agradecimento	x		D. Estanislau A. Kreutz	64
14.07.2003	Florianópolis	SC	Brasil	x		Material para obra de Tupandi	x		P. Vicente Konzen, S. J.	64
17.07.2003	São Paulo	SP	Brasil	x		Inácio de Azevedo	x		Fernando	64
20.07.2003	Salvador	BA	Brasil	x		Agradecimento	x		P. Carlos Bresciani, S. J.	64
22.07.2003	Passo Fundo	RS	Brasil	x		Memorial/Missões	x		Prefeitura de Passo Fundo	17
06.08.2003	Passo Fundo	RS	Brasil	x		Convite	x		Prefeitura Municipal de Passo Fundo	48
15.08.2003	São Paulo	SP	Brasil	x		Pesquisa	x		Fernando	64
26.11.2003	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Imigração alemã	x		Décio Krohn	64

22.12.2003	Büchen		Alemanha	x		Valores		x		Cécilia Schneider	64
10.03.2004					x	Assunto pessoal	x			Edgar (Sobrinho)	64
18.03.2004	Passo Fundo	RS	Brasil	x		Missões jesuítas do Tape	x			Prefeitura de Passo Fundo	48
31.03.2004	Passo Fundo	RS	Brasil	x		“Madrugada do Rio Grande P. F. da Missões”	x			Prefeitura de Passo Fundo	48
31.03.2004	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Cartão Postal	x			Lothar F. Hessel	64
23.04.2004	Bonn		Alemanha	x		Agradecimento		x		Anja Klapperich	64
21.06.2004	Büchen		Alemanha	x		Valores		x		Cécilia Schneider	64
10.08.2004	Santa Rosa	RS	Brasil	x		Assunto pessoal	x			Edgar L. Rabuske (Sobrinho)	64
24.08.2004			Brasil		x	Serviços Mãe de Deus	x			Coopesinos	49
09.11.2004	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Memória histórica	x			Estanislau A. Kreutz	64
18.11.2004	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Agradecimento	x			Mario Sparta	64
09.12.2004	Torres	RS	Brasil	x		Agradecimento	x			Mauricio Machado Carrión	64
20.12.2004	Büchen		Alemanha	x		Valores		x		Cécilia Schneider	64
03.01.2005			Alemanha	x		Panfleto/ Pater Engelmar unzlilig		x		Cécilia Schneider	17
26.01.2005	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Judeus em Estrela	x			Lothar Hessel	17
07.02.2005	Santa Cruz	RS	Brasil	x		Jubileu de ouro da diocese	x			Dom Sinésio Bohn	17
19.04.2005	Lajeado	RS	Brasil	x		Recebimento de material(Pe. Luís Jaeger)	x			Sergio Mello Jaeger	17
04.06.2005	Porto Alegre	RS	Brasil	x		Material do Pe. Afonso Gessinger	x			Pe. Cláudio Werner Pires, S. J.	17
02.08.2005	Santa Rosa	RS	Brasil	x	x	Envio de pesquisa	x			Edgar (Sobrinho)	17
10.10.2005	Roma		Itália	x		Recebimento/Livro negócios jesuíticos	x			Luís Fernando M. Rodrigues, S. J.	17
13.10.2005	Santa Rosa	RS	Brasil		x	Assunto pessoal	x			Edgar L. Rabuske (Sobrinho)	17
01.11.2005		RJ	Brasil	x		Genealogia (Propaganda de livros)	x			Jorge da Cunha Pereira	17
09.11.2005	Roma		Itália		x	Assunto pessoal	x			Imã Leda Inês Rabuske (Sobrinha)	17
16.11.2005		RS	Brasil	x		Convite/ Lançamento de obra	x			Deputado Iradir Pietroski	17
18.11.2005	São Paulo	SP	Brasil	x		Livro (Negócios Jesuíticos)	x			Pe. Cesar Augusto do Santos	17

16.01.2006	Ibirubá	RS	Brasil	x		Pedido de autobiografia de Rabuske, S. J.	x		Nabor Faria	17
08.02.2006	Salvador	BA	Brasil	x		Recebimento das publicações de Rabuske, S. J.	x		P. Carlos Bresciani, S. J.	17
09.02.2006			Brasil	x		Livro		x	Livraria Editora P. Reus	49
27.04.2006	Santa Rosa	RS	Brasil		x	Assunto pessoal	x		Edgar Rabuske (Sobrinho)	17
00/04/2001	Santo Ângelo	RS	Brasil	x		Cartão de páscoa	x		Estanislau A. Kreutz	64
00/05/1978	Novo Hamburgo	RS	Brasil	x		Agradecimento	x		Comunidade Católica S. Luiz	49
00/06/1999	São Leopoldo	RS	Brasil	x		Comemoração/Novo capítulo para obra	x		Rabuske	68
00/07/1986	Candelária	RS	Brasil	x		Convite	x		Armindo L. Müller	64
00/07/1999	Roma		Itália	x		Dicionário de S. J.	x		Joaquim M. Domingues, S. J.	60
00/10/2003	Garopaba	SC	Brasil	x		Lançamento do livro	x		Darcy Loss Luzzato	64
00/12/1979				x		Cartão de natal	x		Jorge Kemerer	64
00/12/1997	Montevideo		Uruguai	x		Pedido de livros		x	Júlio Cesar Coteló	48

Fonte: elaborado pelo autor.

APÊNDICE B - QUADRO DE CONTATOS DO PE. RABUSKE, S. J.

Contatos Religiosos	Contatos Acadêmicos	Contatos com Instituições
A. Saulaitis, S. J.	Aldo M. de Araújo	Associação Theodor Amstad
Alvaro Restrepo L., S. J.	Anja Klapperich	CIPEL
Bartolomeu Meliá, S. J.	Antônio Bezena Neto	Coopesinos
Bispo Ausgusto Petró, S. J.	Antônio Suliane	Edições Loyola
Bispo Estanislau A. Kreutz	Armindo L. Müller	FUNDAMES
Carlos Bresciani, S. J.	Armindo Trevisan	IHGRS
Charles E. O' Neill, S. J.	Astrogildo Fernandes	Livraria Editora P. Reus
D. João Evangelista Martins Lerra, S. J.	Cécilia Schneider	Prefeitura Municipal Arroio dos Ratos
Dom Agostinho	Carlos Alibato Gianotti	Prefeitura Municipal de Passo Fundo
Dom Sinésio Bohn	Celso	Prefeitura Municipal Santa Cruz Sul
F. Azevedo, S. J.	Clovis I. Weber	Prefeitura São Nicolau
Feldmam, S. J.	Comissão organizadora	
Fernando Maria Moreno, S. J.	Darcy Loss Luzzato	
Francisco Taborba, S. J.	Décio Krohn	
Imã Leda Inês Rabuske (Sobrinha)	Deputado Iradir Pietroski	
Ir. Maria Lyhria Lenz	Dr. Hermann Schäufole	
Ir. Marisa Inês	Dr. Johann Mayr	
Joaquim M. Domingues, S. J.	Dr. Nestor José Kaercher	
José Luiz Rouillon, S. J.	Dr. Peter Johann Maienta	
José Roque Junyes, S. J.	Dr. Regina Maria A. F. Gadelha	
Juan Villegas, S. J.	Eckart Michael Pohl	
L. Polgar, S. J.	Edgar L. Rabuske	
Lászlo Polgas, S. J.	Eduardo	
Luis Fernando M. Rodrigues, S. J.	Ernesto J.A. Maeder	
Mark. A. Leulis, S. J.	Esmeldo Schalemberger	
Miguel Angel Moreno, S. J.	Eugênio G. Wenzel	
Mons. Fr. Irineu Wilgs	Fernando	
Pe. Adão	Francisco Gaspar de Menezes	
Pe. André L. Buchmann de Andrade	Hans Grünwald	
Pe. Antônio da Silva, S. J.	Heide	
Pe. Arclino Tem Carten, S. J.	Herlet Wetzel	
Pe. Arnaldo Bruxel	Jachen Hesse	
Pe. Arrupe, S. J.	Jair (Sobrinho)	
Pe. Baldoino Kipper, S. J.	João Bosco Medeiros de Souza	
Pe. Bohnen	Jorge da Cunha Pereira	
Pe. Bruno, S. J.	Jorge Kemerer	
Pe. Carlos Bresciani, S. J.	José Alfredo Schierholt	
Pe. Carlos Mayr	José Seno Regert (Sobrinho)	

Pe. Cesar Augusto do Santos	Josef Lhemann	
Pe. Claudino Magro	Julio Cesar Cotelo	
Pe. Cláudio L. Bin, S. J.	Julio H. Pertesen	
Pe. Claudio Werner Pires, S. J.	K. Menezes	
Pe. Clóvis Duarte Passos	Lauro Dick	
Pe. Etges, S. J.	Lothar F. Hessel	
Pe. Ivo Weber, S. J.	Luis A. De Boni	
Pe. J. Balduino Kipper, S. J.	Marcello Pacini	
Pe. Jacob Melz, S. J.	Maria Elide Becker Brand	
Pe. João Claudio Rohden	Maria Regina	
Pe. João Roque Rohr, S. J.	Mariana Strenger	
Pe. João V. Becker	Marianne Amstad	
Pe. Jochen Hesse	Mario Sparta	
Pe. Johan Konings, S. J.	Martin N. Dreher	
Pe. José Mendes, S. J.	Mauricio Machado Carrión	
Pe. Laufer	Nabor Faria	
Pe. Marcos	Nastor J. Kaercher	
Pe. Murillo Moutinho, S. J.	Neide A. Fiori	
Pe. Oscar de Figueredo Lustosa, S. J.	Nestor José Kaercher	
Pe. Oscar João Colling	Nicanir Latti	
Pe. Pedro, S. J.	Norberto Dallabrida	
Pe. Senno Barth	Osório Santana Figueiredo	
Pe. Vicente Konzen, S. J.	Prof. Carlos Barreto	
Pedro Rabuske, S. J.(sobrinho)	Prof. Carlos Henrique Nowatzki	
Peorring, S. J.	Prof. Dr. Hugo Moser	
Prof. Luiz Marolin	Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente	
Von U. Zur Mühlen	Prof. Luiz Eugênio Véscio	
	Prof. Theobaldo Leopoldo Frantz	
	R. Copsten	
	Regina	
	Regina Gadella	
	Roberto de Castro Del' Secchi	
	Rogério S. Mosimann	
	Sergio Mello Jaeger	
	Silvana Inês Wuttke	
	Silvio Back	
	Sra. Gertrud Lhemann	
	Vitalino Cesca	
	Wolfgang Kmapp	
	Xico Menezes	

Fonte: elaborado pelo autor.

ANEXO A - LISTA BIBLIOGRÁFICA DE OBRAS JUNTO À BIBLIOTECA DO IHGEP

E-mail recebido do IHGPR em 04/09/2017

(biblioteca.ihgpr@gmail.com)

Boa tarde Sr. Renan

Estou enviando a lista com os materiais bibliográficos que possuímos na Biblioteca do IHGPR sobre o Arthur Rabuske.

Caso deseje consultar algum material, nosso horário de funcionamento é de segunda à sexta-feira, das 13:30h às 17:15h. Apenas orientamos evitar vir nas terças-feiras, que são dias destinados a palestras e reuniões dos associados. A consulta das obras é local, sendo permitida a reprodução por meio digital (podendo haver cobrança de algum valor). Também solicitamos que traga a lista com a classificação da obra, para facilitar a localização.

Sobre documentos ou informações dele enquanto associado, precisamos realizar a busca nos arquivos da Secretaria. Esta busca leva em média três semanas (devido a demanda externa e atividades internas do IHGPR), sendo que o seu pedido já está registrado.

Qualquer dúvida, nosso fone: 41 3224 0683.

Att.

Lívia Maria Nogas Dimbarre

Bibliotecária CRB-9/1302

Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

ARTHUR RABUSKE

Tipo Documento : Livro.

Classificação : 1311p.83.

Biblioteca: BJM.

Idioma : Português.

Autor-Pessoa : Rabuske, Pe. Arthur SJ.

Titulo: Teor de uma carta historica do General Jose Bernardino Bormann ao Padre Carlos Teschauer

Local : Curitiba

Editor : Litero - Tecnica.

Data Edicao : 1980.

Paginacao: 10p.

Assunto : Guerra do Paraguai - Noticias.

Incluso in : Boletim do Instituto Historico, Geografico e Etnografico Paranaense v.37.

----//----//----//----//---

Tipo Documento : Livro.

Classificação : 929SARAIVA/R117f.

Biblioteca: BRM.

Idioma : Portugues.

Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.

Titulo: Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, algo de sua vida e obra, maxime no Rio Grande do Sul

Local : Sao Leopoldo.

Editor : Unisinos.

Data Edicao : 1976.

Paginacao: 66p.

Tombo Disponivel : 1382.

Assunto : Saraiva, Francisco Rodrigues dos Santos - Biografia. Rio Grande do Sul - Historia.

Nota de conteúdo : Separata de Perspectiva Teologica n. 16.

----//----//----//----//---

Tipo Documento : Livro.

Classificação : 929SEPP/R117p.

Biblioteca: BRM.

Idioma : Portugues.

Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.

Titulo: Padre Antonio Sepp, S.J., o genio das reducoes guarani

Local : Sao Leopoldo.

Editor : Unisinos.

- Data Edicao : 1976.
 Paginacao: 56p.
 Tombo Disponivel : 1383.
 Assunto : Sepp, Antonio - Biografia. Sete povos das missoes - Historia. Indios guaranis - Reducoes - Historia. Ilustrado.
 ---/---/---/---/---
 Tipo Documento : Livro.
 Classificação : 929/R117b.
 Biblioteca: BRM.
 Idioma : Português.
 Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
 Titulo: Os bruder jesuitas no sul do Brasil
 Local : Sao Leopoldo, RS.
 Editor : Unisinos.
 Data Edicao : 1974.
 Paginacao: 141p.
 Tombo Disponivel : 1389.
 Assunto : Rio Grande do Sul - Missao Jesuitas - Historia. Jesuitas alemaes - Historia. Irmaos jesuitas - Biografias.
 Nota de conteúdo : Separata dos anais do primeiro Simposio de historia da imigracao e colonizacao alema no Rio Grande do Sul.
 ---/---/---/---/---
 Tipo Documento : Livro.
 Classificação : 271.5/R117s.
 Biblioteca: BRM.
 Idioma : Portugues.
 Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
 Titulo: A secular matriz Nossa Senhora da Conceicao de Sao Leopoldo, RS
 Local : Sao Leopoldo.
 Editor : Unisinos.
 Data Edicao : 1978.
 Paginacao: 141p.
 Tombo Disponivel : 2239.
 Assunto : Sao Leopoldo - Rio Grande do Sul - Historia. Capela Nossa Senhora da Conceicao - Historia. Construcao da matriz - Reformas e ampliacoes. Colonia - Imigrantes alemaes.
 Serie : Publicacoes avulsas, n. 5.
 ---/---/---/---/---
 Tipo Documento : Livro.
 Classificação : 911.37/R117a.
 Biblioteca: BRM.
 Idioma : Português.
 Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
 Titulo: Algo sobre a genese dos nomes geograficos na regio colonial alema do Rio Grande do Sul
 Local : Porto Alegre.
 Editor : UFRGS.
 Data Edicao : 1980.
 Paginacao: p.387 a p.412.
 Tombo Disponivel : 2362.
 Assunto : Rio Grande do Sul - Nomes geograficos. Origem teuto-brasileira. Colonia alema - Influencia.
 Nota de conteúdo : Separata III coloquio de Estudos Teuto-brasileiros.
 ---/---/---/---/---
 Tipo Documento : Livro.
 Classificação : 271.5/R117j.
 Biblioteca: BRM.
 Idioma : Português.
 Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
 Titulo: Jesuitas em Mostardas Rio Grande do Sul
 Local : Porto Alegre.
 Editor : UFRGS.
 Data Edicao : 1973.

- Paginacao: 17p.
Tombo Disponivel : 2366.
Assunto : Mostardas - Rio Grande do Sul - Missao Jesuita - Jesuitas. Mostardas - Origem - Historia.
----//----//----//----//----
- Tipo Documento : Livro.
Classificação : 869.08/R117n.
Biblioteca: BRM.
Idioma : Português.
Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
Titulo: Nova et vetera com respeito a obra Die Mucker de Ambrosio Schupp
Local : Porto Alegre.
Editor : UFPR.
Data Edicao : 1980.
Paginacao: p.421 a p.440.
Tombo Disponivel : 2367.
Assunto : Moviemnto Muckers - Rio Grande do Sul - Analise literaria. Tragedia Ferrabraz. Edicoes em
alemao - Traducao do portuges.
Nota de conteúdo : Separata do III coloquio de Estudos teuto-brasileiros.
----//----//----//----//----
- Tipo Documento : Livro.
Classificação : 242/R117s.
Biblioteca: BRM.
Idioma : Portugues.
Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
Titulo: Seleta P. S. serie de conferencias socio-religiosas e amostra de outros generos de oratoria
Local : Sao Leopoldo.
Editor : Rotermund.
Data Edicao : 1967.
Paginacao: 113p.
Tombo Disponivel : 2673.
Assunto : Conferencias socio-religiosas. Deus - Religiao. Materialismo. Amor de Cristo. Proclamacao
da independencia. Meditacoes.
----//----//----//----//----
- Tipo Documento : Livro.
Classificação : 271.5/R117sa.
Biblioteca: BRM.
Idioma : Portugues.
Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
Titulo: Santo Inacio de Loiola e a missao da Etiopia
Local : Sao Leopoldo.
Editor : Rio dos Sinos.
Data Edicao : 1980.
Paginacao: 41p.
Tombo Disponivel : 3025.
Assunto : Missao jesuita - Etiopia. Etiopia - Historia. Descricao de viagem.
Nota de conteúdo : Separata de Estudos Leopoldenses, ano 15 v. 16 n. 55.
----//----//----//----//----
- Tipo Documento : Livro.
Classificação : 210/R117s.
Biblioteca: BRM.
Idioma : Português.
Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
Titulo: Seleta. Serie de conferencias socio-religiosas e amostra de outros generos de oratoria
Local : Sao Leopoldo.
Editor : Rotermund.
Data Edicao : 1967.
Paginacao: 113p.
Tombo Disponivel : 3923.
Assunto : Teologia - Conferencias socio-religiosas. Oracao funebre - Sermoes. Religiao - Sociologia.
----//----//----//----//----

Tipo Documento : Livro.
Classificação : 981.65S/R117s.
Biblioteca: BRM.
Idioma : Português.
Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
Titulo: Sao Sebastiao do Cai, fase jesuitica da parouquia
Local : Sao Leopoldo.
Editor : Unisinos.
Data Edicao : 1985.
Paginacao: 221p.
Tombo Disponivel : 3892.
Assunto : Rio Grande do Sul - Sao Sebastiao do Cai - HHistoria. Matriz de Sao Sebastiao. Pioneiros - Povoadores - Historia. Imas de Santa Catarina - Asilo - Orfanato - Hospital. Irmaos maristas - Colegio. Segunda Guerra Mundial.
Serie : Publicacoes avulsas, n.6.
----//---//---//---//---
Tipo Documento : Livro.
Classificação : 331.113(450)/R117i.
Biblioteca: BRM.
Idioma : Português.
Autor-Pessoa : Rabuske, Arthur.
Titulo: Os inicios da colonia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuitas alemaes
Local : Porto Alegre.
Editor : UCS/ESTSLB.
Data Edicao : 1978.
Paginacao: 125p.
Tombo Disponivel : 3889.
Assunto : Rio Grande do Sul - Colonia italiana - Historia. Primeira excursao apostolica - Padre Carlos Blus - Campo dos Bugres. Correspondencia. Clero - Inicio da colonia italiana. Atividades dos jesuitas na colonia italiana. Missionario italiano. Vale do Cai. Ilustrado. Historia das missoes jesuitas - Rio Grande do Sul.
Serie : Colecao imigracao italiana, v.18.

ANEXO B - LISTA BIBLIOGRÁFICA DE OBRAS JUNTO À BIBLIOTECA DO IHGRS

E-mail recebido do IHGRS referente a materiais do Pe. Rabuske.

(ihgrgs.biblioteca@gmail.com)

Boa tarde Renan. Documentação não temos.

Temos algumas publicações em nosso acervo, as quais te envio em anexo.

Espero que possa ter te ajudado,

Att.,

Márcia.

Em 24 de agosto de 2017 22:11, renan kleinkauf <renanwkleinkauf@hotmail.com> escreveu:

Márcia Piva Radtke
Bibliotecária IHGRS
CRB 10/1557

Localização: Est. "I" N. 502

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Algo sobre a gênese dos nomes geográficos na região colonial alemã do Rio Grande do Sul

Imprenta: Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1980

Localização:

Periódico: Pesquisas/história, n.28 1993

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Pe. Ambrósio Schupp: S.J. O Pioneiro

Imprenta: São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1993

Localização:

Periódico: Pesquisas/história, n.26 1987

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Balduino Rambo, S.J.: sacerdote, naturalista, escritor e líder popular

Imprenta: São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1987

Localização: Est. "I" N. 483

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Os Bruder: Jesuítas no Sul do Brasil

Imprenta: São Leopoldo, Separata do Livro dos Anais do I Simpósio de História da imigração e colonização alemã no RGS, 1974

Localização:

Per.Folia Histórica del Nordeste, n.6

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:A coleção de Angelis no Instituto Anchietano de Pesquisas

Imprenta: Chaco, Resistencia, 1984

Localização:

Ver: Pesquisa histórica n. 22, 1982

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Discurso de posse no IHGRS sobre o tema "Jesuítas alemães em suas relações com o elemento negro em nosso passado gaúcho."

Imprenta: São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1982

Localização: Est. 23 N. 419

Autor:RABUSKE, Arthur; LOPES, Miguel Vicente

Título:Duas visitas às reduções Jesuíticas da antiga Província do Paraguai

Imprenta: São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1992

Localização: Est. "I" N. 353

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: algo de sua vida e obra. Máxime no Rio Grande do Sul

Imprenta: São Leopoldo, Separata de Perspectiva Teológica, n. 16, 1976

Localização:

Per.: Anais do Instituto Histórico de São Leopoldo

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Hillebrand e os primeiros Jesuítas em São Leopoldo

- Imprensa: São Leopoldo, Gráfica Unisinos, 1987
 Localização: Caixa "M" N. 49
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Humor Jesuítico: um pouco da história dos jesuítas no Sul do Brasil
 Imprensa: São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, 1990
 Localização: Est. 20 N. 7513
 Vol. ?
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Os inícios da colônia italiana no Rio Grande do Sul em escritos de Jesuítas Alemães
 Imprensa: Caxias do Sul, UCS, 1978
 Localização:
 Per. Estudos Leopoldenses, 1972
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Os inícios históricos das Franciscanas no Rio Grande do Sul
 Imprensa: São Leopoldo, 1972
 Localização: Est. "I" N. 999
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Os inícios da república brasileira e a igreja católica
 Imprensa: Porto Alegre, Corag, 1990
 Localização:
 Per. Pesquisas História, n. 27
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Jesuítas italianos no Rio grande do Sul de 1860 em diante
 Imprensa: São Leopoldo, 1989
 Localização: Caixa "O" N. 27
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:A leyenda negra e Las Casas
 Imprensa: São Leopoldo, 1992
 Localização: Est. "I" N. 503
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Nova et vetera com respeito à obra die Mucker de Ambrósio Schupp
 Imprensa: Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1980
 Localização: Est 20 N. 7389
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:P. Antônio Sepp, S.J.: o gênio das reduções Guaranis
 Imprensa: Canoas, Hilgert Gráfica Ltda, 1976
 Localização: Caixa "A" N. 37
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Padre Arnaldo Bruxel (in memóriam)
 Imprensa: São Leopoldo, Pesquisas, n. 28, 1986
 Localização:
 Per. Estudos Ibero-Americanos
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:A primeira introdução Jesuítica de gado bovino em grande escala na antiga Banda Oriental do Uruguai, segundo a carta anuada de 1632 à 1634
 Imprensa: Porto Alegre, PUCRS, 1989
 Localização:
 Per. Anais do Instituto Histórico de São Leopoldo
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:A primeira missão popular pregada por jesuítas espanhóis em São Leopoldo no ano de 1844
 Imprensa: São Leopoldo, Gráfica Unisinos, 1987
 Localização:
 Per. Cadernos da Fundames
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:São Miguel: patrimônio da humanidade
 Imprensa: Santo Ângelo, 1985
 Localização: Est. 9 N. 2601
 Prat. 5
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:São Sebastião do Caí: fase jesuítica da paróquia

Imprensa: São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1985
 Localização: Est. "I" N. 501
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Santo Inácio de Loiola e a Missão da Etiópia
 Imprensa: São Leopoldo, Separata de Estudos Leopoldenses, 1980
 Localização: Est. 4 N. 861
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Seleta P.S: série de conferências sócio-religiosas e amostra de outros gêneros de oratória
 Imprensa: São Leopoldo, Gráfica Rotermund S.A, 1967
 Localização: Est. "C" N. 75
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:A secular matriz de São Leopoldo
 Imprensa: São Leopoldo, 1978
 Localização:
 Per. Pesquisas: História, 25
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Uma presença cultural maciça da Alemanha no extremo Sul brasileiro
 Imprensa: São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1986
 Localização: Est. 23 N. 419
 Autor:LOPES, Miguel Vicente ; RABUSKE, Arthur
 Título:Duas visitas às reduções jesuíticas da antiga província do Paraguai
 Imprensa: São Paulo, Publ. Avulsas N. 10/Instituto Anchietano de Pesquisas, 1992
 Localização: 94(816.5) R117r
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Releitura da Capitania D'El-Rey
 Imprensa: São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003
 Descrição física: 120p.
 ISBN:8574312010
 Assuntos:
 Termo tópico:HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL
 JESUÍTAS - JESUÍTA - RIO GRANDE DO SUL - HISTÓRIA
 CAPITANIA D'EL-REY - CRÍTICA - INTERPRETAÇÃO
 Registro(s):0014495
 Localização: CRC 1384
 Autor:RABUSKE, Edvino
 Título:Epistemologia das ciências humanas
 Imprensa: Caxias do Sul, EDUCS, 1987
 Notas gerais:Doação de Raphael Copstein
 Registro(s):0016475
 Localização: LN 00274
 2.ed.
 Autor:MENEZES, João Bittencourt de
 Título:Município de Santa Cruz do Sul
 Edição: 2.ed.
 Imprensa: Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2005
 Descrição física: 304p.
 Notas gerais:Texto transcrito em ortografia atualizada por Arthur Rabuske
 ISBN:857578112X
 Assuntos:
 Termo tópico:HISTÓRIA
 SANTA CRUZ DO SUL - HISTÓRIA
 SANTA CRUZ DO SUL - ESTATÍSTICA - 1849/1910
 Autor - secundário:
 Autor(es):RABUSKE, Arthur
 Registro(s):0017024
 Localização: LN 00320
 Autor:RABUSKE, Arthur
 Título:Padre Werner: a serviço da inteligência gaúcha (1923-1939)
 Imprensa: São Leopoldo, UNISINOS, 1999
 Descrição física: 485p.

Assuntos:

Persons:PADRE WERNER

Termo tópico:BIOGRAFIA - PADRE WERNER

PADRE JESUÍTA - RIO GRANDE DO SUL - 1923/1939

Registro(s):0017310

Localização: LN 00528

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Apontamentos de uma leitura do livro: negócios jesuíticos de Paulo de Assunção

Imprensa: São Leopoldo, Unisinos, 2005

Descrição física: 204 p.

ISBN:857431255X

Registro(s):0018001

Localização: LN00630

Autor:RABUSKE, Arthur

Título:Ano dos mártires das missões: subsídios de leitura e reflexão missionária

Imprensa: Porto Alegre, Metrópole, 1978

Descrição física: 64 p.

Registro(s):0019612

Localização: LN00850

Autor:RAMBO, Balduino

Título:Diário de Cambará: diário de um cientista 1948

Imprensa: Santa Maria, Núcleo de Estudos Botânicos Balduino Rambo, 2017

Descrição física: 127 p. il. fotografias

Assuntos:

Termo tópico:BOTÂNICA

DIÁRIO

Autor - secundário:

Autor(es):RAMBO, Arthur Blasio (Orgs.)

RABUSKE, Arthur (in memoriam)

MARCHIORI, José Newton Cardoso

Registro(s):0021433

Localização: LN 00851

Autor:RAMBO, Balduino

Título:Três meses na América

Imprensa: Santa Maria, Ed. da UFSM, 2015

Descrição física: 472 p.

ISBN:9788573912470

Assuntos:

Termo tópico:VIAGENS DESCRIÇÃO DE VIAGENS

Autor - secundário:

Autor(es):RAMBO, Arthur Blasio (Orgs.)

RABUSKE, Arthur (in memoriam)

MARCHIORI, José Newton Cardoso

Registro(s):0021434

ANEXO C - CARTA DO PE. LÁSZLÓ POLGAR, S. J. AO PE. RABUSKE, S. J.

CASA SCRITTORI

Via dei Penitenzieri, 20 - 00193 ROMA

Tel. 689.779 - 687.5214 - 686.9357

Fax 686.1342

Roma, 26 ottobre 1999.

Caro Padre Rabuske, P.C.

Come vede dall'aggiunto "Survey", abbiamo deciso che con fine del xx^o secolo di pubblicare l'intera bibliografia storica della Compagnia del xx^o secolo in sette volumi. Il materiale in 99 % è già pronto per la stampa. Mancano le due annate da raccogliere et le schede incomplete da completare.

Qui aggiungo 4 pagine con la lista delle schede, che io in questi ultimi anni già non potevo completare, non potendo più viaggiare. Perciò chiedo da Lei aiuto, non in senso che Lei faccia la ricerca, ma perchè sono convinto che Lei facilmente troverà fra i suoi conscenti più giovani una persona atta a questo lavoro.

Per queste 35 schede da comletare offro a colui per ciascuna 5 US \$. Il lavoro non è urgente. Mi basterebbe, se arrivasse per la Pasca del 2000.

In fine ho una domanda personale a Lei. Io ho notato il suo articolo: Os Jesuítas dos 7 povos. In: Revista do Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Sul 126 (1990) 52-67. - Quale relazione ha questo suo articolo all'opera anonima di Araujo, che sta all'inizio della mia lista?

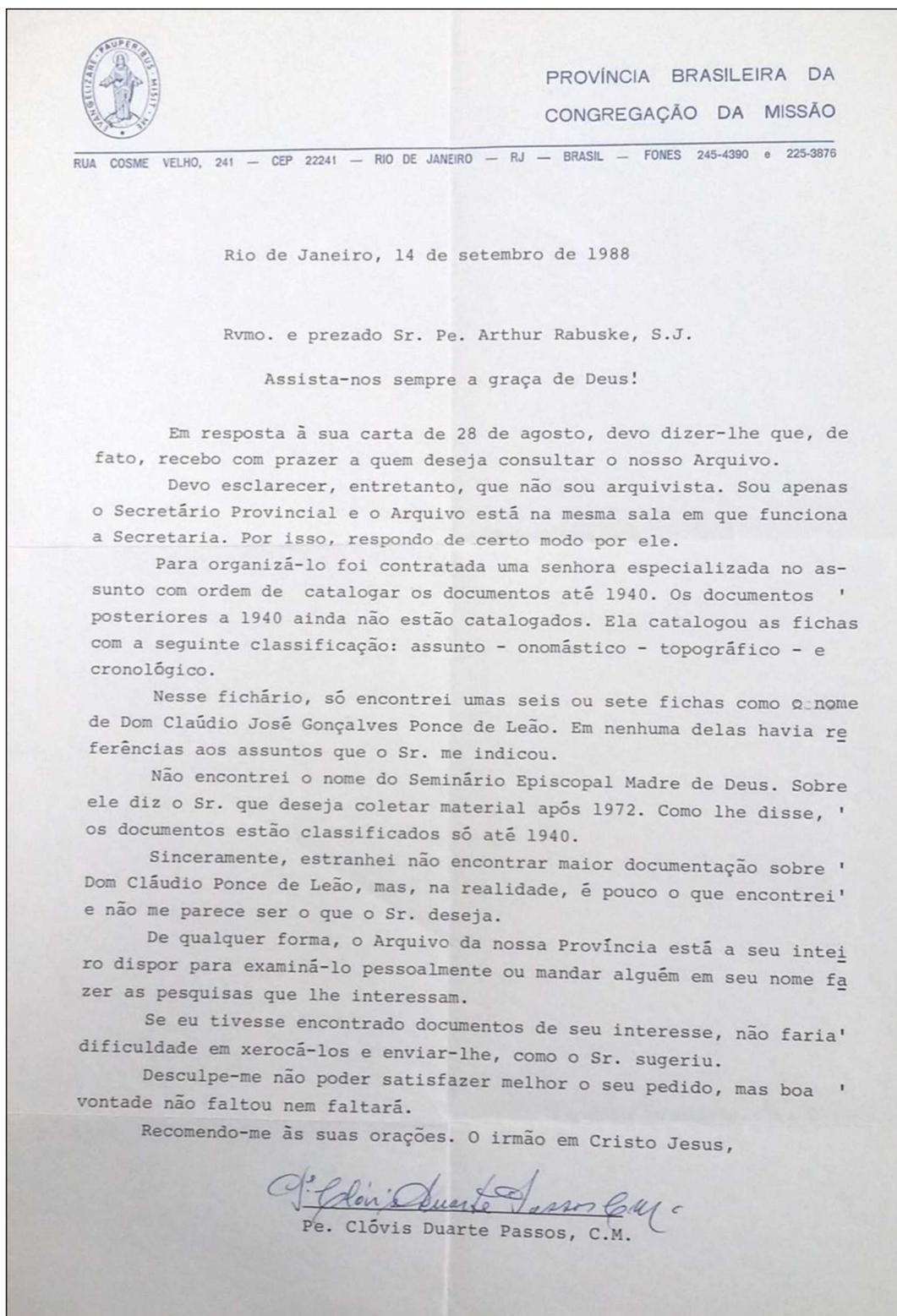
Conoscendo la sua ricca esperienza nella historiografia gesuitica del Brasile, chiedo di nuovo il suo fraterno aiuto.

Con ringraziamenti anticipati La saluto fraternamente in X^o

L. Polgar S.I.
László Polgar S.I.

ANEXO E - CARTA DO PE. CLÓVIS DUARTE PASSOS C. M. AO PE. RABUSKE, S.

J.



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. (14 jul. 1988. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

ANEXO F - CARTA DE ROGÉRIO MOSIMANN AO PE. RABUSKE, S. J.

Florianópolis, 07 de março de 1995

Pe. Arthur Rabuske, S. J.
Residência Conceição
Cx. Postal 101
CEP 93001-970 São Leopoldo - RS

Prezado Pe. Rabuske,

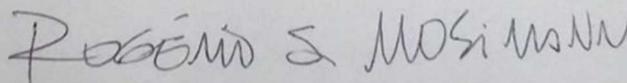
Agradeço seu esforço em produzir um artigo para *Latinidad*, que será publicado na íntegra. O objetivo de nossa revista é oferecer informações sobre aspectos da cultura latina, e seu artigo cumpre este papel.

Só não fiquei feliz com o parágrafo da carta que diz "sou um velho septuagenário (...). Acredito que seria mais condizente "sou um sábio septuagenário". E não se preocupe com detalhes como digitação e estilo "arcaico". Um artigo tem que ter a linguagem de seu autor, e se está acrescentando informações - e isto está - não há problemas.

Peço desculpas por tirar o senhor de sua pesquisa sobre o Pe. Balduino Rambo. Entretanto, acredito que este artigo pode levar informações úteis para muitas pessoas, que talvez estejam procurando algo sobre as Missões há tempos. E, apesar de saber de suas prioridades, lembro que *Latinidad* estará sempre a sua disposição para publicação de qualquer trabalho do senhor. Se, no decorrer de seus estudos, algo lhe surpreender e merecer atenção, não hesite em escrever, mesmo que sejam poucas linhas. (O senhor sabe que às vezes sentimos necessidade de comunicar, e se num destes ímpetos desabrochares 10 linhas que seja, teremos interesse em divulgá-las.)

Fique tranquilo, Pe. Rabuske, devido aos motivos expostos não divulgarei seu endereço, para preservar a concentração necessária para a execução de seu trabalho.

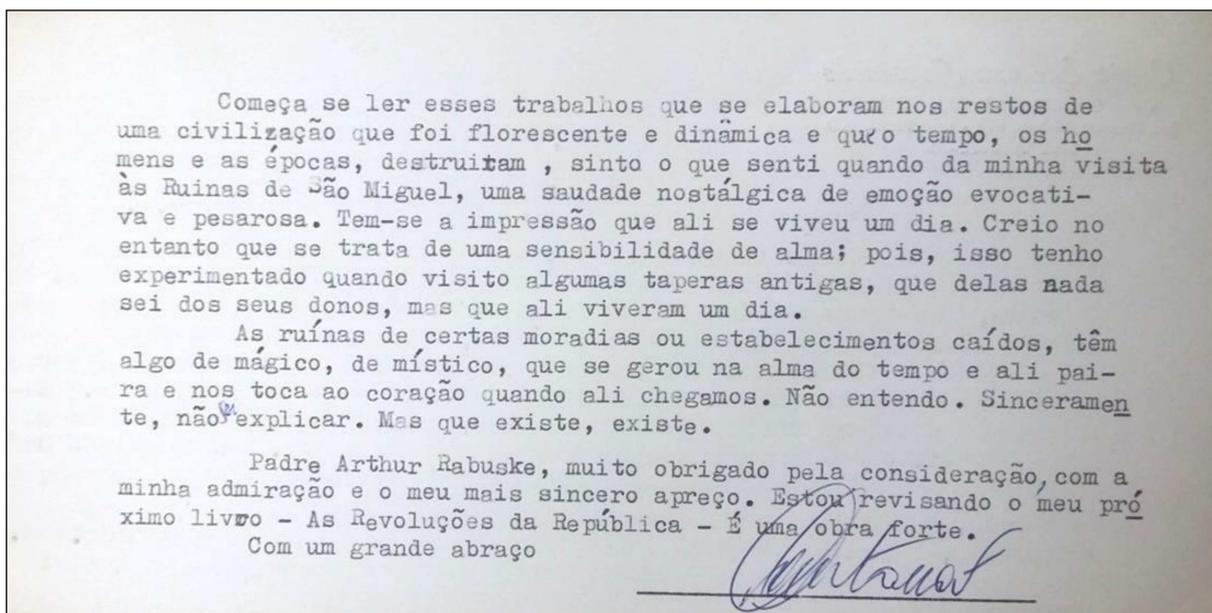
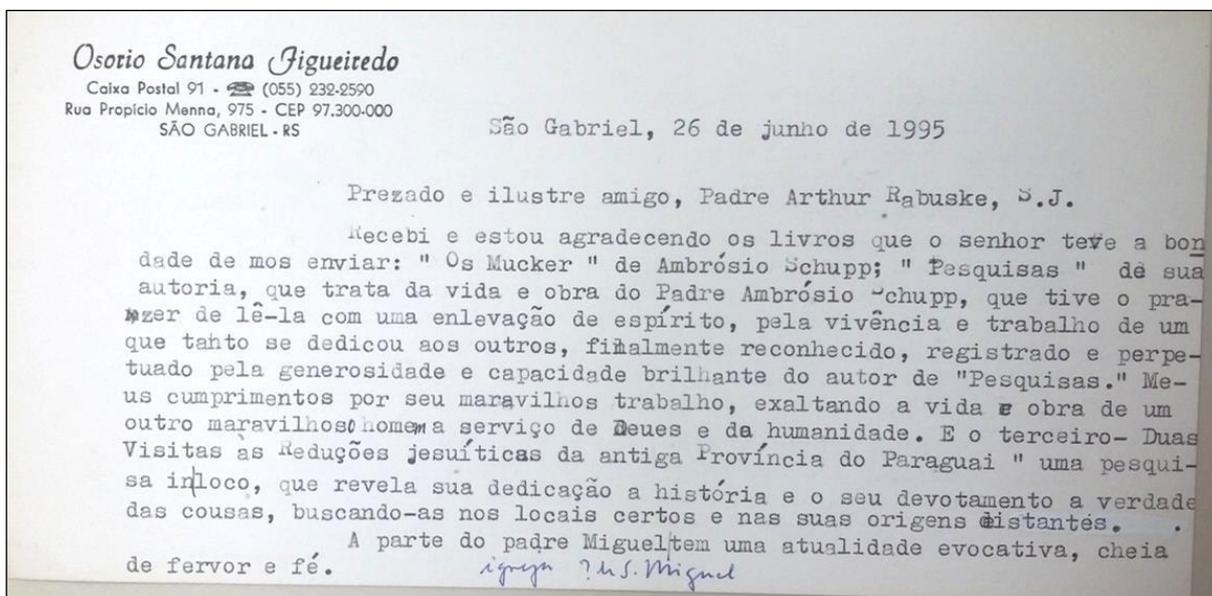
Muito satisfeito com sua colaboração, e na esperança de que esta não cesse - sem atrapalhar sua pesquisa, saúdo-o mui fraternalmente



Rogério Mosimann

Latinidad: Abel Capela, 195 /07 - Coqueiros - Florianópolis - SC - CEP 88080-250 -
fone/fax (048) 244 2370

ANEXO G - CARTA DE OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO AO PE. RABUSKE, S. J.



Fonte: Acervo Pe. Arthur Rabuske, S. J.. (26 jul. 1995. Localização: Memorial Jesuíta, Unisinos, São Leopoldo/RS. Correspondências, Caixa 60).

ANEXO H - CARTA DO BISPO AUGUSTO PETRÓ, S. J. AO PE. RABUSKE, S. J.



Rua Sant'Ana, 2612
Cx. P. 186 - Fone (051) 412-1246
97.500-970 - Uruguaiana - RS

Uruguaiana, 01 de fevereiro de 1994

Revmto Pe. Artur Rabuske SJ

Recebi sua carta resposta e percebi seu interesse em ter dados do Pe. Dr. José Maria Hengels.

Por isto dei mais uma passada d'olhas na pasta dos documentos do Pe. José Hengels e mando mais alguma coisa.

Inicialmente devo informá-lo que na minha primeira carta dei várias datas, como nascimento, Ordenação ...e exumação, mas não indiquei o dia de sua morte. Mas ele morreu, sim senhor, no dia 18 de outubro de 1983, em Uruguaiana.

Causa mortis : Choque- Insuficiência cardíaca e arteriosclerose.

Agora vamos melhorar alguns dados que na outra carta, alguma coisa foi mais simplificada.

Nascimento : em 7-5-1900, em Colônia -Muelhein- Renânia Alemanha. Estudos do Seminário Menor e Noviciado Jesuita: em S'heerremberg - Holanda.

Estudos de Filosofia e Teologia : Valkenburg-Holanda.

Post Graduação : Insbrug- Austria e Copenhage, na Dinamarca

Oedenado Sacerdote: em 27-8-1928, em Valkenburg - Província de Maastrich, Holanda .

Na Alemanha exerceu os cargos de Diretor da Ação Católica e Conferencista, até 1939.

Perseguido pelo nazismo veio ao Brasil em 1939 e depois de aprender português, durante alguns meses, no Anchieta, em Porto Alegre, a pedido do Bispo Dom Hermeto José Pinheiro, Primeiro Bispo de Uruguaiana, veio para Uruguaiana, assumiu o cargo de Vigário Cooperador, em Itaqui, até 1946.

Do ano de 1946-1956 exerceu o cargo de Professor na Escola Normal das Irmãs Franciscanas, e Capelão do Hospital em Santa Rosa. Segundo informações colhidas dele mesmo, ele me informou que estudou durante alguns anos (parece três anos) medicina, orientado pelos médicos do Hospital. E na verdade, nos livros da Biblioteca deixados para o Seminário de Uruguaiana, constam dois volumes de medicina, com as páginas bem assinaladas com lapis de cor.

Ainda conforme informação pessoal dele, contou-me o seguinte fato: -Em viagem de trem, de Santa Rosa à Porto Alegre, adoeceu uma senhora com emorragia muito grande. Na confusão da situação que daria um socorro à doente. Alguem presente no trem que conhecia os conhecimentos do Pe. José Hengels, pediu que socorresse a doente. Conforme palavras dele, sem qualquer outro recurso, ele



Rua Sant'Ana, 2612
Cx. P. 186 - Fone (051) 412-1246
97.500-970 - Uruguaiana - RS

teria feito um tampão com papel higiênico. E assim chegou a Porto alegre. Levada ao Hospital, logo que che chegou na cidade, o médico teria examinado, e teria cumprimentado o Padre, que foi a salvação da senhora (sic).

Do ano de 1956 -1970 exerceu o cargo de Vice-Reitor e Professor no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, em Uruguaiana, acumulando o cargo de Professor de Filosofia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, de Uruguaiana.

Em 26 de agosto de 1970, em Sessão Solene da Câmara de Uruguaiana, lhe foi conferida a Grande Condecoração Municipal de Uruguaiana, " MEDALHA DE OURO ".

De 1970 -1982 exerceu o Cargo de Capelão da Santa Casa de Caridade, de Uruguaiana, sendo ainda pregador na Catedral Diocesana, Pregador de Retiros Espirituais, Confessor e Conselheiro de boa parte dos Sacerdotes da Diocese.

Por ocasião da Celebração do Jubileu de Ordenação Sacerdotal, 27-8-1978, recebeu do Santo Padre o Papa, a Comenda " PRO ECCLESIA ET PONTICE ", com a correspondente insígnia, " MEDALHA DE OURO ".

Em fins de 1982, já bastante doente, já não podendo atender os doentes da Santa Casa, foi recolhido ao Bispado, onde se dispôs um quarto-apartamento, para ele, e o Bispo, os Sacerdotes e as Irmãs se revejavam no atendimento do doente, até que no dia 18 de outubro de 1983, descansou no Senhor: R.I.P.

PS. " em conversa informal, quando ainda era lúcido, contou-me certo dia, isto na época da ditadura, que a DOPS, lendo ou ouvindo o nome do Pe. José Hengels, achando que tinham descoberto o grande nazista Hengel, enviou uma comissão de Policiais a Uruguaiana, e ele Pe. José foi convocado para uma explicação.

Como diante dos argumentos da Pe. José Hengels, os policiais não se convenciam, dizendo que aquele "s" final no Hengels não mudava muita coisa, o Pe. José Hengels, já meio envenenado, respondeu: - Nesse caso eu digo aos senhores que a diferença entre o homem e a mulher, é apenas " um pedacinho de nada ", mas o suficiente para definir o sexo. O "s" diferenciava os homens

Resultado: -um polícia, não gostou da resposta. O outro, sorriu, e o argumento foi " ad hominem ".

Saudações fraternas + Augusto Petró